

Da mesma autora de *Acorda pra vida*, Chloe Brown



TALIA HIBBERT

DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."

TALIA HIBBERT

**SE
LIGA,
DANI
BROWN**

Tradução
LÍGIA AZEVEDO

BRUNN

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Nota da autora

Prólogo

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para os românticos incorrigíveis, e para mim mesma.

Nota da autora

Por favor, tenha em mente que esta história envolve temas sensíveis, como lidar com a morte de membros próximos da família e enfrentar transtornos de ansiedade generalizada. Espero ter abordado essas questões com o devido cuidado.

Prólogo

Era a noite perfeita para bruxarias, com a lua alta e cheia, e Danika Brown tinha mel no seio. No esquerdo, especificamente.

“Merda”, ela murmurou, se limpando.

“Sonhando acordada no meio do culto? Tsc, tsc.” Sorcha, a melhor amiga de Dani, estava sentada do outro lado da mesa minúscula que servia de altar. Tinha olhos castanhos brilhantes, cabelo cheio e escuro, e um sorriso torto no rosto.

“Eu não estava sonhando acordada”, Dani disse, embora estivesse fazendo exatamente aquilo. “Meu peito só mete o nariz em tudo.”

“Lá vem...” Sorcha revirou os olhos e imitou o jeito de falar de Dani com uma precisão enervante. “*Ai, coitadinha de mim, com esses meus peitos incríveis, que me recuso a dividir um pouquinho que seja...*”

“Não acho que seja possível dividir tecido mamário, Sorcha.”

Sorcha a encarou. “Se fosse, você daria um pouco pra mim?”

“Não. Como você disse, meus peitos são incríveis. Agora cala a boca e se concentra.”

“Você é uma mulher egoísta e diabólica. Vaidosa, narcísica...” Sorcha era sempre muito criativa em seus insultos. Seus alegres resmungos se dissiparam em som de fundo conforme Dani colocava o pote de mel de lado e empurrava o pratinho agora cheio para o

centro da mesa. Atrás dele, de costas para a Virgem Negra de Sorcha, havia uma pequena estatueta dourada de Oxum.

Como qualquer divindade do amor, da beleza e da abundância que se preze, Oxum estava coberta de joias e nada mais — a não ser que abelhas e seu enorme cabelo contassem. Dani tinha pouco cabelo, nenhuma abelha e nenhum costume de ficar nua em público; tampouco ligava para a ideia de amor romântico, uma vez que estava provado empiricamente que isso só drenava as energias das pessoas, distraíndo-as de seus objetivos profissionais. Mas o fato de Dani e a orixá não concordarem totalmente naquele assunto em particular não era muito importante. A estatueta dourada era herança de sua querida e falecida avó — a mulher que dissera a ela: “Há poder no conhecimento que é passado de uma geração a outra, seja através desses seus livros ou das palavras de um ancião”.

Danika concordava. Além disso, seguir os passos da avó era divertido e natural para ela. Devia ter algo a ver com os elaborados rituais noturnos e ao histórico rebelde do mulherismo obstinado.

“Vamos lá”, Sorcha prosseguiu, aparentemente ao terminar de listar as falhas de caráter de Dani. Então, em uma mesa dividida por dois ídolos diferentes, em um cômodo em que o brilho das velas e da lua cheia se entrelaçava preguiçosamente, Danika pegou as mãos da amiga e fechou o círculo.

“Você primeiro”, Sorcha sussurrou.

“Ai, amiga, tem certeza?”

“Não começa. Sei que você está doida para invocar alguma coisa.”

Bem, era verdade. Desde que o último rolo de Dani tinha acabado, um mês antes, sua vagina tinha criado teias de aranha (sua vagina,

infelizmente, era chegada num drama), e, com sorte, essa invocação mudaria aquela situação terrível.

Ela inspirou fundo e começou. "Oi, Oxum. Espero que os gêmeos estejam bem. Tenho um pedido este mês que acho que você vai apoiar: preciso de outra pessoa pra trepar."

Sorcha arregalou os olhos. "Espera aí. Será que é uma boa ideia?"

"Cala a boca", Dani disse, séria. "Estou ocupada."

Sorcha, sendo quem era, continuou falando mesmo assim. "Achei que você ainda estava chateada por causa da Jo."

Dani olhou feio para ela. "Nunca fiquei chateada por causa da Jo. Ficar *chateada* não faz sentido, é o tipo de emoção que consome as pessoas e que eu me esforço muito para evitar."

"Ah, é?" O ceticismo escorria de suas palavras como cera escorria das velas. "Porque eu jurava que quando ela terminou com você..."

"Ela não terminou comigo. Não estávamos juntas, algo que ela queria que mudasse, e eu não."

"Quando ela terminou com você", Sorcha continuou, porque era uma chata, "você comprou uma caixa de mistura para bolo, acrescentou um ovo e comeu o troço cru, direto daquela tigelona velha..."

"Sou viciada em doces", Dani disse com frieza, e era verdade.

Sorcha suspirou. "Você entende que essa desconexão tão grande com os próprios sentimentos não é boa para uma bruxa, né?"

"Que bobagem. Estou totalmente conectada com meus sentimentos, muito obrigada."

"A não ser quando não consegue lidar com o fato de que a pessoa com quem estava ficando se apaixonou por você e ataca uma caixa de bolo."

“*Aquilo não teve nada a ver com Josephine*”, Dani insistiu. “Eu devia estar de TPM ou coisa do tipo.” Danika Brown não ficava na fossa — ou, pelo menos, não ficava na fossa por causa de relacionamentos interpessoais. Não tinha ficado quando pegara seu primeiro amor trepando, feliz da vida, com outra pessoa, e nunca ficaria. Jo queria viver um romance, e Dani não conseguia pensar em nada menos apropriado a ela, então ambas tinham decidido deixar de ser amigas coloridas e seguir caminhos separados. Estava tudo bem.

A não ser pelo fato de que as duas não se falavam mais.

Só isso.

“Para de tentar me confundir”, Dani disse com firmeza, porque, claramente, o único jeito de acabar com aquela conversa insuportável era ser firme. “Sei o que estou fazendo e sei o que quero. Sou uma mulher adulta e inteligente, com a perspectiva de me tornar professora titular dentro dos próximos quinze anos e com um profundo desejo de sexo oral frequente, nada mais. Então cala a boca e me deixa fazer meu pedido em paz.”

“Aff, esquece”, Sorcha resmungou. “Tá bom. Pede aí.” Então um milagre aconteceu: ela revirou os olhos, soltou um suspiro de reprovação e ficou quieta.

Bom. A gente precisa aproveitar esses acontecimentos divinos.

Dani fechou os olhos e recomeçou. “Oxum, preciso de uma fonte regular de orgasmos.” Ela pensou em Jo e acrescentou: “Alguém que não espere de mim mais do que posso oferecer. Alguém racional, de preferência, com uma bunda bonita e foco total nos próprios objetivos. Não ando tendo muita sorte, então se você conhecer alguém que preencha os requisitos... só... me indica o caminho. Me

dá um sinal.” Quando Dani terminou, o calor de uma paz rara se espalhou por seu corpo, como as águas de um rio banhado pelo sol, como se a orixá tivesse ouvido e prometido dar seu melhor. Dani se permitiu um sorriso hesitante e desfrutou do silêncio iluminado.

Um silêncio que logo foi interrompido por Sorcha. “Meu Deus, você é tão sagitariana.”

“Vou matar você. É sério.” Dani abriu os olhos e ficou de joelhos, observando a mesa com calma. Será que deveria bater na cabeça da melhor amiga usando um ícone religioso — o que seria falta de respeito — ou a robusta vela de cera? A vela estava acesa, então teria que ser com a estatueta mesmo. Só que, quando Dani esticou o braço, algo caiu de um dos muitos bolsos escondidos no seu vestido, aterrissando com um baque no altar.

Mais do que isso: caiu aos pés de Oxum, se equilibrando perfeitamente no pratinho de mel.

Dani concluiu que devia ser um sinal. Provavelmente dizendo: *Por favor, não mate Sorcha, ou vai acabar se arrependendo. Fora que duvido que vá curtir a prisão.*

Sorcha semicerrou os olhos na direção da luz da vela, claramente sem se preocupar com quão próximo chegou da morte. “Espera aí, isso é uma barrinha de cereal? Estou morrendo de fome.”

“É uma barrinha de proteína”, Dani corrigiu, pegando-a e a entregando para a amiga.

“Desde quando você come barrinhas de proteína?” Migalhas voavam enquanto Sorcha quebrava pedaços da barrinha com as mãos, como a bárbara que era.

“Não como. Me deram. Meu Deus, Sorcha, olha a sujeira que você está fazendo. A gente nem terminou as invocações. Você não queria

fazer um pedido por causa daquele concurso de escrita criativa em que entrou?”

“Duvido que vá ajudar.” SORCHA desdenhou. “Somos um fracasso como bruxas.”

Dani pareceu ofendida. “Fale por si mesma. *Eu* estou focada no presente e conectada com a magia da minha realidade.”

“Desde quando?”

“Desde que fiz meu pedido. Agora estou esperando por um sinal!”

SORCHA jogou a embalagem vazia da barrinha de proteína na mesa. “Conhecendo a gente, você nem vai perceber se ele vier.”

Cinco meses depois

O café do grêmio estudantil parecia uma música pop ruim: repetitivo de doer e com uma animação artificial. O leite era vaporizado, os nomes eram chamados e os atendentes sorriam como se houvesse necessidade de um comportamento tão abominavelmente agitado (com certeza não havia). Dani estava atrasada para o trabalho, e o barulho dos grãos de café sendo moídos servia de trilha sonora para suas fantasias de matar todo mundo a sua volta.

Parando para pensar, ela vinha considerando assassinato com bastante frequência. Talvez devesse falar com alguém a respeito, ou talvez fosse só uma consequência natural de habitar o planeta Terra.

"Aff", Sorchia resmungou, despejando meio quilo de açúcar no café com leite. "As pessoas são sempre barulhentas assim?"

"Estamos em março. O fim do semestre está chegando. Estão todos" — os olhos de Dani passaram pelos alunos agitados que lotavam o café — "*esperançosos.*"

"Alguém tinha que acabar com isso. É falta de respeito, numa segunda-feira de manhã."

Antes que Dani pudesse concordar de todo o coração, um atendente colocou dois copos para viagem no balcão. “Chá verde e café preto para Danika?”

“Obrigada.” Dani pegou as bebidas e se mandou dali.

“Café preto”, Sorcha murmurou enquanto atravessavam o mar de corpos. “É para o seu *amigo* segurança bonito, né?”

“Ele tem nome.”

“Eu bem que queria estar gritando o nome dele agora.”

Dani quase engasgou com a própria risada. “Sorcha, você é *lésbica*.”

“Obrigada por perceber. Na verdade, Dan, é brincadeira. Coisas que garotas fazem! Mas agora é o momento em que você admite todas as loucuras que gostaria de fazer com seu suposto amigo Zafir.”

Dani franziu a testa ao ouvir aquele nome — porque, se não fizesse isso, talvez sorrisse, e Sorcha certamente interpretaria mal. “Eu nunca faria nenhuma loucura com Zafir. Ele é um bom moço.”

“Um *bom moço*?”, Sorcha repetiu, incrédula. “O Zaf? Zafir Ansari? Aquele grandalhão mal-humorado que aterroriza metade do prédio?”

Dani deu um gole no chá verde. “Ele é muito fofo depois que a gente o conhece.”

“*Fofo*?” A voz de Sorcha estava tão aguda que conseguiria estilhaçar vidro.

Talvez ela estivesse certa. Talvez *fofo* fosse exagero. Mas Zaf era bonzinho, e Dani sempre se interessava por homens bonzinhos; era um tipo incrivelmente raro. Infelizmente, Zaf também evitava olhar para os peitos de Dani com o tipo de concentração hercúlea que sugeria ou desinteresse ou um excesso de cavalheirismo — e ela não

suportava cavalheirismo. Era algo que frequentemente levava a decisões equivocadas, como convidá-la para jantar antes do sexo, ou ficar de boa conversando *depois* do sexo.

“Por mais maravilhoso que Zaf seja, ele não é uma opção. Estou esperando por um sinal”, Dani lembrou Sorch. “Vou só tocar siririca pensando na barba dele até que minha amizade colorida perfeita se materialize.”

Sorch pensou a respeito por um momento, antes de dar de ombros. “Justo. Falando em delícias inadequadas, quer almoçar comigo naquela pizzaria da garçonete gostosa e hétero?”

“Não posso, tenho que trabalhar.”

“Você é sempre tão...”

Antes que Sorch conseguisse concluir a frase que sem dúvida seria verdadeira, um homem surgiu na frente delas, como uma toupeira saindo da terra. Dani piscou e parou de repente. “Ah. Com licença.”

Ele não pareceu ouvir. Era alto, loiro e tinha um sorriso solto e bonito que indicava que nunca tinha encontrado um obstáculo que não pudesse derrubar. Como aquele. “Bom dia”, ele ronronou, e seus olhos foram direto para os peitos de Dani, como mísseis procurando o alvo. “Não quero incomodar, mas...”

“... já está incomodando...”, Sorch disse, com um suspiro.

O Loiro Alto e Bobão a ignorou. “... mas quando vejo uma mulher usando batom vermelho antes das nove da manhã...” Ele deu uma piscadinha. “Bom, não posso deixar de recompensá-la.”

Dani o encarou. “Me recompensar? Com o quê? Só aceito livros e comida.”

O lampejo de irritação no rosto dele sugeria que, em seu roteiro brilhante, Danika não chegava a *falar*. Mas ele disfarçou bem. “Tem comida.” Ele sorriu. “Se me deixar te levar para jantar.”

Dani balançou a cabeça com tristeza e se virou para Sorcha. “Você acha que isso funciona? Deve funcionar, né? Se eles continuam fazendo.”

Sorcha conseguiu injetar uma bela dose de repulsa em um único suspiro, uma habilidade que Dani sempre invejara. “Talvez. Ou vai ver eles não são inteligentes o suficiente para fazer a relação entre interromper mulheres e nunca, nunca ser tocado por uma mulher.”

Ele pareceu chocado, e sua testa impecável se franziu. “Espera aí”, disse. “Vocês estão falando de *mim*?”

“É óbvio que sim”, Dani disse, gentil.

O loiro balbuciou, indignado, por alguns momentos antes de lançar um impressionante “Put a gorda do caralho” e ir embora.

“Ai, ai...” Dani suspirou. “Ele acha que sou uma puta gorda. Partiu meu coração.”

Sorcha revirou os olhos.

A voz no ouvido de Zafir Ansari murmurou: “No que está pensando?”.

“No quanto quero você.”

“É só pegar...”

Zaf pausou o audiolivro, e o som que saía do único fone de ouvido que usava foi interrompido. Às vezes, ele conseguia ouvir audiolivros enquanto trabalhava. Naquela cena, entretanto, era impossível.

Zaf desconectou o fone de ouvido, enrolou em volta do celular e enfiou ambos no bolso. Estava de olho na porta do prédio Echo o

tempo todo. Ele franziu a testa quando um menino magrelo usando o que parecia ser um pijama por baixo do moletom tentou passar sem apresentar o crachá, como todos os outros.

“Ei, você.” Como a maior parte das coisas que Zaf dizia, as palavras saíram num estrondo irritado. “Vem aqui.”

O menino parou de andar e ergueu as mãos, que estavam ocupadas com o celular e... um bagel. “Não consigo pegar o crachá”, ele disse, se desculpando, então fez menção de seguir em frente, como se não tivesse problema nenhum.

“Vem. Aqui.”, Zaf repetiu. Então se levantou, o que normalmente fazia as pessoas ouvirem, considerando que tinha sido jogador profissional de rúgbi.

Os olhos do menino se arregalaram. Ele engoliu em seco e se aproximou, como um cachorrinho depois de levar bronca.

“Agora ponha suas tralhas em cima da mesa”, Zaf disse pacientemente.

O celular e o bagel foram jogados de má vontade.

“Ah, olha só. Suas mãos estão livres.” O fluxo matinal tinha acalmado, mas Zaf ainda prestava atenção na porta quando ordenou: “Crachá”.

Resmungando, o menino procurou em milhares de bolsos pelo crachá que indicaria que ele provavelmente não estava ali para se livrar de um cadáver ou roubar gás explosivo. “Vou me atrasar”, ele murmurou enquanto o entregava.

“Não tenho nada a ver com isso.” Zaf pegou o crachá e o passou pelo leitor em sua mesa. “Sabe o que eu *poderia* fazer? Poderia fazer vocês todos formarem uma fila enquanto verifico todos os crachás no sistema. Mas sou um cara legal.” Não era bem verdade, mas ele

também não era um babaca. “Em vez disso, uso os olhos. Fica mais fácil para vocês e para mim. A não ser que vocês *não me mostrem* o crachá. Aí fica difícil, porque não tenho visão de raio X. Vou te mostrar uma coisa.” Depois de verificar o crachá, Zaf o segurou pelo cordão azul, que tinha o logo da universidade estampado. “Sabe onde você coloca isso? No seu pescoço. Assim você não precisa escolher entre segurar seu bagel e me irritar. O que acha?”

“Não vou usar isso no pescoço”, o menino disparou. “É ridículo.”

“Você está usando um pijama do *Hora de aventura*, meu amigo. Já está ridículo, e em cinco minutos seu professor vai te dizer isso.”

“Eu... quê?” Ele olhou para baixo. “Ah, puta merda.”

“Vem aqui.” Zaf passou o cordão do crachá pelo cabelo bagunçado do menino. “Agora cai fora.”

Ele caiu fora, fazendo careta e resmungando.

Então Zaf ouviu o som de palmas lentas e sarcásticas vindo da sua direita. Era o suficiente para ele perceber que sua sobrinha havia chegado. Ao se virar para ela, seu mau humor padrão já tinha evaporado. “Fofucha! O que está fazendo aqui?”

Ela arregalou os olhos delineados com kajaal em aviso, apontando com a cabeça para o grupo de meninas atrás dela.

Zaf pigarreou e se esforçou para não rir. “Desculpa. Fatima, claro.” Ele acenou para as meninas. “Oi, amigas da Fatima.”

“Relaxa”, ela sussurrou. “Não me deixa com vergonha.”

“Minha intenção era te deixar *mortificada*. Acho que vou ter que me esforçar mais.”

Ela rosnou para ele como um leãozinho e se virou para dispensar as meninas. “Encontro vocês lá em cima, tá?” Depois que elas assentiram e foram embora, Fatima se virou para Zaf. “Agora entendi

por que você escolheu esse emprego. É pago pra ser chato com as pessoas.”

“Sonhos podem se tornar realidade”, Zaf disse, seco, e se sentou. Atrás do balcão alto da segurança havia uma escrivaninha em que ele trabalhava. Ele mexeu no computador para verificar as horas...

Não que estivesse de olho no relógio esperando por alguém. Não tinha nenhum motivo para fazer aquilo.

“Você está com cara de cansado”, Fatima disse. “Minha mãe acha que quando for velho você vai se arrepender de se matar de trabalhar assim.”

“Mais um item pra lista. E não estou com cara de cansado, estou com cara de misterioso.”

“Misterioso como um zumbi”, Fatima disse.

“Você é tão mal-educada. Respeite os mais velhos.”

Ela semicerrou os olhos para ele, inclinou a cabeça de brincadeira e sorriu de maneira afetada. “Por favor, *chacha** querido, durma oito horas por dia em vez de ficar escrevendo cartas para a caridade ou o que quer que você faça, e talvez não pareça um morto-vivo no trabalho, *inshalá*.”

Fatima era igualzinha ao pai, e pensar nisso trazia uma sensação agridoce. “Vou pensar a respeito. Mas por que você veio aqui? Não aconteceu nada de errado, né?” Desde que Fatima havia se matriculado, meses antes, Zaf só a vira de longe e de relance no campus. Em geral, ele fazia sua melhor imitação de Tio Constrangedor, e ela fugia, fuzilando-o com os olhos — mas agora Fatima estava ali, no prédio dele. Uma semente de ansiedade brotou em seu peito, pronta para explodir. Seu modo Tio Protetor era ainda mais intenso que o modo Tio Constrangedor.

Mas Fatima só revirou os olhos — ela fazia aquilo o tempo todo — e suspirou. “Não, *chacha*. Não aconteceu nada. Só troquei o horário de uma aula pra poder fazer punjabi.”

Zaf ergueu as sobrancelhas. “Seu punjabi é ótimo.”

“Exatamente. Por isso acho que vou me sair muito bem. É claro que eu não sabia que a outra turma de literatura tinha aula...” — ela torceu o nariz e olhou ao redor do saguão com uma nítida aversão — “*aqui*.” O Echo era uma relíquia, um prédio baixo e cinza na Avenida da Universidade, onde os alunos de ciências médicas faziam coisas estranhas com cadáveres e órgãos de animais.

“Ah, não é tão ruim assim”, ele disse, animado. “Pelo menos agora você vai poder ver seu tio preferido mais vezes.”

“Já te vejo quase todo dia, e você é meu *único* tio”, ela resmungou, passando a bolsa do braço esquerdo para o direito. Zaf já havia dito a Fatima inúmeras vezes que uma mochila distribuía o peso melhor, mas ela era uma fashionista, como a mãe.

“Pode resmungar o quanto quiser, Fofucha. Sei que você me ama. Agora corre pra aula, ou vai se atrasar.”

“Bronca, bronca, bronca... É isso que eu recebo por ter vindo ver como você está?” Revirando os olhos de maneira dramática mais uma vez, Fatima deu meia-volta para sair.

“Sobrinha”, ele a chamou, “seja legal e me traga um café da próxima vez.”

Ela o ignorou, acelerando o passo para se afastar.

“Ou um lanchinho! Fofucha! Está me ouvindo?”

Ela jogou o lenço de cabeça por cima do ombro em um “vai se ferrar” não declarado.

Então Fatima foi embora, deixando Zaf sozinho. Ao constatar aquilo, voltou ao computador. Se ele fosse do tipo que ficava obcecado por uma mulher, poderia notar que um certo alguém estava atrasado, mas Zaf não era, por isso não notou. Em vez disso, coçou a barba curta, estalou a língua nos dentes e verificou os e-mails. O chefe da equipe tinha mandado um lembrete do treinamento de evacuação planejado para aquele dia, uma vez que, além de órgãos esquisitos, o Echo também abrigava uma tonelada de gases perigosos. Havia outro e-mail convidando-o para entrar para a equipe de rúgbi dos funcionários da universidade — mas, por mais que quisesse, aquilo poderia trazer problemas. Não era fácil reconhecê-lo, com aquela barba, e fazia quase uma década que ele tinha parado de jogar profissionalmente. Mas se entrasse em campo poderia refrescar a memória dos fãs locais de rúgbi, e se alguém perguntasse “*Ei, você não é aquele cara que perdeu a família em um acidente de carro?*”, ele acabaria dando um soco na cara da pessoa sem querer.

Enquanto Zaf excluía o e-mail com um suspiro, a porta automática do Echo se abriu devagar. Pelo canto do olho, Zaf registrou a figura familiar, e algo dentro dele silenciou. Alerta. Voraz.

Zaf se virou, e lá estava Danika Brown.

Ela andava como se nunca pisasse em falso, estudando o saguão vazio com seus olhos felinos nos quais ele tinha o péssimo hábito de se perder. A pele escura dela brilhava lindamente sob as lâmpadas fluorescentes que faziam todas as outras pessoas parecerem fantasmagóricas, esverdeadas ou acinzentadas. E muito embora ele já tivesse dito mil vezes a si mesmo que suspirar por uma amiga — uma amiga do *trabalho*, e uma amiga do trabalho que talvez fosse

lésbica — era, na melhor das hipóteses, ridículo, e, na pior das hipóteses, bizarro, o tesão o atingiu com tudo, como num bloqueio ilegal no rúgbi.

“Estou atrasada”, Danika declarou, porque raramente dava oi ou tchau. Seu vestido preto e comprido esvoaçava conforme ela se aproximava, o tecido solto se agarrando ao quadril, à cintura ou às coxas de vez em quando. Não que ele estivesse olhando, porque isso seria inapropriado. “Aqui”, ela disse, colocando um copo sobre a mesa que os separava. “Um café extra quente, extra preto e extra amargo para nosso príncipe das trevas.”

“Saúde, princesa”, ele disse, e sua recompensa foi um sorriso de um milhão de dólares daquela boca macia e escarlate. A visão correu por suas veias como eletricidade. Ele continuou. “Está tentando ser mais gótica que os adolescentes?”

“Matou alguma velhinha de susto recentemente?”, ela retrucou, brincando.

“As velhinhas me adoram.”

“Uau, que galã.”

Ele corou, mas por sorte seu tom de pele e sua barba disfarçariam. “Hã... porque eu corto a grama delas e tal. Foi o que eu quis dizer.”

Ela sorriu. “A coisa só melhora.”

“Vai se ferrar.”

Em geral, ela sorriria e faria o que ele disse, porque estava sempre com pressa. Mas, naquele dia, Dani deu risada e passou a mão pelo cabelo curto tingido de rosa, da parte inferior, raspada, até os cachos no topo. Na sexta-feira, o cabelo dela estava preto. No mês anterior, azul. Da primeira vez que ele a vira, vermelho.

Zaf *provavelmente* deveria gastar menos energia catalogando as cores de cabelo daquela mulher e mais tempo com... coisas importantes. Não era como se ele não tivesse mais no que pensar — oficinas para preparar, objetivos para perseguir, organizações sem fins lucrativos para tirar do papel.

Mas então Dani suspirou, e sua atenção se desviou do senso prático de novo.

“Que baita suspiro”, ele murmurou, porque tinha sido mesmo.

“Pois é”, ela respondeu, distraída. “Sou uma baita mulher.”

Aquilo era verdade, e era um comentário típico de Danika, mas seu olhar estava distante e ela claramente não falava com convicção. Com os olhos semicerrados e os lábios franzidos, ela parecia incomumente... *agitada*, o que intrigava Zaf mais do que deveria.

Se Danika estivesse puta com “pesquisas culturalmente tendenciosas” ou “reivindicações bidimensionais do feminismo”, ele saberia no instante em que ela entrasse no prédio. O que significava que algo diferente a estava incomodando, talvez algo sério — mas Danika não havia *tocado no assunto*, então é óbvio que não era da conta de Zaf.

Ele não ia perguntar. Não ia se meter. Não ia...

“Está tudo bem?”, saiu da porra da boca grande dele.

Dani se sobressaltou, como se tivesse sido arrancada de seus pensamentos. “Bom, é que...” Ela hesitou. “É melhor eu ir. Você sabe que tento chegar cedo na aula, para dar a impressão de que sou onipotente.”

Ela estava fazendo graça, como sempre. Sem perceber, como sempre. O que o deixava com vontade de rir, como sempre.

Zaf resistiu, como sempre.

“Claro”, ele disse. “A gente se vê.”

Ela soltou outro suspiro digno dos palcos e anunciou: “Tá, tá, não precisa *me obrigar* a dizer”.

“Eu obriguei?”, ele brincou.

“Eu poderia te pedir pra não ser sarcástico, mas acho que você não conseguiria. Agora, fica quietinho, seu horroroso, e ouça meus lamentos. Foi você que pediu.”

“É verdade.” Caralho, como ele gostava daquela mulher.

“Você não vai *acreditar* no que aconteceu comigo quando estava saindo da cafeteria.”

Ele tomou um gole de café como se não estivesse desesperado para saber. “Não precisa ter pressa de contar. Faz só um século que essa conversa começou.”

Isso lhe rendeu um sorriso inesperado antes que ela confessasse: “Um babaca me chamou para jantar”.

O gole seguinte de café pareceu queimar. “Espero que você tenha mandado ele à merda.”

“Bom, mandei.” Ela devia ter aprovado aquela resposta, porque de repente seu olhar pareceu quente e doce, como melaço. “Mandei, sim.”

“Ótimo.”

Com “ótimo” ele queria dizer que as mulheres mereciam poder viver sem um idiota babando em cima delas àquela hora da manhã; não “ótimo” porque não queria que um cuzão qualquer levasse Danika para jantar. Aquilo seria esquisito, possessivo e descabido, porque não tinha nada a ver com Zaf. Às vezes, sentia um desejo ardente de que os dois tivessem *tudo* a ver, mas ele era bem bom em reprimir aquilo antes que saísse de controle.

O que Zaf realmente queria era ser feliz, e ele já tinha lido romances o bastante para saber como fazer aquilo acontecer. Primeiro, era preciso alcançar suas metas e tal. (Ele estava trabalhando naquilo.) Depois era só encontrar uma mulher legal que fizesse o cara ter pensamentos pecaminosos e viver feliz para sempre com ela.

Dani era uma mulher legal que o fazia ter pensamentos *muito* pecaminosos, mas Zaf a conhecia havia tempo o bastante para saber que os dois não poderiam ser felizes para sempre. Eles não chegariam nem ao "era uma vez". Primeiro porque ela falava bastante em transar com Janelle Monáe, e quando ele perguntara o que ela achava de Idris Elba (todo mundo que tinha interesse por homens gostava de Idris Elba, certo?), tudo o que Dani disse foi: "Ele é ótimo. Adorei *Luther*". Fora isso, de acordo com as fofocas dos funcionários (não que Zaf gostasse de fofoca: ele não gostava, de jeito nenhum), Danika Brown era a rainha do lance de uma noite só. Zaf não saberia o que fazer com um lance de uma noite só nem se surgisse em sua frente com um manual de instruções de cinquenta páginas e batesse em seu pinto.

Então ela não combinava com ele, ele não combinava com ela, os dois eram amigos e ele não devia nem pensar naquilo. Zaf engoliu seu ciúme ridículo e brincou: "Espero que o cara caia em um bueiro ou coisa do tipo".

"Espero que o universo te escute", ela respondeu, e cintilou para ele. Era a única maneira de descrever. Danika olhou para Zaf e simplesmente... *cintilou*. De repente, ele sentiu calor, um pouco de tontura e um tesão exagerado para uma manhã de segunda-feira no trabalho.

Zaf pigarreou e se recompôs. Aquilo obviamente já era mais do que o bastante de Danika por um dia. “Bom, você está atrasada, não?”

Ela arregalou os olhos aos poucos, como uma gatinha sonolenta. “Ah. Ah, merda! Estou, sim.”

“Espera aí.” Ele levou a mão ao bolso para pegar a barrinha de proteína de Dani daquela manhã, um hábito que adquirira quando começara a trabalhar no Echo, meses antes. Era justo, já que ela sempre levava café para ele. E Dani nunca tinha tempo de tomar café da manhã antes da aula, algo que ele tinha descoberto depois de vê-la comendo um pacote de Skittles às nove da manhã. Ela era uma vegetariana convicta que poderia morrer de desnutrição sem as barrinhas.

“Valeu, pai”, ela disse de brincadeira, já esticando a mão, porque conhecia a rotina.

Zaf riu. Mas o que encontrou no bolso era duro e frio. Definitivamente não era a barra de proteína: era seu celular. Tinha errado de bolso. Ele recolheu a mão, e uma voz preencheu o ar:

“É só pegar. Perco a cabeça por você, sabe disso.”

Ah, merda.

Merda, merda, merda.

Claro que ele tinha dado play no audiolivro sem querer. Zaf pegou o celular e se atrapalhou com o fone de ouvido enrolado — o mesmo fone de ouvido que não o havia impedido de apertar play agora parece projetar um campo de força impenetrável, protegendo o pause. Devia estar em um pesadelo de sua adolescência, porque suas mãos estavam muito mais lentas e atrapalhadas do que o normal. A voz do audiolivro avisou: *“Se sentir meu toque esta noite,*

você pertencerá a mim". Do outro lado da mesa, Danika soltou um ruído estrangulado... de horror? Sim, provavelmente de horror. Ela levou a mão à boca.

"Zaf", ela soltou um gritinho. "Isso é *pornô*?"

"Não!" A resposta saiu alta demais para parecer sincera. "Não", Zaf repetiu por entre os dentes cerrados, tentando parecer um homem calmo e sensato, e não um pervertido furioso. Ele finalmente conseguiu apertar o pause, então abriu a gaveta da escrivaninha, enfiou o celular traidor lá dentro (a tecnologia, como a maioria das coisas que parecem boas na vida, claramente não era digna de sua confiança) e a fechou.

"Com certeza era *pornô*", Dani disse, e Zaf se concentrou tanto em seu desejo de pular de uma ponte que demorou um tempo para perceber que ela estava rindo. Ela mantinha uma das mãos na boca, mas risadinhas escapavam entre as palavras, e os cantos de seus olhos se enrugavam em um inconfundível sorriso. O alívio que o atingiu foi tão intenso que ele quase desmaiou. A cada risada bem-humorada, seu instinto de pensar sempre no pior perdia força.

"Não era *pornô*", ele repetiu, e daquela vez não teve que gritar por cima das batidas frenéticas do coração, ou dos gemidos sôfregos saindo do celular. "Era um audiolivro."

"Que *tipo* de audiolivro?", ela perguntou, mas havia um sorriso em seu rosto.

"Não importa", ele murmurou, não porque sentia vergonha de gostar de romances, mas porque não parecia o melhor momento de explicar aquilo. "Olha, não era minha intenção..."

"Eu sei", ela disse, sem hesitar, o que era um bom sinal. Porque se ela tivesse presumido que aquele fiasco tinha sido um, abre aspas,

acidente, Zaf teria que fugir do país e virar pastor de cabras ou algo assim. E ele nunca tinha sido muito bom com animais.

Suas bochechas ainda queimavam — ele agradecia pela barba densa e pela pele marrom. Zaf enfiou a mão no outro bolso, encontrou a barra de proteína e a entregou. “Pronto. Agora fora daqui.”

“Que grosseria”, ela disse, mas ainda sorria ao se afastar.

“É melhor comer isso!”, ele resmungou.

“Espero que goste do livro de sexo!”, ela falou, então abriu a porta que dava para a escada e desapareceu.

Zaf exalou e apoiou a cabeça nas mãos. “Quero morrer”, ele murmurou, para ninguém em particular. “Quero morrer agora.”

* Em punjabi, *chacha* significa “tio”, especificamente o irmão mais novo do seu pai.

Era típico que o primeiro ano de Dani como professora-adjunta — *algo bom* — coincidissem com sua infeliz transferência para aquele prédio horrível do Echo — *algo ruim*. Ela devia dar aulas na porta ao lado de uma de suas supervisoras de doutorado, no prédio acolhedor do campus dedicado a literatura e estudos feministas. Mas, em outubro, ocorrera um incidente infeliz envolvendo um grupo de alunos de primeiro ano, fantasias de palhaço, uma piñata e uma quantidade impressionante de amianto. No caos da realocação, Dani tinha sido prestativa e tola a ponto de se voluntariar para lecionar na sala para a qual ninguém mais queria ir. Afinal, se Jo trabalhava ali, quão ruim poderia ser o Echo?

Agora que Jo não era mais sua amiga e alguém com quem fazia sexo regularmente, a resposta era: bem ruim. Até a melhor coisa do Echo — um segurança bastante divertido — tinha o hábito de atrasá-la. Ou atrasá-la mais do que o normal.

“Muito bem!” Dani bateu palmas uma vez enquanto atravessava a sala em que dava aula temporariamente. “Cheguei, bico calado, espero que tenham lido tudo, ou estão ferrados.” Com cuidado, ela tirou o laptop da mochila, colocou na mesa e a jogou sem cerimônia no chão frio e duro. Tirou a tampa de uma caneta de lousa e apontou para a mesa de alunos esperando por ela, todos parecendo

ligeiramente nervosos — exatamente como Danika gostava. “Vamos discutir *O mercado dos duendes*, de Christina Rossetti. Pode começar, Emily.”

A adolescente de olhos sonolentos enrolou uma mecha de cabelo azul comprido no dedo e disse na mesma hora: “É total sobre sexo”.

Dani se aproximou da lousa, escreveu “O mercado dos duendes” e depois fez um círculo em volta. Os mais tradicionais achavam que escrever na lousa era desnecessário, mas nem todos os alunos aprendiam só ouvindo, independentemente da fase educacional. Ela fez uma setinha saindo do balão e escreveu: *sexo*.

Depois se virou para Emily e disse, animada: “Elabora”.

“Bom”, Emily hesitou, “tipo, ou é sobre sexo ou sobre cristianismo. É uma dessas coisas. Talvez sobre as duas.”

“Acho que é sobre as duas”, Will, o menino ao lado dela, ajudou.

Dani assentiu, desenhou outra seta e escreveu: *Pagando peitinho pra Jesus?* Então acrescentou: “Algo mais específico?”.

“Não, pagando peitinho *por* Jesus”, Will corrigiu.

“Pagando peitinho o quanto quiser”, Emily disse, com firmeza, “porque Jesus vai perdoar total. É uma alegoria. Lizzie sofre pelo pecado de Laura, não é?”

“Agora estamos chegando em algum lugar.” Dani sorriu, pegou um apagador e trocou *Pagando peitinho pra Jesus* por *Alegoria: pecado original, o sofrimento do salvador*. “Tá, mais alguém...” Os olhos dela pousaram em um rosto que não lhe era familiar. A menina nova. Dani tinha recebido um e-mail a respeito dela. “Fatima, não é?”

A menina fez que sim, pequena, séria e muitíssimo bem-vestida. “Isso.”

“Teve tempo de ler?”

“Sim.”

“Então manda.”

Fatima pigarreou. “Concordo com esse lance cristão. E acho que os duendes são antissemitas.”

A menina ao lado dela, Pelumi, estalou os dedos. “Que nem no Harry Potter.”

“Ei”, alguém gritou do outro lado da mesa. “Nada de caluniar Harry Potter.”

“Não é calúnia se é verdade.”

Dani bateu palmas uma vez. “Uma discussão robusta é exatamente o que quero de vocês, mas, a não ser que consigam relacionar Harry Potter aos temas de Rossetti de maneira mais sólida, vou ter que pedir pra deixarem esse assunto de lado.”

Houve uma pausa antes que Pelumi dissesse: “Excesso de sensualidade e custo privado. Hogwarts tem mesas que se enchem magicamente de comida por causa do trabalho escravo no subterrâneo. A menina do poema morre porque teve orgasmos demais, ou porque provou um pau. Digo, uma fruta”.

Dani assentiu, com seriedade. “Vou aceitar isso, pela criatividade.”

O debate ganhou vida.

Dani passou o resto da aula ouvindo uma mistura de argumentos afiados e regurgitação de memes, direcionando a conversa quando parecia necessário e ficando quieta quando não parecia. O tempo passou depressa e a aula acabou. Cadernos foram guardados nas mochilas e os cupcakes da barraquinha do lado de fora pareceram chamar seu nome.

Os alunos começaram a sair, acenando e se despedindo. Dani abriu o laptop e deu uma olhada rápida nos e-mails. Tinha que ficar

sempre de olho. Alguém poderia precisar dela para...

Ah.

Havia um novo e-mail no topo da tela, e o assunto em negrito fez suas entranhas se contorcerem. Era difícil dizer se era de animação ou se era um aviso de diarreia nervosa. Considerando tudo, talvez ambos.

FILHAS DA DECADÊNCIA, NO PASSADO E NO PRESENTE: UM SIMPÓSIO DE PESQUISA PÚBLICA

Oi, Dani..., ela conseguia ler sem abrir o e-mail, e com certeza se seguiria algo como: *Só preciso da sua confirmação final em relação aos tópicos para a mesa de discussão com Inez e companhia!*

Tratava-se de um evento público do qual Dani concordara em participar no ano anterior, por pura tolice, provavelmente porque estava chapada de vapores de amianto (até então desconhecidos).

Bem, a decisão não tinha sido *pura* tolice — pelo menos não a maior parte dela. Aquilo lhe daria um nome na academia, aumentaria sua experiência e seu currículo, e a ajudaria a se solidificar como autoridade em seu tema de interesse. Participar seria uma honra e com certeza estaria alinhado com os planos que traçara cuidadosamente para ter sua própria cátedra aos quarenta e dois. (Quarenta e cinco, se não conseguisse conquistar tudo o que queria dentro de quinze anos.)

Na verdade, o único motivo pelo qual estava se cagando de medo era o fato de que estaria na mesma mesa que *a porra da Inez Holly*. Uma das menos de trinta docentes negras no Reino Unido, a mulher que dominava a teoria literária feminista, ídolo eterno de Dani, nível Beyoncé etc. A única mulher que fazia Dani pensar que era melhor

morrer — literalmente, ela preferiria morrer de verdade — a passar vergonha na frente dela.

Não que Dani costumasse passar vergonha no trabalho. Sua profissão era muito simples e fácil de administrar, e exigia qualidades que eram naturais a Dani, como extremo foco e entusiasmo pela leitura minuciosa e análise, em vez de qualidades que ela não possuía, como a habilidade de processar e expressar coisas irrelevantes, como suas emoções. Então, não, era pouco provável que passasse vergonha no trabalho. Mas, mesmo assim, coisas estranhas aconteciam.

Ela levou a mão ao peito e tocou a pedra da lua no colar sob o vestido, deixando que a calma se espalhasse em ondas por seu corpo. Depois soltou o ar, digitou uma resposta sofrida e fechou o laptop.

“Tudo sob controle”, ela disse a si mesma. “Faz parte do trabalho. É o que você faz de *melhor*. É o tipo de pressão com que sabe lidar.”

Ela ainda repetia aquele mantra alguns minutos depois, quando saiu da sala e ficou cara a cara com sua antiga amiga colorida.

Que merda.

“Dani”, Jo disse, parando bem a tempo de impedir o que teria sido um esbarrão muito desconfortável.

“Jo”, Dani conseguiu dizer, inclinando a cabeça e torcendo para que estivesse parecendo supertranquila e indiferente àquela situação vergonhosa. Uma rápida apuração de seu próprio corpo revelou que estava segurando o trio de pingentes de cristal no colar sob o vestido com força demais, o que sugeria o oposto. Ela o soltou.

Ela ainda conseguia sentir, no entanto, o calor contra o peito: a pedra da lua representava o destino, a granada representava o

sucesso e o quartzo rosa representava a determinação.

O quartzo rosa supostamente deveria ajudar na área afetiva, mas Dani decidira havia muito tempo que o dela não funcionava para isso.

“Como você está?”, Jo perguntou, rígida, apalpando o cabelo escuro e sedoso na altura do queixo.

Dani piscou, pega de surpresa. “Como eu *estou*? É sério que você acabou de me perguntar isso?”

O sorriso tenso de Jo desapareceu. “Estou sendo educada.”

“Educada? Da última vez que nos falamos, você me disse que eu era emocionalmente atrofiada e dominada pelo medo.” As duas acusações eram ridículas, e, mais ainda, bem grosseiras. “Sério, é indecente da sua parte esperar conversinha fiada depois de ter partido meu coração.” Talvez ela estivesse exagerando um pouco. “Depois de ter inchado meu baço”, Dani corrigiu.

Jo ficou olhando para ela. “Seu baço?”

“Isso. É um centro emocional menor.”

“Não, não é. É um imuno... Ah, pelo amor de Deus, esquece.” O cabelo de Jo parecia um pouco menos arrumado agora, e suas bochechas estavam coradas enquanto ela fazia uma cara feia. “Pare de agir como se você estivesse magoada e sofrendo”, ela sussurrou, como se as paredes tivessem ouvidos. “Segundo você mesma, nós nem estávamos num relacionamento.”

“Segundo *nós duas*”, Dani retrucou. “Combinamos isso desde o começo. Foi você que mudou de ideia.” Quem começara a exigir encontros, afeto e compromisso, coisas com as quais Dani tinha aprendido a não se importar, simplesmente porque não era boa

naquilo. Não que antes se importasse. De qualquer modo, seu sistema era muito mais eficaz.

Se Dani tivesse tentado dar a Jo o que ela queria, a primeira reclamação seria dirigida a essa eficácia. *Sério que você está tentando me encaixar na sua agenda? Por acaso eu sou um trabalho pra você?*

Dani conhecia a rotina. E a evitava como a praga, ou o dentista, ou ambos.

“Olha”, Dani começou a falar, olhando nos olhos cinza-azul de Jo em busca da amizade fácil que costumava aquecê-las. Da amizade que nunca deveria ter desaparecido. “Você sabe que não faço esse tipo de coisa. E, acredite em mim, você não vai querer me ver tentar. Seria um desperdício do tempo de todo mundo.”

Um lampejo de frustração passou pelo rosto de Jo, depois foi substituído por algo que parecia pena, o que era perturbador. “Você acredita mesmo nisso, né?”

Dani engoliu em seco. “Não podemos voltar a ficar bem? Eu...” *Eu sinto falta da nossa amizade*, ela queria dizer. Só que aquilo seria humilhante demais.

Jo esperou até que a pausa de Dani se transformasse em um abismo, depois balançou a cabeça devagar. “Não. Acho que não.”

Bom. *Bom*. “Então tá.” E ponto final.

Dani reuniu o que lhe restava de dignidade e foi embora pelo corredor, da maneira mais dramática e desdenhosa que conseguiu. O que, pensou, deveria ser o suficiente. Como Jo tinha ido para a escada, Dani teve que ir em direção aos elevadores para evitá-la. Ela apertou o botão freneticamente e se recusou a olhar para trás. Manteve o olhar fixo nas portas metálicas ligeiramente amassadas

enquanto esperava, as palavras de Jo girando em sua cabeça como um carrossel. Talvez fosse esse movimento que a estivesse deixando levemente enjoada.

O elevador velho chegou com um rangido, e Dani entrou graciosamente nele, soltando um suspiro pesado quando as portas se fecharam. Que confusão. Daquele jeito, talvez ela tivesse que jogar Skittles por cima de um cupcake, para se acalmar.

“Na verdade”, Dani murmurou, olhando com ironia para o teto, “o que realmente me acalmaria seria sexo. Então... não querendo pressionar, mas pode ser? Ainda estou esperando aquele sinal.”

As luzes fluorescentes se apagaram e um guincho estridente preencheu o elevador.

“Ai, que *inferno!*”, Dani gritou, levando as mãos aos ouvidos. “Tá bom! Não sei como qualquer força superior minimamente razoável poderia esperar que eu passasse esse tempo todo sem sexo oral, mas, se significa tanto para você, vou ser paciente.”

Aparentemente, aquelas não eram as palavras mágicas, porque as luzes continuaram apagadas, o guincho não parou e Dani continuou louca por um doce e sem perspectiva de conseguir um. Era uma situação péssima em todos os sentidos.

“Beleza”, ela murmurou para si mesma. “Sem luz, um alarme totalmente desagradável e desnecessariamente estridente tocando, o elevador parou de funcionar, e...” Ela pegou o celular, que estava sem sinal, e ligou a lanterna para conseguir enxergar os botões do elevador e apertar o que dizia EMERGÊNCIA. Nada aconteceu. “O elevador parou”, Dani repetiu calmamente, “e o botão de emergência não funciona. Parece que estou com problemas.” O que

significava um alarme naquele prédio, afinal? Poderia ser um incêndio, um vazamento de gás. Nada que parecesse bom.

Dani ficou parada por um momento, mordendo o lábio, tentando não pensar em mortes trágicas, porque sua avó sempre a ensinara que os pensamentos podiam influenciar seu destino. E Dani era fabulosa demais para que seu destino fosse morrer por inalação de gases tóxicos em um elevador.

Então, depois de alguns minutos avaliando suas opções, ela deu início a um plano de dois passos altamente sofisticado. O primeiro passo envolvia enfiar os dedos na fresta mínima entre as portas fechadas do elevador e tentar abrir, com força. O segundo passo envolvia acionar o diafragma, inspirar fundo e gritar a plenos pulmões: "*Socorro!*".

O alarme do gás era estridente o bastante para quebrar o vidro do estoque de adrenalina de Zafir, que deveria ser usado apenas em casos de emergência. No passado, ele sentia o mesmo foco urgente e explosivo antes de cada jogo, quando os gritos da multidão rivalizavam com o fluxo de sangue em seus ouvidos. Mas agora ele era um zé-ninguém, então precisava obter a mesma sensação de onde quer que fosse, e se para isso precisasse encarar um treinamento semestral de rotina como se fosse o próprio Jason Bourne, ele não via problema naquilo.

George, o sub-responsável do Echo, apareceu vindo de um corredor próximo, deu uma olhada para Zaf e riu. "Você sabe que é só treinamento, né? Por que essa vibe de Exterminador do Futuro?"

Zaf ficou de pé, deixou a vibe se intensificar e disse, sério: "Cala a boca, George".

George calou a boca.

“Beleza. Como combinamos, eu sou sua referência. Zera o cronômetro e vamos.” Eles se separaram e começaram a trabalhar. Enquanto George fazia a varredura inicial, Zaf abriu todas as saídas antes de procurar quaisquer pessoas com problemas de mobilidade não registrados. Ele tinha uma base de dados com todos os funcionários e alunos que precisariam de auxílio em situações como aquela, só que nenhum deles estava no prédio no momento. No entanto, alguém poderia ter quebrado a perna na semana anterior, sofrer de dores no joelho quando chovia, ou qualquer merda do tipo. Era a função de Zaf procurar essas pessoas, porque, como seu gerente havia dito: “Parece que você conseguiria carregar qualquer pessoa no colo, se precisasse”.

Era um pouco arrogante, mas não deixava de ser verdade; Zaf poderia fazer qualquer coisa, *se precisasse*. Tipo usar uma jaqueta de uniforme que não era grande o bastante para cobrir seus pulsos.

Depois que uma passada pelo prédio revelou que funcionários e alunos evacuavam o local sem problemas, Zaf voltou para o térreo para se juntar aos professores que verificavam suas listas de presença. Ele notou que o lado de fora do Echo estava o maior caos, porque, por mais que se tratasse de um treinamento de rotina, as pessoas adoravam um tumulto — e raramente olhavam os e-mails, Zaf percebia agora. Os alunos gritavam perguntas inúteis uns para os outros, se empurrando como animais cercados, alimentando a ansiedade incessante do próprio Zaf.

Bem, talvez isso não fosse culpa dos alunos. Talvez isso se devesse ao fato de que Zaf ainda não tinha visto Danika sair, embora

ele soubesse muito bem que a aula dela havia acabado meia hora antes.

Quando George voltou, Zaf estava lá fora, procurando em meio à multidão por alguém de cabelo rosa curto enquanto gritava com seu fôlego de jogador de rúgbi, se certificando de que todos recebessem o aviso: "Isso é só um treinamento! Vocês estão a salvo, não precisam se preocupar. Não há nenhuma ameaça lá dentro, mas não podemos deixar que entrem até que o prédio esteja em segurança".

"Mas você acabou de dizer que não tem nenhuma ameaça lá dentro!", um aluno próximo retrucou.

Claramente era um dos que haviam ignorado o e-mail de aviso. *Dê-me forças.* Zaf suspirou. "E é. Isso também é parte do treinamento."

"Bom, se é tudo mentira, não sei por que não..."

Ele lançou seu olhar mais assassino para o aluno, aquele que fazia com que a mãe lhe desse um tapa na cabeça e o chamasse de tubarão. "Meu amigo, você compreende o significado da palavra *treinamento?*"

O cara engoliu em seco, deu de ombros e se virou para ir embora.

George apareceu atrás de Zaf e murmurou: "Alguém já disse que você daria um ótimo supervilão?".

"Fica quieto. Deu uma última olhada?"

"Tudo certo."

Zaf olhou para a multidão de novo. "Você viu Danika? Porque eu não vi."

"Hum, não." George coçou a orelha, franzindo a testa. "Ela deve ter pegado uma das saídas de emergência."

Provavelmente deveria ser o suficiente em uma situação daquelas, certo? Claramente bastava para George, porque ele parecia irritantemente despreocupado. Até onde sabiam, algum acadêmico rival maligno poderia ter prendido Dani em um armário de suprimentos porque ela acusara duas teorias de "lamentavelmente desinformadas". Ou talvez um culto obcecado por ela tivesse aproveitado aquela chance em meio ao caos para sequestrá-la. Ou coisa do tipo.

"Bom", George disse, "acho que correu tudo bem. Vamos encerrar."

"Não."

George piscou devagar. "Hum... é o quê?"

"Não", Zaf repetiu. "Vou voltar lá." Sim, ele era meio paranoico com segurança, e não, ele não estava nem aí para isso. Se *todo mundo* fosse mais paranoico com segurança, talvez seu pai e seu irmão mais velho não tivessem morrido em um acidente de carro, sete anos antes. E foda-se se aquela era uma linha de raciocínio zoada. Zaf não era um homem bem resolvido.

"Voltar? Por quê?"

Zaf abriu caminho em meio à multidão, ignorando a nítida confusão de George. "Danika Brown", ele perguntou, sua voz acima da falação e do barulho dos alunos transitando. "Alguém a viu? Ela tem cabelo rosa, dá aula de literatura, tem mais ou menos esta altura..."

"Eu conheço Dani!", disse uma menina de cabelo azul um pouco mais para a frente, se virando para ele. "Tive a última aula com ela."

Um alívio percorreu o corpo de Zaf. "Ela saiu com vocês?"

“Hum, não”, a menina disse, enrolando a ponta do rabo de cavalo no dedo. “Ficou mexendo no laptop, acho. Mas ela deve estar bem. É só um treinamento, né?”

“É.” Zaf assentiu, tranquilo. “É só um treinamento. Em que andar foi a aula?”

“No terceiro. Ei, você está bem? Parece...”

“Estou bem”, Zafir disse por cima do ombro, já correndo. “Fiquem calmos”, ele gritou enquanto disparava na direção do prédio, depois abriu a porta com tanta força que ela bateu contra a parede. Merda. Ele tinha acabado de quebrá-la? Deixa para lá. Zaf se virou para a multidão e repetiu: “Isso é só um treinamento!”.

Então entrou correndo e subiu a escada três degraus por vez.

Depois do que pareceu ser uma hora tentando abrir a porta do elevador e fazendo o máximo de barulho possível, Dani começou a se preocupar um pouquinho. Cerca de três minutos antes, tinha lhe ocorrido que, se o prédio tivesse mesmo sido evacuado devido à presença de algum gás perigoso, ela provavelmente não deveria inspirar tão fundo para gritar por socorro. Então ela mudou a tática e começou a bater na porta do elevador, prendendo o fôlego, o que parecia menos eficaz, mas pelo menos não aceleraria seu envenenamento iminente por monóxido de carbono. Agora ela estava tentando decidir se a tontura que estava sentindo era porque o envenenamento tinha começado ou porque ela não estava respirando.

Talvez fossem as duas coisas ao mesmo tempo.

Quando ouviu alguém gritar seu nome do outro lado da porta, Dani se perguntou por um momento se não estava alucinando porque tinha inalado ricina. Então se recompôs, tocou o trio de pedras preciosas que tinha no colar sob o vestido e gritou de volta: "Ei!". *Bam, bam, bam*, suas mãos fizeram contra a porta, seu pulso esquerdo doendo e inchado, porque ela o havia torcido um pouco quando tentou abrir a porta. "Oi!"

“Danika!” A voz estava mais próxima agora, muito mais próxima. Ela quase a reconhecia, apesar do barulho do alarme.

Dani hesitou. “Zaf?”

Não houve resposta. Mas então um estranho lamento metálico ressoou, como se um elefante de ferro tivesse sido derrubado, e depois um guincho agudo. Ela se afastou instintivamente das portas, e, um segundo depois, um feixe estreito de luz entrou pela fresta. Dani avistou um olho escuro e quase desmaiou de alívio.

“Aguenta aí”, Zaf falou pela fresta, então houve outro lamento e a porta abriu um pouco mais. Dani viu os dedos dele na borda do metal e percebeu que Zaf estava sendo bem-sucedido na empreitada em que ela mesma fracassara de maneira retumbante.

“Você não pode abrir a porta na mão! Vai se machucar...”

De repente, o alarme parou de tocar, mergulhando os dois no silêncio. Dani levou as mãos às orelhas zunindo, como se o silêncio atacasse seus ouvidos, antes de corar diante de sua própria tolice e abaixar as mãos. Enquanto isso, Zaf prosseguia com a façanha sobre-humana e teoricamente impossível — não deveria ser impossível? — de abrir as portas do elevador com as próprias mãos. Para o azar dele, as portas eram o menor de seus problemas. Dani provavelmente tinha ficado presa ali por tempo o bastante para garantir sua morte por gás venenoso, e a tentativa de Zaf de salvá-la provavelmente o condenou ao mesmo destino. Por algum motivo, aquilo deixou Dani muito chateada, mas também um pouco zozna.

Talvez porque tivesse inalado formaldeído.

Zaf deu um último suspiro e conseguiu abrir a porta. Dani teve um instante para registrar a visão: o homem alto, largo e forte, cujo rosto em geral carrancudo já passava ao território da *fúria*, mas

cujos olhos castanhos e calorosos eram gentis o suficiente para anular o efeito. Por algum motivo, o contraste — entre suas feições severas e seu olhar suave e fluido — a fez estremecer. A luz brilhava atrás de Zaf e formava um halo a sua volta, fazendo com que ele parecesse ainda maior que o normal. Dani se deu conta, como se um punho gigante e cósmico a tivesse atingido, de que aquela coisa toda de resgatá-la nobremente da morte tinha que ser um sinal. Tinha que ser *o* sinal. O momento e o drama eram significativos demais para que ela pudesse ignorar. Era como se setas em neon apontassem na direção dos ombros deliciosos de Zaf e o universo gritasse: *Pode ser este aqui, já que você está tão impaciente.*

Dani o encarou. *Sério? Ele? Tem certeza?* Afinal de contas, da última vez que tinha dormido com alguém de quem era amiga, as coisas não tinham terminado bem. E Zaf era um pouquinho tenso às vezes, e, de vez em quando, demonstrava aquele excesso de cavalheirismo e o hábito que alguns homens tinham de achar que sexo era igual a compromisso... Ela abriu a boca para perguntar a Zaf se, contra todos os instintos e suposições dela, ele toparia transar sem envolvimento. Então se lembrou de que estavam morrendo, o que tornava tudo muito imaterial. Fora que ele parecia estar em um péssimo humor. Sob a barba preta e curta, dava para notar que seu maxilar estava tenso, sua boca voluptuosa era uma linha rígida, seu cabelo grosso estava totalmente bagunçado, talvez porque ele tivesse acabado de abrir as portas de um elevador com as mãos.

Antes que Dani pudesse comentar aquele estranho comportamento, por mais impressionante que fosse, ele a puxou pelo vestido para fora do elevador, pressionando-a contra seu

peitoral maciço. “*Alhamdulillah*”, escapou dele com um suspiro. Um pouco ingrata, Dani só pensava que era melhor ele não ter amassado seu vestido quando a abraçou com tanta força que ela mal conseguia respirar.

Mas também poderia ser por causa dos vapores de mercúrio.

“Por que caralhos você estava no elevador?”, Zaf perguntou. Suas palavras eram duras, mas o resto dele... não. Aparentemente, ele acariciava sua cabeça como se ela fosse um gato. “Não é pra usar o elevador em caso de emergência!”

“Eu sei”, ela retrucou, sua voz abafada contra o peitoral dele. E que peitoral gostoso, tipo um travesseiro grande e bem recheado. A barriga dele também era ótima, macia e firme ao mesmo tempo. Dani se perguntou se poderia se safar se pegasse na bunda dele, já que seu cérebro provavelmente estava derretendo e escorrendo pelo nariz enquanto conversavam. “Eu já estava no elevador quando o alarme disparou. E aí tudo meio que... desligou.”

Ele rosnou. Literalmente *rosnou* — Dani sentiu o ruído percorrer pelo corpo dele. “Essa porra desse prédio *velho*. As portas externas nem fecharam.”

“O botão de emergência não funcionou”, ela disse, desfrutando da tensão no corpo de Zaf enquanto ele continuava a abraçá-la. “Fiquei horas presa aqui.”

“Hum... acho que não foram horas.”

“Quase uma hora, então”, ela se corrigiu.

“Danika, faz doze minutos que o alarme disparou.”

“Ah.” Bom, parecia ter sido mais. “Talvez eu tenha perdido a noção do tempo de tanto nervoso.”

Ele rosnou de novo. “Vou matar alguém.”

“Acho mais provável *a gente* morrer.”

“Oi?” Zaf se afastou um pouco e olhou para ela. Dani tentou não resmungar diante da perda de contato. Pelo menos as mãos dele estavam em seus braços agora, os dedos acariciando sua pele e provocando faíscas. Zaf nunca a havia tocado daquele jeito.

Deveria tocá-la de novo, se possível. Em breve.

“Fomos envenenados”, ela disse, triste. “Por gás. Pelo menos a minha última visão vai ser essa sua barba linda.”

A resposta dele foi lenta, como se duvidasse de suas funções cognitivas. “Dani, é só um treinamento. Não tem gás nenhum.”

Ela levou um tempo para processar aquelas palavras, então ficou tão corada que parecia que ia pegar fogo. “Ah, tá. Hum. Esquece o que eu falei da barba. Tô muito louca. É o gás.”

Um canto daquela boca linda dele se ergueu. “O... gás inexistente?”

“Efeito placebo”, ela respondeu, com firmeza, então deu um passo para trás, interrompendo o contato entre os dois. Se realmente não existia gás, era Zaf que a estava deixando tonta. E meio boba. E melosa. Aquilo precisava parar. Ela não tinha *motivo nenhum* para ficar toda melosa, já que ele não havia se arriscado a morrer envenenado por cianeto só para resgatá-la. E mesmo assim, ficar toda melosa era estritamente proibido.

“O que aconteceu com a sua mão?” Zaf franziu a testa, felizmente alheio à turbulência mental de Dani. Ele pegou o pulso direito dela e avaliou o que Dani não havia notado: suas unhas estavam detonadas e até sangravam um pouco por causa da força que fizera tentando abrir as portas.

“Ah, eu já tinha tentado o seu método”, ela comentou, distraída. “Acho que me falta bíceps.”

Zaf não riu. Sua testa se franziu mais ainda e ele pegou a outra mão de Dani para dar uma olhada, soltando-a na hora quando ela deixou escapar um gemido de dor. “O que foi?”

“Desculpa. Eu, hum, fiz força demais, acho. Meu pulso está doendo um pouco. Talvez eu tenha torcido.”

“Pode ser”, Zaf disse, com os olhos ardendo em chamas. Parecia furioso, mas claramente não com ela, porque deu um passo à frente e começou a pegar a mochila do ombro dela, com cuidado. “Eu levo”, Zaf murmurou.

“Ah, não, tudo bem, eu...”

“Danika”, ele disse, em um tom de voz rígido. “Eu. Levo.”

“Eu sabia que você era mandão, mas não sabia que era *tanto assim*.”

“Bom”, ele murmurou, “agora você sabe. Assim como eu sei que sua noção de tempo não é das melhores. Estamos quites.”

Ela o encarou. “Por que é que eu te aguento, hein?”

“Deve ter alguma coisa a ver com a minha barba linda.”

“Cala a boca, seu ridículo.”

Ele suspirou. “Quanta ingratidão. Esse é o problema das meninas ricas.” Antes que ela conseguisse pensar em uma resposta para aquele comentário ultrajante — do qual Dani *não* estava com vontade de rir —, Zaf disse: “Vem aqui”. Já com a mochila nas costas, ele a pegou nos braços como se ela fosse uma noiva.

Dani sentiu um frio na barriga e deixou escapar um gritinho ridículo, mas era inevitável. As mãos de Zaf em sua cintura e em suas pernas eram eletrizantes, e sua boca estava a poucos

centímetros da pele escura do pescoço dele. Quem poderia culpá-la por fazer barulhinhos pouco dignos em tais circunstâncias? Aquilo tudo era muito incomum e muito *bom*. Talvez Dani devesse parar de duvidar do universo e aceitar aquele homem como um pau amigo mandado pelas divindades. Zaf olhou para ela com um sorrisinho no rosto, um franzir de lábios que parecia dizer: *Aposto que você não sabia que eu consigo fazer isso*. Ela quase se derreteu toda, a começar pela boceta.

Mas claro que Dani não podia permitir que Zaf soubesse que ela estava quase se derretendo, porque ele era um homem bonito, e homens bonitos nunca devem ter plena consciência de seu poder. Não dava para confiar tal conhecimento a eles. Então, Dani fez o seu melhor para parecer ultrajada ao perguntar: "O que é que você está fazendo?".

"Você se machucou", ele disse com calma enquanto a carregava em direção à escada.

"Machuquei *as mãos!*"

Zaf grunhiu. "Você ficou presa no elevador durante um vazamento de gás. Deve estar difícil manter o equilíbrio."

"Não era só um treinamento?"

"Trauma emocional", ele disse na mesma hora. "Você devia dar uma olhada nos e-mails de vez em quando. Todo mundo recebeu o aviso. Do treinamento, digo."

"Eu tinha outras coisas na cabeça", ela disse.

"Sempre tem. Alguém devia ficar de olho em você."

"*Oi?*"

Ele se forçou a reprimir um sorriso enquanto cruzavam o saguão. "O quê? É proibido?"

“É *desnecessário*. Pode fazer essa cara o quanto quiser, mas duvido que você deixaria alguém ficar de olho em você.”

“Depende da pessoa”, ele disse, seco, e chutou a porta da frente do prédio, que abriu com mais facilidade do que deveria. Os alunos reunidos ali pareceram adorar a aparição repentina de Dani e Zaf, apontando e sussurrando entre si como se ela fosse alguém interessante, e não uma doutoranda qualquer, extremamente cansada e com o pulso doendo. Talvez achassem que ela havia sido envenenada por amatoxina e aguardassem ansiosamente por sua terrível morte. Aquilo com certeza explicaria por que começaram a apontar câmeras de celular para ela.

Dani abriu um sorriso reluzente — como sua avó maluquete diria: *Sempre passe a melhor impressão de si mesma*. Zaf olhou para ela, nitidamente perplexo. “O que está fazendo, Danika?”

“Estou sendo linda para o povo.”

Ele soltou uma gargalhada. “Queria poder te carregar assim o tempo todo. Você faz milagres com meu humor.”

Era bobo ficar corada com algo que claramente era uma piada, mas Dani ficou mesmo assim. Havia algo no calor dos olhos semicerrados dele enquanto a avaliava sob os cílios, na leve curvatura de seu sorriso, cheio de uma preocupação carinhosa. Assim como limonada e vodca, a doçura contrastava agudamente com o modo como ele a carregava — com força — e o modo como a tirara do elevador no andar de cima, com aquele tom animalesco em sua voz que dizia...

Dani não sabia o que dizia. Mas sabia que os dois estavam se olhando como se fossem adolescentes apaixonados, o tipo de comportamento ridículo ao qual ela devia dar um fim.

Como se tivesse lido a mente dela, Zaf desviou o rosto e pigarreou. “É melhor... tenho que falar com alguém sobre o lance do elevador. E...”

“E eu tenho coisas pra fazer”, Dani disse, com firmeza. “Cupcakes pra comer, uma pesquisa pra conduzir.”

“Médicos pra visitar”, ele acrescentou. “Por causa desse pulso.”

“Isso”, ela disse, mas era mentira. Professores contratados não faltavam ao trabalho por causa de um pulso torcido, e Dani certamente não faltaria. De qualquer modo, ela não tinha tempo sobrando. Precisava se preparar para simpósios e outras coisas. Inez Holly não esperava nenhuma torção!

Zaf a encarou, os olhos semicerrados.

“*Isso*”, Dani repetiu, tentando parecer digna de confiança. “Com certeza. Médicos e tal.” Como Gigi sempre dizia: *Homens dão muito menos trabalho quando você mente para eles.*

Mas aquele homem, aparentemente, era uma exceção. “Se eu descobrir que você não foi resolver isso, você vai estar ferrada.”

“Entendido”, Dani disse, seca, o que era algo impressionante, considerando que ela estava bem molhada.

Zaf suspirou e a levou até a mureta que cercava o canteiro de flores do prédio, colocando-a ali suavemente, como se estivesse de fato ferida. “É sério, Danika”, ele disse, deixando a mochila aos pés dela. “Vou ficar de olho em você.”

Quando ele se virou para procurar seu supervisor, foi ela quem ficou de olho nele. Mais especificamente, na bunda dele.

Ela precisava aproveitar um pouquinho, depois de um dia tão estressante.

Dani fez como mandado. Mais ou menos.

Seu pulso doía bastante, e se piorasse poderia prejudicar a velocidade com que digitava. Então tomou um analgésico e passou na casa de Chloe, sua irmã mais velha, no fim do dia.

Quem abriu a porta foi a irmã mais nova delas, Eve, com um sorriso no rosto e fone em um ouvido só. "Dan! Não sabia que você ia vir."

"Bom, aqui estou."

"Você mudou o cabelo de novo. Estamos combinando!" Eve mostrou uma de suas trancinhas cor-de-rosa e fechou a porta atrás delas.

"Maravilha", Dani murmurou, ligeiramente distraída. Lembranças de Zaf a abraçando com força contra o peito a tinham assombrado o dia todo. Depois de ter tentado evitá-las por horas e fracassado, havia decidido simplesmente deixar que viessem.

Agora ela estava muito quente e trêmula por dentro, como seu velho laptop, e tão distraída que quase não notou quando Redford, namorado de Chloe, disse "Oi, Dani", enquanto elas passavam pelo cômodo onde ele pintava.

"Oi, Red", Dani respondeu sem força e entrou na sala.

"Dani!" Chloe, a irmã Brown mais velha, estava sentada no trono de almofadas e cobertores que costumava ser o sofá. Chloe diria a Dani para comprar um novo laptop, porque não entendia que tecnologia antiga podia ter personalidade. "Ainda bem que você chegou", Chloe disse. "Eve está me matando de tédio..."

"Ei!"

"... com painéis no Pinterest, hashtags no Instagram e essas besteiras."

“Vocês duas morrem de inveja de mim, só porque sou a mais nova”, Eve reclamou ao se sentar. “Só que nenhuma de vocês foi assessora de honra de um casamento.”

Por um breve momento, Dani considerou ir mais a fundo naquele comentário desconcertante, mas então decidiu que era melhor deixar para lá. Segurando o pulso e tentando parecer desamparada, ela disse: “Me machuquei”.

“O que aconteceu???”

“Fiquei presa no elevador.”

“*Quê?*” Chloe se levantou tão abruptamente que seu gato, Smudge, quase caiu do braço do sofá. “A gente precisa processar alguém? Minha mãe anda bem entediada, tenho certeza de que ia gostar.” Ela foi para a cozinha sem nem esperar uma resposta, voltando logo depois com um kit gigante de primeiros-socorros.

Chloe já tinha ido a tantos médicos ao longo da vida que era praticamente médica também. Mais ou menos. Sem os anos de estudo pesado e treinamento prático. Cinco minutos depois, o pulso de Dani estava enfaixado, a bolsa estava cheia de ibuprofeno e ela já estava contando a história de como havia sido tirada do elevador.

“Nossa”, Chloe murmurou, com os olhos arregalados por trás da armação azul dos óculos. “Bom, esse Zaf parece maravilhoso.”

“E lindo”, Eve completou, embora estivesse ocupada com o celular.

“Ele é mesmo”, Dani concordou, se acomodando no sofá. “Acho que...”

“E forte”, Eve prosseguiu.

“Bom, sim. Zaf é muito...”

“Ele se parece bastante com aquele jogador de hóquei canadense, né? Só se falava dele no mês passado.”

Dani, que não sabia nada sobre jogadores de hóquei canadenses ou atletas de modo geral, olhou feio para a irmã mais nova. “E como você sabe com quem Zaf se parece?”

Eve mostrou o celular. “Estou vendo no Twitter um vídeo dele te salvando.”

Dani abriu a boca, depois a fechou. Inspirou como quem ia falar, mas então soltou o ar. Considerou mil interpretações diferentes daquela frase relativamente simples, depois rejeitou todas. “Desculpa”, ela disse, com bastante calma, considerando as circunstâncias. “Você está vendo o quê?”

“Eu”, Eve disse bem devagar “estou vendo um vídeo que viralizou e que apareceu aqui nos *trending topics*, com a hashtag #DraRugbaby, em que um segurança imenso e bonito que foi identificado como Zafir Ansari, ex-jogador dos Titans, aparece carregando uma mulher com cabelo cor-de-rosa bem parecida com você, Danika, para fora daquele prédio horrível onde você trabalha.” Eve ergueu os olhos e piscou algumas vezes, se fazendo de inocente. “Você não viu?”

“Me dá isso!”, Dani disse, e tentou pegar o celular.

“É *meu!*”, Eve resmungou, tentando mantê-lo fora do alcance dela. “Vê no seu!”

“Você sabe que não tenho Pinterest, Instagram ou o que quer que você... *ai!*” As duas tropeçaram no sofá, e o fone de ouvido de Eve caiu. Enquanto ela o procurava em meio ao emaranhado de trancinhas e membros, Dani arrancou o aparelho da mão dela e se arrastou pelo tapete.

“Fico feliz em ver como somos adultas maduras”, Chloe disse.

Dani nem se deu ao trabalho de responder. Estava ocupada demais mexendo no celular de Eve, tentando descobrir o vídeo que tinha visto de relance antes e... Ah, ali estava.

Merda. Ali estava. Um vídeo de verdade de Dani nos braços de Zaf, olhando para ele como se quisesse devorá-lo. O que era verdade, embora não fosse algo que esperasse encontrar espalhado pela internet inteira.

"Ai, meu Deus", ela disse. "Achei que fosse brincadeira."

"Que nada!", Eve disse, animada.

"Já tem mais de trinta mil visualizações!"

"Pois é!" Eve parecia estar adorando.

Dani deu uma olhada nos comentários. Era como se tivesse entrado em uma realidade paralela.

YOUVEBEENZISED: Esse vídeo eh fofo demais, mas eh vdd que ele eh ex-jogador de rúgbi???

1h — 47 curtidas — Responder

BASICJELLYBABY: sei lá, mas ela dá aula na minha faculdade...

1h — 38 curtidas — Responder

TITANSFOREVERNTC: É o Zaf Ansari ctz foi o camisa 6 dos Titans até 2012

1h — 57 curtidas — Responder

ITSELLIEEEE: 😊 #DraRugbaby #metasderelacionamento

23m — 64 curtidas — Responder

Dani encarou a tela. "Dra. *Rugbaby*? Nunca ouvi nada mais idiota ou absurdo na minha vida."

"Você tem uma hashtag!", Eve comemorou.

"Não sou nem doutora."

"Me deixa ver!", Chloe pediu.

“*Rugbaby?* Zaf vai morrer.”

Eve pegou o celular e o levou para Chloe enquanto Dani permanecia esparramada no chão, tomada por um fluxo repentino de pensamentos. Zaf era um atleta famoso? Famoso o suficiente para ser reconhecido em um vídeo que tinha viralizado? Ele *falava bastante* sobre rúgbi, mas ela costumava dar uma viajada quando entravam no assunto, então nunca dera muita atenção àquilo. E, por falar em viralizar, seria aquele acontecimento ridículo outro sinal de que deveria abandonar suas dúvidas e apresentar Zaf às maravilhas de seu quarto, de seus seios e de seu vibrador com três velocidades? Talvez, mas ela estava tendo dificuldade de ignorar o fato perturbador de que as pessoas pensavam que os dois eram *namorados*.

É claro que pensarem aquilo não significava nada. Era só a porcaria da heteronormatividade, uma compulsão da sociedade em juntar indivíduos independentes e perfeitamente felizes de uma maneira aceitável, para que se tornassem vulneráveis, se familiarizassem demais com as falhas um do outro e se envolvessem em comportamentos destrutivos que acabariam terminando em pelo menos um coração partido. Comportamentos como transar com a vizinha e botar a culpa na suposta falta de atenção da namorada, por exemplo.

Ou algo do tipo.

“Isso é bem impressionante”, Chloe murmurou, os olhos grudados na tela. “Por favor, me diz que você está dormindo com esse cara.”

Dani suspirou, pressionando a bochecha no carpete. “Ainda não, mas parece que o universo acha que eu deveria estar.” Ela pensou

em algo terrível. “Se Zaf quiser, claro. Imagino que ele possa não querer.”

“Ah, ele quer, sim.” Chloe estava claramente animada.

“Ele parece o Super-Homem salvando Lewis Lane”, Eve disse. “Só que, claro, sem a parte do voo.”

“Lois Lane”, Dani a corrigiu.

“Não”, Eve disse, segura. “Tenho quase certeza de que é Lewis.”

“Ainda não acredito que ele te tirou do elevador”, Chloe disse, com uma das mãos contra o peito coberto pelo casaquinho, piscando depressa. “Nossa, olha só para o rosto dele. Olha só para o seu rosto! É muita *energia* rolando.”

“É muita química”, Eve disse, sábia. “Ou física?”

“A primeira opção. Ah, Danika, olha só pra isso. Não, para com isso e só olha. A *mão* dele está na sua *coxa*.”

“Não vou olhar.” Ela nem precisava olhar, porque se lembrava perfeitamente bem da sensação. Se olhasse e se lembrasse ao mesmo tempo, provavelmente agiria como... uma boba. E então perderia a capacidade de falar sem enfatizar cada palavra, como as irmãs.

“Ele é *musculoso*, né?”, Eve comentou.

“Ele é *enorme*”, Chloe concordou. “Todo *fortão*.”

O namorado de Chloe, Red, apareceu à porta com uma expressão indignada em seu rosto bonito. “Ei. Acho que você se esqueceu daquela vez em que te resgatei do alto de uma árvore.”

“Você não me tirou da árvore e me carregou nos *braços*”, Chloe disse, os olhos ainda fixos no celular em sua mão, o maldito vídeo passando sem parar.

“E como é que eu ia fazer isso? Você estava no alto de uma árvore.”

“Não precisa ter ciúme, amor.”

“Mas por que eu teria ciúme?” Red passou por trás do sofá e apoiou as mãos nos ombros de Chloe. Não foi pouca a admiração de Dani ao ver a irmã mais velha hiperfocada largar o celular e começar a dar risadinhas — risadinhas! — enquanto Red sussurrava em seu ouvido.

Era uma demonstração de afeto ridícula. O romance claramente fazia o cérebro de mulheres sensatas derreter. Dani estava muito feliz por não ter nada daquilo em sua vida.

“Tá bom”, Red anunciou. “Vou na casa do Vik. Já enchi o potinho do Smudge. Vejo vocês depois.” Ele sorriu para Dani e Eve, depois olhou para a namorada de novo. Ele baixou a voz a um tom caloroso e constante que fez até mesmo Dani sentir um friozinho na barriga. “Juízo, Botões.”

Aff.

Depois que ele foi embora, Eve soltou um gritinho. “Esse homem é *tão...*”

“Esquece o Redford”, Chloe a cortou. “Danika tem um monte de coisa pra contar sobre seu futuro marido.”

O estômago de Dani se revirou. “Ai. Não. Calma aí. Só quero transar com ele.” A palavra *marido* lhe dava arrepios. Era como se relacionamentos românticos já não fossem impossíveis o bastante sem a dose extra de pressão de um contrato legal.

“Bom, é melhor se protegerem, então, porque as pessoas já estão escolhendo os nomes dos filhos de vocês. E as sugestões são absurdas.” Chloe estremeceu de leve. “Tipo, de verdade.”

Dani ficou chocada. "Não acredito."

"Não fico surpresa que as pessoas estejam tão empolgadas", Eve disse. "Com o jeito como ele olha pra você..."

Embora soubesse que ia se arrepender, Dani mordeu a isca. "E como é que ele me olha?"

"Como se não se importasse de dormir em uma pilha das suas roupas sujas." Eve arqueou as sobrancelhas e passou a língua pelo lábio superior pintado de roxo. O batom contrastava com as trancinhas cor-de-rosa e a camiseta vermelha com os dizeres: EM MINHA DEFESA, NÃO TINHA NINGUÉM CUIDANDO DE MIM.

Dani a encarou. "Como é que é?"

"Sabe a sensação de quando você realmente adora uma pessoa e quer cheirar a roupa íntima dela?", Eve perguntou.

Dani continuou encarando. "Não. Não sei, não."

"Chloe, você deve saber."

"Sem comentários", Chloe disse.

"Tá, vou elaborar melhor. Sabe quando você adora uma pessoa e quer enterrar sua cara entre as pernas dela por toda a eternidade?"

"Ah", Chloe disse, se animando, "essa sensação."

"Se os olhos dele fossem dois pênis", Eve prosseguiu, do alto de sua sabedoria, "você estaria grávida. De gêmeos."

Dani franziu o nariz. "Evie, que nojo."

"Será que é nojento mesmo?"

Chloe e Dani responderam em uníssono: "É".

Naquela noite, Zaf assistiu a uns trinta rapazes que caíram sem fôlego ao fim do treino, como moscas. Às segundas-feiras, eles faziam condicionamento físico, e condicionamento físico significava suor.

Reprimindo um sorriso, ele pegou o inalador de um garoto do bolso e o ofereceu. “Usman. Tudo bem aí?”

Uzzy fez que sim e dispensou o inalador, a respiração profunda e deliberada. “Tudo bem, sim.”

No passado, talvez Zaf não tivesse acreditado naquilo. Mas já fazia seis meses que vinha trabalhando com aqueles rapazes em oficinas práticas baseadas em esportes que tinham a intenção de mostrar que vulnerabilidade não era crime, não importava o que a sociedade dissesse a eles. Então... se Uzzy dizia que estava bem, Zaf acreditava nele.

“Lucas.” Zaf se virou para um ponta que tinha acabado de se recuperar de um leve estiramento muscular. “Como está se sentindo?”

“Fodido”, o menino de quinze anos exalou, se jogando de costas na grama. Os outros riram.

“Olha a língua”, Jamal o repreendeu com delicadeza. Na verdade, ele fazia tudo com delicadeza. Desde o dia em que haviam se

conhecido, ainda adolescentes, no Eid al-Fitr, a celebração do fim do Ramadã. O melhor amigo de Zaf era inabalável e impassível, nunca se chocava e era o rei da paciência — o que o tornava perfeito para comandar a Fundação Meadows, uma entidade sem fins lucrativos que apoiava a juventude local através de aulas de música, esportes e tecnologia.

Então, quando Jamal pedira, alguns anos antes, que Zaf treinasse o time de jovens da fundação, ele não teve como recusar. Deveria ser temporário — mas, de alguma forma, Zaf continuava ali. Na verdade, gostava tanto daquilo que tinha aberto a Enfrente, outra entidade sem fins lucrativos. Os meninos da Meadows ainda jogavam rúgbi, mas o novo projeto fazia com que ficassem em contato com suas emoções e aprendessem que cuidar de sua saúde mental não os tornava “fracos”. A julgar pela mudança deles, vinha dando certo.

O problema era que as escolas e outras instituições para as quais Zaf havia oferecido seus serviços não tinham demonstrado interesse. E seu financiamento era escasso. Naquele momento, os meninos de Jamal eram tudo o que Zaf tinha.

Ele ouviu a voz do irmão em sua cabeça, tão clara como se Zain Bhai estivesse ali ao seu lado. *Ei, Bisonho. Por que não tira um tempinho para sentir orgulho de si mesmo? Pode focar nos problemas depois.*

Sim, o Zain imaginário tinha razão.

“Outro ótimo treino”, Jamal disse, baixo. “Alguns garotos vieram falar comigo antes de você chegar, sabia? Parece que estão seguindo você nas redes sociais...”

“E é triste pra cara...mba”, Usman disse da grama.

Jamal revirou os olhos castanhos. "Quanto tato."

"Beleza", Zaf gritou para os meninos. "De pé. Alongamento."

Houve gemidos e resmungos, mas todo mundo se levantou e começou a se alongar.

Jamal pegou Zaf pelo ombro e o puxou para um ponto mais afastado no campo. "Eles estão seguindo você nas redes sociais, no seu site ou sei lá o quê, e acham que você poderia estar fazendo mais."

Zaf suspirou e dobrou um braço atrás da cabeça, alongando o tríceps. "Você colocou coisa na cabeça deles?"

"Não." Jamal sorriu. "Acontece que eu estava certo, e os meninos também estão. Eles queriam que você soubesse que, se precisar tirar fotos ou fazer vídeos deles, não tem problema."

Zaf trocou de braço e olhou para os garotos, que tinham parado de se alongar e agora empurravam um ao outro na grama. Ele sentiu um calorzinho se espalhar pelo peito. "Seria ótimo, na verdade."

"Eles também sugeriram outra coisa", Jamal prosseguiu, com cuidado.

No buraco no peito de Zaf, logo abaixo de seu coração nervoso, uma gota de ansiedade ricocheteou como uma bolinha de fliperama. "Sei o que vai dizer."

"Eles só acham que é esquisito seu site não mencionar quem você é."

Zaf inclinou a cabeça para a direita, ao mesmo tempo alongando os trapézios e evitando olhar nos olhos de Jamal. Assim, matava dois coelhos com uma cajadada só. "Menciona, sim. Um técnico

qualificado, com quatro anos de experiência no setor de organizações sem fins lucrativos. Obrigado por isso, aliás.”

“Tá, mas e quanto a Zafir Ansari, jogador de rúgbi...”

“*Aposentado*”, Zaf corrigiu, se endireitando.

“Aposentado”, Jamal repetiu, com firmeza. “Você decidiu parar, então parou.”

Era mais como se a química cerebral de Zaf tivesse conspirado para impedi-lo de sair da cama, mas sim, claro.

Jamal prosseguiu: “E tudo pelo que você passou naquele período da sua vida é parte do por que criou a Enfrente. Nós dois sabemos disso, mas apoiadores em potencial deveriam saber também”.

“Claro”, Zaf disse, sem emoção na voz. “Vou escrever um texto sobre como eu era uma subcelebridade do rúgbi cuja história trágica os fofoqueiros de plantão se refestelaram depois que meu pai e meu irmão morreram. Parece exatamente o tipo de atenção que quero atrair.”

A expressão de Jamal se abrandou. “Faz sete anos, Zafir. A imprensa não vai dar atenção à ONG de um ex-jogador. Mas isso impressionaria coordenadores e afins, pode acreditar em mim.”

“Você quer que eu dê a eles uma história inspiradora.”

“Não tem nada de errado em ser uma inspiração”, Jamal insistiu, falando baixo. Ele pôs uma das mãos no ombro de Zaf e apertou, olhando-o nos olhos. “Olha, eu lembro como foi. Lembro quando sua ansiedade piorou tanto que você não conseguia sair da cama e não podia perder Fatima de vista. E me lembro do quanto você se esforçou para voltar a ter tudo sob controle, para recuperar sua vida. Não acha que isso é relevante para o que vem fazendo aqui?”

Zaf sabia o que o amigo estava tentando fazer, mas aquilo não significava que tinha que gostar. Com o maxilar tenso, ele disse: “Quando alguém passa por esse tipo de coisa, não pode ficar olhando no retrovisor. Eu estou bem. Não preciso voltar àquele lugar”.

“Cara, você sabe que tem um meio-termo entre...”

“Tchau”, Zaf murmurou, e voltou a se concentrar nos meninos. “Ei, parem de derrubar Allen. Se o garoto quebrar o tornozelo, o pai dele vai botar fogo na casa de vocês.” Enquanto os meninos resmungavam, Zaf pegou o celular que havia deixado na mala das bolas de treino, mais para evitar falar com Jamal. Assim que tocou nele, a tela acendeu e o aparelho vibrou com uma notificação do Instagram da Enfrente.

Por falar nisso, ele devia se dedicar mais às publicação no perfil.

O celular vibrou de novo. Duas vezes.

Jamal franziu a testa para ele. “Quem está te mandando mensagem? Ninguém te escreve além de mim, e eu estou aqui.”

“Que fofo.” Mas era verdade. *Bzzz. Bzzz.*

“Não é Kiran, é?”, Jamal perguntou, tentando parecer casual. “Digo, não é ninguém de casa, é? Está tudo bem?”

Zaf olhou para ele de um jeito esquisito. “Por que seria Kiran?” *E por que a primeira coisa em que você pensa é na viúva do meu irmão?*

Jamal deu de ombros e desviou o olhar. Mas Zaf apostaria seu próprio carro que sua pele escura escondia o fato de que tinha enrubescido.

“Sério”, ele falou. “Vocês dois têm agido...”

Ele foi interrompido por outra notificação, só que aquela... não parou. *Bzz-bzz-bzz-bzz-bzz*. Era como quando Zaf tinha um ataque de ansiedade. Ele olhou para a tela enquanto as notificações chegavam, tão depressa que seus olhos não conseguiam acompanhar.

Depois de um momento de silêncio pasmo, ele disse, devagar: "Acho que meu celular está tendo um ataque de pânico".

Jamal gargalhou, o que não ajudava em nada.

"Lucas!", Zaf disparou. "Vem aqui."

O adolescente franziu a testa, deixou a bicicleta cair no chão e se afastou dos amigos. "Que foi?"

"Meu celular quebrou."

"Não quebrou, Zaf", Jamal disse. "As pessoas só... começaram a te seguir, fizeram comentários nas suas publicações, ou..." Ele parou de falar e deu de ombros. "Coisa do tipo."

"Por quê?"

"*Céus*." Lucas suspirou e pegou o celular de Zaf. "Põe o dedo nesse botão aqui."

"Quê? Ah, tá." Zaf destravou o aparelho e ficou vendo como os dedos de Lucas eram rápidos. Ele se perguntou se a geração mais nova teria os dedos mais fortes da história da humanidade. Talvez dali em diante todos nascessem assim, como uma evolução.

Com mais alguns toques, as notificações desenfreadas pararam.

Zaf soltou o ar. "O que você fez?"

"Tirei as notificações."

Zaf olhou para Jamal e perguntou, apenas movimentando os lábios: *Quê?*

Jamal franziu o nariz. *Sei lá.*

"Agora vamos ver o que está rolando", Lucas murmurou. Mais alguns toques na tela e então seu rosto pareceu congelar de surpresa por um momento. Em um segundo, a surpresa se transformou em um sorriso constrangido que deixou Zaf, que entendia adolescentes muito melhor do que gostaria, nervoso.

Muito nervoso.

"O que foi?", ele perguntou. "O que aconteceu?"

Lucas ergueu a cabeça, e seus olhos azuis dançavam de uma maneira que não tranquilizava Zaf nem um pouco. "@FatimaAnsari te marcou numa publicação."

"Fatima está sempre me marcando nas coisas." Zaf franziu a testa e estendeu a mão para pegar o celular. "O que foi agora?"

Mas Lucas se esquivou e disse, alto: "Zaf. Você não contou pra gente que estava namorando!".

Os poucos meninos que ainda não haviam ido embora deixaram as bicicletas de lado e ergueram a cabeça como predadores sentindo o sangue no ar. Um segundo depois, rodeavam Lucas como piranhas.

"Do que você está falando?", Zaf perguntou.

Os meninos se acotovelavam para ver o telefone, murmurando coisas como "Me dá aqui" e "Opa. Quem é *essa?*".

"Olha, olha, olha." Lucas apontou animadamente para a tela e disse: "*Dra. Rugbaby!*".

Eles rolaram de rir.

Zaf tentou pegar o celular, mas os meninos desviaram dele, coordenados como abelhas. Foi Jamal quem finalmente conseguiu pegar o aparelho. Mas quando ele viu a tela, começou a rir também.

"*O que foi?*", Zaf rosnou. "Devolve aqui, ou acabo com vocês."

“Calma aí”, Lucas disse. “Acho que sua namorada não ia gostar disso. Já que ela é doutora e tudo o mais.”

“Do que é que você está falando?”

“Cara...” Jamal balançou a cabeça, a risada diminuindo enquanto ele devolveu o celular para Zaf. “Só... se controla, tá? E não mata a Fatima.”

Zaf pegou o aparelho com a testa franzida... e olhou para o vídeo em que aparecia carregando Danika Brown para fora do prédio da universidade, como se ela fosse uma princesa de contos de fadas e ele um devoto cavaleiro. *Putá merda. Putá merda.* O constrangimento ganhou vida como um incêndio na floresta, esquentando a cada segundo do vídeo que se passava. Dani sorria para a câmera maliciosamente, e Zaf a encarava com um olhar sonhador, como se ela fosse o próprio sol. *Merda. Merda, merda, merda.* Ninguém olhava assim para um amigo. Se ela visse o vídeo...

Se Dani visse o vídeo, provavelmente pensaria que ele era obcecado por ela, estava apaixonado por ela, ou era do tipo que se fazia de “bonzinho” e fingia ser amigo de uma mulher quando na verdade só queria dormir com ela. Os dois precisariam ter uma conversa dolorosamente desconfortável, em que Dani explicaria que não estava interessada nele, que o café e os flertes engraçadinhos eram coisa de amigos e não passavam de brincadeira, e que ela achava que ele sabia daquilo. Seria bastante irritante porque ele sabia mesmo. Claro que sabia.

Então por que olhou para ela desse jeito?

“Me corrija se eu estiver errado”, Jamal disse, soando estranhamente animado — feliz para caralho, na verdade, “mas

imagino que essa seja a mulher de quem você fala o tempo todo. Aquela que te leva café, né?”

“*Café!*”, os meninos repetiram, como se Jamal tivesse dito: *Aquela que te dá uma chupada toda manhã.* Normalmente, Zaf teria mandado eles à merda, mas não passavam de crianças empolgadas, e ele próprio estava ocupado demais tentando não morrer de vergonha.

“Eu não *falo dela* o tempo todo”, ele murmurou, sombriamente. O que aquilo queria dizer? E como se deletava um vídeo que outra pessoa havia postado no Instagram? Enquanto Zaf tentava descobrir, seus olhos passaram pelo número de visualizações e comentários — seu coração pesou como um pedaço de chumbo. A sensação não foi muito boa.

Tudo aquilo de visualizações? Tinha até uma hashtag — uma hashtag ridícula — e o *nome* dele. Que fã maluco de rúgbi o tinha reconhecido de barba, sete anos mais velho, em um vídeo aleatório da internet? Zaf não sabia, mas o mero fato de que aquilo tinha acontecido fazia seu coração disparar. E como no momento seu coração estava se revirando no estômago, a sensação era ainda mais desconfortável que o normal.

As garras de uma ansiedade antiga se fecharam em sua pele, mas ele fechou os olhos por um segundo e se livrou delas, uma por uma. *É só o Instagram. São muitas visualizações, é verdade, mas o Instagram não é a vida real e definitivamente não é a imprensa. Mesmo que fosse, você pode lidar com isso. Tem as ferramentas necessárias.*

Isso. Claro. Ele tinha. Quando abriu os olhos, já estava se sentindo melhor. Então algo lhe ocorreu. “Espera aí... Fatima me marcou

nisso?”

Jamal estendeu as duas mãos, como se tentasse acalmar um touro. “Tenho certeza de que ela teve um bom motivo. Fatima é uma menina esperta.”

Só que o único perfil que Zaf tinha no Instagram era o da Enfrente — que, de acordo com as notificações, agora tinha mais curtidas e comentários do que o aplicativo era capaz de registrar. Ele cerrou os dentes, abriu o vídeo de novo e leu o que Fatima havia escrito ao publicá-lo.

FATIMAANSARI: Olha só, @Enfrente. Você está famoso, tio Zaf!

1h — 98 curtidas — Responder

“Zaf”, Jamal disse. “Não...”

“Tenho que ir. Preciso jogar o celular da minha sobrinha na privada.”

“Teve um bom dia no trabalho hoje, *puttar?*”*

“Não”, Zaf respondeu, tirando os sapatos e seguindo a passos largos para a sala. “Cadê a Fatima?”

A mãe e a cunhada dele estavam sentadas no sofá fofo e velho que tinham desde que Zaf era pequeno. O corpo minúsculo e redondo da mãe tinha sido engolido pelo tecido em que estava trabalhando. Sua concentração já estava dividida entre fazer uma bainha com pura memória muscular e assistir a um episódio de *Come Dine With Me*, então ela não estranhou o tom de Zaf. “Fatima?”, a mulher murmurou. “Está por aí, eu acho. Tem samosa na cozinha.”

“Não quero samosa.” Zaf franziu a testa, então se controlou. “Agora. Pego já, já. Obrigado, *ami*.** Mas...”

Ele foi interrompido pela risada da mãe. Ela assentiu alegremente para a televisão, onde uma mulher branca com penas no cabelo mexia uma panela de *dopiaza* com cor de vômito. “Minha nossa, está com uma cara horrível. Os convidados vão reclamar.”

“Fatima está aqui ou não?”

“Eles só reclamam”, disse a cunhada de Zaf, Kiran. Ela franzia a testa para sua própria costura, ignorando Zaf alegremente. Kiran era mais alta que a mãe dele, e andava mais pálida e mais magra do que costumava ser. Rugas tinham surgido em seu rosto antes do tempo. Mas Zaf sabia exatamente o que seu irmão diria se visse a esposa agora.

Aqui está ela, a mulher que faz a lua sentir vergonha de si mesma.

Era estranho ficar tão sentimental em relação a Zain e Kiran enquanto planejava matar a única filha deles? Talvez. Só para deixar tudo às claras, Zaf disse: “Vou matar sua filha”.

Kiran mal tirou os olhos da costura. “Por quê? Ela andou roubando seus romances também?”

“Romances?” A mãe finalmente estava prestando atenção, e olhou feio para os dois por trás dos óculos enormes e cor de creme. Aparentemente, eram Gok Wan. Aparentemente, muito chiques. Zaf não disse nada. “Vocês dois são péssimas influências. Romances, por favor...”

“Faz bem pra ela, *ami*”, Kiran disse. “Ela precisa ver...”

“Eu *não* vim aqui pra falar sobre isso”, Zaf grunhiu. Então ergueu a voz e gritou: “Fofucha! Venha já aqui.”

A mãe fez um tsc-tsc de reprovação e voltou a se concentrar na TV, onde um homem careca com uma expressão sombria reclamava do prato: “Simplesmente horrível. Eu não daria isso nem para um cachorro, sinceramente. Tenho certeza de que ela fez o melhor que pôde, mas, para mim, a nota é dois”.

Alguns minutos depois, a porta da sala se abriu e Fatima entrou, com um sorriso radiante no rosto. “*Chacha!* Você viu?”

A alegria dela desarmou Zaf um pouco. Fatima era uma menina inteligente — uma menina *muito* inteligente, como seu pai havia sido. Então como não percebia que havia feito algo terrível e que estava muito encrencada?

“O vídeo? Sim, eu vi. No que você estava pensando?”

“Eu estava *pensando* que visualizações dão dinheiro”, ela disse, paciente, “e a Enfrente precisa de dinheiro. Essa é sua carranca de sempre ou você está bravo? Não sei dizer.”

“Ele está bravo”, Kiran disse, do sofá. “Quando ele parece estar com prisão de ventre...”

“Que *porra* é essa?”, Zaf disparou.

“Olha a língua!”, a mãe o repreendeu.

“... é porque está bravo. Zaf, meu bem, o que é que está te chateando agora?”

“Eu te digo o quê: *sua* filha”, Zaf disse, porque ele tinha oficialmente renegado sua sobrinha. “Ela publicou um vídeo constrangedor no Instagram e me identificou publicamente como o fundador da Enfrente.”

“Que bom.” Kiran abriu um sorriso doce, porque era uma mulher má que se divertia com o sofrimento alheio. “Agora as pessoas vão

dar atenção à Enfrente e você finalmente vai tirá-la do papel. Minha filha é muito esperta.”

Zaf ficou boquiaberto. Sua raiva mais do que justificada murchou. *Por que* ninguém estava furioso que nem ele? Qual era o problema daquelas pessoas? “Isso... ela não devia... você está parecendo o Jamal!”

Seria imaginação de Zaf ou as bochechas da cunhada coraram ligeiramente? Antes que ele pudesse decidir, ela voltou a falar: “Fatima está certa: visualizações dão dinheiro, e publicidade é oportunidade. Você ainda é, teoricamente, jovem. Deveria saber disso.” A própria Kiran era uma espécie de modelo do Instagram, com o detalhe de que fazia suas próprias roupas, inclusive bordando seus hijabs. Seu perfil era uma bela propaganda da loja de roupa que Kiran e a sogra tinham, então Zaf concluiu que ela sabia do que estava falando. Ele estava mesmo planejando colocar seu nome no site da Enfrente. Em algum momento. Assim que tivesse pensado a respeito por tempo o bastante para vencer a ansiedade.

Mas aquele vídeo... “É coisa demais”, ele disse, com a voz rouca e áspera. “É gente demais. Nem toda atenção é boa, Kiran, você *sabe bem* disso.” Quando o pai de Zaf e Zain tinham morrido, o noticiário andava... parado ou coisa do tipo. Zaf já se destacava mais do que o normal, sendo um dos poucos muçulmanos profissionais, praticantes ou não. Os jornalistas tinham sido atraídos pela história “trágica” como moscas atrás de merda, e seu mundo todo tinha se despedaçado sob o microscópio de outra pessoa. Por isso, não, atenção nem sempre é boa. Ele havia aprendido aquilo quando a imprensa transformara a infelicidade de sua família em uma manchete da seção de esportes.

Kiran ergueu o rosto, um lampejo de pena em seus olhos. A satisfação e a provocação deixaram sua voz no mesmo instante. “As coisas são diferentes agora, Zafir.”

Eram mesmo. O que não significava que ele queria completos desconhecidos perguntando a ele o que tinha mudado. Os olhos de Zaf foram para a parede cheia de fotos da família, dominada por imagens antigas que incluíam o pai e Zain Bhai, congelados para sempre no tempo. O fantasma do luto se contraiu dentro dele. A dor era particular. Algumas coisas não foram feitas para o público geral. Havia limites.

Sempre havia limites na vida. Entre o bom e o ruim. Bastava identificá-los e ficar do lado certo. *Se manter na linha.*

“Fiz isso para te ajudar”, Fatima disse, “porque, quando se trata de redes sociais, você é um analfabeto. Isso é enorme, *chacha*. A hashtag está no Twitter e tudo. Eu *sabia* que você não ia se aproveitar do fato de ter viralizado.”

Se ser um analfabeto em redes sociais significava não dizer coisas como “viralizado”, Zaf não se importava nem um pouco com aquilo.

“E o vídeo não tem nada a ver com meu pai e *dadaji*”***, Fatima continuou, com um olhar desconfortavelmente cortante. “Ninguém está falando deles. Só estão falando da sua história super-romântica de opostos que se atraem.”

A afirmação de Fatima diminuiu um pouco a preocupação de Zaf, porque, até onde ele sabia dizer — e ele tinha lido os comentários de maneira obsessiva no caminho para casa —, era verdade. Hum.

“Isso associa seu nome a algo *positivo*. Quanto mais as pessoas pensarem na hashtag DraRugbaby, menos vão se lembrar... do que aconteceu antes”, Fatima insistiu.

“Doutora o quê?”, a mãe dele interrompeu. “E que história de amor é essa? Zafir?”

“Não é uma história de amor”, Zaf respondeu. “Uma amiga ficou presa dentro do elevador.”

“E você *teve* que carregar essa amiga para fora do prédio nos seus braços fortes”, Fatima zombou.

“Acho que eu gostaria de ver esse vídeo tão famoso”, Kiran disse, com um sorriso lento e perigoso.

Zaf olhou feio para a sobrinha. “Me arrependo de todas as vezes que te alimentei quando você era bebê. Devia ter deixado você morrer de fome.”

“Não precisa ter vergonha da sua namorada. A julgar pelo número de seguidores da Enfrente, ela está te rendendo muita publicidade.”

Aquilo era... uma maneira interessante de encarar a coisa, mas deixava de fora um detalhe crucial. “Ótimo, só que *ela não é minha namorada.*”

“Bom, talvez devesse ser. Gosto da Dani. Ela é inteligente, divertida e uma boa professora.”

A mãe dele fez um barulhinho que sugeria que estava prestes a ter um ataque do coração, de tanto orgulho e empolgação. “Zafir vai se casar com uma *professora? E universitária?*”

Kiran, por outro lado, estreitou os olhos, desconfiada. “Espera aí. É aquela mulher de quem você fala o tempo todo, com o cabelo, os livros e não sei o quê?”

Entãããõ aquela era sua deixa para ir embora. Zaf apontou para Fatima e disse, de forma ameaçadora: “Ainda temos assuntos pendentes”.

Ela riu. Os jovens não tinham mais um medo saudável dos mais velhos.

“Zaf”, Kiran disse, “você não pode me ignorar pra sempre. Não costuma aguentar nem uma hora.”

“Fatima!”, a mãe dele estava quase gritando. “Me mostra o vídeo!”

“Então tá”, Zaf disse, bem alto. “Amo vocês, tenho que ir.”

“Espera! Zafir! Onde você vai?”

Ele já estava na porta da frente. *Talvez* tivesse corrido até lá. “Tchau!”

Foi só quando estava no meio do caminho até sua casa que Zaf se deu conta de que havia fracassado em sua missão de matar a sobrinha, ou mesmo de gritar apropriadamente com ela. Só que, toda vez que pensava a respeito, via o rostinho feliz de Fatima e a ouvia explicar calmamente que na verdade havia feito um favor a ele, e, com isso, Zaf se sentia mal por ter lhe dado uma bronca.

O que não significava que ela estivesse certa. Óbvio.

Zaf caminhava pelo lugar onde havia crescido, o bairro de classe operária que sua família se recusava a deixar, ocupado por paquistaneses como eles e outras pessoas do sul da Ásia, do oeste da África e da Jamaica. A região central em que ele próprio morava era menos diversa e muito menos familiar, mas o lado bom era que não precisava ser simpático com os vizinhos. Ou fazer contato visual com eles. Sempre havia perdas e ganhos.

Conforme caminhava pelas ruas do centro, passando pelas placas luminosas e pelas vitrines dos fast foods de frango frito e botecos, ele murmurou: “Isso não é bom. Isso não é *nada* bom. O que será que Dani vai dizer?”. Ele não fazia ideia, mas não achava que as mulheres gostavam de se tornar uma sensação das redes sociais

sem consentimento. Aquilo poderia atrapalhá-la no trabalho, ou algo do tipo. E Zaf a conhecia bem o bastante para saber que, se isso acontecesse, Dani entraria em seu apartamento escondida enquanto ele dormia e cortaria sua garganta.

Mas quando chegou em casa e verificou o celular de novo, Zaf continuava... pensativo. Fatima *estava* certa quanto à explosão do seu número de seguidores. Cada uma de suas fotos tinha mais comentários e curtidas do que nunca, e mais pessoas interagiam com o conteúdo e faziam perguntas sobre a Enfrente. Alguns usavam #DraRugbaby ou escreviam É O ZAFIR ANSARI MESMO?, o que quebrava a magia — mas ninguém, ele notou, tinha tocado no assunto de seu “passado trágico”. Costumavam usar aquele termo para se referir a ele o tempo todo. *Trágico*.

Zaf afastou aquele pensamento, assim como o surto de raiva guardada e dolorosa que veio junto, e abriu o Twitter. Ele buscou pela hashtag ridícula. Respirou fundo, jogou as pernas no sofá e começou a ler.

@BEYONCESBANGS: #DraRugbaby  a gente sabe qd é de verdade.

 694  4k  63 

@SLYHERINBIH: Hummm todo mundo na facul sabe da #DraRugbaby kkkk eles praticamente transam na mesa toda manhã no Echo

 86  683  2k 

@holly_cooke: Isso significa que agora as nerds têm uma chance com jogadores profissionais? #DraRugbaby

 24  1k  430 

@POPPYANNACOOKE: Rá! Só se elas parecerem com ESSA nerd aí.

 509  287  1k 

Ele continuou vendo os tuítes até sua vista embaçar, e não identificou nenhuma menção a seu irmão e seu pai, nenhuma menção a morte e dor. As palavras de Fatima voltaram a sua mente, enquanto algo esperançoso, ousado e um pouco ridículo se remexia em seu peito. Zaf deu uma olhada nos directs e franziu a testa ao ver o influxo de mensagens de desconhecidos. Em meio ao caos, ele localizou uma do *Nottingham Post*.

Zaf encarou a tela. Piscou com força. Continuou olhando. Notou que ao lado do nome do perfil havia aquele sinalzinho que indicava que era verificado. Zaf lutou contra a ansiedade antes de pular do sofá e começar a andar de um lado para o outro.

“Lê”, disse a si mesmo. “Só lê. Se for alguma merda, é só deletar e bloquear. É uma rede social. Você tem controle sobre suas redes sociais.”

Bem, é possível ter controle até você ser filmado babando por uma colega de trabalho, o vídeo ser postado e viralizar. Mas ainda assim. Zaf tinha controle sobre *aquilo*. Então se sentou e abriu a mensagem. Os nervos à flor da pele de sempre deram espaço a uma espécie de choque positivo e efervescente. Não havia nenhuma pergunta invasiva sobre qualquer época ruim de sua vida ou dificuldade pessoais — só perguntas invasivas sobre seu relacionamento inexistente com Dani.

Oi, Zafir.

Tudo bem com você? Nossa equipe está planejando cobrir o vídeo #DraRugbaby, que é muito fofo, e queríamos saber se você e sua namorada gostariam de contribuir com alguma coisa antes de fecharmos o texto. Querem fazer algum comentário

sobre o vídeo? Também queremos mencionar as coisas maravilhosas que você vem fazendo com a Enfrente.

Putá merda. Eles queriam mencionar a Enfrente? Talvez Fatima estivesse certa. Zaf começou a digitar uma resposta, mas depois deletou tudo.

Você e sua namorada. Era o que a mensagem dizia. Eles achavam que Dani era namorada dele. Se Zaf respondesse, precisaria corrigir aquilo. Mas se corrigisse, por que eles escreveriam sobre a porcaria daquela hashtag? Por que escreveriam sobre a Enfrente? E como ele faria o que Fatima havia dito... alterando o evento que as pessoas associavam a ele?

Zaf não sabia. Mas a sensação esperançosa em seu peito tinha se transformado em um rugido, e a ideia impossível que começava a se formar em sua cabeça era tão absurda que o deixava tonto. Ele não conseguiu digitar as palavras: *Ela não é minha namorada.* Não foi capaz. Em meio ao emaranhado de pensamentos febris e culpados, um deles se destacava, alto e claro: ele precisava falar com Dani.

Mas, antes, era melhor descobrir o que pretendia dizer.

* "Filho", em punjabi.

** "Mãe", em punjabi.

*** "Avô paterno", em punjabi.

“Não trouxe o guarda-chuva?”, SORCHA a repreendeu enquanto abria o dela. “Cabeça de vento.”

“Estava sol hoje de manhã”, Dani respondeu. “Você não pode me culpar por esse tempo que não se decide.” Ela também estava um pouco distraída desde que, hum, tinha “viralizado” na segunda-feira. Já era quarta, e Dani ainda estava em uma fuga dissociativa, estado que não a ajudava a se lembrar do guarda-chuva.

Claro que ela não tinha se esquecido de passar rímel. Aparentemente, nunca se sabia quando filmariam você e divulgariam na internet sem a sua permissão.

“Estamos em março, amiga. O que achou que ia acontecer?” SORCHA revirou os olhos e posicionou o guarda-chuva acima das duas, embora um pouco mais para o lado dela. Que vaca. “Se meu cabelo arrepiar, vou matar alguém. Provavelmente você.”

“Essa ameaça funcionaria melhor se de vez em quando você tentasse fazer o que disse”, Dani murmurou, embora sua atenção já tivesse passado da chuva fraca e congelante para o prédio gigantesco à frente. SORCHA era escritora, e tendia a ficar... *à flor da pele* sempre que entregava um manuscrito. Por isso, Dani tinha feito um intervalo na preparação para o simpósio com o objetivo de levá-la para comer um cupcake de emergência no centro. Agora as duas

estavam voltando ao campus, o que significava que tinham que passar pelo Echo.

E o Echo, claro, significava Zaf.

Na manhã anterior, enquanto estava na fila para pegar o café dele e o chá verde dela, Dani havia bolado um bom plano: primeiro, perguntaria a Zaf quando exatamente ele estava pensando em contar aquela história de “jogador de rúgbi profissional”. Depois, os dois ririam juntos do frenesi bobo das redes sociais e dos caprichos da natureza humana. Por último, de alguma forma ela conseguiria fazer uma transição suave daquele momento de vínculo para o fato de que aparentemente estavam destinados a trepar.

Mas Zaf estragara tudo mal falando com ela. Dani entrara no prédio e deparara com ele surtado, exigindo que os alunos fizessem fila para apresentar o crachá um a um, em vez da política mais informal adotada por, hum, *todos os seguranças na história do campus*. Quando Dani tentara se aproximar (para conversar sobre vídeos ridículos, vaginas solitárias e afins), ele pegara o café, praticamente atirando uma barra de proteína nela e feito questão de parecer muito ocupado. Horas depois, quando ela descera da aula, era George quem estava na entrada. Aparentemente, Zaf tinha *acabado* de ir ao banheiro.

Aquele palhaço a estava evitando, e ela não sabia o motivo.

Dani não dava aula às quartas-feiras, então provavelmente poderia dar uma passada no prédio e pegá-lo de surpresa, mas aquilo parecia ridículo. Não queria que Zaf percebesse que sua distância repentina a incomodava. Ou melhor, não queria que ele *pensasse* que estava incomodada. Porque não estava.

Sorcha devia ter acompanhado o olhar de Dani, porque ronronou: “Está planejando visitar o namorado, é?”.

“Para”, Dani resmungou. A palavra *namorado* fazia seu estômago congelar como uma gazela diante do perigo. “Posso estar sendo paranoica, mas eu juro que os alunos ficam apontando o celular para mim.”

“Ah, com certeza”, Sorcha disse, parecendo vergonhosamente despreocupada. “Quem poderia imaginar que Zaf era famoso?”

“Ele não é famoso de verdade.” As palavras saíram automaticamente, mas Dani não tinha certeza se eram verdadeiras. Ele com certeza não era uma celebridade de primeira, e talvez não fosse nem de terceira, mas, a julgar pelos comentários que Eve havia lido na noite anterior, tinha sido razoavelmente conhecido. O que não preocupava Dani — afinal, sua avó Gigi havia sido uma lenda da música nos anos 1960 e ainda era um clássico símbolo sexual. Mas Dani sempre soubera disso a respeito dela, enquanto começava a desconfiar que talvez não soubesse nada sobre Zaf.

Ela percebeu que estava sendo dramática demais, e afastou o pensamento no mesmo instante. Zaf era um colega do trabalho, não seu confidente de longa data. Ele não era obrigado a lhe contar tudo à mesa da entrada. Não devia satisfações a ela.

Mas ainda assim... “Você sabia”, Dani começou a dizer, aparentemente sem conseguir se segurar, “que ele tem uma ONG ou algo do tipo?”

“Ah, é?”

“Eve me mostrou o perfil ontem à noite. Quer dizer, supostamente é dele. A ONG usa rúgbi para ensinar meninos a lidar com as

emoções. O site era todo: *blá-blá-blá, masculinidade tóxica*. Essas coisas.”

“Hum...”, Sorcha disse, maliciosa. “Interessante. E falando no diabo...”

Dani sabia exatamente quem Sorcha tinha visto antes mesmo de virar a cabeça.

Logo depois da entrada do estacionamento subterrâneo do Echo, via-se uma figura inconfundível e imponente, usando uniforme de segurança. Zaf comia o que parecia ser um sanduíche do restaurante do grêmio, o cabelo caindo nos olhos como um mar negro. Era claramente ele. Ninguém mais tinha aquelas coxas grossas e musculosas, que deixavam a calça do uniforme a ponto de rasgar, ou aquele tronco, que mesmo por baixo da jaqueta azul-marinho parecia sólido como o de arremessadores de peso de nível olímpico ou do Hulk. Ninguém mais, Dani poderia muito bem admitir, fazia o fluxo incessante de pensamentos e ideias na cabeça dela parar por um momento.

Ser tão naturalmente sexy quanto Zafir Ansari deveria ser ilegal, ou pelo menos regulamentado. Ele deveria representar perigo público.

“É melhor eu falar com ele”, Dani disse, distraída, porque era verdade. Eles tinham muito a discutir, como sua fama repentina e por que ele vinha agindo tão estranho. Não que ela se importasse, claro.

“Falar com ele? Sobre seus sentimentos? Na *chuva*? Que romântico.”

“Ninguém falou nada sobre sentimentos”, Dani resmungou. “Te encontro na biblioteca.”

Sorcha piscou várias vezes. “A não ser que você se perca nos olhos de Zaf e não consiga chegar.”

“*Hilário.*” Dani apertou o cardigã em volta do corpo — por que ela não tinha pegado um casaco de verdade naquela manhã? — e abandonou a proteção do guarda-chuva.

Tudo parecia silencioso e fresco na entrada de concreto do estacionamento. O som da chuva diminuiu um pouco e o ar pareceu mais cortante. Quanto mais perto de Zaf chegava, mais notava suas olheiras e a tensão em seu maxilar. Ele estava com a mesma cara no dia anterior, ligeiramente assombrado enquanto evitava o olhar dela e resmungava com os pobres e inocentes alunos. De repente, ocorreu a Dani que, se ele nunca havia mencionado seu passado, talvez fosse porque não queria que as pessoas *soubessem*. Mas agora parecia que todo mundo sabia.

Ela estava ocupada franzindo a testa para a pontada que aquele pensamento provocara em seu peito quando Zaf finalmente a notou. Ele tirou um dos fones de ouvido e disse, com ar de derrota: “Danika”.

“Desculpa. Estraguei seus planos de me evitar?”

Ele fez uma careta e coçou a barba. O mundo inteiro pareceu prender a respiração. Aquilo podia parecer ridículo e impossível, mas foi a sensação que teve. Por fim, Zaf suspirou e disse: “Na verdade, sim. Mas eu não estava curtindo muito, então fico feliz que esteja aqui”.

Tudo e todos exalaram.

“É claro que minha presença te deixa feliz”, ela disse. “A verdadeira pergunta é: por que estava me evitando?”

“A versão mais curta”, ele respondeu, “é que eu estava, bom, pensando.”

“Parece um trabalho pesado.”

“Bem, nem todos temos tanta experiência nisso quanto você.” Antes que ela pudesse pensar numa resposta, Zaf mudou de assunto, e uma leve ruga se formou entre as sobrancelhas dele. “Por que não está de casaco?”

Ah, de novo, não. “Estava fazendo sol hoje de manhã”, Dani disse pela segunda vez em dez minutos, parecendo na defensiva a seus próprios ouvidos.

Zaf balançou a cabeça, desceu o zíper da jaqueta e passou o sanduíche de uma das mãos para a outra para poder tirá-la. “Alguém precisa ficar de olho em você.”

“Se continuar dizendo isso, vou concluir que você é misógino.”

“É isso que você pensa?” Ele pôs a jaqueta sobre os ombros de Dani, depois apertou de leve seu braço. Seus olhos encontraram os dela, não desafiadores, mas com um carinho aberto e pacífico. Como se ele estivesse mesmo esperando uma resposta.

“Bem, não. Eu estava brincando.”

“Ah. Que bom.” Zaf deu um sorrisinho, e eles ficaram assim por um longo momento, próximos e ligados nas sombras. Dani pensou ter sentido um leve puxão no peito, como se houvesse uma fita amarrada a seu esterno, conectada à solene curvatura da boca de Zaf.

Então ele a soltou, deu um passo para trás e mordeu o sanduíche, e o momento passou. O que era bom, porque ela não tinha ideia do que havia acabado de acontecer e preferiria esquecer aquilo.

Com esse fim, Dani pigarreou e avaliou com os olhos a jaqueta emprestada. “Hum. Nada mal. É quase preta.”

“Pois é. Cem por cento náilon. Puro luxo.”

Ela riu, mas o som saiu ligeiramente ofegante. A culpa era de Zaf: agora que ele havia tirado a jaqueta para ela, havia mais de seu corpo à mostra. Seu peitoral deixando o tecido da camisa esticado, os músculos tensos de seu antebraço expostos — tudo estava delirantemente visível. Os pelos de seus braços eram densos, pretos e sedosos. Seus pulsos eram ridiculamente grossos. Suas mãos eram grandes e seus dedos eram compridos, e Zaf os estava usando para desconectar o fone do celular.

“Ouvindo pornô de novo?”, ela perguntou, deixando todos os pensamentos safados de lado com firmeza. Primeiro precisava bater papo, *depois* fazer propostas sexuais — a regra era clara. Muito embora imaginasse que discutir pornô talvez não respeitasse muito esses limites. Mas enfim...

As bochechas de Zaf ficaram um tom mais escuras. “Nunca ouvi pornô. Eu estava ouvindo um romance.”

Hum... oi?

“Desculpa”, ela conseguiu dizer depois de um tempo. “Você disse que estava ouvindo um romance?”

Ele grunhiu. “Bem. Costumo ouvir no carro. E ler em casa.”

Em uma demonstração chocante de inteligência, Dani só repetiu: “Romances. Tipo, de verdade. Livros. Românticos”.

Zaf lançou a ela um olhar cortante que fez um arrepio de prazer percorrer sua espinha, porque, aparentemente, ela o achava lindo mesmo quando estava irritado. Talvez ainda mais que o normal, na verdade. “E?” O tom de voz dele desafiava Dani a se explicar.

“Ah, por favor”, ela disse, enquanto sua surpresa se transformava em curiosidade. “O que acha que vou fazer? Questionar sua masculinidade e te dizer que romance é coisa de menina?”

Depois de um momento, ele admitiu, a contragosto: “Não”.

“Então por que o olhar assassino?”

Com toda a seriedade, Zaf disse a ela: “Minha cara é assim. Sempre tenho essa expressão assassina no rosto”.

Quando ela deu uma gargalhada, a carranca dele se desfez, substituída por um sorrisinho. Em geral, Zaf era bonito de um jeito distante, angustiado, televisivo. Mas, quando sorria, um pouquinho que fosse... Então seus olhos bondosos brilhavam como tinta derramada à luz de velas, e ela se pegava querendo beijar a curva do nariz dele. De maneira puramente abstrata, é claro. Na verdade, Dani nunca faria nada tão sem sentido. Rostos tinham sido feitos para se sentar neles, e não para beijar.

Ou pelo menos aquela era a opinião dela. E agora, mais do que nunca, Dani se perguntava qual era a opinião de Zaf. “Por que você lê romances?”, ela perguntou, parecendo um pouco com uma sargento ou uma investigadora de polícia. Ops...

Zaf olhou para Dani como se ela tivesse perguntado se leite vinha dos peixes. “Pelo romance.”

“Pelo... romance.”

“É. Pessoas se apaixonando, falando de seus sentimentos e vivendo felizes para sempre.”

Agora ela havia entrado oficialmente no reino do *que porra é essa?* “Você *gosta* de ler sobre pessoas falando dos próprios sentimentos?”

“Gosto.”

“Vou reformular a pergunta”, ela disse. “*Por que* você gosta de ler sobre pessoas falando dos próprios sentimentos?”

“Se eu estivesse com um thriller, você me perguntaria por que eu leio sobre assassinos?”

“Claro que não. Você tem cara de assassino, não de alguém que fala sobre os próprios sentimentos.”

Agora foi a vez de Zaf dar risada, uma risada baixa e extremamente sexy. “Faz sentido.”

“É só que eu nunca desconfiaria que você fazia o tipo romântico”, foi o que Dani disse, mas o que ela realmente queria dizer era: *Ah, merda. Você é do tipo romântico.* Ela odiava questionar o veredicto de Oxum, principalmente depois de ter pedido ajuda — parecia um pouco ingrato, ligeiramente grosseiro e tal —, mas... *sério?* Um leitor de romances que era um fofo disfarçado e nem pensava duas vezes antes de emprestar sua jaqueta para quem esquecia o guarda-chuva? Aquele deveria ser seu pau amigo? Em geral, ela preferia o tipo nada sentimental e até desinteressado. “Então você é louco por um ‘felizes para sempre’, é?”, ela perguntou, brilhantemente.

Zaf passou uma das mãos pela barba, de repente parecendo pensativo. “Conheço a alternativa. Não é a história que quero para o resto da minha vida.”

As palavras pegaram Dani desprevenida, pesadas como pedra, solenes como água parada. Ela começou a sentir uma dor estranha debaixo da caixa torácica. “É?”

“Uhum.” Ele mudou o tom da conversa com um sorriso leve. “Afinal, quem não quer ser feliz para sempre?”

Ela o avaliou por um segundo, buscando outro sinal daquela tristeza séria e escondida. Mas não conseguiu encontrar, o que

significava que ele não pretendia compartilhá-la de novo — e Dani não ia insistir, já que ela mesma achava muito irritante quando a pressionavam.

Por isso, ela se forçou a sorrir e disse: “Gosto mais de finais felizes, na verdade”. Quando Zaf a encarou em silêncio, Dani acrescentou: “Eu estava brincando. Você sabe... Sobre orgasmos”.

“Eu sei”, ele disse, com um sorriso se insinuando nos cantos da boca. “Só achei que você precisava de um minuto para ver como era péssima.”

“Uau. *Nossa*. Alguém está bem atrevido hoje.”

“Acho que você provoca isso em mim”, ele disse, seco, e deu outra mordida no sanduíche. “Então...”

“O quê?”

“Não vamos, hum, falar do elefante na sala?”

Por um momento, Dani teve certeza de que Zaf se referia ao tesão incontrolável que ela sentia por ele. Talvez Zaf tivesse notado seus mamilos duros contra o sutiã, ou suas perguntas nada sutis quanto ao que ele achava de romances. Eve lia romances, e Dani havia aprendido que aquele gênero literário criava expectativas positivas no leitor. Talvez Zaf estivesse prestes a lhe informar com toda a delicadeza que, quando se tratava de suas relações interpessoais, tinha expectativas mais elevadas que sessões frequentes de trocas de comentários sarcásticos e acesso casual aos peitos incríveis de Dani. Não seria a primeira vez que ouviria aquilo.

Então Zaf ergueu as sobrancelhas e disse: “O vídeo?”. Dani se deu conta de que tinha seguido por um caminho totalmente diferente.

“Sim. *Sim*.” Ela assentiu como um daqueles bonecos com mola no lugar do pescoço e escondeu seus pensamentos estranhos debaixo

de sua cama mental. "O vídeo... e sua identidade quase secreta, não podemos nos esquecer disso."

Zaf riu. "*Identidade quase secreta?* Sério? É assim que vamos chamar?"

Dani preferiu ignorá-lo. "Sabe, talvez eu tivesse ouvido suas tagarelices envolvendo rúgbi com mais frequência se soubesse que seu interesse era profissional."

"Será?"

Ela refletiu por um momento. "Na verdade, não. Deixa pra lá."

A risada dele terminou rápido demais para o gosto dela. "Olha, sobre o vídeo... Eu só queria dizer que sinto muito. Acho que não precisava ter te carregado para fora daquele jeito."

Ele estava *pedindo desculpas*? Sério? "Zaf, você sabe que não é culpa sua se algumas pessoas não têm nada melhor a fazer além de filmar dois desconhecidos saindo de um prédio e teorizar a respeito deles, né?"

"Tá, mas não sei se esse tipo de coisa vai te atrapalhar no trabalho, e..."

"Não. Já falei com minha orientadora, e ela deixou bem claro que não está nem aí para o que chamou de 'fofocas da internet'. Aparentemente, a história toda é irrelevante para a vida dela e para o departamento de modo geral. Então não precisa se preocupar com isso."

"Ótimo", ele disse. "Ótimo." Mas Zaf não relaxou. Na verdade, ela podia quase sentir a tensão à flor da pele que o envolvia, inflando como um balão.

"Você não está gostando disso, né?", ela perguntou, porque de repente não conseguia se segurar.

Zaf hesitou. "Do quê?"

"Que outras pessoas estejam falando sobre você."

Ele a olhou nos olhos, um lampejo de surpresa na escuridão. "Não. Não gosto. Algumas coisas até tudo bem, mas outras extrapolam os limites, e as pessoas nunca sabem qual é o limite. Não ajuda o fato de que eu..." Ele se interrompeu, pressionando os lábios como se estivesse tentando segurar o restante da frase.

"O fato de que você...?" Ela queria saber porque sempre fora terrivelmente curiosa, e não porque a exaustão na voz dele a deixava tão preocupada que parecia que garras penetravam seu coração, ou algo do tipo. Ah, não. A menos que aquele fosse um sentimento comum entre colegas de trabalho; nesse caso, podia ser.

"De que tenho ansiedade", ele concluiu, com o maxilar tenso. "Gosto de pensar que tenho algum controle sobre a minha vida. Facilita as coisas. Mas nem sempre dá pra controlar o que os outros dizem."

"Não", ela falou, com suavidade. "Nem sempre. A única coisa que dá para controlar é o que você mesmo faz, e as coisas que *você* faz costumam ser..." *Fofas*. Mas aquilo era algo ridículo a se dizer. "Boas", Dani concluiu, de um jeito meio patético. "Você faz coisas boas. Então pelo menos você tem isso. Sei que não deve ajudar muito, quando se está... envolto em... pensamentos ansiosos... mas pelo menos tem isso."

Ele a observou com um sorriso lento e silencioso no rosto, os cantos dos olhos enrugando, o calor de sua expressão a atingindo como a luz do sol. "Então eu sou um homem bom?"

Ah, meu Deus. Minha nossa. Será que alguém de bom coração que estivesse passando por ali não poderia matá-la?

Então o olhar de Zaf se abrandou e ele disse: "Obrigado". Seu desejo intenso de morrer diminuiu, pelo menos um pouco.

Ainda assim, era hora de seguir em frente, antes que ela dissesse algo ainda mais ridículo. "Já que tocamos no assunto..."

"Mal posso esperar para ouvir em qual assunto nem um pouco relacionado com este você vai entrar agora", Zaf murmurou, porque era um cuzão.

"Por que não me conta sobre sua ONG?"

Foi assim que ela descobriu que havia um assunto que aquele homem rabugento e reservado ficava muito feliz em discutir demoradamente e sem qualquer sarcasmo. Zaf ficava radiante ao falar da Enfrente, como se uma chama queimasse dentro dele, uma chama que era alimentada por meninos falando sobre os próprios sentimentos no campo de rúgbi. Zaf explicou que se tratava de uma oficina semanal, e Dani se deu conta de que nunca o havia visto falar de algo com tanta paixão. Ele revelou que havia voltado a estudar para se qualificar em esportes e psicologia, e ela se deu conta de que nunca o havia visto tão focado. Ele murmurou: "Só que não é exatamente um projeto bem-sucedido. Ainda", e ela se deu conta de que seria capaz de matar para proteger a esperança, a ambição hesitante e a motivação tranquila e cuidadosa de Zaf.

"Ainda", Dani repetiu. "Mas em breve vai ser. Imagino que seu passado deva ajudar."

Ele a encarou na mesma hora. "Quê?"

"Todos os seus, hum, contatos no rúgbi e sei lá o que mais devem ajudar. Esse tipo de coisa deve ser um bom começo."

Ele pareceu tenso. "Não gosto da ideia de recorrer a isso. Tem coisas no meu passado que prefiro que fiquem por lá. Por isso

mantenho as coisas separadas.”

Entrar em assuntos que deixavam as pessoas caladas e tensas não era um dos passatempos preferidos de Dani. Com muita frequência, aquele tipo de conversa terminava com alguém que antes parecera bastante sensato chorando no ombro dela. Portanto, Dani não sabia explicar por que uma parte instintiva e traiçoeira dela queria encher Zaf de perguntas até que ele explicasse do que exatamente estava falando, e por que de repente suas olheiras se destacavam.

Por sorte, ele voltou a falar antes que aquela necessidade vencesse Dani. “Mas as coisas estão melhorando desde o vídeo.”

As sobrancelhas dela se ergueram. “Sério?”

“É. A Enfrente está recebendo muita atenção. Só que...” Ele olhou para Dani de um jeito que ela não conseguia decifrar, depois enfiou as mãos nos bolsos. A tensão em seus antebraços musculosos indicava que as mãos dele estavam cerradas em punho, ainda que fora de vista. A rigidez em seu maxilar confirmava que ele estava nervoso.

Mas nervoso por quê?

“Só que”, ele repetiu, “tudo isso é porque acham que nós estamos juntos. A hashtag, o lance do casal perfeito...” Zaf pareceu tão desconfortável ao dizer *casal perfeito* que Dani teve que se segurar para não rir.

“É meio bobo”, ela concordou, “mas, se está ajudando, então tudo bem. Não acha?”

Ele olhou para ela. “Então você não liga? Não te incomoda?”

“Não sei”, Dani falou, devagar, enquanto explorava os próprios sentimentos. Ela sabia que devia estar horrorizada, ou pelo menos

desconfortável, principalmente levando em conta o que ela achava de relacionamentos. Mas os dois não estavam juntos de verdade, de modo que a pressão sufocante que costumava acompanhar tudo relacionado a apego não existia. “Não”, ela disse, enfim. “Não me incomoda.”

Ele deu um passo na direção dela, depois outro, até que seu cheiro de café e frutas cítricas inundou o espaço de Dani. Ela teve que inclinar a cabeça para trás para olhar nos olhos de Zaf. Em geral, quando os dois conversavam, ele estava sentado atrás da mesa da entrada do prédio. Aquilo era... diferente. Ou talvez fosse o modo como ele a olhava, o calor urgente em seus olhos, que fazia tudo parecer diferente.

De qualquer maneira, era excitante. Dani ainda tinha algumas preocupações lógicas relacionadas a romances, doçura, expectativas e blá-blá-blá, mas, naquele momento, sua boceta lançava uma ideia intrigante: *E se confiássemos no universo, não pensássemos demais e aceitássemos a porra do sinal?*

“Então”, Zaf continuou falando, com sua voz grave que lembrava cigarro e uísque. “Tive uma ideia. É ridícula, mas é uma ideia, e... me ajudaria muito. Ajudaria muito a Enfrente.”

Ela chegou mais perto dele, como se estivesse hipnotizada. Uma ideia que ajudaria a *ONG* dele? Uma *ONG* focada em *crianças*? Ótimo. Maravilhoso. Fascinante. Quase tanto quanto ficar vendo a boca deliciosa dele se mover. “Manda.”

“E se...” Ele hesitou, mas depois continuou, depressa e com firmeza: “E se a gente deixasse as pessoas pensarem que estamos juntos?”

Assim que as palavras saíram de sua boca, Zaf se arrependeu. Era como se, fora de sua cabeça, à luz exterior, elas revelassem em detalhes excruciantes quão ridículo ele estava sendo. Ou talvez tenha sido a reação de Danika que o fez se encolher, o modo como ela o encarou em silêncio por um longo momento.

Merda.

“Deixa pra lá”, Zaf disse, ríspido. “Não sei por que disse isso. É claro que você não... quer dizer, não estamos... por isso seria... é só que...”, ele prosseguiu, desesperado, porque achava que precisava se explicar, “o *Post* me escreveu sobre a possibilidade de uma matéria leve e positiva e me perguntou sobre a *Enfrente*, mas acho que nem iam querer fazer se soubessem que não somos um casal, por isso...” Por isso ele tinha perdido toda a noção, aparentemente.

Dani continuou só olhando, com os dentes fincados no lábio inferior. Ela estava bem perto dele, mais perto do que os dois já haviam ficado. Zaf conseguia enxergar até a textura da boca macia e carnuda dela, podia traçar com os olhos o arco do cupido no lábio superior. Podia absorver a pele aveludada e a leve marca de uma cicatriz na ponte do nariz dela. Podia sentir o *cheiro* dela, de pele quente e frutas frescas, da fumaça doce de velas de aniversário recém-apagadas, um cheiro ao mesmo tempo delicioso e confuso.

Mas agora não era o melhor momento para se perder na delícia que era Danika. Ele precisava se concentrar em retirar a sugestão bizarra que havia feito.

“Foi uma ideia ruim”, ele disse. “Eu sei. Tenho lido romances demais. Ninguém finge que está em um relacionamento na vida real.”

“Fingir”, ela disse devagar, como se testasse a palavra em sua boca, examinando-a ao falar. “Imaginei que você estivesse propondo isso.”

Ele procurou sinais de divertimento, irritação ou *qualquer outra coisa* no tom dela, mas não encontrou. Estudou sua expressão e não viu nada além do ar reflexivo que lhe era familiar. Zaf gostava da maneira como ela refletia sobre as coisas, da maneira como as considerava sob todos os ângulos antes de expressar o que pensava. Só que, no momento, aquilo o estava matando. “É uma ideia ruim”, ele repetiu, tentando ignorar o coração batendo forte contra as costelas. “Mesmo que você quisesse, provavelmente não poderia fazer isso. Pode estar com alguém. Ou ser lésbica. Ou os dois. Provavelmente os dois. Nunca perguntei. Sei que você estava saindo com aquela professora...”

“Você sabe sobre Jo?” Pela primeira vez, Dani pareceu meio... diferente. Chateada, talvez.

“Não sei nada sobre nada.” *Claramente.* Zaf enfiou o resto do sanduíche na boca e ficou quieto. Em retrospectiva, percebeu que devia ter feito aquilo uns bons dez minutos antes.

Os lábios dela se curvaram e a tensão desapareceu de sua boca e de seus ombros. “Tá. Bem, primeiro, não sou lésbica.”

Ele engoliu. “Tá.”

“Sou bissexual.”

“Entendi.” Ele amassou a embalagem do sanduíche até que virasse uma bola e se lembrou de que o fato de Danika gostar de homens não significava necessariamente que ela gostava de seguranças com habilidades sociais equivalentes às da porra de uma parede de tijolos.

“E não, não estou saindo com ninguém”, ela prosseguiu. “Nunca me comprometo. Nunca mesmo.”

Ah, merda. Zaf não estava exatamente *louco* por um relacionamento — tinha que lidar com suas próprias merdas, e às vezes aquelas merdas pareciam infinitas. Mas ele valorizava o compromisso. Invejava casais mais velhos que continuavam juntos. Ainda se lembrava de como os pais se amavam, de como Kiran e o irmão se amavam, e queria o mesmo, apesar do risco da perda. Se compromisso não era para ela, então Zaf não era para ela.

Então vê se para de pensar na Dani assim.

Tá, tá. Mais fácil falar do que fazer. “Nunca?”, ele repetiu, tentando não parecer interessado demais naquilo. “Tipo... você não quer encontrar um cara, hã, uma pessoa legal e sossegar?”

“Não”, ela disse. De repente, parecia séria como nunca, e sombras obscureciam seus olhos.

“Você, hum...” Bem naquela hora, Zaf esqueceu o termo técnico de que precisava. “Você não... sente... essas coisas?”, ele conseguiu dizer, depois se perguntou por que caralhos estava indo ainda mais fundo em um assunto que era claramente pessoal. Como se já não tivesse se metido em furadas o bastante naquele dia.

Mas Dani não pareceu irritada pela pergunta — era o assunto que a incomodava. “Está me perguntando se sou aromântica? Infelizmente, não. É só que a ideia de casal não tem nada a ver comigo. Além do mais, sou ocupada demais pra namorar, acariciar egos, falar sobre meus sentimentos e conhecer pais.” A cada item que listava, sua repugnância parecia mais intensa. Zaf teria até rido se algo no tom de voz cuidadosamente desinteressado dela não fizesse um alarme disparar em sua cabeça.

“Tá”, ele disse, devagar. “Mas... você sabe que falar sobre seus sentimentos é importante, né? Independente do lance do romance.”

Ela arqueou uma sobrancelha. “Isso é da sua oficina? Vai me fazer lançar uma bola também?”

Zaf suspirou. “Vou fingir que você não acha que rúgbi é só *lançar uma bola*.” Também fingiria que o peso frio da decepção em sua barriga não tinha nada a ver com seus sentimentos em relação a Danika Brown. Aquilo tudo só o incomodava porque, se ela não tinha tempo para relacionamentos, tampouco teria para um relacionamento falso. Não tinha nada a ver com seu sorriso, com sua inteligência, ou com o fato de que sempre levava café para ele mesmo sendo tão ocupada, nem com nada do tipo, porque, *se tivesse*, Zaf poderia ter que admitir que sua atração por ela era um pouco mais do que atração.

Só que não era. Mais, no caso. Era definitivamente só atração.

“Tá”, ele disse, enfim. “Tá. Nada de relacionamento pra você. Quer saber? Podemos só esquecer...?”

“Nada de relacionamento pra mim”, ela o interrompeu, “o que significa que estou livre para ser sua namorada de mentira.”

Ainda bem que Zaf já tinha engolido o resto do sanduíche, caso contrário, agora teria engasgado com ele. “Hã... quê? Espera, é sério? Danika, você está brincando comigo? Porque...”

“*Sim.*” Ela revirou os olhos.

“Sim, você está brincando comigo?”

“Sim, estou falando sério. O plano é bom. Minha avó tinha relacionamentos de mentira o tempo todo, pela publicidade.”

Ele estava ouvindo coisas? “Sua avó *o quê?*”

Dani fez um gesto indicando que não importava. “Esquece. Se isso for ajudar a atrair o foco para, hum, a situação da Enfrente” — ela ofereceu um sorriso torto a ele — “vou considerar minha boa ação do trimestre.” Ela se virou ligeiramente para olhar para algo à direita deles. “Temos companhia, por sinal.”

Zaf precisou de um minuto para processar aquilo, porque a descrença atrapalhava seus pensamentos. “Quê?” Ele ergueu os olhos, notou um trio de meninas paradas a alguns metros de distância com o celular na mão e fez cara feia. “Putá merda. Vim comer aqui justamente porque as pessoas não paravam de me olhar, como se eu fosse uma girafa.”

“Você quer publicidade ou não?”, Dani perguntou, séria.

A resposta instintiva de Zaf era *não*. Mas ele se lembrou de que o tipo certo de publicidade podia ser muito útil, então era melhor aguentar. “Quero. Quero, sim.”

“Então melhora essa cara”, ela disse.

“Quê?” Zaf vinha repetindo muito aquilo. O que era bastante compreensível, ele pensou.

“Sou a mulher ideal na teoria, se não na prática”, Dani disse. “Ninguém vai acreditar que você tem a sorte de ser o dono do meu coração se ficar aí com essa cara feia, como se o mundo tivesse mijado no seu travesseiro.”

“O que é que isso quer di...?”

Antes que ele conseguisse terminar a pergunta, Dani diminuiu o espaço entre os dois, descendo as mãos por seus ombros e pressionando os seios — *puta merda* — contra o peitoral dele, tão macios, maduros e fartos que Zaf achou que ia desmaiar. Seu sangue correu para o pau tão depressa que ele ficou tonto. Por um

segundo, pontos pretos ocuparam sua vista. Aparentemente, os seios de Dani eram tão perigosos quanto um bloqueio ilegal no rúgbi.

Fazia sentido.

Naquele momento, tudo dentro de Zaf — incluindo o bloco frio de mármore de preocupação que vivia em suas estranhas — ficou totalmente imóvel e em silêncio, rápido pra caralho.

Um instante depois, seu corpo voltou à vida, cada parte dele mais quente e rígida que antes. Um desejo bruto e animalesco se acendeu em sua barriga, espalhando seus tentáculos ardentes por dentro de Zaf, até que a necessidade de tocá-la, de agarrá-la, de fazer *alguma coisa* o fizesse vibrar. Seus músculos ficaram tensos, seu corpo enrijeceu, seu sangue pulsou com força sob a pele. Então Dani pôs as mãos em seu rosto, e foi o fim dele. Ela olhou para Zaf com aqueles olhos, a porra daqueles olhos, e pareceu... pareceu um daqueles momentos em filmes apocalípticos em que a bomba nuclear explode. Quando forças invisíveis varrem a paisagem — *vush* —, destruindo tudo no caminho.

Que porra era aquela? Ele sabia que ela era linda, charmosa e hipnotizante. Sabia que estava meio que — tá, *totalmente* — a fim dela. Mas. Que porra. Era aquela?

Algo totalmente novo, era a resposta. Uma espécie alienígena de desejo. Devia matá-lo antes que o matasse ou esperar para ver o que aconteceria?

“Tenta parecer apaixonado”, Dani murmurou, parecendo achar graça. Talvez não soubesse que ele estava morrendo. É, tinha que ser aquilo. Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para ele, desafiadora. “Pode até me beijar, se quiser.”

Se quiser?

Nos seis meses em que conhecia Dani, Zaf tinha passado mais tempo do que era saudável se perguntando se ela poderia ter algum interesse nele. Agora Dani o olhava como se ele fosse uma sobremesa, passando a língua pelo lábio inferior, sugerindo que ele a beijasse. Porra, claro que ele *queria*. Mas...

Mas Dani só havia feito aquela sugestão porque tinha alguém vendo, e saber daquilo esfriou um pouco o desejo de Zaf.

Mas não o bastante para impedi-lo. Ela mordeu o lábio de novo e se mexeu, pressionando mais cada curva magnífica de seu corpo contra o dele. Naquele momento, Zaf soube que a única coisa que podia impedi-lo de beijá-la era a própria Dani. Adeus, autocontrole. A gente nem se conhecia tão bem assim.

“A menos que você não queira”, Dani murmurou um pouco depois, “o que também...”

“Eu quero”, Zaf disse, porque foda-se. Não ia nem deixar que ela terminasse a frase. E então, antes que pudesse mudar de ideia, Zaf fez a única coisa sensata possível e beijou Danika Brown com vontade.

@BASICJELLYBABY: #DraRugbaby pega no flagra! MEU CASAL!

💬 90 🔄 1k ❤️ 5k ↗

Todo mês, Dani e as irmãs recebiam dinheiro do fundo da família, e todo mês Dani doava noventa por cento do valor a diferentes causas. Considerando seu histórico de caridade, ter concordado com o plano do namoro de mentira fazia *total* sentido: ela estava fazendo aquilo pelas criancinhas, óbvio.

Teoricamente, aquilo implicava que também era por elas que ia beijar Zafir na frente de um grupo de espiãs universitárias, mas tinha outros motivos. Aquele contato físico parecia uma maneira sensata de determinar se Zaf poderia ser afastado de seus ideais românticos e atraído para a cama dela — temporariamente, claro. Até que Dani se cansasse dele. Ou até que Zaf conhecesse outra pessoa, alguém mais sério, alguém que não tivesse que trabalhar durante o aniversário dele, alguém que não respondesse à pergunta “Sabe que dia é hoje?” com “O aniversário da morte de Sylvia Plath”, em vez de “Nosso aniversário de namoro, meu amor”.

Hum. Por exemplo.

Então, sim: ela estava sendo muito prática em sua intenção de beijar Zaf. Até não estar mais.

Num minuto, ele a olhava com uma expressão ligeiramente maravilhada; no outro, seus olhos infinitos estavam semicerrados e uma mão enorme pegava sua nuca enquanto a outra pegava sua cintura. Foi mais ou menos nesse ponto que Dani se esqueceu da definição de "prática", e de como se escrevia a palavra, e de que língua era, inglês, francês ou talvez latim. Com um apertão leve e contido de Zaf, seus pensamentos foram direcionados para imagens de uma pele exposta e escorregadia de suor, para respirações ofegantes, para gemidos se misturando, para estocadas sincronizadas com as batidas de seu coração acelerado.

Então os lábios dele roçaram os dela, e tudo mudou.

Tão macios, tão doces, leves como asas de borboleta. Foi um beijo cauteloso, que mal aconteceu, mas que fez algo na barriga de Dani faiscar e efervescer, fez suas mãos tremerem enquanto ela passava os dedos pelos cabelos sedosos dele. Zaf era reconfortante, ardente, suntuoso e refrescante, pura doçura, e quase familiar, impossivelmente familiar. Ela sentia a ponta do nariz dele em sua bochecha, seus cílios roçando. O tempo parou, como se ele segurasse a areia de uma ampulheta nas mãos, e a sensação foi tão *estranha*, a ponto de fazê-la perder o fôlego, que talvez levasse Dani a fazer algo terrível, como se desfazer em mil pedacinhos ou pedir mais.

Zaf inclinou a cabeça, aumentou a pressão e abriu os lábios atordoados dela com facilidade, provando-a com a língua em pequenas doses provocantes. O modo como ele a tocava, o modo como seu corpo se curvava em volta dela, tudo aquilo indicava *posse*. Mas o modo como a beijava, devagar e com delicadeza, como

pequenos presentes de prazer na superfície do lago imóvel que era ela... o modo como ele a beijava indicava *carinho*.

E funcionava. Puta merda, como funcionava. Em segundos, Dani estava impotente, desesperada e perdida, inclinando a cabeça e se abrindo para ele, esfregando seus seios ávidos contra o peitoral dele porque tinha certeza de que Zaf era a fonte de todo o alívio, pressionando as coxas uma contra a outra enquanto o líquido quente molhava sua calcinha, se agarrando a ele enquanto seu coração acelerado e o mel grosso que pulsava em suas veias juntassem forças para a deixar sem fôlego e com os joelhos fracos.

Então tudo parou.

Zaf se afastou, e a consciência retornou a ela em ondas lentas. Primeiro, foi o som dele arfando como se tivesse corrido um quilômetro e meio, e aquilo a satisfazia quase que o suficiente para que se esquecesse de que Zaf havia acabado de esvaziar sua mente só com a boca. *Quase*.

Depois, veio a constatação de que seus pés não tocavam o chão. Aparentemente, ele havia se cansado de se abaixar por causa dela, enlaçara sua cintura e... a erguera. Só um pouquinho, até que suas bocas estivessem na mesma altura. Zaf a devolveu ao chão com a mesma facilidade, o corpo dela deslizando contra o dele conforme descia. Havia um mundo escuro e fechado entre os dois, feito de sombras e daqueles arquejos estonteantes. Da respiração ofegante de Dani e da linha rígida do pau duro de Zaf, que roçava a barriga dela.

Em termos de sedução, tinha sido um excelente começo. A questão era que ela não tinha muita certeza de quem havia seduzido quem.

“Isso foi divertido”, Dani conseguiu dizer depois de um momento, torcendo para parecer mais no controle do que se sentia.

Zaf piscou depressa, e cada fechar daqueles cílios longos e escuros era quase hipnótico. “É”, ele disse, com a voz um pouco rouca. “É. Tá. Isso. Legal. Você... achou?”

“Achei”, Dani disse, devagar, porque estava claro que ele tinha ficado um pouco tonto. Pelo menos ela não tinha sido a única a perder temporariamente o controle de suas faculdades. Dani se inclinou na direção do pau duro dele e sentiu uma onda de reafirmação quando Zaf arfou e fechou bem os olhos. Era assim que as coisas deveriam ser; pessoas se tocavam, corpos reagiam, promessas de prazer eram cumpridas. Ela lhe dava o que podia, e ele aceitava.

Sim. Tudo na mais absoluta ordem. E se ela sentira uma necessidade estranha, adicional, que fizera seu coração acelerar e suas mãos tremerem, que tinha o gostinho distinto de Zaf, como se ele, especificamente, importasse, bem... Estava claro que aquilo era outro sinal. Era a última tentativa do universo de fazer com que ela se ligasse.

“Nosso público ainda está aqui?”, Dani perguntou, porque alguém tinha que dizer alguma coisa, e ela não queria assustá-lo sugerindo que encontrassem um banheiro vazio em algum lugar.

“Não”, Zaf disse. “Não, elas já foram.” Ele deu um passo para trás, deixando algum espaço entre os dois, então disse, desconfortável: “Preciso... dar um jeito nisso.” Ele apontou para baixo com a cabeça.

Dani abriu um sorriso de satisfação. “*Zafir!*” Talvez ele topasse dar uma passadinha com ela no banheiro, no fim das contas.

“Não desse jeito”, ele riu. “Quis dizer para você ir.”

“Ah.” Ela tentou não fazer beicinho. “Claro.”

“Desculpa, aliás. Por, hum...”

“Cutucar minha barriga com seu pau imenso? Sem problemas.”

Zaf tossiu, grunhiu, conseguiu engasgar apenas com o ar, depois inclinou o corpo para a frente, para respirar. Dani ficou olhando, ligeiramente preocupada. Estava claro que ia levar um tempo para que Zaf abrisse seus olhos românticos e radiantes para o verdadeiro destino dele: sexo casual com Danika Brown, em um frequência mais ou menos regular. E... Zaf continuava tossindo. Será que ela devia tentar a manobra de Heimlich? Talvez, mas não tinha certeza de que seus braços dariam a volta naquele corpo todo...

Antes que Dani pudesse considerar melhor a logística da coisa, Zaf voltou a respirar e se endireitou, as bochechas coradas. “*Cacete*, Danika. E eu aqui com medo de ter assustado você.”

“Como assim? E eu lá vou ficar ofendida porque me beijar te deixou excitado? É uma função corporal, Zaf.”

“Ah, deixa pra lá”, ele murmurou, jogando as mãos para o alto, como se ela fosse um caso perdido. “A gente tenta ser cavalheiro...”

“Não dá pra ser cavalheiro depois de quase transar com a minha boca.”

“Eu *não* transei com a sua boca”, ele disse, aparentemente ultrajado. “Eu só... quer saber? Essa conversa não está ajudando meu pau. Vaza. Meu horário de almoço termina em...” — ele conferiu o relógio, depois xingou baixo. “Cinco minutos. Sério, some daqui.”

“Tá bom, mas precisamos trocar números de celular para combinar nosso esquema.”

“Esquema”, ele repetiu, seco.

“Bem, eu não vou dizer ‘para combinar nosso namoro de mentira’, né?”

“Mas acabou de dizer.”

Ela estreitou os olhos e murmurou: “Cala a boca e me passa seu número”.

Zaf estava acostumado a não conseguir dormir. Não importava o quanto tentasse, em nove a cada dez vezes seu cérebro não desligava sem a ajuda de medicação. Só que, como esse remédio tornava o começo do dia no trabalho um pesadelo, ele tendia a tomá-lo só nos fins de semana. Por isso, passar a noite de quarta-feira olhando para o teto do quarto era algo bastante corriqueiro para ele.

Mas o caleidoscópio de desejo que povoava sua mente não parecia com nada com que já tivesse lidado.

Danika, Danika, Danika. Tinham se passado horas desde que ele a vira, mas Danika ainda dominava seus pensamentos. Zaf vinha se esforçando muito para parar de pensar nela — então Dani concordara em ser sua namorada de mentira e seu beijo o tirara do controle. O que ele ia fazer agora?

Ser grato pela ajuda e bater punheta pensando no beijo, aparentemente.

Zaf já tinha se masturbado duas vezes — uma assim que chegou em casa e outra no chuveiro, depois do trabalho no Enfrente —, mas estava pronto para uma terceira. O que não devia ser saudável, considerando que era um homem de trinta e um anos. Por outro lado, como Dani havia dito, *era só uma função corporal*.

Certo. Só que ele já havia beijado outras mulheres e ido embora sem a libido da porra de um coelho. Zaf não conseguia se lembrar da última vez em que um beijo tinha feito seu peito arder daquele jeito, que o havia deixado à beira da combustão de mil maneiras diferentes. Ele quisera agarrar Dani no instante em que ela o soltara, e suas mãos estavam esperando por aquilo até agora.

Enquanto isso, ela provavelmente já havia esquecido o que acontecera.

Era deprimente o quanto aquela possibilidade — não, o quanto aquela *probabilidade* — o chateava.

“Estou velho demais pra essa porra”, ele resmungou, referindo-se tanto ao tesão como à atração por Dani. Mas Zaf continuava pensando nela, porque era incapaz de parar e porque, debaixo das cobertas, seu pau já estava duro na sua mão, claro. Zaf ouvia os gemidinhos que Dani soltara sem fôlego enquanto ele a beijava, como se ela estivesse ali. Sua mão livre agarrou o fantasma de sua cintura curvilínea. Seu gosto, o frescor da hortelã com um toque de mel, inundou sua boca como água depois da seca. Ele estava pensando no ritmo da respiração desesperada e entrecortada dela, apertando o próprio pau e sentindo o saco enrijecer, quando se assustou com o som de uma notificação de mensagem do celular.

Cacete.

Zaf gemeu, considerando a possibilidade de ignorar aquela porcaria uma vez na vida. Então suspirou, soltou o pau e pegou o celular. Ele era incapaz de ignorar mensagens ou ligações. Não era como se todo mundo tivesse seu número — só quem realmente precisava ter, ou seja, pessoas que poderiam *precisar* de Zaf.

Ele semicerrou os olhos para a luz forte da tela, viu o nome de Danika e sentiu o coração dar um pulo de alegria. Merda. Aquilo não podia ser bom.

Zaf sabia que gostava demais dela. Nos romances que lia, sempre havia um final feliz para amigos que começavam a se pegar, assim como para duas pessoas que fingiam ter um relacionamento. Mas a realidade era que Dani não estava interessada, portanto, se ele não mantivesse seus sentimentos sob controle, acabaria saindo machucado.

Isso não é seguro, seu coração nervoso sussurrou. Nem um pouco seguro.

DANIKA: Posso dizer pras minhas irmãs que é mentira?

Ela mandava mensagens do mesmo jeito que falava: sem dar oi nem tchau, sem contextualizar. Aquilo não era motivo para fazer Zaf sorrir, então ele passou uma mão pela barba e se forçou a franzir a testa. Pronto. Muito melhor.

ZAF: Se achar necessário.

DANIKA: Ah, que bom, porque já contei a elas.

Uma risada ecoou pelas paredes do quarto escuro e vazio.

DANIKA: Quanto tempo nosso esquema vai durar, aliás?

Por algum motivo, seu instinto foi responder *pra sempre*. Rá. Porra nenhuma.

ZAF: Minha sobrinha acha que tenho que aproveitar ao máximo, mas eu acho que o interesse vai passar logo. As pessoas têm

coisas melhores a fazer. Que tal... um mês, só pra garantir?

DANIKA: Ah, então sua sobrinha está metida nisso? Você está corrompendo inocentes, é?

ZAF: É difícil corromper uma mente criminoso.

DANIKA: Eita. Beleza. Um mês parece possível. Aliás, você não deveria estar dormindo?

ZAF: Deveria. Você não?

DANIKA: Estou trabalhando. Estou num intervalo recreativo. Então seja mais recreativo.

Ele riu, balançando a cabeça. Trabalhar àquela hora? Era a cara dela.

ZAF: Já te disseram que você é muito metida?

DANIKA: Claro que já. Você mesmo me disse, um mês depois que a gente se conheceu.

Aquela mensagem fez com que ele encarasse a tela por um tempo. Dani se lembrava de coisas aleatórias que ele havia dito um mês depois de se conhecerem? Talvez ele a tivesse chateado, e aquilo ficara na cabeça dela. Mas talvez não, porque outra mensagem apareceu na tela, com um bipe.

DANIKA: Mas você nunca pareceu ligar pra isso, então não vai começar agora...

Devia ser o cansaço — ou porque não queria mais pensar que a resposta errada poderia magoá-la. Independente do motivo, Zaf se viu digitando e apertando enviar sem pensar duas vezes.

ZAF: Não vou. Eu gosto.

DANIKA: Minhas irmãs viram o vídeo e acham que você gosta de MIM.

Ele engoliu em seco. De repente, suas pálpebras pesaram. Talvez sua vista estivesse cansada, talvez o sono tivesse batido, ou talvez fosse seu corpo tentando hibernar, para não ter que lidar com tamanho constrangimento. O fato de que ele sentia algo por ela era *tão óbvio* assim?

ZAF: Mas eu gosto de você. Você é minha namorada de mentira.

Era metade mentira e totalmente patético, mas o que ele poderia fazer? Admitir que sentia um friozinho na barriga sempre que ela sorria e forçá-la a recusá-lo delicadamente? Dani havia deixado bem claro que não queria aquele tipo de coisa. Amizade e relacionamentos de mentira era tudo o que deveria querer de Danika — tudo o que *queria* de Danika, porque Zaf sabia o que era melhor para ele.

Mas então a lembrança da boca de Dani atingiu a cabeça dele, e Zaf pensou nos olhos atordoados dela, que lembravam melão quente, logo depois do beijo, e... ela dissera que havia gostado. Aquilo significava que queria mais? Ele *daria* mais, se Dani pedisse? Não, não podia. Zaf podia não ser religioso, mas fora criado com a crença de que sexo significava alguma coisa. Ainda acreditava naquilo. Algumas pessoas conseguiam transar sem envolvimento, mas ele provavelmente surtaria.

Mas nunca se sabe até experimentar.

Ah, merda.

DANIKA: Foi o que eu pensei. Acabou o intervalo. Nota 6 no quesito recreação.

ZAF: Estou ofendido.

DANIKA: É bom. Quem sabe não é a motivação de que você precisa pra se sair melhor na próxima?

“A próxima” foi três horas depois. Ele ainda estava acordado, pensando nela — nela toda —, quando o celular apitou de novo.

DANIKA: Se você me responder agora, vou ficar muito preocupada com sua rotina de sono.

Ele já estava sorrindo quando pegou o aparelho.

ZAF: Pode se preocupar, então. Eu já estou preocupado com o tanto que você trabalha entre os intervalos.

DANIKA: Pode se preocupar, então.

Ele estava rindo quando o celular tocou e o nome dela surgiu na tela iluminada.

Dani estava sentada à escrivaninha, com o olhar perdido em suas anotações, ouvindo o som tranquilizador do celular chamando enquanto tentava não cair no sono.

Cansaço não era nada bom para o processamento mental, e ela sabia. Mas Dani também queria — *precisava* — arrasar no evento de literatura feminista que se aproximava, e como seria mais uma conversa do que uma palestra ou apresentação, não tinha como saber que tipo de pesquisa seria necessária. Por isso, pesquisaria

tudo, só para garantir. Se havia uma coisa em que Dani era ótima, era naquilo. Inez Holly *não* a veria gaguejar, de jeito nenhum.

Mas, mesmo agora, um alerta autoconsciente zumbia no fundo de sua mente, como o murmúrio baixo do público antes de uma palestra começar. Aquilo a lembrava, do nada, de que, se ela tivesse alguém a sua espera no quarto ao fim do corredor, a pessoa já estaria irritada ou se sentindo negligenciada àquela altura. Teria perdido a paciência e o bom humor. Tentaria convencê-la a deixar de lado seu processo já testado e aprovado, como se soubesse o que era melhor para Dani, e caso ela se recusasse a fazê-lo, a pessoa perguntaria de maneira sarcástica se o doutorado de Dani ia se casar com ela e amá-la na velhice.

A menos que fosse alguém fofo como Zaf. Alguém fofo como Zaf provavelmente a convenceria a ir para a cama com comentários gentis e provocadores. Alguém forte como Zaf poderia abraçá-la de um jeito que, mesmo que adormecesse, Dani não conseguiria escapar, e seria *obrigada* a descansar...

Aquilo parecia horrível e era um dos muitos motivos pelos quais Dani preferia manter seus parceiros em potencial do outro lado do celular, em vez de recebê-los em sua vida. Por falar nisso, ela tinha que recrutar Zaf para sua causa logo. A preparação para o simpósio estava se provando estressante ao extremo, e, como ela aprendera naquele dia, a boca dele era uma ferramenta mágica de distração.

Zaf atendeu o telefone com uma voz profunda e áspera de sono, que teve impacto direto no clitóris dela. Tudo nele tinha impacto direto no clitóris dela, claro, assim como champanhe subia direto para a cabeça.

“Oi”, ele disse, todo rouco, maravilhoso e *aff*. “Me deixa adivinhar. Você está trabalhando.” Pela voz dele, dava para perceber que estava sorrindo. Não havia sinal de uma carranca exasperada ou de uma decepção profunda. Era quase como se estivesse impressionado, mais do que irritado, com os horários dela.

“Pois é”, Dani confirmou. “Estou trabalhando.” Mas agora que estava no telefone com Zaf, o trabalho não parecia nem remotamente tão interessante quanto provocá-lo. Hum... Não satisfazer um desejo podia ser divertido.

“Estudando no meio da noite”, ele a repreendeu, mas cada palavra saía cheia de carinho. “Não sei como você está sempre tão bonita. Eu chego todo dia no trabalho parecendo que levei um soco em cada olho.”

A palavra “bonita” disparou uma onda de prazer infantil pelo corpo de Dani, o que era absurdo, porque ela não tinha o hábito de se importar quando alguém lhe dizia que era bonita. Se tivesse, também acabaria se importando quando alguém a chamasse de feia, o que não era uma boa ideia para uma mulher — principalmente para uma mulher negra e mais corpulenta. A única opinião que contava naquele quesito era a dela.

Mas não parecia haver nenhum mal em murmurar: “Bonita, eu?”.

“Nem vem. Você sabe que é linda.” Zaf fez uma pausa, como quem refletia a respeito. “A menos que não saiba e gostaria que eu te dissesse. Como amigo.”

“Não, não”, Dani disse rapidamente, porque ele *com certeza* diria se ela pedisse. E diria naquela voz baixa e retumbante, calma, firme e despreocupada, só para que Dani se sentisse bem em relação a si mesma. Então aquela sensação esquisita de derretimento dentro

dela, como se suas entranhas estivessem se desfazendo e vazando por toda parte, poderia piorar. De jeito nenhum. Como uma camada extra de proteção, Dani acrescentou: "Para referências futuras, fique sabendo que nunca é necessário enfatizar que sou atraente. Como você disse, é um fato."

Ele riu, e aquele som penetrou a pele dela, se espalhando por seus músculos tensos.

"Quanto a minha falta de olheiras", ela prosseguiu, tentando soar casual, "uso corretivo. Procura no Google."

"Hum... Talvez minha sobrinha me empreste o dela."

Dani soltou o ar, sorrindo. Era meio fofo o fato de ele sempre mencionar a sobrinha. "Boa sorte. Mas tem uma alternativa à maquiagem, sabia?"

"Tem?"

"Sim. Chama dormir, e é o que a maior parte das pessoas costuma fazer nesse horário. Por que ainda está acordado?" Talvez ele também estivesse ocupado. Talvez valorizasse seu trabalho tanto quanto Dani valorizava o dela, e talvez, por causa daquilo, compreendesse certas coisas e...

Ele grunhiu. "Por motivo nenhum. Nem sempre durmo bem."

Ah. Ela passou os dentes pelo lábio inferior. Aquela notícia, dada tão tranquilamente, fazia seu peito doer. "Está preocupado com alguma coisa?"

"Você está?", ele perguntou de volta. "Já que ligou."

Se Dani fosse do tipo que presta atenção nas pessoas, poderia notar que Zaf tinha um talento único para mudar de assunto. "Procuro fazer um intervalo de cinco minutos a cada trinta", ela

disse. “Embora perca a noção do tempo de vez em quando. Aí pensei que já que você está acordado e temos coisas a tratar...”

“Você gastou seus cinco minutos comigo? Nunca me senti tão honrado.”

Ela riu. “Não é assim que as pessoas costumam reagir.” A maioria das pessoas queria mais dela, ficavam loucas por partes de Dani que não estavam sobrando. Ela não era boa naquele tipo de coisa — em fazer as pessoas se sentirem importantes. Mas, de acordo com o universo, Zaf era o amigo colorido perfeito para ela, então claro que não ligaria. Provavelmente não se *importava* o bastante para se incomodar.

No entanto, ele parecia se importar, sim. “É mesmo?”, Zaf murmurou, o sorriso em sua voz dando lugar para cautela e preocupação. “Como as pessoas costumam reagir, Danika?”

Ela decidiu que mudar de assunto tinha se tornado uma questão de urgência. “Ah, sabe como é”, conseguiu dizer, se esquivando da pergunta com uma risada distraída. “Deixa isso pra lá. Mas e o lance da publicidade? O que um namoro de mentira envolve, aliás?”

Fez-se um breve silêncio. Ela mordeu o lábio e torceu pelo melhor. E foi o que recebeu de Zaf. “Hã... mandei uma mensagem para o *Nottingham Post*, já que você disse que não tinha problema. E acho que aquelas meninas tiraram uma foto de nós dois... *conversando* no estacionamento”, ele disse, porque era um fofo, “e isso colocou a hashtag nos assuntos mais falados de novo. Estamos recebendo muitas doações, então toda essa atenção está dando frutos.” Dani detectou um vago tom de espanto na voz de Zaf, que a deixou com vontade de apertar as bochechas dele e beijar sua testa. Por sorte, ele não estava no mesmo cômodo que ela, de modo que Dani foi

poupada do horror de ceder ao impulso. "Também recebi um e-mail do setor de esportes do BuzzFeed", ele disse, parecendo animado. "Me mandaram algumas perguntas. Está tudo ótimo, Dan. Por sua causa, claro."

Ela fingiu perder o ar. "Não precisa ficar emotivo."

"Vai à merda. Me deixa agradecer."

"Zaf, não faz isso, vou morrer. Você não quer que eu morra."

"Vai se foder, então", ele disse, mas havia humor em sua voz. "Quanto ao namoro de mentira, não temos mais que nos beijar em estacionamentos."

Ela ia dizer: *Mas e se quisermos?* Só que aquele tipo de coisa provavelmente deveria ser guardada para quando estivessem cara a cara. Dani não queria que ele interpretasse mal suas intenções.

"Eu estava pensando em almoçarmos juntos", Zaf continuou falando, "e tentar... você sabe. Dar em cima um do outro."

"*Tentar?* A gente não tem nenhuma prática com isso?"

Quase deu para ouvir Zaf ficando sem graça. "A gente não faz isso."

"Se é o que você pensa, estou mesmo fora de forma."

Pelo som estrangulado do outro lado da linha, Zaf devia estar em meio a uma crise mental. "Então... a gente... flerta *mesmo?*"

"Bem, eu me esforço ao máximo. Você é meio difícil, às vezes." Dani se levantou enquanto ele se atrapalhava com a resposta. Ficou andando de um lado para o outro da sala, para esticar as pernas.

"Achei... achei que era brincadeira", Zaf disse, afinal.

Dani não queria que a cabeça dele explodisse, então disse: "Sim, claro que era brincadeira".

Ele soltou o ar.

Eu estava expressando de brincadeira que você é muito gato.
"Então, almoço. Sedução. Mais alguma coisa? Selfies fofinhas e tal?"

"De jeito nenhum. Você está parecendo minha sobrinha. Fatima me disse que as modinhas das redes sociais são passageiras, e que se a gente quiser tirar máximo proveito da situação devia ter um canal no YouTube." A aversão praticamente pingava das palavras dele.

"E o que você disse?"

"Nem fodendo."

Dani sorria enquanto fazia a pergunta, e agora riu alto. "Claro." Se suas palavras soavam carinhosas e familiares demais, paciência. Era madrugada, e ele estava sendo imperdoavelmente fofo. "Dá pra ver que sua sobrinha é esperta." O eucalipto para liberdade e prosperidade que Dani tinha na janela estava parecendo um pouco ressecado. Ela foi até a cozinha para pegar água, arrastando os pés pelos tacos de madeira.

"É, Fatima é bem esperta. Você dá aula pra ela, aliás."

"Sério?" Dani franziu a testa enquanto enchia o regador, então se lembrou da aluna nova, com olhos grandes e escuros. "Ah. Fatima Ansari. Vocês são parentes, claro. Ela é a sua cara."

Fez-se silêncio enquanto Dani ia regar a planta. Então, antes que ficasse desconfortável, Zaf disse, baixo: "Que nada. Ela parece o pai".

"Seu irmão?"

"Uhum." O tom de Zaf passou de distante e distraído a leve e provocador tão depressa que Dani sentiu o impacto. "Ela te acha muito sofisticada. Foi o que me disse. 'Tudo o que Dani faz é tão sofisticado.'"

“Coitada da menina, uma iludida.”

“Não é?” Sua voz transmitiu uma provocação doce, como se dissesse: *Sei que você é um demônio do caos, e acho isso maravilhoso.*

Dani se controlou para não sorrir em resposta. Seria ridículo. Ela molhou o eucalipto, deixou o regador de lado, ouviu o bipe do timer e de repente se deu conta de que seus cinco minutos tinham evaporado.

“Ah”, ela disse. “Tenho que... é...”

“Cinco minutos. Eu sei.” Mas não havia irritação na voz de Zaf, ou qualquer ressentimento. Ele provavelmente estava aliviado que ela ia desligar, assim poderia dormir.

Já Dani não estava nem um pouco aliviada, o que era uma surpresa. Na verdade, a ideia de desligar fazia com que se sentisse ligeiramente triste e murcha. Por um momento, algo nela se voltou para Zaf, como uma planta confinada que se voltava desesperadamente na direção do sol e...

Só podia ser exaustão. Dani balançou a cabeça, franziu a testa e considerou a possibilidade de ir para a cama antes do planejado.

“Meu horário de almoço começa meio-dia e meia”, Zaf disse, alheio à espiral dos pensamentos dela. “Você pode?”

“Acho que sim. Te mando uma mensagem se alguma coisa mudar. Caso contrário... nos encontramos na praça de alimentação?”

“Combinado”, ele disse. “Boa noite, Danika.”

“Vai dormir!”

Ele grunhiu e desligou.

Foi só depois disso que Dani se deu conta que mal tinha tentado seduzi-lo.

@CAMPBELL2001: Um sanduíche na mão esquerda e uma mulher na direita
kkkk Zaf Ansari @ENFRETE LENDÁRIO #DraRugbaby
94 3k 6k

De alguma maneira, em meio ao furacão que era aquele relacionamento de mentira, Zaf tinha conseguido se esquecer de que era um péssimo ator e não sabia mentir. Esse fato voltou a sua mente como um bumerangue de concreto na quinta-feira à tarde, quando viu Danika vindo em sua direção na praça de alimentação e se deu conta de que não tinha a menor ideia de como cumprimentá-la.

Depois de um segundo de agitação mental, Zaf pigarreou, acenou meio sem jeito e disse: "Oi, hã, gata".

Gata? *Gata?* Zaf tinha noventa por cento de certeza de que aquela palavra nunca havia saído da boca dele. E era só impressão ou todos os olhos naquela praça de alimentação estavam focados em seu rosto corando?

Antes que Zaf pudesse comparar a perseguição intensa nas redes sociais com paranoia, Dani chegou, com um sorriso no rosto e os olhos brilhando. "Oi, gato."

Ele entrou em curto-circuito, de leve.

Então Dani ficou na ponta dos pés, apoiou as mãos em seu peito e beijou sua bochecha. Puta merda, ela tinha cheiro de mel. Zaf queria mordê-la.

“É impressão minha ou todo mundo está olhando pra gente?”, Dani sussurrou no ouvido dele.

“Eu *sabia!*”

“Xiu. Vamos comer, conversar e ficar um pouco de mãos dadas. Sem complicar as coisas.”

“Tá”, Zaf conseguiu dizer, mas as mãos de Dani continuavam em seu peito, fazendo com que ele precisasse se concentrar para não ficar de pau duro, porque aquilo seria extremamente constrangedor, em milhares de níveis diferentes.

“Zaf?”

“Oi?”

“Tenta parecer mais com você mesmo e menos com sete crianças umas nos ombros das outras, debaixo de um uniforme de segurança.”

Depois de piscar devagar algumas vezes, o cérebro dele voltou a funcionar normalmente. “Isso... não faz o menor sentido.”

“Parabéns por notar”, ela disse, reconfortando-o com alguns tapinhas. “Vamos. Estou morrendo de fome.” Aparentemente, Dani havia decidido tomar conta da situação, o que para Zaf estava ótimo. Era muito mais fácil fingir um relacionamento com uma mulher em quem se estava *mesmo* interessado, principalmente se ela fosse tranquila ao extremo, de uma inteligência assustadora e um pouco mandona.

Mas Zaf não deveria estar listando as excelentes qualidades de Danika. Na verdade, deveria estar tentando ignorá-las, assim como

seu sorriso e sua bunda, que estava perfeita naquele vestido meio robe com estampa de estrelas que ela estava usando. Não que Zaf estivesse olhando. *Comporte-se.*

Eles foram direto para o *food truck* de comida tailandesa. Dani disse ao senhor do outro lado do balcão: “Boa tarde! Macarrão vegetariano com tofu quente, por favor”.

“Que tamanho?”

“Grande.” Depois, ela acrescentou para Zaf: “Existe outro tamanho?”

Ele teve que morder a bochecha por dentro para não rir. “Não pra quem é esperto. Você gosta de tofu?” Um interesse desnecessário por preferências alimentares era algo que rolava entre amigos ou só quando se estava a fim de alguém? Os limites começavam a se confundir, como tinta borrada. Zaf já estava fazendo uma lista mental de todo tipo de curry que sabia fazer e que poderia dar certo com tofu — não que ele pretendesse cozinhar para Danika. Aquilo definitivamente era coisa de quando se estava a fim de alguém.

“É gostoso”, ela disse. “Experimenta.” Ele pediu o mesmo, porque claro que ia pedir. Então Dani acrescentou: “Quero batata frita também, por favor. Você também, Zaf?”

Ele deu de ombros. “Podemos dividir se você...”

“Não. Duas batatas. Obrigada.” Ela sorriu para o homem no *food truck*, revelando dentes muito brancos e lábios brilhantes, os olhos de corça vívidos.

“Hum... De nada”, o homem finalmente respondeu, mas continuou olhando para Dani por um segundo antes de dar as costas de repente.

Zaf entendia.

A comida ficou pronta alguns segundos depois, e eles se acomodaram no meio da praça de alimentação. Zaf passou uns bons dez segundos refletindo sobre onde se sentar — o que era mais convincente, em frente ou ao lado dela? —, depois decidiu relaxar e se sentar em qualquer cadeira. Danika, enquanto isso, o ignorou totalmente e se concentrou em comer. Na verdade, ela também não era muito boa naquela história de namoro de mentira. Ou talvez só estivesse morta de fome. Independentemente do que fosse, o fato de que não era o único descuidado tirou um pouco da pressão de cima de Zaf. Ele engoliu em seco, pegou um garfo e começou a comer.

Dani estava certa quanto ao tofu: era gostoso — muito gostoso, na verdade. E batata era sempre batata. Zaf terminou de comer antes que ela chegasse à metade do prato, então perguntou, “Precisa de ajuda?”, só para irritá-la.

Dani parou na hora e lhe lançou um olhar mortal. “Quer que eu enfie meu garfo na sua bunda?”

“Talvez valha a pena, em troca de mais comida.”

“Zafir, se você tem fetiche em talheres, é só dizer.” Do nada, ela sorriu. O efeito foi tão esmagador que ele teve que lembrar o próprio pau de que era só brincadeira. *Relaxa, cara. A gente nem curte anal.*

Dani se inclinou para a frente e murmurou: “Se está tão interessado, posso enfiar um garfo lá sem pedir nada em troca”.

O pau de Zaf olhou para ele com desconfiança e disse: *Não curtimos mesmo isso? Tem certeza?*

Ele pigarreou.

Dani sorriu e voltou a se concentrar na comida. De alguma forma, ela conseguiu pegar o celular e mandar uma mensagem ao mesmo tempo. Um segundo depois, quando seu celular tocou, Zaf se deu conta de que a mensagem tinha sido para ele.

DANIKA: Ei, reunião de estratégia.

ZAF: Sério que você tá me mandando mensagem? Estou aqui do seu lado.

A praça de alimentação estava preocupantemente iluminada e tinha um número surpreendente de olhos interessados neles — Dani nunca superaria a popularidade desconcertante do fenômeno #DraRugbaby —, então, sim, ela havia mandado uma mensagem para Zaf em vez de falar com ele, embora estivessem na mesma mesa. Ele não parecia nem um pouco impressionado, porque sua resposta foi acompanhada por um erguer de sobrancelha e um olhar de reprovação. Ele parecia um pai. Um pai muito fofo. Um pai muito fofo e *sexy*... bem, era melhor deixar para lá.

DANIKA: Eu sei, mas tem espiões em todos os lugares. Por exemplo, o menino a sua esquerda está filmando a gente por baixo da mesa.

Zaf pareceu horrorizado.

ZAF: Por favor, me diz que é brincadeira.

DANIKA: Olha lá, se tiver coragem.

ZAF: Você sabe que não consigo ser discreto.

DANIKA: É verdade. Bom, já que estão gravando, é melhor a gente parecer menos concentrado no celular e mais apaixonado.

Uma ideia: me dá comida na boca.

ZAF: Te dar comida na boca? Sério?

DANIKA: Anda logo.

Casais davam comida na boca um do outro, não? Sim, com toda a certeza. Dani tinha visto isso em *A dama e o vagabundo*, e havia uma foto do casamento dos pais dela em que davam bolo um ao outro. E já que Dani não tinha muita confiança em sua habilidade de parecer alegremente comprometida e abençoadamente apaixonada — seria mais fácil parecer louca de tesão —, agradecia por toda ajuda com que pudesse contar.

Zaf a olhou com desconfiança, deixou o celular na mesa e pegou o garfo dela. “Tá bom. Abre a boca.”

“Toma cuidado”, ela murmurou, baixo. “Eu vomito fácil.”

“Hã... tá”, ele disse, olhando para ela como se esperasse acordar a qualquer momento e descobrir que aquela situação toda não passava de um sonho maluco. Quando isso não aconteceu, Zaf deu de ombros e estendeu o garfo com macarrão enrolado. Ambos hesitaram por um momento desconfortável antes de Dani, em uma tentativa de parecer à vontade e íntima, abrir a boca e se inclinar na direção do garfo.

Zaf se moveu no mesmíssimo momento, claro.

Ele estendeu o braço e ela projetou o corpo para a frente. O entusiasmo mútuo deles, infelizmente, não contribuiu para uma experiência calma, controlada e apropriada para as redes sociais.

Na verdade, um broto de feijão foi parar no fundo da garganta de Dani, que prontamente cuspiu tudo no colo de Zaf.

@FOZZY99: A namorada do Zaf Ansari acabou de cuspir a comida nele no meio da praça de alimentação do campus???. Eu vi isso msm???. kkkkkk

💬 250 ↻ 7k ❤️ 6k ↑

@SLYHERINBIH: meudeus, que nojo

💬 68 ↻ 386 ❤️ 1k ↑

@BASICJELLYBABY: Até quase vomitando nele ela é fofa

💬 42 ↻ 4,3k ❤️ 509 ↑

@HOLLY_COOKE: É por isso que amo eles. É 100% real oficial

💬 615 ↻ 6,8k ❤️ 2,7k ↑

Sexta-feira, 12h36.

ZAF: Tailandês de novo?

DANIKA: Sim, mas nada de me dar comida dessa vez. Ainda não estou pronta pra morrer.

ZAF: Eu disse que não era uma boa ideia!

DANIKA: E eu disse que vomitava fácil, então parece que nós dois somos péssimos ouvintes.

ZAF: George me perguntou ontem por que minha virilha estava cheirando a molho de pimenta. Deve estar achando que tenho algum tipo de fetiche com comida.

DANIKA: Ele acha que seu pau é de teflon? Fetiche com molho de pimenta me parece bem doloroso, e pode terminar em UTI.

ZAF: Você deveria ter pensado nisso antes de vomitar em mim.

DANIKA: EU NÃO VOMITEI! SÓ CUSPI A COMIDA! NÃO TINHA SIDO DIGERIDA AINDA. NÃO TINHA SIDO NEM ENGOLIDA. QUANTAS VEZES VOU TER QUE DIZER ISSO?

Sábado, 20h48.

DANIKA: Está livre para ligações de madrugada ou tem planos especiais para o fim de semana?

ZAF: Planos especiais para o fim de semana?

DANIKA: Você sabe do que estou falando.

ZAF: Sei, mas gosto do seu jeito nerd de escrever. Não consigo evitar.

DANIKA: Estou considerando seriamente bloquear seu número.

ZAF: Mas se fizer isso, quem vai te entreter por cinco minutos hoje à noite?

DANIKA: Sei que dá pra fazer uma piada de sexo com isso, mas estou olhando para o mesmo livro faz três horas, então meu cérebro não vai conseguir formular.

ZAF: Se faz três horas que você está trabalhando, então já me deve seis ligações. Fecha esse livro agora e me liga.

No fim de semana, a Enfrente atingiu um marco importante: três mil libras haviam sido arrecadadas de novos doadores desde que o vídeo da dra. Rugbaby viralizara. Zaf fez uma publicação a respeito e recebeu uma quantidade espantosa de curtidas e comentários, o que fez com que as doações aumentassem ainda mais. Ele preparou uma tigela de *rasgulla* para Fatima quase do tamanho da cabeça dela. Ela era genial e merecia ser reconhecida como sua sobrinha de novo. Depois, Zaf foi com Jamal a uma lanchonete com vários fliperamas antigos. Em resumo, tinha se divertido pra cacete. Mas, por algum motivo, quando se lembrava dos melhores momentos do fim de semana, a primeira coisa que vinha a sua mente era Danika mandando um emoji usando um chapeuzinho de festa. Provavelmente porque ela nunca usava emojis.

O fato de que ele havia notado aquilo, e de que agora atribuía significado àquilo, fez Zaf querer se estrangular.

No entanto, se estrangular era fisicamente impossível, aparentemente, então Zaf chegou a um meio-termo: reler um de seus livros preferidos no domingo. Um romance, claro. Com final feliz, claro. Era o que ele queria: um final feliz. Zaf podia ter aprendido do modo mais difícil que finais felizes nem sempre duravam, mas não ia dar um tiro no próprio pé se apegando a uma mulher que simplesmente não queria nada daquilo.

O lembrete funcionou.

Durante a conversa com Danika no domingo à noite, ele mal ficou fantasiando com ela. Quando se masturbou depois da ligação (o que era inevitável, porque ela tinha uma voz supersexy, ok?), Zaf foi muito prático e procurou não pensar. Na segunda-feira, ela passou na mesa dele para flertar de mentira antes e depois da aula, e Zaf se lembrou a cada sorriso, a cada olhar mais demorado, que era tudo encenação. Era. Tudo. Encenação.

E quando eles trocaram mensagens mais tarde aquela manhã, as dela parecendo raiozinhos de sol que ninguém mais recebia...

Foi por amizade, claro. Era só amizade.

DANIKA: Mal posso esperar para o almoço.

DANIKA: Não pra ser carinhosa ou pra te dar uvas na boca. Pela comida mesmo.

Hum. Zaf não sabia que receber uvas na boca era uma possibilidade nos almoços falsos, mas, de repente, mal podia esperar também.

DANIKA: Tenho um buraco no estômago. Socorro.

ZAF: Você não comeu a barrinha de proteína?

DANIKA: Sim, comi minha barrinha de proteína, papai. É uma pena que não tenho fetiche de *daddy*, ou ia ficar louca de tesão.

Zaf cerrou o maxilar e se ajeitou na cadeira. Dani andava... dizendo coisas daquele tipo nos últimos dias, e ficava cada vez mais difícil não morder a isca.

ZAF: Vem pegar outra.

DANIKA: Quer que eu aguente duas dessas em um dia?!

Zaf provavelmente deveria se ofender, mas se pegou levando uma das mãos à boca para esconder a risada, tossindo para disfarçar. Ele fez cara feia para um grupo de alunos que ficou olhando ao passar. Em seguida, se permitiu dar um sorrisinho enquanto respondia.

ZAF: Isso não foi muito educado.

DANIKA: Não posso abandonar minha posição estratégica na biblioteca para ir buscar uma barrinha. Estou do lado da janela, vão roubar meu lugar. Não vale a pena correr esse risco por uma recompensa sem gosto, embora rica em proteínas.

ZAF: Quer dizer que você não gosta das minhas barrinhas de proteína?

DANIKA: Têm gosto de papelão.

DANIKA: Mas quero continuar ganhando.

Como se ele tivesse qualquer intenção de parar...

ZAF: Para emergências alimentares?

DANIKA: Você faz perguntas demais. Estou trabalhando, tenho que ir.

Ela foi mesmo. Zaf não recebeu mensagens durante os intervalos dela — nem umazinha —, e Danika não apareceu para almoçar. Ele ficou recostado a um poste na praça de alimentação, seu olhar saudoso se alternando entre o *food truck* tailandês e a biblioteca, como se tivesse um desejo desesperado por broto de feijão e livros. Ou broto de feijão e uma mulher estudiosa. Que seja. Ele devia estar delirando de fome, já que havia acabado com todos os lanchinhos que tinha antes das dez da manhã, como sempre. *Horas antes.*

Zaf conferiu o celular de novo, mas Dani não havia respondido sua mensagem. Sendo o cérebro dele como era, a primeira coisa que lhe ocorreu foi que ela tinha morrido. Tinha ido pela escada e caído, ou sido esmagada por aquelas estantes refinadas que se moviam — aquelas com placas avisando para gritar antes de girar a manivela, embora ninguém nunca gritasse.

Para sua sorte, Zaf estava acostumado a afastar preocupações absurdas, então deixou aquelas ideias de lado.

Na verdade, ele devia só ter levado um bolo da sua namorada de mentira. Ai. É claro que, conhecendo Dani, era igualmente provável que ela só tivesse se distraído — que estivesse mergulhada em um livro ou em um jornal, com o celular no fundo da bolsa, o tempo virando um conceito distante com o qual ela preferia não mexer. O que não seria um problema, se não fosse pelo fato de que precisavam manipular seus *stalkers* midiáticos para conseguir publicidade grátis.

E *nossa*, parecia algo incrivelmente mercenário quando colocado desse jeito. Mas ainda assim...

Zaf precisava ser visto com Dani antes que o momento passageiro... passasse. Não ia deixar nenhum encontro de mentira

no almoço escapar por entre seus dedos. Assim, pelo bem da Enfrente, claro, Zaf não tinha escolha a não ser ir atrás de sua namorada.

De sua namorada *de mentira*.

É claro.

Aquele murmúrio baixo era um elemento constante em seus sonhos. "Oi. Danika."

Danika, com as consoantes ditas de maneira suave. Ela sorriu, fechando um pouco os olhos contra a luz. Se pegasse no sono de vez e mergulhasse com tudo naquele sonho, poderia ver Zaf também, em vez de só ouvi-lo. E vê-lo era sempre uma alegria.

Infelizmente, seu terceiro olho teimava em permanecer inativo. Aquilo poderia ter acabado com seu bom humor, se não fosse pela sensação da mão grande e quente de alguém acariciando seu cabelo.

"Dani." O sussurro saiu mais baixo, mais próximo. Ela sentiu o calor de um corpo perto do seu, o aroma de café e frutas cítricas — um aroma que em geral procurava não sentir, porque ficar cheirando os outros era... estranho. Mas tudo bem cheirar os outros nos sonhos. Ou fantasiar em pegá-los, dominá-los, colocá-los inteiros na boca, como uma uva redonda e brilhante, com semente e tudo, e confiar que não vai engasgar. Por exemplo.

"Linda. Acorda."

Ela preferia não acordar. Ainda que estivesse numa posição meio desconfortável, com os pingentes dos colares pressionando o peito, aquele sonho, ou quase sonho, ou o que quer que fosse, era bom demais para ser deixado para trás.

“Você está babando no livro.”

“Merda”, Dani soltou, já se endireitando na cadeira. Algumas coisas ficaram muito óbvias naquele momento. Primeiro, que tinha pegado no sono na biblioteca. Segundo, que não tinha babado no livro, mas, se a dor na bochecha fosse um indicativo, então ela usara-o como travesseiro. Terceiro, que Zaf estava ali.

Por que Zaf estava ali?

Não que ela se importasse. Era bom tê-lo por perto, ela achava.

Zaf estava sentado ao lado dela em uma das mesas compridas da biblioteca. Aparentemente, tinha perdido a noção de espaço pessoal — mas, de novo, não que ela se importasse. Ele estava perto o bastante para que Dani conseguisse contar seus cílios longos e pecaminosos. E, se ela não estivesse enganada, o delicioso peso que sentia na nuca era da *mão* dele. Uma onda de prazer reverberou por seu estômago.

Ele estava segurando o pescoço dela. Ele estava *segurando* o *pescoço* dela. A palma de Zaf embalava o princípio da coluna e o dedão acariciava um lado da garganta dela. O clitóris dela sentia cada movimento lento. Aparentemente, ela gostava da pegada de homens grandes. Engraçado não ter notado aquilo até então. Claro que não costumava deixar que a tocassem em público, já que sempre lhe parecera perturbadoramente possessivo, e Dani não era propriedade de ninguém. Então por que ela estava dando aquele privilégio a Zaf?

Como se aquele pensamento tivesse desativado algum tipo de escudo mental, suas faculdades mentais retornaram por completo. De repente, ela lembrou por que Zaf estava ali, por que a segurava

como se estivessem casados há dezesseis anos e por que a olhava com um sorrisinho doce de canto de boca.

O falso namoro. Porque... sim. Almoço. Para... serem vistos. E...

“Ah, merda”, ela disse. “Estou atrasada, né?”

O sorriso dele se alargou, o que era algo surpreendente para um homem que estava sempre de cara fechada. “Um pouco.”

“Desculpa”, Dani disse, mas depois se perguntou por quê. Ela era uma companhia totalmente decepcionante, e pedir desculpa não mudava aquilo. Só abria a oportunidade para que a pessoa com quem estivesse no momento apontasse suas falhas e as detalhasse de maneira excruciante. Não que Zaf tivesse o direito de fazer aquilo, porque não estavam em um namoro de verdade — ela estava lhe fazendo um favor. Além do mais, Dani não dormira *de propósito*, então fazer o quê?

Só que... bom, algo poderia, sim, ser feito, ela imaginava. Algo além de furar com Zaf, ainda que sem querer. Ela não gostava da ideia de fazer aquilo com ele, nem mesmo em troca de uma soneca revigorante na biblioteca.

“Não tem problema”, Zaf disse, e a facilidade com que respondeu tirou Dani de seus pensamentos, como um choque estático inesperado. “Trouxo o almoço pra você”, ele prosseguiu. “Imaginei que você devia estar ocupada.”

Por um momento, ela só conseguiu encará-lo. Zaf achou que ela se esquecera dele porque estava ocupada com o trabalho, e em vez de dar o maior chique, ele...

Tinha levado o almoço para *ela*.

Era como se o sol se abrisse no peito de Dani, o que ela reprimiu imediatamente, quase não demonstrando qualquer reação mesmo

sentindo as palmas da mão quentes. Afinal, era tudo parte de uma conspiração. Estavam encenando. E a encenação *exigia* que fossem vistos juntos, que Zaf fizesse coisas legais para ela, que olhasse para ela com olhos parecendo chamas sobre a água escura da noite.

“Você está muito tranquilo com tudo isso”, ela sussurrou, arrumando os livros em uma pilha. “Mas imagino que se faça concessões com falsas namoradas, em relação às de verdade.”

“É”, ele disse, animado. Não havia nenhum motivo para aquela confirmação beliscar o que quer que fosse atrás do esterno dela. Dani sabia que não estava à altura do papel que desempenhava; todos os seus relacionamentos, desde o primeiro, com Mateo, haviam comprovado aquilo, e não importava. Uma mulher sensata se aproveitava de seus pontos fortes e deixava seus pontos fracos mais imateriais para lá.

O que não explicava por que ela continuava fazendo perguntas sem sentido, como se quisesse cutucar a ferida. “Então, caso fosse real e sua namorada te desse um bolo no almoço...”

Zaf a encarou, estreitando ligeiramente os olhos enquanto se inclinava e baixava a voz para dizer: “Você não me deu um bolo, Dani. Você pegou no sono porque trabalha demais. Se você fosse minha de verdade, eu estaria mais preocupado com te convencer a reduzir o ritmo do que com almoços”. Ele voltou a acariciar o pescoço de Dani com o dedão, em um movimento lento e relaxante que fazia algo doce e preguiçoso despertar dentro dela. *Se você fosse minha de verdade*, ele havia dito, e fora como se as palavras tivessem sido tatuadas em seu crânio, tão forte e rápido quanto a pulsação escandalosa entre suas coxas.

“Ah”, Dani disse, tão baixo que quase não se ouviu.

Mas Zaf ouviu e chegou ainda mais perto, seu cheiro inundando os pulmões dela. "Quando você me pergunta coisas desse tipo, Danika, fico achando que alguém não te tratou muito bem."

As palavras foram como um alarme, soando para salvar Dani de si mesma. "Desculpa", ela disse, animada. "Não tenho nenhuma história lacrimosa de novela pra revelar, em grande parte porque sou humanamente incapaz de chorar. Meus dutos lacrimais são sobre-humanos."

"Uhum", Zaf assentiu. "Claro. Imagino que tenha um coração mecânico também."

"Exatamente. Eu só estava curiosa para saber como os relacionamentos funcionam quando se é um romântico incorrigível." Ela esperou que Zaf negasse o rótulo, se perguntando se ele responderia com sarcasmo ou com algum tipo de fanfarrice masculina. Havia uma primeira vez para tudo, afinal de contas.

Mas Zaf só a encarou. "Então tá", ele murmurou, com os olhos penetrantes, e de repente Dani sentiu como se ele a tivesse despido no meio da biblioteca. E não de um jeito sexy.

Ela afastou o sentimento e deixou que aquela confiança que lhe era tão natural quanto respirar tomasse conta. "Se um dia quiser saber como funciona *para mim*", Dani ronronou, "é só perguntar."

Ele não ficou sem graça, não gaguejou nem mudou de assunto. Tampouco mordeu a isca, sorriu ou chegou mais perto. Só balançou a cabeça, deu um apertão leve na nuca de Dani e disse: "Comportese".

Dani piscou. Tinha a estranha sensação de que o equilíbrio sexual ali tinha se invertido de maneira irreversível, o que não trabalhava a seu favor.

Bom... sorte a dele.

“Vamos comer”, Zaf disse, como se nada tivesse acontecido. Ele tirou a mão do pescoço dela e se virou para pegar algo num saco plástico que ela ainda não havia notado. “Não é uma barrinha de proteína. Eu juro.”

Ela mordeu o lábio. “Gosto das suas barrinhas de proteína.”

“Achei que tinham gosto de papelão...”

“Mas eu gosto”, insistiu ela, com teimosia, porque era verdade, e porque tinha ficado preocupada que ele pudesse parar de lhe dar as barrinhas. O motivo daquela preocupação, no entanto, estava muito além de sua compreensão. No momento, seus sentimentos estavam um pouco embaralhados e tortuosos. Talvez porque estivesse nervosa com o evento chegando, talvez porque sua pobre boceta estivesse sendo negligenciada, talvez as duas coisas.

“Bom saber”, Zaf disse, animado, “porque sou capaz de triturar e colocar no seu chá verde se necessário.” Em seguida, ele murmurou, quase para si mesmo: “Vamos ver”. Do misterioso saco plástico saiu uma garrafa de água, a qual Dani aceitou com tanta avidez que quase não notou o restante: dois bagels, potinhos com frutas e iogurtes, salgadinho e um pacote de bolinhas de chocolate.

“Zaf”, ela sussurrou, “você sabe que não pode comer aqui, né?”

“A gente come até alguém vir reclamar. Você está com fome, meu horário de almoço está quase terminando e” — ele a olhou de maneira significativa, e, quando voltou a falar, sua voz tinha se reduzido a um sussurro — “temos que comer juntos, porque estamos perdidamente apaixonados e tal.”

“Ah, sim. Claro.” Dani puxou a cadeira para mais perto dele, para que quaisquer fotos que pudessem parar na internet transmitissem

devidamente como os dois eram próximos. O casal perfeito e coisa e tal. Tirar o máximo de proveito etc. “Como foi seu dia, hã, amor?”

Ele arqueou uma sobrancelha. “*Amor?* Não sei se é melhor ou pior que a vez que eu te chamei de *gata*.”

“Ah, cala a boca. É o tipo de coisa que casais dizem.”

“Aposto que sim, peitos lindos.”

Ela sentiu as bochechas esquentarem. “Menos isso. Ninguém diz esse tipo de coisa.”

“Tem certeza?”, ele perguntou, muito relaxado.

“Tenho certeza, pica de mel.”

Zaf engasgou, depois teve um acesso de tosse. Dani estava pensando em outro nome que poderia causar uma reação igualmente fofa quando um grupo de garotos de rosto rosado e pescoço grosso — da graduação, ela chutava — surgiu do nada. Eles escolheram uma mesa em frente àquela em que os dois estavam e fizeram barulho arrastando cadeiras emprestadas das mesas vizinhas, mas ignoraram a cara feia dos outros usuários da biblioteca. Depois de se sentarem em meio a murmúrios e risadinhas, eles começaram a mexer nos celulares com intenções óbvias, olhando, encantados, para Zaf. Um menino chegou a empurrar o ombro do outro depois de uma gargalhada particularmente alta. Dani conseguiu ver o que estava escrito nas costas de sua jaqueta azul: RÚGBI.

“Ai, meu Deus”, ela sussurrou. “Acho que seus seguidores encontraram a gente.”

Zaf revirou os olhos. “Duvido que qualquer um deles já tivesse ouvido meu nome antes da semana passada.”

“Sinceramente, Zafir, você é tão rabugento que poderia muito bem ter nuvenzinhas cinzas em cima da sua cabeça. Países inteiros pagariam por seus serviços, sério.”

“O que posso dizer? É o meu talento.”

“Talvez seja só falta de sono”, Dani comentou, depois se repreendeu mentalmente. Não era da conta dela se Zaf ficava acordado até altas horas. Ela não era mãe dele, ainda bem.

“Está me dizendo que preciso dormir mais? Você desmaiou de sono em uma biblioteca!”

Ela corou. “É um ambiente muito relaxante!”

“Ouvi dizer que camas são melhores ainda.”

“Não quero falar sobre camas com você, Zaf.” Não naquele momento, pelo menos, porque não seria bom se entrasse em combustão espontânea num lugar público.

Então lhe ocorreu que um *lugar público* era o lugar perfeito para forçar a barra, só um pouquinho. Se tudo desse supererrado, se ele não estivesse interessado no que Dani tinha a oferecer, ela poderia dizer que era parte da encenação. *Genial*. De repente, os meninos que mandavam mensagens do tipo “Quer namorar comigo? Haha, zoeira. Mas se quiser...” pareciam corajosos pioneiros, em vez de pentelhos irritantes.

Assim, Dani murmurou a trágica verdade, com um sorriso provocador: “Toda essa história de cama pode me deixar no limite. Daqui a pouco vou estar atacando você nesse tapete que com certeza não é nada higiênico.”

Aparentemente, ele não esperava aquilo, porque, por um momento, sua expressão ficou tão vazia quanto uma página em branco no Word. Dani mordeu o lábio, se perguntando como Zaf

responderia, e mal notou o aumento nos sussurros vindos da mesa em que seu público muito animado se concentrava.

Então a surpresa de Zaf evoluiu para uma expressão que ela só poderia definir como *desejo*. Sem aviso prévio, ele pegou a perna da cadeira dela e a puxou para mais perto — puxando *Dani* junto. O ar deixou seus pulmões, e quando ela finalmente se lembrou de que precisava respirar, sua cadeira já estava presa, de lado, entre as pernas abertas dele. Zaf descansou o braço em cima do encosto da cadeira dela, e Dani sentiu o calor dele contra seus ombros. A boca de Zaf estava perigosamente próxima da bochecha dela, e quando ele finalmente falou, sua voz saiu baixa, rouca e *diferente*, raspando por sua pele como as mãos dele poderiam fazer. “Diz o que você quer de mim, Danika. Me explica. E devagar.”

Para alguém com tamanha repulsa a relacionamentos, Dani certamente tinha muitas dúvidas sobre o assunto. Ao mesmo tempo, para alguém que não estava interessado em sexo casual, Zaf estava tendo muita dificuldade em pedir que ela parasse com aquelas insinuações.

Ele não queria que Dani parasse.

Talvez estivesse fantasiando o modo como ela às vezes parecia olhá-lo, como se ele fosse uma surpresa ao mesmo tempo assustadora e especial. Talvez também estivesse imaginando a vulnerabilidade dela, cintilando debaixo da superfície, como ouro sob a água. O problema era que ele *queria* acreditar naquilo, ainda que o chamassem de imprudente, que dissessem que pensava com o pau, que era um romântico incorrigível. Queria tanto que a puxou para mais perto e fez uma pergunta direta.

“Diz o que você quer de mim, Danika. Me explica. E devagar.”

Os dentes dela roçaram a carne macia e polpuda do lábio inferior, e Zaf sentiu aquilo no pau. Dani olhou para os meninos que os observavam, depois para Zaf. Falou tão baixo que ele mal a ouviu: “Quero dormir com você, Zafir. Mas não leve para o lado pessoal”. O sorriso dela era dolorosamente sexy e afiado como uma flecha. Não tinha como não acabar com as ilusões dele.

Não. Você sempre soube como ela funcionava. Não pode se decepcionar com algo que já estava dado.

Zaf respirou fundo, enquanto suas esperanças davam espaço ao senso comum. Dani não queria nada além de sexo. Ele havia sido um idiota em esperar que fosse diferente, e se recusava a continuar sendo. O resumo era: ela também o queria, pelo menos de determinada maneira, e aquilo era excitante o bastante a ponto de deixá-lo balançado. Nem tudo na vida precisava ser preto no branco, certo? Havia algo entre procurar o felizes para sempre e o celibato, não é? Zaf esperava que sim, porque fazia um ano desde seu último relacionamento, e no momento seu pau estava tão duro que parecia que podia quebrar. O que definitivamente não seria saudável.

Ele se inclinou para ainda mais perto de Dani, mais para garantir que seu pau duro ficasse escondido nas sombras entre os dois. Mas o braço que ele havia apoiado no encosto da cadeira roçou os ombros de Dani, que inspirou fundo com o contato.

Zaf a olhou com mais atenção, identificando um tesão em seus olhos que parecia tão animal quanto o dele. Ela estava linda, com o peito se movendo a cada exalação pesada, os lábios carnudos entreabertos, a ponta da língua úmida e rosada entre os dentes. As íris entre o castanho e o mel, engolidas pelas pupilas pretas e

vorazes, as narinas abertas, as mãos agarrando a mesa. Era como se suas costuras se desfizessem bem na frente dele, e cada um dos fios daquele emaranhado o envolvesse como seda.

Foda-se. Chega de pensar demais, de evitar correr riscos, de dizer não quando o sim nunca parecera tão gostoso na ponta de sua língua. Os dois iam trepar e iam gostar, e aquilo seria o bastante. Teria que ser o bastante. Zaf ia *garantir* que fosse, porque o tesão rugindo dentro dele naquele momento era mais alto que seus sentimentos gerais em relação a sexo. Não era?

Você não pode fazer isso, Zafir, disse uma voz no fundo da cabeça dele. Zaf fingiu que era a ansiedade falando, e não a razão, e a mandou embora.

Então ele passou a ponta de um dedo pelo queixo de Dani, desfrutando do modo como os cílios dela batiam e suas pálpebras pareciam pesadas. Por causa dele. Ela o desejava, o bastante para que um vestígio de gemido escapasse de seus lábios, e, puta merda, seria um milagre se ele saísse daquela biblioteca sem gozar nele mesmo.

Não faz isso. Sério, não faz isso. A administração da universidade não tinha dado bola para aquela história toda até então, mas com certeza as coisas mudariam se ele chegasse aos finalmentes no campus.

Zaf soltou Dani e virou para o outro lado para recuperar o fôlego. Ele se concentrou na comida abandonada na mesa. “Depois”, Zaf respondeu, baixo. Sua própria voz lhe parecia desconhecida, áspera como lixa, grossa por causa da necessidade que o sufocava. Ele deu uma olhada para o grupo de meninos na outra mesa, só para se lembrar de que continuavam ali. Foi o suficiente. O tesão imprudente

que nublava suas ideias abrandou, e ele voltou a pensar com mais clareza.

“Depois”, Dani ecoou, com a voz aguda e fraca. Zaf não conseguia olhar para ela. Era incapaz. Mas aquela voz fez a intensidade do desejo dentro dele aumentar.

“Hoje à noite, depois do trabalho”, ele decidiu, então pegou o bagel. Pão era sem graça. Pão poderia ajudar.

“Não posso”, ela disse.

Merda.

“Combinei de jantar com minhas irmãs hoje à noite, e... nunca desmarco com elas.”

Um carinho caloroso e doce inundou seu sangue, suavizando a decepção. Ele já havia notado que Danika adorava as irmãs. De verdade. O bastante para fazer Zaf pensar no próprio irmão, em quão próximos eram, apesar dos sete anos de diferença que havia entre eles. Estavam sempre juntos, até o dia em que aquilo mudara.

“Amanhã, então”, ele disse, suavemente. “Vai jantar com suas irmãs. E reserva amanhã pra mim.”

Ele não ia desperdiçar aquela oportunidade.

ASSUNTO: Técnico dos Titans 2011

Oi, Zaf.

Não sei se vai se lembrar de mim, mas fui seu técnico faz um tempo, quando você jogava pelos Titans. Sempre achei uma pena você ter parado. Espero que sua família esteja melhor.

Bom, meu filho me mostrou sua hashtag (uma doutora, hein? boa!) e fomos parar no site da sua ONG. Parece muito legal. Estou treinando o subdezesseis agora, e fiquei pensando se você não oferece só a oficina emocional, sem a parte do treino em si, porque isso já fazemos aqui. Me diz, talvez a gente possa conversar a respeito.

Abraços,

Mac Stevens

Antes daquela coisa toda do vídeo viralizar, Zaf passava as noites treinando os jovens da fundação de Jamal, planejando oficinas e entrando com pedidos de financiamento dos mais variados. Desde que ele se tornara a metade de uma hashtag viral, passara a ler artigos sobre marketing em redes sociais e a verificar a caixa de entrada a cada meia hora, torcendo por jornalistas querendo um comentário seu.

A mensagem de Mac rompera com aquela rotina.

Zaf a leu pela terceira vez, talvez a quarta, talvez a vigésima quinta. Seu primeiro impulso foi pegar o celular e ligar para Danika, mas aquilo seria ridículo. Para começar, ela estava ocupada com as irmãs aquela noite. Fora que ele estava tentando não pensar demais em Dani, para evitar qualquer chance de acabar se convencendo a não dormir com ela, que era exatamente o tipo de coisa que sua mente ansiosa faria se Zaf não tomasse cuidado. E a parte mais importante: Dani não faria ideia de por que um e-mail de seu antigo técnico o deixaria em tamanho conflito. Porque havia muita coisa que ela não sabia.

Tipo quão mal Zaf havia ficado depois que o pai dele e Zain Bhai tinham morrido — ou o simples fato de que eles tinham morrido. Como ele tinha se fechado para tudo e para todos, deixando que seu sonho escapasse por entre os dedos, porque estava entorpecido demais para querer qualquer coisa. Como havia se esforçado para superar a perda, para controlar a ansiedade, para deixar a raiva e os arrependimentos para trás. Não era o tipo de coisa que se compartilhava quando se estava tentando, hum, manter distanciamento emocional de uma mulher. Era o exato oposto do tipo de coisa que se compartilhava.

Portanto, Zaf colocou o celular sobre a mesa de centro, fora de seu alcance, e analisou o e-mail de novo. Talvez devesse recorrer a suas antigas sessões de terapia — ou mesmo às técnicas que ensinava em suas oficinas — para tentar desemaranhar aquela confusão de sentimentos.

Talvez devesse se ater a seu mecanismo de enfrentamento de costume, já testado e aprovado, fechando aquela porta para o

passado antes que ela causasse qualquer dano. Afinal, Zaf havia sobrevivido estabelecendo limites. Sua antiga vida tinha despencado de um penhasco quando sua família se destroçara, mas agora as coisas estavam melhores. Ter alguém de sua vida de *Antes* entrando em contato com ele no *Agora* não era necessariamente ruim, mas era — ou poderia ser — complicado. Não havia necessidade de confundir os limites entre o antigo e o novo, quando ele havia se saído tão bem em deixar o passado para trás.

No fim, ele acabou ignorando o e-mail. Mas não o deletou. Ele ia... pensar. Precisava pensar.

Mas não naquele momento. Naquele momento, Zaf respondeu alguns e-mails da imprensa e de escolas interessadas, focando em seu projeto, com o laptop superaquecido queimando suas pernas, os lábios curvados em um sorriso. Esse negócio de publicidade estava funcionando. Estava funcionando de verdade. E, no dia seguinte, ele ia tocar Danika Brown, o que provavelmente não deveria estar em sua lista mental de conquistas, só que era exatamente o que parecia, uma conquista, então...

Uma batida reverberou pelo apartamento, arrancando Zaf de seus pensamentos. Ele fechou o laptop, deixando os e-mails e as notificações do Twitter para lá, e se dirigiu à porta, já sabendo quem era.

“E aí, cara?” Jamal parecia um rio: era calmo, constante e poderoso o bastante para desgastar montanhas. Assim que a porta se abriu, ele entrou no apartamento, foi direto para a sala, se jogou no sofá e abriu o laptop de Zaf.

“Fica à vontade”, Zaf resmungou.

“Valeu. Bota a água pra ferver.”

“Vai se foder. O que está fazendo aqui?” Zaf se sentou, então notou que Jamal já tinha feito o login no laptop. “E desde quando você sabe minha senha?”

“Doideira, né?”, Jamal disse, impassível. “Quem poderia imaginar que sua senha era Fatima2001?”

“Cala a boca.”

“Estou aqui para assumir suas redes sociais por um tempo, já que você responde todo mundo como se fosse um garçom no fim do turno de oito horas de trabalho.”

“Ah, vai à merda”, Zaf disse, mas sem muita vontade. Jamal estava certo, e ele só podia agradecer pela ajuda. “Hum... valeu.”

Jamal revirou os olhos e nem se deu ao trabalho de responder. “Aliás, Zafir...”

“Zafir? O que foi? Empilhei os cones tudo errado depois do treino?”

Jamal prosseguiu: “... quando é que ia me contar que você e a doutora sei lá o que estão fingindo namorar?”

“Nunca”, Zaf mentiu, sorridente. “Mas, já que mencionou... *quem* te contou?”

Jamal pareceu suspeito.

Zaf sorriu. “Foi a Kiran?”

“Não!” A palavra saiu duas vezes mais alto do que o tom de voz tranquilo que Jamal costumava usar. Ele pigarreou e disse, mais baixo: “Por que pensou nela?”

“Porque vocês dois se conhecem há décadas, mas nos últimos meses têm agido como se não se conhecessem.”

“O que isso...”

“E sempre que eu menciono seu nome na frente de K, ela fica sem graça.”

“Não fica, não”, Jamal disse imediatamente. Então fez uma pausa. “Fica? Bem, deixa pra lá. Quem liga? Eu, não. Você só... só está sendo... Não tenta me distrair. Qual é a desse namoro falso?”

Zaf deu de ombros, tentando parecer casual. Despreocupado. O oposto de um homem que planejava dormir com a namorada falsa. “É só um lance de publicidade. A Fofucha me deu a ideia. E está funcionando, não acha?” Ele apontou com a cabeça para os e-mails.

“Está”, Jamal concordou, devagar. “Mas... tem certeza de que sabe o que está fazendo?”

“Em geral, não, mas me viro bem.” Até onde Zaf sabia dizer, tudo na vida se resumia a ter um objetivo em mente e se concentrar nele para...

Jamal piscou, lenta e deliberadamente, código para *Dai-me forças*. “Quis dizer com ela. Com a mulher.”

Ah. Zaf cerrou os dentes e desviou o olhar. “O nome dela é Danika.”

“Eu sei o nome dela.” Um sorriso familiar passou por seu rosto. “Mas gosto de te obrigar a dizer, porque assim posso ouvir a adoração em cada sílaba.”

“Vou invadir sua casa hoje à noite e te matar enquanto você dorme.”

“Então tá. Só estou dizendo que faz, tipo, uns seis meses que você está meio apaixonado por ela, então toma cuidado.”

“Não estou apaixonado por ela”, Zaf disse, entre dentes. Porque não estava. Não podia estar. Havia limites, fronteiras, caminhos

sensatos, e Dani estava além dos limites, das fronteiras e no meio da floresta. Por isso, não, ele não estava apaixonado por ela.

Só queria muito dormir com ela, segurar sua mão, mantê-la alimentada e hidratada enquanto trabalhava até tarde da noite, e às vezes se perguntava que xampu ela usava e o que ele poderia fazer para deixar seus travesseiros com aquele cheiro, mas era melhor não mencionar aquilo, porque não achava que ia ajudá-lo.

“Mentiroso”, Jamal disse apenas, entrando nos e-mails de Zaf.

Zaf o encarou. “Oi?”

“Essa é a voz que você faz quando mente. Toda tensa e áspera.”

“Quem é você?”, Zaf soltou. “A porra da polícia da voz?”

“Espero que da próxima vez que estiver no banho você consiga pensar em setenta outras coisas que poderia ter dito e que seriam muito melhores do que ‘polícia da voz’.”

“Espero que da próxima vez que estiver no banho você se afogue.” Por outro lado, Zaf concordava que, aos trinta e um anos de idade, já deveria conseguir dar respostas melhores.

“Olha.” Jamal suspirou e olhou nos olhos de Zaf com uma seriedade que não sugeria nada de bom. “Você lê um monte de livros, então talvez não saiba que, no mundo real, fingir estar em um relacionamento é superbizarro...”

“Hum, não, eu sei muito bem disso.”

“... e, se ela topou, tem um motivo.” Jamal lhe lançou um olhar significativo. “Tipo, *um motivo*. Então, se você gosta dessa mulher, é melhor contar logo.”

Zaf engoliu em seco e passou a mão pela barba, evitando encarar Jamal. “Não posso.”

“Por quê? É melhor não ter nada a ver com aquele seu papo chato de felizes para sempre. Não sei como você consegue ser tão flexível ensinando os meninos sobre saúde mental e tão rígido quando se trata de...”

“Não sou rígido”, Zaf retrucou. Ter um propósito quando se tratava de namorar era tão ruim assim? Não, não era. Era importante ter objetivos na vida, afinal de contas. “Ela não está interessada, tá bom? Em nenhum tipo de relacionamento.” A não ser de mentira. E sexual. Se Jamal soubesse daquilo, não ia dizer que Zaf era rígido, ia?

Muito embora talvez dissesse outras coisas. Coisas que Zaf não ia querer ouvir, como *Você está cometendo um erro*, ou *Você leva sexo muito a sério*. Nada daquilo era verdade, claro, porque Zaf já tinha pensado em tudo. Ia dormir com Danika, depois o tesão entorpecedor que sentia por ela ia se extinguir naturalmente, e ele poderia se concentrar por tempo o bastante quando estivessem juntos para se lembrar que ela não era para ele. Ou melhor: ela não *queria* ser dele. Mesma coisa, perspectiva diferente.

“Ela não está interessada”, Jamal repetiu, sem emoção na voz, com as sobrancelhas arqueadas revelando sua descrença. “E você sabe disso porque...?”

“Porque ela me disse. Sério. Foi muito clara.”

Jamal levou um momento para dizer: “Ah. Hum. Que chato, cara”.

“Não tem problema.”

“Tem, sim. Você vai ficar bem?”

Zaf não sabia e não queria descobrir, por isso sua resposta foi: “Você está apaixonado pela minha cunhada?”.

Jamal fechou a boca na hora, depois fez um som que parecia mais um gato engasgado com uma bola de pelo. “Não”, ele retrucou, com os olhos fixos na tela do laptop. “Por que você...? *Não.*”

Zaf desdenhou. “Porque *isso* não foi nem um pouco suspeito. Vocês dois estão...”

A expressão de Jamal se alterou. “Zaf.”

“... esquisitos pra caralho. Se tem alguma coisa...”

“Zaf.”

“O quê?”

“Você vai fazer alguma coisa amanhã à noite?”

“Vou”, ele respondeu na mesma hora, enquanto sua mente voltava à biblioteca. *Amanhã. Depois do trabalho.* “Vou estar ocupado. Superocupado, atolado. Não apareça, porque não vou estar aqui. E, se estiver, não vou abrir a porta.”

“Eu tenho a chave”, Jamal disse, seco. “Mas, o que quer que tenha planejado, pode cancelar...”

“Não.”

“... porque estão marcando uma entrevista para a rádio local e querem falar sobre a *Enfrente.*”

“Ah”, Zaf disse. “Merda.” Então todas as possibilidades, todas as oportunidades, o atingiram, e ele repetiu, ligeiramente sem ar: “*Merda.*”

Dani acordou na manhã seguinte com uma empolgação elétrica pulsando em suas veias e um sorriso enorme e desvairado no rosto, que dizia: *Vou transar.* Sinceramente, era repugnante.

Até Sorcha comentou, quando as duas se encontraram no café aquela manhã: “Você está animada demais. Isso tem alguma coisa a

ver com o seu” — ela tossiu de forma dramática — “*namorado?*”

“Cala a boca”, Dani disse, e tentou fazer cara feia para ela. Mas o sorriso insano parecia colado no rosto. “Se quer mesmo saber, estou feliz porque o sinal de Oxum foi certo, claro. Zaf está prestes a tirar minhas teias de aranha, espero que com a boca, exatamente como Oxum pretendia.”

“Sei. Só que conheço você há dez anos, Dan, e não te vejo animada assim com uma trepadinha qualquer desde...” Sorcha franziu a testa, como se refletisse. “Sei lá, Mateo? Ou seja, desde um passado muito remoto”, ela zombou.

Dani tentou dar risada. Tentou de verdade. Mas algo no nome de seu primeiro namorado fez a risada congelar em sua garganta.

E *algo* queria dizer *literalmente tudo*.

“Tem certeza de que é tudo fingimento mesmo?”, Sorcha insistiu, ainda rindo. “Porque ou você está muito interessada no seu *amigo*, ou ele vai usar algum equipamento vibratório que brilha no escuro e você não está me contando.”

“Cala a *boca*”, Dani sibilou, olhando em volta de maneira furtiva. Não ia nem responder ao comentário sem sentido sobre seu interesse, mas usar a palavra “fingimento” em público poderia atrapalhar o progresso profissional de Zaf. Os Agentes das Redes Sociais poderiam estar em qualquer lugar. A adolescente tatuada e cheia de piercings que comia um croissant melancolicamente em um canto podia tirar um distintivo do nada, acusá-los de golpe publicitário e prendê-los. “Não me faça me arrepender de ter te contado.”

Sorcha revirou os olhos. “Como se eu não fosse capaz de adivinhar. Brincadeiras à parte, nem Zaf é gostoso o suficiente para

te curar da sua fobia de relacionamentos.”

“Se você falar mais alguma coisa sobre isso em público eu vou te jogar pela janela.”

“Talvez eu acreditasse nisso, se você não parecesse uma santa morta em êxtase.”

Considerando a guinada que a conversa havia dado, era impossível que aquilo fosse verdade. No entanto, quando viu de relance sua imagem distorcida na lateral da máquina de café, Dani se deu conta de que, de alguma maneira, Sorcha estava certa.

Bem. Já fazia seis meses que ela não transava, e, para Dani, aquilo era bastante tempo. Era normal estar um pouco empolgada. O que explicava por que, quando entrou no Echo e entregou o café de Zaf, teve vontade de pular por cima da mesa e rasgar o corpete dele, como um verdadeiro herói de romance.

Até ver o rosto dele.

“Bom dia”, Zaf a cumprimentou, simpático, sua voz grave se sobrepondo aos ruídos familiares dos funcionários e alunos que passavam. Seu cabelo estava mais bagunçado que o normal, escorrendo pela testa como tinta, o que significava que tinha ficado passando a mão nele. Suas pálpebras pesadas estavam envoltas em sombras que mais pareciam impressões digitais azuladas, o que significava que devia ter dormido ainda menos que de costume. Sua pele dourada parecia pálida em contraste com o preto da barba.

“Ah, não”, Dani soltou.

Ele piscou, depois arqueou uma sobrancelha.

Já que não podia deixar aquele pensamento traiçoeiro se revelar por completo — expressando uma preocupação vergonhosa ao ser concluído, como *Ah, não. Você está bem?* —, Dani tentou pensar em

outra coisa para dizer. Depois de um momento surpreendente de nervosismo e inquietação intensa, acabou se decidindo por: “Você está confiscando seu pau, né?”.

Porque provavelmente era verdade. Ele parecera normal, talvez um pouco mais quieto, durante as conversas de cinco minutos da noite anterior, mas aquilo não significava nada. As pessoas escondiam os próprios sentimentos o tempo todo, reprimindo-os até a pressão se tornar insuportável e bum! A autoimagem delas ficava em frangalhos e acabavam atirando as roupas dos outros pela janela dentro de um saco de lixo, como Keyshia Cole.

Zaf provavelmente tinha deixado o celular de lado e passado o resto da noite pensando os muitos defeitos de Dani em relação a seus vários ideais românticos, então decidira que nem o poder superior de seus peitos (abundantes, claro) e de sua língua (comprida e muito flexível, caso alguém esteja se perguntando) era o suficiente para levá-lo a pecar alegremente. Com certeza Zaf não seria o primeiro a fazer uma avaliação negativa quando se tratava de Danika Brown. No entanto, manter as coisas estritamente físicas devia evitar que tais avaliações a magoassem.

Por isso, aquele buraco que os olhos escuros de Zaf abriam no peito dela devia estar relacionado a cutucões divinos e ao destino. Sim, era aquilo: era o fato de que seu pau amigo mandado pelo universo não *queria* transar com ela que fazia o humor de Dani despencar, como cocô de pássaro no chão — *plaft!* Oxum devia parar de sacaneá-la assim. Ou talvez o objetivo daquilo fosse fortalecê-la? Como jejum para os monges.

“Não”, Zaf disse, se levantando e se inclinando sobre a mesa da entrada. “Não estou...” Seus lábios se retorceram, e sua voz a

lembrou de um gato ronronando passando por entre suas pernas. "Não estou confiscando meu pau."

"Ah. Que bom", Dani disse, tentando não ficar alarmada demais com sua mudança repentina de humor. Aquela manhã estava sendo quase violenta em seus altos e baixos. Ela se sentia ligeiramente enjoada e um pouco instável. O que provavelmente estava relacionado a alívio, seu clitóris e alterações abruptas em seu fluxo sanguíneo.

"Mas tenho uma má notícia", Zaf disse. Ele tomou um longo e lento gole de café, aparentemente porque era um torturador profissional, além de ex-jogador de rúgbi. Estava na hora de Zaf parar de esconder aquelas vidas passadas. Não se escondia dos amigos as próprias habilidades pessoais tão variadas e especiais.

Esse foi o motivo pelo qual Dani logo revelaria a ele tudo sobre sua experiência na cama.

O movimento ritmado do pomo de adão dele a distraiu por alguns segundos antes que sua paciência se esgotasse. "Fala. Qual é a má notícia?"

Zaf apoiou o café na mesa. "Eu não queria te contar pelo telefone ontem, pra você não ficar pensando que estou te evitando de novo. Mas preciso remarcar hoje à noite." As palavras saíram com uma onda de decepção, como se o que quer que o tivesse motivado a pedir o adiamento do sexo frenético fosse absolutamente indesejável. O que abrandou um pouco a infelicidade de Dani.

No entanto, ela não tinha motivos para estar infeliz. Já tinha sobrevivido aquele tempo todo à base de orgasmos proporcionados pelo vibrador, e não era como se estivesse ansiosa para passar uma

noite especial com Zaf. Seria tolice. Principalmente considerando que poderia apenas ligar para ele.

Tendo aquilo em mente, Dani perguntou, com calma: "Está tudo bem?".

"Sim." Um sorriso hesitante se insinuou em seus lábios. "Tudo ótimo, na verdade. A não ser por a gente não... bem. Então. A Trent quer me entrevistar."

"*O quê?*" Foi como se uma lâmpada tivesse se acendido dentro de Dani, e agora sua pele brilhasse de prazer. "Isso é maravilhoso, né? É incrível!"

"É." Zaf assentiu e desviou o olhar, como se estivesse constrangido. Seu sorriso era cauteloso, esperançoso, doce. Algo nele fez com que Dani sentisse que havia levado um soco no peito, o que foi muito desconfortável e fez seus ossos doerem.

"Eles querem falar sobre a Enfrente", Zaf disse, "e sobre nós dois, é claro. Não tenho nem como..." Ele fez uma pausa e passou a língua pelo lábio inferior, muito tentador, antes de esticar o braço por cima da mesa e pegar a mão de Dani. Ocorreu a ela que, pela primeira vez desde que haviam se conhecido, Zaf estava ignorando completamente seus deveres de segurança. Em geral, enquanto os dois conversavam, os olhos de Zaf não paravam. Ele distribuía caretas e ordens aleatórias, lembrando a todos que deviam mostrar o crachá. Mas, naquele momento, seus olhos estavam fixos em Dani enquanto seus dedos se entrelaçavam aos dela. Todo aquele foco, escuro e aveludado, fez uma vibração se espalhar pela corrente sanguínea de Dani, que se sentiu singularmente... desejada. Muito, muito desejada. Sua respiração ficou acelerada, e ela não conseguiu fazer com que voltasse ao normal.

“Obrigado”, Zaf concluiu, baixo. “Por tudo isso. É ridículo, eu sei, mas está fazendo muita diferença.”

Ele era tão sincero que chegava a ser repugnante. Dani devia ser alérgica àquilo, porque toda vez que Zaf agradecia com aqueles olhos grandes de cachorrinho, ela se sentia quente, corada e agitada por dentro. “Que nada”, ela disse, com vigor. “Precisa que eu vá junto?”

Zaf pressionou os lábios. “Perguntaram se você iria também. Mas eu disse que você estava ocupada, então...”

Ela *estava* mesmo ocupada, terrivelmente ocupada, se preparando para o simpósio. Na noite anterior, havia acordado depois de um pesadelo em que Inez Holly lhe fazia uma pergunta sobre uma teoria obscura afro-sueca relacionada a interseccionalidade na literatura do fim do século XIX e ela *não sabia a resposta*. Devia ficar feliz por Zaf não precisar de sua companhia. No entanto, se viu perguntando com leveza, como se estivesse brincando: “Ah, é? Você não quer que eu vá? Isso me magoa”.

Ele riu um pouco, porque ela não estava falando sério, óbvio. Claro que não. “Você já está fazendo tanto por mim, Dan. Não posso te arrastar para entrevistas também.” Zaf se inclinou para ela e baixou a voz. “Ou te pedir para mentir mais do que já está mentindo.”

Tudo aquilo era muito nobre, mas ele não chegara a dizer *não*. E Zaf era o tipo de homem que sabia dizer não quando queria.

Dani estava ciente de que era melhor deixar aquilo para lá. Faltavam poucas semanas para o simpósio e a temida mesa de discussão que o acompanharia, com participação da porra da Inez Holly! Ela não tinha tempo a perder com entrevistas de última hora

para o rádio com seu namorado de mentira, ainda que fosse pelas criancinhas e coisa e tal, e ainda que seu namorado de mentira também fosse se tornar seu pau amigo no futuro muito próximo. Zaf estava certo. Era melhor ela não ir.

Só que... estava claro que Zaf não gostava de ser o centro das atenções. E, quando ficava nervoso, parecia intimidador de um jeito muito único e fofo, embora ninguém mais parecesse notar a parte *fofa*. E, pelo amor, ele sofria de ansiedade. Por isso, Dani não podia deixá-lo fazer aquilo sozinho. A conclusão foi tão urgente, tão veemente e intensa, que Dani quase se alarmou, mas aquela preocupação era fruto da amizade, e não havia problema nenhum em serem amigos. Amizade era algo perfeitamente seguro. Às vezes alguém até podia se magoar, mas Dani nunca tivera seu coração partido ou fora virada do avesso por um amigo.

Por um momento, o buraco em seu peito deixado pelo fato de que já não ria mais com Jo pareceu insuportavelmente escuro e sombrio. Dani afastou aquela dor.

“Eu vou com você”, ela disse.

Zaf pareceu se sobressaltar, talvez porque ela tivesse ficado em silêncio por alguns bons minutos. Pausas longas para reflexão eram um hábito socialmente inaceitável que Dani se esforçava para perder, um que ela sabia por experiências passadas ou feedbacks sinceros que a fazia parecer esquisita e/ou entediante. Zaf não parecia se importar, no entanto. Ele simplesmente aguardava e, quando ela voltava a falar, sempre respondia como se o momento de silêncio não tivesse acontecido.

Tipo agora. “Você vai?”, ele disse. “Mas...”

“Mas nada. Vamos fazer isso direito.”

“Tem certeza?” A expressão dele era indecifrável.

“Tenho”, Dani disse, apesar da vozinha em seu ouvido que gritava: *O que está acontecendo aqui? O que são essas faíscas quentinhas, e por que nenhuma delas disparou nos meus genitais?*

A leve tensão nos ombros de Zaf pareceu se dissolver. Ele abriu um sorriso enorme para ela, de parar o coração — do tipo perigoso que sempre fazia Dani querer dar um beijo no nariz dele (contra sua própria vontade, claro). Depois ele tornou as coisas mil vezes pior ao levar uma das mãos à nuca dela e puxá-la para mais perto, até que a mesa entre os dois fosse menos uma superfície de madeira inocente e mais uma barreira empata-foda, então pressionou seus lábios contra os dela.

Não foi um beijo quente, vigoroso, apaixonado. Foi um beijo lento, gentil, suave, quase casto, mas nem tanto, com os lábios entreabertos, mas a língua muito comportada. Com uma pressão doce e morna, um carinho tímido e reconfortante, Zaf se afastou só o suficiente para olhar nos olhos dela. Os dele pareciam caramelo quente no fogão, envoltos em rugas que indicavam que sorria.

“Quantas pessoas sabem que você é generosa desse jeito?”, ele perguntou, baixo.

“Eu... hum...” Dani engoliu sua perplexidade e tentou não corar. “Não sou generosa.”

“Sei”, Zaf disse, seco, então roçou o nariz no dela, e todo o tronco de Dani se dobrou antes de derreter como manteiga. *Estamos em público*, ela lembrou a si mesma, com firmeza, *o que significa que é tudo encenação*.

Só que, na maior parte do tempo, Zaf era incapaz de fingir a simpatia mais básica ou de não falar palavrão enquanto estava

trabalhando. Ele não conseguia nem fingir um *sorriso*. O que levava à pergunta...

Não. Não faz a porra dessa pergunta, ou vai ter que abrir mão do sexo com ele depois de meses na seca antes mesmo de começar. Muros de segurança se ergueram em uma parte da mente de Dani, mais grossos que as coxas de Zaf e mais altos que os batimentos cardíacos dela sempre que ele a tocava. Porque sentimentos tinham asas, mas Dani não tinha, e não ia se permitir perseguir um passarinho à beira de um penhasco.

Ela nem sentia a necessidade. Nunca.

Por isso, se forçou a focar no que importava e disse: "Talvez depois da entrevista a gente pudesse...".

"Eu vou pra casa com você", Zaf disse. Não havia hesitação em sua voz. Só um tesão quente e fluido.

@BASICJELLYBABY: Ninguém:

Absolutamente ninguém:

Nenhuma pessoa sequer:

#DraRugbaby pelo campus todo: COMO É SER SOLTEIRA? NÃO SEI DIZER!

💬 103 ↻ 15 ❤️ 66 ↑

Naquela tarde, Dani regou as plantas, ofereceu água com sal à orixá e procurou na internet artigos sobre a crítica literária sueca, só para garantir. Ela acrescentou alguns *post-its* cor-de-rosa ao seu Mural da Perdição, o mapa mental que havia criado diante da escrivadinha e que continha toda a pesquisa relacionada ao simpósio. Depois, encontrou um artigo fascinante sobre raça, gênero e a nova mulher do século XIX que podia ser incluído em sua preparação para a mesa, seguindo por um caminho sem volta e logo se esquecendo de seus planos para aquela noite.

Ela ainda estava brincando com os *post-its* rosa quando sua avó Gigi ligou para reclamar de netas malcriadas e posturas complicadas de ioga. O tempo passava rápido, o que ambas ignoravam.

“Eve anda impossível desde que aquela amiguinha dela ficou noiva”, Gigi falou devagar, deixando de lado a perfídia da postura do pavão. “A menina é um pesadelo em todos os sentidos, e a coitada

da Eve cede a todos os seus caprichos. Estou começando a duvidar de que minha neta tenha fibra.”

“Eve tem fibra, sim”, Dani murmurou, enquanto escrevia em um *post-it* novo *Um teto todo de quem?* e depois o grudava na parede. “Ela só se esforça demais pra ser legal.”

“Não sei por quê.” Gigi parecia intrigada de verdade. “Ser legal é incrivelmente chato.”

“Hum...” Zaf não era legal. Ele era gentil. Aquilo era muito diferente. Tão diferente quanto misoginia e afromisoginia. Dani escreveu em outro *post-it*.

“Ela invadiu meu estúdio de ioga no outro dia. Shivani ficou *bastante* incomodada com a interrupção.” Shivani era a professora de ioga e namorada de Gigi. “Veio me pedir que eu me apresentasse na festa do casamento! ‘Vou ser sua eterna perva e maior fã’, ela me disse. Como se já não fosse! Bem, imagino que ela estivesse querendo dizer ‘serva’.”

“Provavelmente”, Dani respondeu.

“Bem, eu falei: ‘Espero que você esteja se referindo ao *seu* casamento, meu bem, porque os casamentos das minhas netas são os *únicos* eventos que *chegam perto* de me inspirar a fazer tamanho esforço.’”

“Boa”, Dani murmurou, invertendo a posição dos *post-its* de Zora Neale Hurston e Zadie Smith.

“Falando nisso, quando Chloe e aquele branquelo maravilhoso vão se casar?”

“Logo mais, imagino”, Dani respondeu, para tranquilizá-la. Gigi, que havia sido abandonada grávida na adolescência por seu primeiro amor e renegada por sua família horrorosa, havia se revelado uma

forte defensora do casamento desde que a irmã mais velha de Dani começara a morar com um artista sem grana.

“E quando é que *você* vai encontrar uma boa moça, um bom moço ou uma boa pessoa de outra categoria para te encher de amor pela vida inteira?”, Gigi perguntou, animada com o assunto. Aquilo lembrou Dani abruptamente de que...

“Ah, merda. Acho que estou atrasada.”

Gigi arfou, encantada. “Atrasada para *quê*, em uma noite de terça-feira, Danika Brown? Algo diferente de se transformar em uma casca seca e morta de tanto trabalhar, espero.”

“Acho que você está exagerando um pouco, Gigi.” Dani se sentia ligeiramente afrontada. Levou a mão distraída à bochecha para verificar se parecia uma casca seca, mas constatou que ainda estava muito bem hidratada, graças a seu creme diário com ácido hialurônico da Super Facialist.

“Não vai me dizer que marcou um *encontro*”, Gigi insistiu.

Tá bom, não digo. Se Chloe e Eve tinham conseguido ficar de bico fechado no que se referia a Zaf — uma clara evidência de que milagres realmente aconteciam —, Dani é que não ia contar. De qualquer maneira, não era um *encontro*, era um favor que ela estava fazendo. Era um compromisso profissional, se fingir estar em um relacionamento com o fundador de uma instituição pelos fins publicitários contasse como um segundo trabalho. Era melhor que não contasse, ou o fisco da rainha logo estaria atrás dela.

Não que Dani se visse prestando aquele tipo de serviço para mais alguém a não ser Zaf.

“Danika”, Gigi falou, “não pense tão alto. *Fale.*”

Dani foi salva de ter que gaguejar mais alguma desculpa por uma batida repentina na porta. *Salva* era modo de dizer, claro, porque só podia ser Zaf batendo à porta, e ela já o decepcionaria por estar de pijama e falando no telefone com a avó, quando deveria estar pronta para encarar o microfone da rádio.

O que não chegava a surpreendê-la: afinal, se nenhum dos seus relacionamentos anteriores havia dado certo, havia um motivo. Nem todos haviam sido como Mateo, mas Dani sempre havia sido ela mesma.

“Não vou sair com ninguém”, Dani mentiu para Gigi. “É só a Sorchá. Tenho que ir, te amo, fala pra Eve segurar a onda.”

Ela desligou, abandonou o Mural da Perdição e foi até a porta. Antes de abri-la, deu uma olhada em si mesma, só para confirmar que seu visual não havia se transformado magicamente.

Infelizmente, não era o caso. Ela continuava usando pantufas velhas dos minions (um pé roxo e outro amarelo), short de pijama com estampa de renas (*sério, Danika, em março?*) e a camiseta larga que havia usado para fazer uma prova sobre Chaucer, na qual havia tirado 9,8. Como Dani odiava Chaucer e não era muito boa em inglês medieval, aquela nota fora um milagre gritante. Desde então, aquela virara sua camiseta da sorte, e Dani a usava para trabalhar nos projetos mais difíceis.

Infelizmente, o tecido branco da camiseta já estava meio acinzentado e puído. Que beleza. Dani tirou as pantufas e se perguntou se devia fazer alguma coisa para conter os peitos — quando soltos, eles caíam dramaticamente, como duas divas do teatro. Então ela se lembrou de que, se tudo corresse de acordo

com o plano, Zaf ia acabar vendo seus peitos balançando para todos os lados, então tentar escondê-los não fazia sentido.

Depois de lidar com aquele estranho momento de nervoso, Dani finalmente abriu a porta.

Zaf estava ali, com as mãos nos bolsos e o cabelo escuro e grosso caindo sobre as sobrancelhas. Vê-lo com roupas comuns depois de meses de uniforme de segurança azul-marinho foi... uma revelação. Dani mordeu o lábio e se lembrou de que uma mulher sensata não desfalecia ao ver um homem usando camiseta de manga comprida com botão, ainda que a dita-cuja fosse verde-floresta e se grudasse a cada centímetro de seus antebraços grossos, bíceps musculosos, peitoral firme e tronco.

Então ele abriu um de seus sorrisinhos cautelosos, e Dani foi obrigada a admitir que, no fim das contas, não era uma mulher sensata, porque com certeza estava desfalecendo. Por dentro, pelo menos. Olhar para Zaf era como sair de uma sala com ar-condicionado para o calor do auge do verão: Dani foi atingida pelo tesão, cercada por ele, e começou a se sentir ligeiramente sufocada.

“Uma hora atrás me dei conta de que não fazia ideia do que usar para uma entrevista no rádio”, Zaf disse.

O coração dela começou a derreter, *ping-ping-ping*, como um picolé em um dia escaldante de verão. Minha nossa. “Acho que não importa”, Dani disse a ele, porque se dissesse: *Você está tão gostoso que estou me segurando para não cravar os dentes nesse seu peitoral indecente*, Zaf poderia se assustar. “Entra! Ainda não consegui me arrumar...”

“Sério?” Ele a seguiu até a sala, olhando ao redor com uma nítida curiosidade. “Achei que você estava querendo passar uma

mensagem com esse short de rena.”

“Engraçadinho”, ela disse. “Fica à vontade. Vou tentar ser rápida.”

“Não tem problema. Cheguei vinte minutos adiantado.”

As sobrancelhas de Dani se ergueram quando ela percebeu o que ele havia dito. Ela olhou para o relógio na parede da cozinha e confirmou que era verdade. “Ah. Você... hum... então...”

“Desconfiei que você talvez precisasse de uma ajudinha”, ele disse, parecendo achar graça.

Dani provavelmente deveria ficar ultrajada com a desconfiança dele, ou pelo menos um pouco irritada, mas, sendo sincera, ficava feliz em ter uma coisa irrelevante a menos em que pensar. E, sim, ela estava consciente de que a maioria das pessoas achava que o tempo era o oposto de irrelevante. Mas fingir que concordava com aquilo sempre tinha sido exaustivo para Dani.

Ainda assim, ela não podia deixar que Zaf soubesse que a havia ajudado, ou ele poderia começar a pensar que o acordo dos dois envolvia *ajudar um ao outro*, e aquela era uma dinâmica perigosa. As pessoas tendiam a levar para o lado pessoal quando a outra falhava. Por isso, ela franziu a testa e disse: “Está tentando me controlar agora, é?”.

Ele abriu um sorrisinho meio torto e... carinhoso. Aquela era a palavra. *Carinhoso*. “Sei que você sempre tem um monte de coisa na cabeça e não acompanha muito bem as horas quanto está ocupada, então achei que seria bom chegar mais cedo. Só isso.”

Zaf fazia parecer que era difícil para ela recordar que ele existia — o que certamente não era o caso. Mas talvez ela passasse aquela impressão às vezes. Tal ideia incomodou Dani. Zaf ocupava bastante espaço, emanava bastante calor e fazia bastante o bem. Alguém

como ele não deveria parecer pouco importante. Era uma questão de princípios. Desequilibraria o universo. Então, da próxima vez que ela tivesse marcado de encontrá-lo, talvez colocasse um alarme para garantir que não ia se distrair ou esquecer.

“Entendi, mas não se preocupa. Não vou me atrasar de novo”, ela disse, decidida. Então teve que desviar o rosto, porque algo na expressão dele se alterou. Os olhos de Zaf pareceram ainda mais escuros, lindos e estonteantes que o normal, e Dani não conseguiu encará-los. “Eu vou... me arrumar, então”, ela soltou, se dirigindo ao quarto. “Os copos ficam no armário em cima da pia, se quiser água. As canecas também, se quiser chá. Pode fazer.” Como Zaf não respondeu, ela deu uma olhada para trás, só para garantir que ele não havia caído em uma falha interdimensional ou sido sequestrado por um bando habilidoso e silencioso.

Não, Zaf continuava ali, olhando com a boca ligeiramente entreaberta para a bunda dela. Ah, sim. Dani havia se esquecido de como o short era curto e da tatuagem que tinha na bunda. Com as bochechas queimando — o que era *ridículo*, porque ela pretendia mostrar a ele muito mais pele depois da entrevista —, Dani protegeu a bunda com a mão. Zaf respondeu com uma gargalhada, talvez porque aquela mão não fosse grande o bastante para cobrir uma fração que fosse daquela parte de seu corpo.

“Pelo amor...”, ela murmurou, e saiu correndo.

“Desculpa”, Zaf disse, embora não parecesse nem um pouco arrependido.

“Tarado!”, Dani gritou, torcendo para que ele fosse mesmo.

“Não, não”, Zaf disse, totalmente inexpressivo. “Só adoro tatuagens.”

Danika Brown era simplesmente impossível.

Zaf estava perto da janela da sala, olhando para ela se afastando no espelho escuro que no momento era o vidro. Ela tinha panturrilhas fortes e coxas pesadas e roliças, com metade da bunda à mostra por causa do short, a mão cobrindo a tatuagem que dizia MORDE AQUI. Dani entrou por uma porta que ele presumiu que dava para o quarto, e a fechou em seguida. Zaf soltou um longo suspiro de alívio e se inclinou para a frente, até que a testa tocasse o vidro frio. Precisava se acalmar. Sentia a pulsação ritmada no pescoço, com tamanha violência que provavelmente era perigoso. Ele sairia nos jornais no dia seguinte: **HOMEM MORRE DE TESSÃO. ARTÉRIA NÃO SUPORTOU O FLUXO DE SANGUE.**

Não dava para baixar a guarda com Danika, Zaf disse a si mesmo, com firmeza. Não antes de tirar a porra da entrevista do caminho. Seu estado emocional diante daquilo tudo se misturava à ansiedade ardente e elétrica em relação ao que fariam depois, fazendo-o tremer como se tivesse virado três cafés seguidos. Ou talvez estivesse tremendo porque tinha *mesmo* virado três cafés seguidos. Não queria bocejar no meio da entrevista.

Por outro lado, seria capaz de bocejar tendo uma mulher como Dani ao seu lado? Provavelmente não. Seu pau tinha ficado duro antes mesmo que ele entrasse na casa dela. Zaf nunca a tinha visto usando outra cor que não fosse preto, nunca a tinha visto descalça, sem sutiã ou maquiagem, então a aparência dela aquela noite fora como um soco no estômago. Quem mais a viu daquele jeito? Ele duvidava que muitas pessoas. Era algo minúsculo, ridículo, insignificante, mas, para Zaf, sussurrava *intimidade*, e o fato de que

era tudo coisa da cabeça dele não o impediu de morder o próprio punho. Com força.

A dor não ajudou — só o lembrou da tatuagem. Ele morderia ali com todo o prazer, se ela quisesse. Ajoelharia aos seus pés, colocaria as mãos nos quadris dela — macios, porque ela parecia toda macia — e a viraria de costas. Devagar. Baixaria o short e exporia a curva toda de sua bunda cheia e redonda, então enfiaria os dentes com toda a delicadeza naquela carne madura, até que cada centímetro dela estivesse marcado por ele.

Depois, claro, ia se levantar, pressioná-la contra a parede, botar o pau sedento para fora e abrir a boceta dela. Ia meter tudo nela, até não conseguir mais enxergar, com o rosto enterrado em seu pescoço, naquela pele linda, nua e vulnerável só para ele, e... puta merda, seu pau já estava duro e molhando a calça jeans. Ele precisava parar, ou os dois nem chegariam à porra da estação de rádio.

Zaf inspirou pelo nariz, devagar e deliberadamente, depois expirou pela boca, um sorriso torto curvando seus lábios. Ele estava oficialmente usando uma velha tática para controlar a ansiedade para dar fim a uma ereção. Ele ouviu o irmão rindo em sua cabeça, e pareceu tão real que Zaf quase se virou para ver se Zain Bhai estava ali. Mas não o fez. Porque não tinha como Zain estar ali.

“Não”, Zaf murmurou baixo. “Nós *não* vamos passar do tesão pra depressão.” Ele passou a mão pela barba recém-aparada — todo cara quer estar no seu melhor quando sai, ok? — e deu as costas para janela, já que Dani não estava ali e não teria como ver a porra do taco de beisebol que ele tinha dentro da calça. “Preciso de uma distração. Só isso.” Zaf tinha a sensação de que ia passar todo

aquele namoro falso procurando por distrações, porque, de alguma maneira impossível, Dani ficava mais bonita, mais fofa, mais inteligente e mais sexy a cada vez que a via, como se fosse um instrumento muito sofisticado de tortura.

Mas Zaf não ia pensar naquilo, não quando não podia fazer nada a respeito. Ia pensar em... em tudo o que havia naquele apartamento que nunca tinha visto. Como os livros, as estatuetas e os *post-its* rosa na parede. Como as inúmeras plantas no peitoril das janelas e nas bancadas, algumas altas em vasos de cerâmica, outras penduradas no teto. Zaf passou os dedos pelos espinhos de um cacto próximo. Quando não ajudou, se dirigiu à estante. Era feita de uma espécie de madeira brilhante, mais alta que Zaf e duas vezes mais larga, ocupando toda a parede pintada de amarelo forte próxima à porta de entrada. Ele apertou os olhos para ler os títulos, não encontrou nenhum de que tivesse ouvido falar e desistiu quando encontrou algo chamado *Summa Theologica* — que não parecia inglês, punjabi ou árabe, de modo que não era da sua conta. Algumas prateleiras também guardavam vasos de vidro parecidos com aquários, mas no lugar de água estavam cheios de folhas soltas, flores secas ou cristais. Ele reconheceu o cheiro de lavanda em um deles. Outro tinha uma pedra em formato de gota que refletia a luz como a lua.

Quando Zaf e Zain eram pequenos, o pai deles contava histórias sobre a lua antes de dormirem. Zaf deveria evitar a lembrança, mas não o fez. E nada de ruim aconteceu. Em vez disso, ele até pensou, por um momento, em contar aquilo a Danika e em como ela provavelmente diria algo esquisito e maravilhoso, como: *Luas são superimportantes. Seu pai parece um homem muito sensato.*

Ou talvez ele estivesse sendo otimista demais. Talvez ela agiria como todo mundo e diria: *Seu pai e seu irmão morreram ao mesmo tempo, sua saúde mental entrou em declínio e sua vida saiu do controle? Que tenso. Me conta tudo a respeito, em detalhes.*

Aquilo não parecia provável. Mas também não tinha parecido provável com outras pessoas.

Zaf deixou os vasos estranhos para lá e se aproximou da mesinha de centro. Era pequena, firme e brilhante, e tinha uma estatueta dourada de uma mulher bem no meio. Ela tinha cabelos cacheados e cheios, abelhas nos pulsos e nas clavículas, como se fossem animais domesticados, e um espelho em uma das mãos. Havia um copo de mármore com água na frente dela, além de um pratinho com fatias de laranja. Velas com o pavio queimado a rodeavam, brancas e solenes, e a cera já pingava pelas bordas. Zaf levou um tempo para perceber que aquilo devia ser um altar, enquanto o observava boquiaberto, como se fosse um espetáculo circense. *Ops.*

Ele se virou e seguiu para a última peculiaridade na sala: a parede cheia de *post-its* rosa diante da escrivaninha. Zaf os avaliou por um momento, absorvendo as palavras e frases rabiscadas, a maioria das quais só conhecia porque Dani já havia mencionado. Então se deu conta do que estava olhando. Aquela parede cheia de *post-its* era o cérebro de Danika.

Bem, parte dele. Provavelmente uma parte bem pequena, considerando quão inteligente ela era. Certa vez, alguns meses antes, Dani havia chegado ao Echo parecendo meio irritada. Quando Zaf perguntara o que tinha acontecido, ela disparara a falar de objetivos de teses, especificidades, visões cissexistas de gênero e família em um ensaio sobre algo chamado crioulização. Ele ficou

deslumbrado, não porque não entendesse aquelas palavras — embora não entendesse mesmo —, mas porque compreendia o bastante para perceber a velocidade com que ela passava de um ponto a outro. Quantos passos lógicos Dani nem sentia necessidade de dizer, porque, para ela, provavelmente eram óbvios. Meio como, em um passe lateral, ele não controlava conscientemente sua visão, suas mãos ou seus pulsos, porque não precisava. Só *sabia* o que fazer, o que o tornava mais rápido e mais preciso que alguém que não sabia.

Danika Brown era mais rápida e mais precisa que muitas outras pessoas. Ao terminar de ler seus pensamentos aleatórios, autocolantes e rosa, Zaf sorria.

“Meu Deus. Nunca te vi tão animado.” A voz de Dani vinha da direção da porta pela qual ela havia desaparecido. Zaf levantou a cabeça e a encontrou ali, transformada de uma maneira que só podia ser considerada impressionante. O pijama tinha sido substituído por jeans preto e uma regata justa que fazia coisas com os peitos dela que desafiavam a gravidade — Zaf não fazia a menor questão de que estivesse ali. Principalmente porque Dani usava seus colares de couro preto, que desapareciam em seu decote épico, como setas apontando o paraíso. Ela usava maquiagem cintilante e pesada, do tipo que parecia fazer toda a estrutura óssea de uma mulher mudar, do tipo que a sobrinha havia tentado fazer no último Eid, antes que Kiran a visse, fizesse cara feia e dissesse: “Sério, Fatima? Volta lá pra cima e lava essa cara.”

Dani era muito melhor naquilo que Fatima.

“Uau”, ele disse. “Você está...”

“Agressivamente sexy e um pouco assustadora?”

Ele fez uma pausa. "Isso."

"Obrigada." Ela sorriu de maneira contida, mas satisfeita. Pelo visto seu objetivo tinha sido exatamente aquele. Zaf não conseguia entender, já que era uma entrevista no *rádio*, mas...

O *tic-tic* dos saltos altos dela interrompeu seus pensamentos enquanto Dani se aproximava. "Gostou do Mural da Perdição?"

"O seu...? Ah, os *post-its*?" Zaf se virou de frente para o mar cor-de-rosa e sentiu um sorriso puxando seus lábios. Não tinha ideia de por que ver sua escrita caótica e quase impossível de ler e seu processo mental brilhante e quase impossível de seguir fazia sua mente derreter como sorvete na língua, mas não podia evitar. "Gostei, sim. Mas por que 'perdição'?"

"Estou me preparando para o simpósio das Filhas da Decadência, daqui a algumas semanas. Concordei em participar de uma mesa sobre interseccionalidade na literatura feminista com minha ídola suprema, então pode ser que eu esteja exagerando um pouco." Os sapatos dela continuavam fazendo *tic-tic*, e Zaf olhou para baixo para avaliá-los. Eram prateados e cobertos de brilhante, deixando os dedos à mostra, com as unhas pintadas de preto. A tira do tornozelo tinha caveirinhas alinhadas. O sorriso de Zaf se ampliou.

Então as palavras de Dani conseguiram atravessar a névoa de adoração que envolvia o cérebro dele. "Algumas semanas?"

"Isso. Dezoito dias, para ser exata." Dani estava ao lado dele agora, alta o bastante para que ele pudesse beijá-la sem dificuldade, devido aos saltos. Zaf poderia tirar proveito daquilo, mas beijá-la talvez desse início a uma cadeia de eventos que terminaria com o pau dele dentro dela quando já deveriam estar no táxi, e além disso...

“Você não tinha mencionado esse... simpósio. Ou que os preparativos estavam te deixando ocupada desse jeito.”

“Claro que não. Já te entedio o bastante com meu trabalho sem querer. Não vou te submeter a um discurso entorpecedor sobre minha tentativa de pesquisar todos os temas que possam surgir em uma mesa com a qual você não se importa.”

Ele a encarou. “Dani... não fico entediado quando você fala de trabalho.”

Ela olhou para Zaf de um jeito que o lembrou de um GIF que a sobrinha dele às vezes usava. Um que transbordava ceticismo, com a legenda: *Claro...*

“É sério”, ele insistiu. “Digo, eu não leria os livros que você lê e nem sempre entendo as palavras que você usa, mas gosto de ouvir sua voz, e é legal quando você se empolga com essas coisas de nerd.”

Dani piscou algumas vezes, como se tivesse acabado de entrar numa nuvem de poeira, depois desviou o olhar. “Ah. Hum. Hã. Sei... Tá. Uhum.”

Se Zaf não a conhecesse, poderia achar que estava sem graça. Mas Dani já devia saber que era fofa. Devia ter ouvido aquilo milhares de vezes, de milhares de pessoas diferentes, e a desconfiança de que talvez não tivesse ouvido deixava Zaf pessoalmente ofendido.

“Enfim”, ele prosseguiu, deixando aquela faísca de irritação de lado. “Se eu soubesse que você estava ocupada desse jeito” — Zaf apontou com a cabeça para o caos na parede — “não teria pedido para que viesse comigo hoje à noite.” Ele conhecia Dani bem o

bastante para saber que ela preferiria ficar aninhada ali, como Gollum, acariciando seus livros e murmurando: *My precious*.

Mas Dani olhou para Zaf como se ele tivesse dito algo ridículo e respondeu: "Você não me pediu. Eu que insisti, porque somos amigos. Você sabe disso, não sabe, Zaf? Que somos amigos?"

Bem... quando ela falava daquele jeito, sim. Zaf sempre soubera. Mas, ultimamente, estava começando a perceber o que ter a amizade de Dani significava de fato, quão forte, profunda e poderosa era, quanto ela não faria para apoiar as pessoas a sua volta. E Zaf não podia deixar de se perguntar como uma mulher tão secreta e sutilmente leal chegara a um ponto em que apenas discutir relacionamentos românticos já a cansava.

"Obrigado", ele disse, baixo.

"Já falei pra parar com esse negócio de me agradecer", ela resmungou, mas agora o desconforto e o sarcasmo dela não o enganavam. Dani era a pessoa mais doce do mundo, só não estava acostumada a ser retribuída do mesmo jeito.

O que era um crime.

"Está nervosa?", ele perguntou. "Com a mesa, digo."

O sorriso dela mais pareceu uma careta. "Nunca fico nervosa."

"Sei. Quem é sua ídola maior?"

Dani ficou inquieta como uma criança, seus cílios tremulando enquanto ela olhava para baixo, sua boca se curvando em um sorriso de quem não conseguia se conter. "Inez Holly. Ela é uma das menos de trinta livre-docentes negras do Reino Unido, e seu artigo sobre política do desejo mudou minha vida. Eu meio que preciso impressionar essa mulher, ou vou morrer."

Algo desabrochou no peito de Zaf, fresco e delicado como uma flor, com cheiro de mel e cera de vela. Tinha o mesmo cheiro de Danika. "É a coisa mais fofa que você já disse."

Quando ficava surpresa, Dani parecia ainda mais felina. Ela olhou para Zaf com os lábios contraídos e a sobrancelha arqueada, como se estivesse irritada com sua própria perplexidade. "Ah, para com isso", murmurou, mas Zaf sabia que estava sem graça de novo. Ela era magnífica, simplesmente magnífica. A expressão em seus olhos, o prazer hesitante e constrangido, deixava Zaf com vontade de agarrá-la, beijá-la e nunca mais soltá-la.

Só que, se ele tentasse fazer aquilo, iam se atrasar. Por isso, Zaf se contentou em passar um braço por cima dos ombros dela e dar um apertão. "Essa mesa vai ser aberta ao público?"

"Vai, sim", ela murmurou.

"Quer que eu vá?"

"Não", ela disse no mesmo instante. Então, com a mesma rapidez, olhou para ele e disparou: "Você iria? Por quê? Não iria, não. Iria?"

Bem. Aquilo era interessante. "Ué, é como quando a gente vai torcer por alguém num jogo, né? Tenho que ir."

"Porque sou sua namorada de mentira."

"Porque é minha amiga de verdade", Zaf disse, e estava falando sério.

Ela abriu um sorriso perplexo, como se não estivesse entendendo, mas não quisesse discutir. "Vai ser muito chato."

"Se você vai falar", ele disse, com sinceridade demais, "é impossível ficar entediado."

O sorriso dela se alargou, tão brilhante e lindo que Zaf sentiu que adentrava a claridade depois de meses na escuridão. E ele estava

seguro daquilo, porque sabia exatamente qual era a sensação. Algo bem no fundo dele tinha se alterado, *batido* e...

E se ele não mudasse de assunto logo, talvez acabasse fazendo uma besteira. Zaf passou a mão pela barba e deu uma olhada no relógio. "Ih. Merda."

Ela pegou o pulso dele e inclinou a cabeça para conferir as horas. "A gente vai se atrasar."

"Não se pegarmos um táxi."

"Você é um *gênio*, querido!"

Ainda que Zaf não fosse nenhuma daquelas coisas, as palavras roçaram nele como dois gatos carinhosos. Elas o mantiveram aquecido enquanto ele e Dani chamavam um táxi e corriam escada abaixo, atravessando a cidade até o prédio onde a rádio ficava. Foi só quando Zaf se viu diante do lugar, com a brisa da noite tocando sua pele e as luzes se esparramando pelas portas de vidro do prédio, que o calor se dissipou como fumaça e as lembranças o bombardearam.

Perguntas gritadas quando ele saía do treino, desconhecidos cutucando a ferida aberta. Manchetes, vozes suaves de comentaristas tentando ser simpáticos, apresentadores de jornais muito sérios, mencionando a devastação da família de Zaf com um tom de voz calmo e comedido durante as notícias esportivas. Fotos suas com o pai e Zain, sorrindo lado a lado, publicadas em "homenagem" a eles por pessoas que nem os conheciam, que não sentiam nada, que não *tinham como* sentir nada, mas que, por algum motivo distorcido e sufocante, queriam fazer parte daquilo. E agora ali estava ele, entrando voluntariamente naquele lugar cheio de gente daquele tipo, com nada para protegê-lo além de uma

namorada de mentira e um pedido educado para que “certos assuntos” não fossem discutidos. O fato de que nada naquela situação era seguro ou facilmente controlável o atingiu como um grande soco de pânico. Ele sentiu um aperto no peito, a maré tentando puxá-lo, e por que caralhos aquilo estava acontecendo, quando fazia tanto tempo e ele estava se saindo tão bem e...

Não importa. Não importa. Está tudo bem. Zaf agarrou a autorrecriação pelo pescoço e a jogou de lado, então focou em se esforçar para se sentir melhor, e não pior. Ele sabia o que fazer. Já havia feito aquilo inúmeras vezes. Por isso, pensou, com tanta clareza quanto possível: *Zaf. Você está tendo um ataque de pânico. Mas tudo bem.*

Então ele se agachou para respirar.

Muita gente considerava Dani distraída, mas não era verdade: ela só escolhia ignorar as coisas que não lhe interessavam e se concentrar nas que interessavam. Assim, pessoas, enquanto grupo, eram empurradas para o fundo de sua mente, dando espaço a assuntos mais relevantes, como comida, poesia e sua pesquisa para a mesa. Só que Zaf tinha a estranha mania de escapar por entre as grades da jaula mental dela (o que não fazia sentido, já que ele era enorme) e passear pela região em que ela se concentrava, como se pertencesse àquele lugar.

Motivo pelo qual ela reparou imediatamente que a respiração dele estava diferente.

Não que ela conseguisse ouvir — não com os ouvidos, pelo menos. Os dois estavam na calçada, em frente ao prédio moderno e quadrado onde ficava a rádio Trent, o trânsito a suas costas movimentado o bastante para abafar o som da respiração de qualquer pessoa. No entanto, quando aquele ritmo lento e constante se alterou, Dani *sentiu*, em algum lugar dentro do peito. Zaf puxou o ar como se arrancasse o oxigênio à revelia, e ela se virou em sua direção, como se tivesse sido instantaneamente atraída. Então ele ficou de cócoras, no meio da rua, e Dani o acompanhou sem hesitar.

Parecia que um fio cintilante os unia, de modo que, se um deles não pudesse ficar de pé, o outro tampouco poderia.

“Desculpa”, Zaf disse, com a voz tensa e áspera como lixa.
“Desculpa.”

“Não começa”, ela disse, mas foi gentil.

“Estou só... só preciso...”

“Depois você me conta. Faz o que precisa fazer agora.” Dani se sentou no chão — algumas pessoas não tinham os músculos necessários para ficar de cócoras — e acrescentou: “Se eu puder ajudar, me fala. Senão, pode me ignorar. Vou ficar aqui.”

Ele engoliu em seco. “Eu estou bem. Está tudo bem.”

“Zaf.”

“Você está certa”, ele disse, com uma risadinha tensa. “Não estou bem. Nem um pouco.”

“Não”, Dani concordou. “Mas ninguém fica bem o tempo todo. É só a gente ficar aqui enquanto você não estiver bem. Não vamos sair daqui até você melhorar. E não tem problema.” Aquilo era ridículo, era tolice, mas era o melhor que Dani tinha a oferecer. Ela notou como as mãos de Zaf tremiam e como a pele dele estava preocupantemente pálida. Pela primeira vez em muito tempo, desejou poder oferecer mais.

Zaf, enquanto isso, permanecia em silêncio.

Pelo menos Dani sabia o que *não* fazer. Quando Zaf mencionara que tinha transtorno de ansiedade, uma curiosidade natural levava Dani a passar algumas horas pesquisando o tema. Para não o perturbar, fazer perguntas idiotas ou qualquer outra coisa que pudesse deixá-lo ainda pior. Aquilo já era alguma coisa, não era?

Bem, era tudo o que Dani tinha, então ela supunha que ia ter que servir.

Depois de um tempo, a respiração de Zaf desacelerou e seus ombros largos relaxaram, centímetro a centímetro. Com cada sinal infinitesimal de melhora, a corda grossa da preocupação que envolvia o pescoço de Dani se soltava um pouco. Então Zaf abriu os olhos e a encarou daquele seu jeito firme e impenetrável, como quem dizia: *Vou ser meio babaca agora*. Dani soube que ele tinha voltado a si, e já recuperava seu mau humor de sempre. Ela esperou que ele dissesse algo mordaz, rabugento e ligeiramente irritante. Zaf abriu a boca, como se estivesse se preparando para fazer aquilo mesmo. Depois de um longo momento, no entanto, só passou a mão pela barba e suspirou.

Ela mordeu o lábio. "Você está bem?"

Ele grunhiu.

"Quer que eu... cancele a entrevista? Não tem problema. Se for o que você quer."

Zaf a olhou com uma expressão indecifrável. "Dez minutos antes de entrarmos no ar?"

"Não importaria nem que faltassem só dez segundos. É só me dizer que eu vou lá e aviso", ela insistiu, com firmeza.

Depois de um longo momento, os lábios dele se retorceram. "Você está mesmo sendo legal comigo? Porque já seria a segunda vez no mesmo dia. Vai me levar para tomar café e comer bolo e se esforçar ao máximo para não reclamar dos malefícios da cafeína? Não pode ser em qualquer espelunca. Sei que você tem grana."

Ela soltou um ruído que foi meio de quem achava graça, meio um suspiro de alívio. "Se já está conseguindo ser irritante, imagino que

esteja bem melhor.”

“Estou, sim. Acho que só precisava... superar algumas associações. Se estou sujeito a isso hoje à noite, vou fazer o meu melhor pra dar conta.” Suas palavras eram cifradas e sua expressão reflexiva. Dani quase se permitiu fazer perguntas. Para entender o que se passava na cabeça dele, todos os detalhes.

Por sorte, antes que Dani passasse por aquele constrangimento, Zaf voltou a falar. “Mas, pro futuro, é bom você saber que continuo irritante mesmo com um pé na cova.”

Dani não conseguiu evitar dar risada. Foi uma risada rápida, culpada, como uma bolha estourando. Ele abriu um sorriso em resposta, lento e doce como mel derramando, o que a fez rir ainda mais. De repente, Zaf estava rindo também. Os dois ficaram sentados no meio da calçada, tontos, sem fôlego, rindo como crianças. Zaf passou um braço pelos ombros de Dani, e meio que... se apoiou nela. Muito embora ele não pusesse nem metade de todo o seu peso ali, a sensação era boa. Tão boa que Dani se esqueceu de que deveria estar rindo.

De repente, eles estavam perto demais, os olhos de Zaf estavam escuros demais, seu rosto suave e doce demais.

“Quer saber, Danika Brown?”, ele disse.

Ela se aconchegou melhor nele, mas só porque estava com frio. “O quê?”

“Você é legal.”

“Só legal? Que comentário péssimo.” Mas um *legal* de Zaf parecia mil vezes melhor do que elogios constrangidos de qualquer outra pessoa. O *legal* de Zaf fazia com que cintilasse por dentro, como se ele a tivesse transformado em um céu noturno. Só que as pessoas

não tinham permissão para fazer coisas daquele tipo com Dani, então ela bufou e o empurrou, e tudo voltou a ficar fácil entre eles. “Espero que nossos *stalkers* não estejam escondidos filmando isso.”

“Eles que se fodam”, Zaf disse, animado, mas os vestígios de cautela em seus olhos não passaram despercebido a ela. Ele pegou a mão de Dani e os dois se levantaram.

Era ridículo sentir um friozinho na barriga toda vez que ele a tocava, mas, aparentemente, Dani era ridícula.

“Certo”, Zaf disse. “É melhor a gente entrar.” Só que ele não se moveu. “Estou suando?”

Ela levou a mão à testa dele. “Não.”

“Sinto como se estivesse.”

“Costuma ser assim?”

Ele a deixou chocada quando respondeu com sinceridade, e não com um grunhido. “Sim. Sabe quando a gente faz atividade física no frio, e o suor é quente, mas a pele está gelada, e quase dá pra sentir o sal?”

Ela confirmou com a cabeça, pressionando os lábios. Havia um buraco triste entre seu estômago e suas costelas, onde vivia um gnomo muito triste, que no momento também se encontrava bastante insatisfeito com o fato de que Zaf precisasse enfrentar aquele tipo de coisa, mas também feliz porque daquela vez ele não estivera sozinho.

Dani esperava que ele nunca mais estivesse sozinho.

“A sensação é essa”, Zaf prosseguiu. “Fora que meus pulmões parecem cheios de água.”

“Ah. Que maravilha.”

“E meu estômago parece feito de chumbo.”

“Perfeito.”

Zaf assentiu, solenemente. “Perfeito pra caralho. Dan?”

“Oi?”

“Essa é você oferecendo apoio?”

“É”, ela disse. “Você deve ter notado que não consigo fazer isso com muita naturalidade. Desculpa.”

“Para com isso”, ele murmurou, tão baixo que ela mal ouviu além do barulho do trânsito. “Eu gostei.”

Com essas duas palavras, a dor familiar de nunca ser o bastante desapareceu. “É mesmo?”

O coração dela batia no ritmo da resposta dele. “É mesmo.”

Zaf poderia ter ficado um pouco constrangido por ter precisado lidar com uma crise de pânico diante de uma mulher com quem queria dormir — se não tivesse passado os últimos anos desenvolvendo um currículo com a intenção de ensinar a meninos que lidar com questões de saúde mental não os tornava menos masculinos, e que, de qualquer forma, não havia nada de errado em ser menos masculino. Por isso, depois de se recompor, ele só sentia a exaustão que lhe era familiar, certa alegria por ter rido com Dani e uma leve irritação por não ter nenhum ansiolítico à mão.

Ele tinha se virado, no entanto. E tinha se virado *bem*. Ia focar naquilo. Ou em Dani, que estava tão bonita que Zaf poderia passar o dia todo olhando para ela.

Até que ela estragou tudo fazendo perguntas difíceis como: “Devemos falar sobre o que está te deixando nervoso?”

Zaf suspirou e se forçou a se concentrar nas palavras dela, e não nas leves rugas nos cantos de seus olhos. “Não estou *nervoso*. É só

que, se eu passar vergonha no rádio, minha mãe vai me dar chineladas todos os dias por pelo menos um ano. E eu fico roxo fácil.”

Ela olhou para ele, parecendo achar graça. “Você parece muito delicado mesmo.”

“Você nem imagina.” Como sempre, Zaf tinha sido bem-sucedido em se esquivar das perguntas e preocupações. Agora a conversa ia terminar ali, os dois entrariam e nunca, nunca discutiriam o que exatamente havia sido o gatilho da crise, porque Dani não era da sua família nem ia ficar com ele para sempre, o que significava que não precisava saber.

Mas então Dani o olhou — só olhou para ele, com uma aceitação silenciosa e consciente, como se dissesse: *Talvez você esteja escondendo alguma coisa, mas, se precisa fazer isso, tudo bem.* E algo em seu olhar pressionava cada ponto de tensão em Zaf — não exatamente de um jeito doloroso. Era mais como uma massagem gostosa e dolorida pra caralho ao mesmo tempo.

Talvez Dani não fosse da família nem alguém com quem ele ia passar o resto da vida, mas era uma ótima amiga. Sob as lembranças de momentos parecidos que acabaram dando muito errado, um fato inegável brilhava como uma estrela: Dani não magoava as pessoas e não piorava as coisas. Ela sempre — *sempre* — tentava melhorá-las. Aquele devia ser o motivo pelo qual, pela primeira vez em muito tempo, Zaf tinha mais vontade de continuar conversando do que de fazer a outra pessoa calar a boca.

Ele podia confiar nela. E confiava. Confiaria.

“Mas, voltando”, ele disse, “estou nervoso porque, quando ainda jogava rúgbi, algo ruim aconteceu. Um dia, meu pai e meu irmão se

envolveram em um acidente de carro, e eles, hum, morreram.” Ele sempre gaguejava naquela parte. Não porque doesse — embora doesse pra cacete —, mas porque parecia tão... pequena. Era uma frase tão simples, direta e anticlimática para algo tão monumental como a morte. O inferno estava contido naquelas duas palavras curtas: “eles morreram”. Algumas pessoas entendiam. Outras, não.

No momento em que olhou nos olhos de Dani, Zaf soube que ela entendia.

“Ah”, Dani disse baixo, e pegou as mãos dele, como se soubesse instintivamente que, no passado, Zaf havia ficado destruído, mas, se ela o segurasse com força o bastante agora, lembrar aquilo tudo poderia ser um pouco mais fácil.

E *ficava* mesmo mais fácil, com as mãos dela segurando as suas, os olhos dela calorosos e suaves. De repente, Zaf não sabia mais por que estava preocupado que ela pudesse reagir mal a qualquer parte de sua história. Bem, ele sabia, sim: ansiedade. Aquele era o motivo. Mas, ainda assim, ele sabia que Dani não ia tratá-lo como uma atração, porque era uma boa pessoa. E, se o fizesse, seria prova de que não era uma boa pessoa, então o que ela achava não importaria.

Ele nunca... nunca havia pensado daquele jeito.

“Eu estava no treino”, Zaf disse, firmando a coluna, porque poderia cambalear se não firmasse, ainda que só um pouquinho. “Meu celular estava desligado. Foi um acidente feio, e uma parte da mídia esportiva me dava mais atenção do que o normal. Não sei se você sabe, mas não existem muitos muçulmanos jogando rúgbi profissionalmente. Isso, hum, despertava interesse.” Ele revirou os olhos ao dizer aquilo. “A maior parte da imprensa só estava

esperando eu fazer alguma cagada. Enfim, o importante é que eu chamava mais atenção do que deveria, e quando saí do treino já tinha um repórter me esperando.”

Os olhos de Dani se arregalaram. “Zaf...”

“Foi esse cara quem me contou. Ele perguntou: ‘Zafir, como se sente em relação à morte trágica do seu pai e do seu irmão?’”

Ela levou a mão trêmula aos lábios. “Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.”

“Quebrei o nariz dele.” Zaf fez uma pausa. “Foi o que me disseram, pelo menos. Nem lembro.” Ele sorriu para Dani, porque contar aquela história não deveria ser triste. Zaf já guardava coisa demais na cabeça. “Sempre me surpreendeu que ele não tivesse prestado queixa, mas...”

“Mas você tinha todo o direito de matar o cara, e ele devia saber disso”, Dani disparou, a raiva envolvendo seu corpo como uma chama tão intensa que Zaf podia sentir seu calor. Ele já não sentia mais raiva, tinha dado duro para não sentir, mas por algum motivo gostava de ver aquela reação dela. Talvez porque fosse em benefício dele. Era por causa de Zaf que Dani sentia aquilo, o que só o fazia querer mais.

Se controla. Ele pigarreou e voltou a falar. “A partir daí, foi ladeira abaixo. Tudo desmoronou, ou vai ver fui eu quem arruinei tudo com minhas próprias mãos. Sei lá. Era merda pra tudo quanto era lado.” Dani deu uma risadinha, como Zaf queria, e a pressão dentro dele pareceu se aliviar ainda mais. “Fiz algumas escolhas ruins, queria brigar com todo mundo. Por uma semana, mais ou menos, uns idiotas conservadores decidiram que o passatempo preferido deles era me perseguir. Não durou muito, porque eu não era famoso o

bastante. Mas, pra mim, pareceu uma eternidade. Acho que é por isso que agora sou meio... fechado." Aquela não era a história completa, só uma parte dela. Porque a imprensa acabara deixando Zaf em paz, mas o luto, não. Por um longo, longo tempo. Ele não ia contar a ela sobre seu pico de ansiedade, ou sobre como tinha descoberto que a depressão podia alimentar a raiva como ninguém, ou sobre como tudo pareceu sombrio quando o fogo se extinguiu e restaram apenas os demônios. Não naquele momento, pelo menos.

Mas a leveza inesperada em seu peito fazia com que ele pensasse que poderia fazer aquilo. Em algum outro momento.

O que era algo... novo, para dizer o mínimo.

"Entendi", Danika murmurou, e Zaf sentiu uma estranha certeza de que ela tinha mesmo entendido, pelo menos um pouco. Seus olhos estavam fixos nos dele, e, por trás da tristeza, nada havia mudado entre eles. Não havia dó ou julgamento, prontos para esmagá-lo. Zaf ainda era o mesmo, e o maior alívio era que Danika também.

Danika sempre seria ela mesma. Sempre seria a coisa certa.

Ela voltou a falar. "E sei o que você quer dizer, quanto ao seu passado e a não querer que ele contamine o presente."

Zaf deu de ombros e pigarreou. "É. Bem, o que você e eu estamos fazendo, é, hã, mudar o que associam a mim, de acordo com Fatima. Isso ajuda."

"Mudar o que associam a você", Dani repetiu, suavemente. "Interessante."

Ele arqueou uma sobrancelha, porque quase podia ouvir as engrenagens da mente dela. "No que está pensando?"

“Só estou pensando que... entendo esse desejo de querer mudar a narrativa. Mas mudá-la totalmente... acha que é possível, nesse caso? Digo, a perda e a ansiedade são a razão pela qual começou com a Enfrente. Não são?”

Zaf ficou olhando para Dani, enervado com a maneira implacável como ela entrava num assunto no qual ele mesmo não se sentia confortável nem de pensar. “Bem... não sei. Talvez. Mas não é... não vou ficar mencionando a morte do meu pai e do meu irmão para justificar o éthos organizacional da instituição.” Ele percebeu que estava um pouco na defensiva, principalmente porque, naquele momento, Dani o lembrava de Jamal. E Kiran. E ele mesmo, quando tinha dúvidas no meio da noite, se perguntando se separar as coisas era o certo ou só era mais fácil.

“É claro que não”, Dani respondeu, com firmeza, mas seus olhos ardiavam em chamas, como se visse coisas que Zaf preferiria esconder. Ela levou a mão ao peito dele por um momento, com o mais leve toque, como se precisasse verificar se o coração de Zaf continuava firme ali. “Eu só estava pensando que você... é corajoso. A maior parte das pessoas esconde as cicatrizes. Mas começar a Enfrente foi como colocar sua cicatriz numa moldura dourada. Não acha?” Ela ficou esperando, como se realmente achasse que Zaf seria capaz de responder àquilo.

Só que não era o caso. Zaf estava ocupado demais tentando entender por que aquelas palavras desfaziam os nós em seu peito com tamanha facilidade.

Depois de um momento de silêncio, Dani balançou a cabeça e deu uma risadinha constrangida. “Desculpa, isso foi meio... esquisito. Muito esquisito, na verdade.”

“Não. Não, foi...” *Mais verdadeiro do que sou capaz de lidar, por isso acho que preciso de um momento.*

“Inapropriado”, ela completou, “e perigosamente próximo de piegas.” O desconforto era nítido na voz dela, e Zaf sabia que ela não tinha a intenção de parecer tão emotiva. Danika não gostava de demonstrar suas emoções, e ele normalmente a repreenderia por aquilo — mas, naquele momento, não parecia certo.

Zaf estava começando a se perguntar se não precisava resolver algumas questões pessoais. Quando começara a fazer terapia, estava determinado — *de verdade* — a se curar. A deixar para trás uma dor tão maciça que poderia esmagá-lo se não conseguisse encontrar uma maneira segura de contê-la. Ele nunca superaria a morte do pai e de Zain, mas lutar contra as trevas em sua cabeça tinha sido como... um grito de guerra.

Era possível seguir em frente com ímpeto demais? A ponto de ter medo de olhar para trás? Ele não sabia, e ficar do lado de fora de uma estação de rádio enquanto sua namorada de mentira tentava ajudá-lo sem demonstrar qualquer emoção não parecia uma boa maneira de descobrir.

“Enfim”, Dani voltou a dizer, “se mencionarem sua família durante a entrevista, não se preocupe, eu acabo com eles.”

Aquilo o fez sorrir. “É bom saber. Jamal fingiu que era meu assessor de imprensa e adiantou sobre o que poderiam e o que não poderiam perguntar. Acho que não teremos problemas, mas...”

“Mas algumas pessoas não sabem ouvir”, ela concluiu, encarando os medos dele de cabeça erguida. “Bem, te prometo uma coisa: vou ficar do seu lado e te ajudar a se esquivar do que quer que seja. Combinado?”

Dani era corajosa e esperta demais para que ele duvidasse dela. A única coisa que Zaf podia dizer era: “Combinado”. A única coisa que podia sentir era alívio.

“E também tenho algo que pode te ajudar a se acalmar”, Dani falou. “É algo que sempre *me* ajuda quando estou nervosa, então...” Ela deixou a frase morrer no ar enquanto mexia nos colares de couro que sempre usava. Zaf já havia passado muito mais horas do que seria saudável se perguntando como seriam os pingentes. Sua teoria preferida e mais recente era de que na verdade Dani guardava ali todas as alianças de noivado que já havia recebido, mais ou menos como as princesas russas tinham costurado suas joias às roupas antes de fugir do país. Ele lera a respeito daquilo em um romance antigo que encontrara na biblioteca.

Uma mulher como Dani devia receber pedidos de casamento pelo menos uma vez por mês, e como era incrivelmente refinada, os pedidos provavelmente envolviam alianças de platina com diamante e caras brancas cujas tatatataravós tinham trepado com Henrique VIII. Por isso, quando ela tirou os colares e Zaf pôde ver as pedras coloridas que havia em cada um, soube na mesma hora que sua teoria estava totalmente errada.

O que não era um problema, já que estava prestes a descobrir a verdade.

“Aqui”, ela disse, desemaranhando a pedrinha vermelho-sangue das outras. “Só para a entrevista.”

Zaf estendeu a mão para o pingente balançando. “Obrigado...”, ele disse, devagar. “O que é?”

“É uma granada. Simboliza minha avó Gigi, mas também me dá equilíbrio, força e coragem. É boa para a carreira.” Ela colocou o

cordão na mão dele como um montinho enrolado. A sensação da pedra contra sua pele era quente — por causa da pele *dela*. Era aquilo que Dani usava sob a roupa todo dia, em segurança e escondido? Ele ergueu os olhos e notou que ela o observava, os dentes cravados no lábio inferior.

“Você acredita nisso?”, Zaf perguntou.

Dani ergueu o queixo e seu olhar se tornou mais cortante. “Acredito.”

“Não é uma crítica”, Zaf disse a ela.

A tensão deixou os músculos de Dani, mas ela deu de ombros como se aquilo não fizesse diferença. Ele não acreditava. Estava começando a perceber que Dani se importava com mais coisas do que queria dar a impressão, incluindo ele mesmo. A prova daquilo já queimava contra sua palma: ela acreditava naquele lance das pedras, e tinha lhe dado uma, como se compartilhasse sua fé. Aquilo era importante. Tão importante que chegava a doer. Zaf passou o colar pela cabeça e escondeu a pedrinha vermelha debaixo da roupa. “Obrigado”, ele disse de novo, e daquela vez foi ainda mais sincero em seu agradecimento.

“De nada”, Dani disse, baixo, e por um momento Zaf pensou ter visto a mesma ternura nebulosa que o preenchia refletida nos olhos dela. Mas então Dani balançou a cabeça, endireitou ligeiramente o corpo e pareceu brilhar ainda mais, como as placas luminosas de Hollywood. “Tá bem”, Dani disse, determinada, enlaçando o braço dele. “Vamos lá. E não esqueça: somos jovens apaixonados e extremamente afetuosos.” Era como se ela fosse uma atriz se preparando para entrar no palco.

Mas nada — *nada* — nos vinte minutos anteriores havia sido atuação. Nada havia sido encenado, falso. De repente, Zaf sentiu vontade de virá-la para si, olhá-la nos olhos e fazê-la admitir aquilo.

A única coisa que o impedia era a consciência de que forçar a barra tendia a estragar tudo.

Dez minutos depois, Dani estava sentada em um banco que parecia chique, embora fosse surpreendentemente desconfortável, em uma sala bem decorada, embora surpreendentemente pequena. Ela devia estar bem por fora de como funcionava os programas atuais de rádio, porque a luz de uma câmera piscava para eles à direita, e, segundo informado, o vídeo poderia ser encontrado no YouTube depois. Aparentemente, todo mundo estava precisando diversificar sua fonte de renda.

Por sorte, Dani tinha se arrumado para impressionar Zafir Ansari e se encontrava bastante apresentável. E Zaf era tão gostoso que não tinha como errar. Por um momento, quando o assistente adolescente da rádio explicava aquela questão da gravação para os dois, Dani ficara preocupada que aquilo pudesse deixá-lo mais ansioso. Mas Zaf apenas tocara o leve volume criado pela granada sob a camiseta e concordara com a cabeça.

Uma onda de ternura possessiva tomara conta de Dani naquele momento, deixando-a sem fôlego. Era tão forte quanto a tristeza que ficara gravada em seus ossos quando ele lhe contara sobre sua família. Dani sentira vontade de beijá-lo. Sentira vontade de chorar. Sentira vontade de dizer ao mundo que Zaf era incrível, porque tinha lidado com tudo aquilo e — *olha só* para ele — continuava inteiro.

Só que ela não pudera fazer nenhuma daquelas coisas, porque todas pareceriam intensas demais, e Dani só se permitia ser intensa quando se tratava de sexo ou de trabalho. Qualquer outra coisa tinha que passar pelo conselho, e o conselho não aprovara a intensidade em relação a Zafir. No entanto, tinha aprovado sexo com Zafir, que na verdade era a única proposta que Dani havia efetivamente apresentado.

Naquele momento, Zaf tocou a mão dela na superfície plástica do banco, interrompendo seus pensamentos. Dani ergueu a cabeça, encarou o mel escuro dos olhos dele e identificou um sorriso secreto ali, só para ela. O prazer subiu por seu estômago, passando por entre seus seios, esquentando-a de dentro para fora. Então ele entrelaçou seus dedos com os dela, numa leve conexão escondida entre seus corpos, que a câmera não pegaria — tampouco o apresentador, do outro lado da mesa cheia de equipamentos —, e Dani teve que se forçar a lembrar que Zaf só estava entrando no personagem. Seguindo um método de interpretação, ou coisa do tipo. O relacionamento deles era uma encenação, e ele estava colocando tudo de si naquele show. Não era nada além daquilo.

A música na sala baixou quando o apresentador, um homem branco alto e magro com cabelo bagunçado e nariz enorme, mexeu em uma espécie de botão deslizante na mesa. Seu nome era Edison, aparentemente. Dani nunca tinha ouvido falar nele, porque preferia a BBC.

“Muuuuuito bem”, ele disse antes de fazer algum comentário sobre a música que havia acabado de tocar, sua voz envolvente como chocolate amargo que não tinha nada a ver com sua aparência. Com olhos enormes e um moletom maltrapilho largo

demais para ele, parecia o fantasma de uma criança vitoriana usando calça jeans *skinny*.

Dani já corria o risco de se desligar completamente para explorar os paralelos entre o apresentador do programa e uma criança do século XIX quando ouviu sua deixa. No caso, o nome de Zaf.

“... Zafir Ansari, ex-ala de rúgbi profissional dos Titans, e sua namorada, Danika Brown. Os dois se transformaram recentemente na sensação das redes sociais com a hashtag DraRugbaby. Bem-vindos ao programa.”

“Obrigado, cara”, Zaf disse, e assentiu.

Depois de decidir que fingir recato era a melhor opção (pelo menos até que Zaf precisasse que ela partisse para o ataque), Dani só abriu um sorriso bonito e murmurou: “Olá”.

“Então, como vocês estão se sentindo em relação a toda essa situação? Como foi quando aquele primeiro vídeo viralizou?”

“Foi... inesperado”, Zaf disse, com pesar. Dani tinha se perguntado se ele não ia travar, mas, agora que ele havia superado o medo inicial, parecia tranquilo, no controle e charmoso de um jeito que geralmente escondia. Se ela não o conhecesse e estivesse assistindo àquilo, acharia que Zaf estava ótimo — e que era uma pessoa confiante, inclusive.

Mas Dani o conhecia. Sentia a rigidez da mão dele na sua, sabia que ele estava se esforçando para não vacilar. Ela notou o tom áspero de sua voz, que indicava que estava se sentindo desconfortável por falar com tantos ouvintes. Ela o viu passar a mão pela barba curta e espessa, sabendo que ele provavelmente havia planejado aquele movimento com cuidado, com todo o cuidado, mas

continuava preocupado com a imprevisibilidade da entrevista ao vivo.

Por isso, Dani se inclinou na direção dele e deu um beijo inútil e impulsivo em seu ombro. Em seguida, ela se perguntou que porra estava fazendo, e se não tinha sido brevemente possuída pelo espírito da esposa de um político dos anos 1970.

Zaf olhou para ela, e o fantasma de um sorriso grato no rosto dele a fez derreter por dentro, como chocolate. De repente, beijar o ombro dele — *um carinho casual de mentira* — pareceu a coisa mais inteligente que ela já havia feito, e a mais bem-sucedida.

Considerando seu nível de excelência geral, aquilo dizia muito.

“E quanto a você, Dani?”, Edison perguntou. “Como está lidando com a fama nas redes sociais?”, ele perguntou, com uma ironia que a agradou.

“É... bem fofo”, Dani disse, o que era uma mentira descarada. Na verdade, ser uma sensação da internet começou a ficar um pouco esquisito depois de uma semana. “Mas tenho que admitir”, ela acrescentou, com uma risada, “que poderia ficar sem os comentários das muitas mulheres que gostariam de ter Zaf para elas. Considerando que ele já está comprometido.” Era a Dani Namorada de Mentira falando, claro, não a Dani de Verdade. A Dani de Verdade não se importava com aquele tipo de coisa, porque a Dani de Verdade não tinha direito a exigir nada em relação a Zaf.

Ela sentiu o estômago embrulhando.

Zaf franziu a testa para ela. “Você não devia ler os comentários.”

“E você já devia saber muito bem, lindo, que não pode me dizer o que devo ou não ler.” Só que ele estava certo, e depois do terceiro comentário com que Dani se deparara dizendo que ela era ridícula e

quase careca, e que ela e Zaf estavam envergonhando e/ou enfraquecendo suas respectivas raças, ela decidira voltar a ignorar as redes sociais, como sempre tinha feito. Por sorte, muito tempo antes, Gigi havia preparado Dani e suas irmãs para a natureza da fama, só para o caso de alguma delas decidir seguir seus passos no show business — ou acabassem participando do reality show de culinária *The Great British Bake Off* e fossem pegas transando com Paul Hollywood, um dos jurados. Aquele fora o exemplo que Gigi, que acreditava firmemente no magnetismo animal e bruto de Paul, dera.

“Só para elucidar”, Zaf resmungou, inclinando-se para o microfone como um velho que não entende muito bem como os equipamentos de som modernos funcionam, “faço uma busca pela hashtag todas as noites e denuncio todo mundo que diz m... *besteira*”, ele se corrigiu, a carranca aumentando, “a respeito de Danika. Ou do fato de estarmos juntos. E se por acaso eu vir qualquer um de vocês...”

Dani apertou a mão de Zaf e riu alto, antes que ele pudesse ameaçar alguém fisicamente enquanto era gravado. Zaf tinha realmente vestido a camisa do namorado protetor, porque Dani quase pôde senti-lo pegando fogo. “Relaxa. O que mais me incomoda é a hashtag em si. Não sou doutora”, Dani explicou. “Ainda não concluí o doutorado. Por isso, dra. Rugbaby não está certo.”

Edison deu uma gargalhada, embora Dani desconfiasse que ele estava era grato que ela tivesse mudado de assunto. “O recado foi dado para todos os ouvintes! Ela não é doutora, ainda está *estudando para ser*. Os acadêmicos levam esse tipo de coisa bem a sério.”

Dani sentiu as bochechas esquentarem. Todo mundo levava a *verdade* a sério, não levava? Ou pelo menos deveria levar.

Edison riu um pouco mais, depois mudou de assunto com uma eficiência impressionante. “Vocês dois foram filmados no trabalho, durante o famoso treinamento de emergência. Você trabalha como segurança agora, certo, Zaf?”

“Isso mesmo.” Zaf ainda parecia um pouco irritado por não ter conseguido concluir suas ameaças, mas nitidamente se esforçava ao máximo para parecer agradável e interessado.

“Mas não é só isso que você tem feito, não é mesmo?”

Ah, ótimo. Edison estava conduzindo bem a entrevista. Quando se esquecia os olhos assombrados de criança vitoriana morta de fome, ele parecia um homem simpático e competente. Dani sorriu beatificamente e manteve a boca fechada enquanto Zaf começava a explicar o que era a Enfrente, enquanto o santo Edison, de quem a cada segundo ela gostava mais, fazia todas as perguntas e dava todas as deixas certas.

Embora seus planos envolvessem pensar em outras coisas quando chegassem àquela parte da conversa — havia um limite do quanto Dani conseguia fingir que tinha interesse por rúgbi —, ela se viu estranhamente fascinada pela discussão. Talvez porque a Enfrente tivesse menos a ver com rúgbi e mais com fornecer a meninos as ferramentas para compreender e expressar suas emoções, extrapolando os limites da masculinidade tóxica. Ou talvez porque Zaf era tomado pela paixão enquanto falava, e o brilho suave em seus olhos que sempre a atraía agora queimava como o próprio sol.

Ele era... maravilhoso. Brillhante e corajoso, principalmente quando dizia coisas como: “Adoro esportes, claro, mas envolve uma cultura

que se torna tóxica com muita facilidade. Não basta dizer: *Não sou assim*. Tipo, beleza, que bom, mas o que você está de fato fazendo para lutar contra isso?”. Dani sempre soubera que a rabugice de Zaf escondia sua fofura com muita facilidade — mas estava começando a notar algo mais nele, um núcleo estável que irradiava força e paz, além de outras coisas boas e inalteráveis. Dani notou que isso ecoava com a voz de Zaf quando ele disse: “Não se diz a um atleta para esquecer uma distensão muscular. Todo mundo sabe que isso exige tempo, fisioterapia e o que for preciso. Por que seria diferente quando se trata da saúde mental?”.

Em determinado momento, Dani corou ao perceber que estava assentindo ao lado dele como uma seguidora hipnotizada. Então parou de fazer aquilo, claro. Mas, enquanto se inclinava para mais perto de Zaf, atraída por ele como a maré pela lua, ocorreu-lhe que não conseguia pensar em ninguém de quem preferiria fingir ser namorada. Quem quer que ficasse com Zaf teria um companheiro de quem poderia se orgulhar enormemente, não é?

Talvez aquilo fosse verdade. Ou talvez o romance que ele tanto valorizava subiria a sua cabeça e o desejo de encontrar a companheira ideal acabasse se transformando em uma necessidade tóxica de perfeição que o levaria a traí-la brutalmente ao final. Com base em sua própria experiência, em provas reais, na maior parte do cânone literário e na velha e boa probabilidade, aquilo parecia muito mais possível que uma vida monótona e sem graça de satisfação e fidelidade.

Ainda assim, por algum motivo, Dani não conseguia ver Zaf no papel de Cretino Exemplar.

O mais provável era que quem acabasse se machucando fosse ele, ao ver todas as suas doces ilusões se estilhaçarem como vidro. Tal possibilidade causou uma sensação *bastante desconfortável* em Dani.

A discussão sobre a Enfrente acabou sendo muito bem finalizada por Edison, e Dani ficou esperando que a música entrasse e que ela e Zaf fossem dispensados. Em vez disso, o apresentador esfregou as mãos de maneira ameaçadora — caso uma vítima pobre e juvenil de um asilo centenário para trabalhadores pudesse ser considerada ameaçadora — e disse, com uma nítida animação: “Muito bem! Antes de nos despedirmos, temos um joguinho muito divertido que eu e a equipe bolamos para descobrir se vocês são o casal perfeito” — ele apertou um botão que disparou um som de comemoração — “ou um fracasso total”. Edison apertou outro botão, ao qual seguiram-se vaias.

Dani se ajeitou no lugar e franziu a testa para Zaf. O que era aquilo? Não queria saber de vaias. Era bem-sucedida demais para ser vaiada. E Zaf passava metade do tempo dele ensinando meninos a lidar com seus sentimentos, então não devia *mesmo* ser vaiado. Na verdade, se alguém ousasse vaiá-lo, seria empalado pelo salto alto de Dani. A seco.

Enquanto o humor de Dani continuava a se degradar em silêncio, provavelmente devido ao estresse diante do desconhecido, Edison pegou dois quadro-brancos pequenos debaixo da mesa, com duas canetas presas em cima.

“Vai ser assim: vou fazer perguntas pessoais a vocês.” Edison passou uma lousa para cada um. “É só escreverem a resposta e

depois conferimos se é a mesma. Que nem naquele reality show de namoro. Vocês veem *Love Island*?”

Zaf pareceu surpreso. “Hã...”

Aparentemente, ele não tinha ideia da existência daquele fenômeno cultural. Fascinante.

“Não tem problema”, Edison disse. “Vamos começar?”

Dani resistiu à vontade de dizer: *Não, não vamos.*

A seu lado, Zaf passou de confuso a horrorizado e claramente em pânico a uma velocidade impressionante. Os dois se olharam, e foi quase como se Dani pudesse ler os pensamentos de Zaf. Ela poderia apostar que o que ele estava pensando naquele exato momento era: *Como é que vamos responder a porra dessas perguntas se não estamos juntos? A gente nem trepou.*

Em resposta, ela tentou transmitir algo como: *Tudo tem seu tempo. Pelo menos você sabe da tatuagem na minha bunda.*

Talvez a telepatia não tivesse funcionado, porque Zaf não riu.

“Pergunta número um”, Edison disse, totalmente alheio ao colapso interno e simultâneo de seus convidados. “Vamos começar com uma fácil. Zaf, como Dani prepara o próprio chá?”

Zaf o encarou. “Então agora eu...?”

“Você escreve o que acha, Dani escreve a resposta dela e depois vemos se você acertou.”

Zaf pareceu hesitante. “Tá bom.”

“Vocês têm dez segundos.” Edison abriu um sorriso cheio de dentes para eles e apertou um botão. O tique-taque de um relógio preencheu a sala, aumentando a pressão.

“Ai, meu Deus”, Dani murmurou, olhando para o quadro-branco. De repente, ela não tinha ideia de como tomava o chá — e, o mais

importante, nem Zaf. Se estivessem mesmo juntos, ele conseguiria responder, não? *Ai, ai*. Se a mentira deles fosse exposta por um jogo ridículo em um programa de rádio, Dani ia botar fogo em tudo.

Depois de alguns segundos tensos, ela escreveu sua resposta sem pensar muito — já que estavam condenados e nada mais importava — e esperou temerosa que o tempo chegasse ao fim para então comprovarem que Zaf estava redondamente enganado. Não seria o fim do mundo, Dani disse a seu coração acelerado. Ninguém ia ver que fracassaram em uma brincadeira no rádio e chegar à conclusão absurda de que o relacionamento deles era uma mentira. Mas alguém poderia concluir que Zaf era um péssimo namorado, ou que os dois tinham um péssimo relacionamento. Como Edison havia dito mesmo? Um fracasso total? Por algum motivo, aquilo deixava Dani muito incomodada.

“Muito bem, hora das respostas.” Edison sorriu. “Zaf, o que você respondeu?”

Zaf virou a lousa, claramente desconfortável. “Verde. Ela, hum... bem, ela não toma chá preto. Mas toma muito chá verde. Então... verde.”

Dani o encarou.

Edison estava horrorizado pelo fato de Dani não tomar chá preto, mas conseguiu esconder bem. “Dani, o que você escreveu?”

Ela virou a lousa.

Então foi a vez de Zaf encará-la.

“Chá verde!”, Edison disse, animado, quando ficou claro que Dani não diria nada.

Ela estava se sentindo um pouco atordoada, na verdade. Uma onda de alívio e um lampejo de surpresa se uniram para deixá-la

enebriada, até que Dani recobrou os sentidos e se recompôs. *Claro* que Zaf sabia que ela tomava chá verde. Quando Dani levava café para Zaf, ele sempre brincava sobre o que tinha no copo dela. E, sério, o que a preferência de chá significava? Nada de mais. Era praticamente informação pública. Havia pessoas que Dani *detestava* e que sabiam que ela tomava chá verde.

Só que eram pessoas com quem ela trabalhava em proximidade, que tinham sido forçadas a preparar o chá dela por cortesia, porque eles se revezavam naquela tarefa. Mas ainda assim...

Ainda assim...

“Próxima pergunta!” Edison parecia estar adorando aquilo. Ou tinha o temperamento de um filhotinho de cachorro ou estava muito envolvido com a hashtag DraRugbaby. Dani desconfiava, com bastante desconforto, que era o último caso. “Dani, qual é o sabor de salgadinho preferido de Zaf?”

Bem, *aquilo* ela sabia, porque sempre o via comendo salgadinho. Dani escreveu “sal e vinagre” na lousa e a virou antes que os dez segundos tivessem terminado. Que tipo de jogo era aquele se dois colegas de trabalho poderiam ganhar com tanta facilidade? Embora fosse possível dizer que Dani e Zaf tinham se tornado um pouco mais que colegas de trabalho. Conspirar tendia a intensificar relacionamentos. Talvez eles agora tivessem subido de nível e chegado a amigos, ou algum outro status platônico de relacionamento que explicava a atração magnética que Dani sentia sentada ali ao lado dele, como se cada segundo que passasse sem olhá-lo, sorrir para ele ou rir com ele fosse um desperdício.

Talvez eles fossem *melhores amigos*. Que fofo.

Mais perguntas se seguiram, e todas foram respondidas corretamente. Dani se recusou a ficar impressionada com o fato de que Zaf sabia sua estação preferida — outono — e não ficou nem um pouco feliz por ter se lembrado de que ele preferia cachorros a gatos. Zaf havia lhe dito uma vez, do outro lado da mesa da segurança, que gatos eram criaturas traiçoeiras que escondiam o próprio mijo, e que animais que faziam aquilo podiam facilmente adquirir o hábito de mijar atrás do sofá, e a pessoa nem saberia até morrer de tanto inalar amônia. Como ela poderia ter esquecido aquilo, considerando toda a paixão com que Zaf discursara?

“Muito bem”, Edison disse, afinal. “Última pergunta. Zaf, qual é a área de interesse acadêmico de Dani?”

A pergunta acabou com o bom humor de Dani — o que não fazia muito sentido, porque eles estavam indo tão bem que errar agora não seria um problema. Ninguém duvidaria do relacionamento dos dois só porque Zaf havia respondido àquela pergunta incorretamente. Estudantes de doutorado podiam ser confusos e muitas vezes chatos.

“Zaf, mostra o que você escreveu!”

Na verdade, um ano antes, a própria Dani poderia ter dificuldade de responder àquela pergunta. Era difícil...

“Raça e gênero no Ocidente depois do fim da escravidão”, Zaf disse.

Naquele momento, Dani soltou um ruído distorcido de espanto, que parecia uma mistura de tosse, arrote e um “Quê?” grasnado, que foi transmitido a todos os ouvintes da cidade.

Zaf pareceu preocupado, como se achasse que ela tinha se engasgado sem querer com um pombo que passava. O que seria um

grande feito, considerando que a sala em que estavam não tinha janelas.

“Dani”, Edison disse, pacientemente, “qual é a resposta certa?”

Dani virou a lousa para ele, devagar. “Evolução da afromisoginia pós-escravidão.”

“Cheguei perto, não cheguei?” Zafir pareceu muito satisfeito consigo mesmo. Chegou a abrir um sorriso, grande e radiante, que o deixou dolorosamente bonito, com dentes brancos, barba escura e boca sedutora. Mas ela não ia se deixar distrair por aquela boca. Na verdade, nem *tinha* como — estava ocupada demais encarando a lousa, deslumbrada. Ali estava, branco no preto, uma compreensão válida do tema geral de sua tese.

“Como você sabia disso?”, Dani perguntou, com um sussurro.

Zaf arqueou uma sobrancelha. “Acha que não presto atenção no que você fala?”

“Quando estou tagarelando sobre o trabalho? Eu tinha certeza absoluta de que você não prestava atenção.”

“Bem, se enganou”, ele disse, parecendo muito convencido.

“Zaf, esse é quase o título do último artigo que publiquei.” Para conseguir executar seu plano de ocupar uma cátedra em vinte anos, Dani vinha publicando artigos em periódicos acadêmicos.

“Então você acha que é a única que sabe usar a biblioteca?”

A voz dela saiu tão aguda que lembrou um golfinho. “Você andou *lendo* meus artigos na *biblioteca*?”

Zaf deu de ombros, e ela ficou com a impressão de que o senso comum havia superado sua competitividade, porque de repente ele pareceu se sentir ligeiramente caçado. “Hã... li. Tipo, são interessantes.”

Interessantes?

Não era que Dani não achasse seu próprio trabalho interessante — claro que achava. Tinha que achar, ou àquela altura já teria cortado a própria jugular com uma caneta esferográfica. E Dani tinha total consciência de que outras pessoas também achavam seu trabalho interessante. Só que... bem. Ela nunca *tinha estado* com uma daquelas pessoas.

Não que estivesse *com* Zaf. Mas ainda assim. Nem as *irmãs* de Dani liam os artigos dela. Sua única amiga que lia era Sorcha, e só porque estudara algo parecido na graduação. Ninguém que não fosse da mesma área de Dani suportava suas divagações desconexas sobre teoria literária e ia embora com vontade de aprender mais sobre aquele tema. Só não era tão fascinante falando como por escrito, como evidenciado pelas muitas pessoas com quem havia saído que tinham lhe informado com toda a delicadeza que em conversas mais longas Dani era mais entediante que empolgante.

Isso na época em que ela fazia aquele tipo de tolice, como sair com outras pessoas.

Então Dani não conseguia pensar em nenhum motivo pelo qual Zaf poderia ter se dado ao trabalho de ir à biblioteca ler seus trabalhos. Ele levou a mãozorra quente à nuca dela, apertou de leve e disse: “Não precisa fazer essa cara de surpresa. Você sabe que amo seu cérebro”. Com aquilo, Dani não conseguiu pensar em mais nada. Sua garganta ficou seca como o deserto, uma felicidade pura e radiante se juntou a sua corrente sanguínea, percorrendo seu corpo, e os cantos de seus olhos começaram a arder, porque... na verdade, ela não sabia por quê. Tudo o que sabia era que nunca tinham lhe dito nada como aquilo.

De repente, ela se deu conta de que Zaf tampouco dissera. Ele estava mentindo. Estava atuando. Estava fingindo.

“Isso foi *muito* fofo”, Edison disse, trazendo Dani bruscamente de volta à Terra. Ela deixou a confusão de lado e torceu para que sua expressão não parecesse chocada, alarmada ou perplexa demais, considerando que estavam gravando.

Edison continuou falando, enquanto isso: “É isso aí, pessoal! Zaf e Danika, o casal da hashtag DraRugbaby, são definitivamente perfeitos um para o outro”.

De repente, Edison estava dando nos nervos de Danika. Ela só queria trancá-lo de volta no asilo vitoriano de que tinha saído.

@HANNATHEESTALLION: Não consigo decidir quem estava mais sexy no rádio ontem, o Zaf ou a Dani 😊

💬 66 ↻ 36 ❤️ 3k ↑

@BEYONCESBANGS: Os dois. #DraRugbaby é A alegria do bi

💬 89 ↻ 62 ❤️ 114 ↑

Zaf não era a única pessoa no mundo que tinha notado que Danika era genial. Não podia ter sido. Para começar, ela já tinha um bacharelado e um mestrado, e estava fazendo o doutorado, o que não acontecera por acidente. Além disso, periódicos publicavam seus artigos, o que significava que também sabiam. Só podiam ser as pessoas na vida pessoal dela as cretinas distraídas. Claramente nenhuma delas lhe dava o devido crédito, se o fato de Zaf ter admitido que havia lido seu trabalho já fora o bastante para deixá-la de olhos arregalados e gaguejando.

Ele só entendeu uns sessenta por cento das coisas que Danika escreveu, mas até esses sessenta por cento já eram o bastante para fazer com que se sentisse mais inteligente. Mais interessante. Mais educado, e aquelas coisas todas. Ela era talentosa. Por que ninguém lia seus trabalhos?

“Você está brisando”, Dani disse.

Zaf olhou para cima. Os dois estavam na cozinha dela, separados pelo vapor da água fervendo na chaleira. Assim que haviam chegado, Danika voltara a vestir o short de dormir e a camiseta quase translúcida que fazia com que se concentrar fosse muito difícil para ele. Sem maquiagem e descalça, pegando canecas e colheres, ela parecia...

Uma fantasia que ele não devia alimentar. Não quando Danika havia deixado claro que o único relacionamento que aceitava ter era de mentira.

Ela arqueou uma sobrancelha para Zaf enquanto enchia as canecas de água quente, e ele se lembrou de que estavam no meio de uma conversa. Ou melhor, que Dani tinha dito algo e ele só ficara olhando para sua boca, como um animal na seca. O que fazia sentido, porque era como Zaf se sentia.

“Eu sempre tô brisando”, Zaf disse, e Dani riu.

“É isso que os heróis dos seus livros fazem?”

“Para alguém que não se interessa por romances, você faz bastante perguntas a respeito.”

Ela revirou os olhos — *o que não é uma resposta, Danika* —, passou uma caneca para ele e foi para a sala. Zaf a seguiu, e os dois se sentaram no sofá grande de veludo roxo, lado a lado. Próximos, mas não o suficiente. Ela nunca estaria perto o suficiente. As mãos dele sempre se coçavam para tocá-la, e naquela noite não era diferente — porra, naquela noite era *pior*. Mas Zaf não ia tocar no assunto. O fato de Dani ter colocado o pijama e feito um chá não sugeria algo como “Me possua, Zafir”, então ele não tinha certeza de que o acordo de antes ainda era válido. Se ele não tivesse o dobro

do tamanho dela e não fosse muito mais forte, talvez pudesse ser um pouco mais agressivo naquela situação.

Mas ele era maior e mais forte que ela, de modo que se controlou e baixou os olhos para a caneca, encarando o líquido turvo com ceticismo. “Dan. Tem mato no meu chá.”

“Chá é feito de mato, Zaf.” O tom de voz dela era severo, mas quando ele a encarou, notou que seus lábios se contorciam em um sorriso.

“Está tentando me envenenar?”

“Vai te ajudar a dormir.”

“Não começa a reclamar que eu não durmo”, ele zombou, “ou vou parar de responder suas mensagens às duas da manhã.”

“Eu saberia que você não dorme direito mesmo se nunca tivéssemos trocado mensagens.”

“Ah, é? Por quê?”

Em vez de mencionar as olheiras dele, Dani disse: “Você tem a energia de um recém-nascido”.

Zaf ficou chocado.

“O que sugere que, entre outras coisas, você é puro de coração e está sempre com fome.”

“Não tenho certeza sobre a primeira parte...”

“E que está sempre cansado”, ela prosseguiu. “Você está sempre cansado mesmo.”

Dani não estava errada. *Estava* sendo doce — havia doçura em sua voz, em seus olhos, em suas palavras, e essa doçura envolvia o coração dele como um cobertor.

Não pensa assim. Tenho certeza de que nada de bom vai sair disso.

“Já que estamos falando nisso”, ele disse, “seu sono também não é dos melhores.”

“Sou uma máquina”, ela disse, alegremente.

“Não é, não.” As palavras soaram mais ferozes do que ele pretendia. “Você é um ser humano, e ficar acordada a noite toda não faz bem para você, assim como não faz bem para mim. Se consegue dormir, deveria aproveitar.”

Ela revirou os olhos, desdenhando do que Zaf havia dito, mas ele podia sentir no ar o que Dani estava pensando. E, naquele momento, ela estava pensando no que Zaf havia acabado de dizer. Ainda assim, tudo o que Dani fez foi murmurar: “Toma o seu chá”.

Como um cachorrinho obediente, ele inclinou a cabeça e respirou fundo. O aroma era de lavanda e especiarias, quente e reconfortante. “Posso te fazer uma pergunta?”

“Quando as pessoas dizem isso, geralmente é porque vão ser mal-educadas.”

Os lábios dele se curvaram. “Não é a minha intenção.”

“Nesse caso, então...”, ela disse.

Zaf experimentou o chá, gostou mais do que imaginava e tomou mais um pouco. Então assentiu para a mesinha à frente deles — a mesinha em que ficava a deusa dourada e as fatias de laranja. “Essa estatueta, o chá, a pedra que você me emprestou.” Ele a havia devolvido, mas ainda sentia uma pressão fantasma sobre o peito. “O que é tudo isso?”

“Sou uma bruxa.”

“Ah”, ele disse, depois de um momento. “Uma bruxa. Tá.” *Merda.* Com a sorte de Zaf, Dani devia receber o equivalente místico a uma

notificação toda vez que ele pensava nos peitos dela. “Como isso, hã, funciona?”

Dani bebericou o próprio chá, claramente para esconder um sorriso. “Depende, na verdade. É algo muito pessoal. Minha avó materna, Rose, era *obeah*. É uma religião que começou com os africanos escravizados no Caribe, que tem muitas influências e variações, mas...” Ela deixou a frase morrer no ar. Seus olhos pareciam distantes, de um modo que indicava a Zaf que os pensamentos passavam pela mente dela mais rápido que raios.

“É isso que você faz?”, ele perguntou, cutucando-a delicadamente. O joelho de Zaf roçou nas pernas de Dani, sobre as quais ela estava sentada, como se fosse um gato.

Dani piscou algumas vezes. “Ah... não. Costuma ser passado de geração a geração, mas nunca me interessei em aprender, pelo menos não até minha avó morrer e me deixar essa estatueta de Oxum. Aí já era tarde demais, claro.” Dani abriu um sorriso que Zaf reconheceu, porque era do tipo que tentava esconder a dor, a saudade, o arrependimento e um desejo secreto de mais cinco segundos. Mais cinco segundos com a pessoa que se havia perdido. “Depois disso, meio que juntei algumas coisas sozinha, para me sentir mais perto dela. Sou uma bruxa moderna, acho, que mistura tudo. O que parecer certo. O que parecer real.”

Você. Pra mim, você é real pra caralho. Zaf estendeu a mão, e Danika a pegou. Seus dedos entrelaçados, a pressão da palma dela contra a sua, iluminaram as trevas dentro dele. Se aquele toque também podia extinguir uma fração da tristeza dela, então a mão direita de Zaf nunca havia sido tão útil.

O que queria dizer alguma coisa, considerando a frequência com que Zaf vinha batendo uma.

“Oxum e eu nos damos bem”, Dani prosseguiu, fazendo um aceno de cabeça para a estatueta. “Ela é a orixá da beleza, da pureza, da abundância e...” — Dani olhou na direção de Zaf, e de repente a curva de sua boca e o movimento de seus cílios pareceram uma provocação lenta e ardente — “da luxúria”, ela concluiu, com a língua no lábio superior. “Foi por isso que pedi a ela para me mandar você.”

Curiosidades sobre o corpo humano: ele se descontrolava depressa. As palavras de Dani penetraram as veias de Zaf e se juntaram à corrente sanguínea como se fossem prazer líquido. O coração dele batia contra a caixa torácica como o rufo de tambores de guerra. No decorrer de um segundo, o pau dele se tornou o centro de universo, chegando a doer. *Luxúria*. Zaf achava que Dani havia mudado de ideia, o que seria uma grande decepção, mas os olhos dela diziam que não era o caso. Ela o queria. Ainda bem, porra.

Zaf precisava dormir com Dani para não ter mais tanto tesão nela. Precisava acabar com a tensão, desbravar o desconhecido, porque o desejo não realizado fazia com que ela não saísse de sua cabeça.

Me beija. Me cura. Por favor.

Dani olhou satisfeita para o pau obviamente duro dele e murmurou: “Isso é encorajador. Achei que podia estar cansado”.

Ele a encarou, incrédulo. “Cansado para você? Achei que você fosse a esperta aqui.”

Ela deu risada. Bem quando Zaf tinha a chance de organizar seus pensamentos, talvez iniciar uma conversa coerente a partir daquela

história de Dani ter *pedido à deusa para mandá-lo*, ela estragou tudo ficando de joelhos e montando no colo dele. De repente, Zaf era incapaz de se mover. Talvez tivesse até desaprendido como fazê-lo. Ela se sentou como um pecado macio e fluido, sua bunda maravilhosa pressionando o pau dele, seus dedos se cravando nos ombros dele, o bico do peito roçando o peitoral dele. Zaf supostamente não deveria conseguir sentir os mamilos dela, considerando que ainda estava vestida, mas, puta merda, ele sentia. E, a julgar pela pulsação dela vibrando na garganta, por suas pupilas dilatadas e escuras, Dani também sentia alguma coisa.

Bem quando as opções dele tinham se reduzido a beijá-la ou explodir, Dani arqueou uma sobrancelha e olhou por cima do ombro. "Tá gostando?"

Foi só então que Zaf percebeu que tinha agarrado a bunda dela. Aparentemente, ele *ainda* se lembrava de como fazer os membros se moverem, mas só para coisas importantes. O que era justo.

"Tô", ele disse, sendo sincero, e apertou a bunda dela mais um pouco, os quadris roçando contra o peso macio e quente dela. Zaf sentia as leves irregularidades na pele dela, sentia sua tatuagem, as linhas de tinta ligeiramente saltadas, e talvez a causa fosse o fato de que agora sabia qual era a sensação de pegar na bunda de Danika Brown, talvez fosse a respiração pesada e o modo como ela fazia pressão contra a mão dele, mas a sensação era de que seu pau ia quebrar. Já vazava um pouco, de forma lenta e constante, e ele não ficaria surpreso se encharcasse a calça jeans.

"Bem", ela disse, graciosamente, "se te ajuda a se concentrar."

"Ajuda", ele mentiu. "Então. Você... pediu por mim?" Zaf precisava esclarecer aquela questão, porque era possível que o chá mágico de

Dani fosse ligeiramente alucinógeno e ele só tivesse ouvido o que no fundo queria ouvir.

“Pedi pelo pau amigo perfeito”, ela disse, “e vários sinais me levaram até você.”

Zaf a encarou. “Você rezou por um pau amigo.”

“Isso”, ela disse, tranquila.

“Você sabe que...”, Zaf começou a dizer, “que você é... você.”

“Eu?” Um sorriso se insinuou no canto dos lábios dela.

“Isso, você. A porra da Danika Brown. Uma mulher que não precisa de ajuda divina pra encontrar alguém com quem transar regularmente.” As pessoas deviam fazer fila para ter a atenção de Dani. Zaf sempre imaginara que ela vivia como uma deusa da fertilidade: aparecia em um vilarejo de mortais adoradores, escolhia o melhor e fazia um sinal para que ele se aproximasse. Simples assim.

Mas, por algum motivo, a mera menção de Zaf à perfeição de Dani a deixou desconfortável pela primeira vez naquela noite. Ela desviou o olhar, e seu sorriso provocador se transformou em algo mais sério. Seus dedos começaram a brincar com a barra da camiseta. “Bem”, ela murmurou, “fico lisonjeada. E sei que sou maravilhosa.”

Zaf teve vontade de rir, ou beijá-la, ou ambas as coisas. Claro que ela sabia. Claro que ele adorava que ela soubesse.

“Mas não sou tão fácil assim de lidar”, ela prosseguiu. “E...”

“Não é?”

Ela hesitou. “Como?”

“Não é? Uma pessoa fácil de lidar?” Ele nunca havia tido problema nenhum naquele sentido.

“Não, Zaf, não sou. E não quero ser. Bem, relacionamentos não são a minha praia, mas sexo *com certeza* é...”

Ainda bem, porque se ele tivesse que soltar a bunda dela no futuro próximo, talvez chegasse a chorar.

“... e acho que você pode me dar isso. Sem compromisso.”

Sem compromisso? *Rá.* Zaf *nunca* havia feito sexo sem compromisso. Até então, todos os seus relacionamentos tinham sido *baseados* em compromisso, e só haviam terminado por questões de incompatibilidade, não porque ele não queria que durassem. Mas Dani estava em seu sangue, e ele só poderia tê-la daquele jeito — só deveria querê-la daquele jeito. O único jeito que ela o queria.

Aquela ideia não deveria magoá-lo, e Zaf não permitiu que magoasse.

“Zaf?”, Dani sussurrou, enquanto seus olhos vasculhavam o rosto dele. À espera.

“Sim”, ele disse, baixo. “Sem compromisso. Posso te dar isso.”
Espero que sim.

O sorriso dela era o próprio sol. “Ótimo. Tenho algumas condições, só para garantir que estamos na mesma página.”

“Tá, mas estou sentindo meus batimentos cardíacos no pau agora, então não acho que eu esteja totalmente no controle de minhas faculdades mentais.”

Dani sorriu e se inclinou para mais perto, pressionando os peitos com mais força contra o peitoral dele, a boca roçando em sua orelha. Zaf talvez estivesse tendo um ataque cardíaco. “Então vou ser bem direta. Primeiro: você tem que me fazer gozar. Segundo: não pode se apegar. E terceiro: não pode dormir aqui.”

Caralho, aquilo era um balde de água fria. Não que fosse o bastante para fazer o pau dele relaxar nem nada — àquela altura, talvez nem um sedativo para cavalos funcionaria —, mas abria um buraco nas mentiras que Zaf havia contado a si mesmo, expondo seus verdadeiros sentimentos. Não importava o quanto tentasse racionalizar aquilo, Zaf estava mergulhando de cabeça em sexo casual com uma mulher que acidentalmente começara a adorar. O que a maior parte das pessoas consideraria *ruim*, na melhor das hipóteses.

E Zaf ainda não estava convencido de que sexo sem sentimento era algo *possível*. Não para ele, pelo menos. Aquilo o tornava um mentiroso ou só alguém disposto a tentar? Merda.

A pergunta saiu antes que ele conseguisse pensar melhor: “Por que você é tão contra relacionamento?”.

Zaf sentiu Dani esfriar e ficar rígida como ferro. “Não combina comigo.”

“Não estou dizendo que você está errada”, ele acrescentou depressa, apertando o quadril dela. “Você sabe o que está fazendo, Dan. E respeito suas escolhas. Só estou tentando... entender.” *Quero conhecer as partes que você não revela*. Mas só porque ele havia mostrado a ela um pouco de si mesmo, mais cedo naquela noite, ao compartilhar detalhes de seu passado. Zaf queria que tivessem uma amizade equilibrada. Só isso.

A voz de Zain ecoou em sua cabeça, e era como se seu irmão tentasse reprimir a risada: *Mentir é haraam, irmãozinho*.

Bem, fazer o quê?

As palavras de Zaf pareceram relaxar Dani, porque ela parou de olhá-lo como se quisesse matá-lo e deu de ombros, os lábios

franzidos. "Já experimentei ter relacionamentos românticos, mas nunca terminou bem. Não tenho as qualidades necessárias para ser uma 'boa namorada'." Ela fez as aspas com os dedos e revirou os olhos como se aquilo pudesse esconder a vulnerabilidade em sua voz. "Sou focada demais no trabalho. Não digo as coisas certas, não me lembro de datas românticas. Acho excesso de carinho irritante e não gosto de colocar as prioridades dos outros antes da minha carreira e da minha família. Isso faz com que companheiros em potencial fiquem decepcionados, e estou ocupada demais para lidar com os sentimentos dos outros ou com a punição que vem com tudo isso. Então evito essa dinâmica."

Zaf franziu a testa. "Mas..."

Ela arqueou uma sobrancelha.

"Relacionamentos não deveriam ser assim", ele disse, um pouco sem chão. Dani havia dito tudo aquilo com uma desesperança tão direta e vazia que parecia indicar que tinha aprendido aquela lição do jeito mais difícil. Como se amar fosse exigir demais dela, por isso não ia e não deveria nem tentar. Zaf não tinha certeza se a expressão nos olhos de Dani indicava cansaço ou ecoava algo mais severo, mais cortante. De qualquer maneira, não gostava daquilo.

"Eu sei", ela disse devagar, como se explicasse algo a uma criança. "Não estou fazendo as coisas certo, mas acho que não quero fazer. Tudo me parece chato e inconveniente. Por isso escolhi ficar de fora."

"Não. O que eu quis dizer é que um relacionamento não deveria ser assim. Não deveria ter prioridades diferentes, ninguém deveria ser punido por ser quem é."

Ela abriu a boca, depois a fechou. Aparentemente, ele a tinha pegado de surpresa.

“Todo mundo sempre fala em compatibilidade por um motivo. Se você valoriza família e trabalho, só precisa estar com alguém que valoriza as mesmas coisas, alguém que admira isso em você. Se não curte a baboseira sentimental, só tem que encontrar alguém que não liga para isso. Alguém que entenda como você é esquisita...”

“Como é que é?”

Zaf a ignorou. “... e adore isso. Sei que você é muito ocupada, mas consegue tirar um tempinho para as coisas que importam. Se valesse a pena, e se você quisesse, poderia conseguir encaixar um relacionamento na sua vida também. O que você recebe sendo amada deveria fazer as concessões valerem a pena. Quando é bom, você *quer* fazer concessões.”

Dani o olhou fixamente por um momento, com a expressão indecifrável. Mas algo em seus lábios e no ritmo lento de sua respiração dizia a Zaf que ela estava refletindo. De verdade.

Mas, no fim, não deu em nada. “Não consigo entender por que você ainda não é casado”, ela murmurou, avaliando-o como se ele fosse um inseto exótico. Então Dani suspirou e balançou a cabeça, como se afastasse contos de fadas da cabeça. “Talvez você esteja certo. Talvez exista alguém sortudo em algum lugar louco para passar a eternidade com uma mulher viciada em trabalho que tem vontade de vomitar diante de qualquer expectativa de romance, mas não me importo o suficiente para me dar ao trabalho de procurar. Não estou interessada no, hã, poder transformador do amor, ou no que quer que seja. Não preciso disso. Sei o que quero da vida, e sei como conseguir.”

Cada palavra atingia o peito de Zaf com um baque, como dobres fúnebres, embora ele não soubesse dizer exatamente o que tinha morrido.

Sei o que quero da vida, e sei como conseguir. “Eu também”, ele disse, baixo.

Dani assentiu. “Não somos tão diferentes, ainda que estejamos seguindo rumos opostos, sabe? Não quero desperdiçar meu tempo procurando por um diamante em meio à merda. E você não quer outro final infeliz.”

Outro. O jeito como Dani olhava para ele, como se visse cada medo e cada esperança secreta, quase fazia Zaf suar. Ele ainda queria afastar os fantasmas dos olhos de Dani, mas se aquilo significava que ela iria atrás dos fantasmas dele também... era melhor não.

Além do mais, Zaf não mentira ao dizer que respeitava as escolhas dela. Podia não gostar delas, mas as respeitava, porque respeitava Danika.

“Aceito suas condições”, ele disse, enfim. “Mas tenho algumas também.” Zaf percebeu que precisava daquelas garantias, caso quisesse escapar ileso daquela história.

“Manda ver”, Dani murmurou. Então se remexeu no colo de Zaf, que por pouco não acabou mordendo a própria língua. “Rápido.”

“Primeiro: não podemos fazer isso para sempre.”

Ela arqueou uma sobrancelha. “Para sempre não é para mim.”

“Eu sei.” Ele sentiu suas bochechas esquentarem. “Eu pensei que... como demos um prazo para o namoro de mentira, podemos dar um prazo para isso também.” Aquilo o impediria de ultrapassar limites ou quebrar regras que desconhecia. Dani estava tão

comprometida com esse lance casual que chegara a *rezar* por aquilo — e Zaf sabia por experiência própria que, quando as pessoas começavam a rezar, era porque estavam muito determinadas ou à beira da morte. Ou ambos. A última coisa que ele queria fazer era passar vergonha insistindo naquilo por tempo demais.

Dani o olhou com cuidado. Se ele notou um lampejo de decepção em seu olhar, ou era porque queria notar, ou não passava de um protesto pela demora no sexo. “Tudo bem. Até porque, quando pararmos com essa história, você provavelmente vai voltar a procurar pelo seu amor verdadeiro. Não quero atrapalhar você”, ela disse, irônica.

A ideia de que Dani poderia atrapalhar *qualquer coisa* parecia absurda — absurda o bastante para tocar em algo vital no peito dele. Mas o que ela mencionara era importante, e ajudaria a não deixar nenhuma ponta solta. “A gente para com isso quando o namoro de mentira acabar. Vamos ter que encenar um término, de qualquer modo.” Até aquele momento, Zaf tinha conseguido evitar pensar no assunto. “Acho que é um bom prazo. Isso nos dá... três semanas.”

“Três semanas”, ela repetiu. “Posso trabalhar com isso.”

“Ótimo”, Zaf disse, mas não achava nem um pouco ótimo. Ele afastou as dúvidas sem nome e sem forma e a puxou para mais perto, onde ela pertencia. “Tenho uma última condição.” Havia mil coisas em que ele não insistiria, mas aquilo era diferente. “Entendo que você queira algo casual. Mas, enquanto fizermos isso, Danika”, ele murmurou, “ninguém além de mim toca em você.”

Dani engoliu em seco, mas, para o alívio dele, não discutiu. Quando ela assentiu, algo feroz dentro de Zaf ganhou vida. “Só

você”, ela sussurrou.

Era terrível quão perfeitas aquelas palavras soavam saindo dos lábios dela. Era perigoso o quanto ele queria ouvi-las de novo, de milhares de maneiras diferentes.

Aquela talvez fosse a melhor ideia ruim que ele já havia tido.

Dani mordeu o lábio e tentou fingir que aguardava de maneira sedutora, quando na verdade estava tão louca de tesão que chegava a doer. Não era fácil, não quando o olhar de Zaf estava tão fixo nela que parecia penetrar sua pele. Não quando ela podia senti-lo, grosso e duro, entre suas coxas. Não quando cada centímetro dela tremia em um desejo tão obvio que Dani já considerava jogar o seu corpo inteiro traidor no lixo reciclável no dia seguinte.

Ela se revelava para ele, como se *precisasse* dele, e a intensidade daquilo fazia com que se sentisse viva e terrivelmente exposta ao mesmo tempo. Era perigoso, ficar daquele jeito, desejar daquele jeito. Tinha que ser. Então ela se deu conta de que Zaf se revelava também, e de repente as coisas já não pareciam tão ruins. Através da névoa da sua própria vontade, ela notou o subir e descer pesado do peito dele, o modo como umedecia os lábios como se tivesse uma sede de séculos e ela fosse um oásis. Zaf refletia a necessidade frenética dela, e as preocupações de Dani se dissiparam até restar apenas expectativa, dançando em seu estômago como a luz das estrelas. *Só você*, ela havia dito, e as palavras tinham parecido vibrar com uma espécie de energia.

O que provavelmente era um tapinha no ombro espiritual de Oxum. Dizendo: *Parabéns por ter seguido minha dica! Agora tenha*

um ou dois orgasmos e vê se para de reclamar o tempo todo.

Dani estava se prometendo fazer exatamente aquilo quando Zaf ergueu a mão livre e pegou sua nuca, fazendo com que seus pensamentos se dispersassem.

Então a beijou.

Não foi nada como o primeiro beijo deles. Aquele tinha sido um teste, uma surpresa, e, teoricamente, de mentira. Não *parecera* de mentira, considerando que Zaf a desmontara peça a peça com cada movimento cauteloso de sua língua, mas mesmo assim. Não tinha sido para eles — tinha sido para os outros. O mesmo valia para o segundo beijo que deram, o beijo rápido à mesa da segurança, ainda que tivesse parecido... diferente, na hora.

Mas aquele beijo... aquele beijo parecia tão real e tão cru que Dani talvez tivesse se afastado, se a sensação não fosse *boa pra caralho*.

A boca suculenta de Zaf estava firme contra a sua, disparando choques elétricos por sua espinha. A mão livre dele tocava sua bochecha, e o dedão puxou a beirada dos lábios de Dani, incentivando-a a abri-los mais, a deixar sua língua se aprofundar. Zaf era sempre tão gentil com ela, tão despretensioso, que Dani não esperava que seu desejo preenchesse o ar como uma umidade densa — mas preenchia. Zaf a cercava, o gosto dele em sua boca, o pau duro entre suas coxas. Dani só queria sucumbir.

Quando a outra mão dele massageou a bunda de Dani com uma vontade sem pudor, a boceta dela pegou fogo. Ela esfregou os mamilos duros contra a extensão sólida do peitoral dele, roçou o clitóris desesperado no volume bruto do pau dele, e uma necessidade desesperada a atingiu, como uma onda. Zaf passou a

língua pelo delicado limite do lábio superior dela, e Dani sentiu aquele prazer trêmulo direto na boceta. Ele a puxou com força para si, e ela sentiu o tecido úmido da calcinha colar na pele. Merda. *Merda.* Trinta segundos de pegação no sofá, como dois adolescentes, e Dani já lutava contra a vontade de forçá-lo a se deitar de costas e sentar na cara dele.

Oxum, desculpa se duvidei de você.

Era uma pena que ela fosse tê-lo apenas por algumas semanas. Mas não ia se preocupar com isso naquele momento — não ia pensar na estranha pontada que a atingira quando ele expusera sua primeira condição. Como Dani havia dito, para sempre não era para ela.

Uma estranha melancolia pareceu pesar em seu desejo, mas então Zaf mordeu o lábio inferior dela e apertou seu maxilar — o suficiente para dizer: *Ei. Você está comigo agora. Volta pra cá.* E ela voltou, sentindo uma tensão deliciosa em seu interior, o desejo se acumulando, grosso e doce como mel.

Dani murmurou fracamente contra a boca dele: “Você é um deus do sexo?”.

Zaf soltou uma risada contida, como se não tivesse ar suficiente nos pulmões para rir direito. “Não. Mas penso nisso faz tempo pra caralho.”

Ela perdeu o fôlego e se afastou um pouco. “Quanto tempo?”

“O bastante”, ele disse, com a voz baixa e rouca, “para ter pensado em mil maneiras de te beijar. Então me deixa te beijar.”

Me deixa te beijar. Ela enfiou os dedos na seda crua que era o cabelo dele e o puxou para mais perto. Zaf enfiou as mãos por baixo da camiseta dela, até chegar às costelas. Então parou.

“Me toca.” A voz dela era tensa de desejo.

“Quero tirar isso”, ele falou, puxando a camiseta dela.

“Então tira. E aproveita pra tirar a sua também.” Ela puxou a camiseta dele, então os dois se afastaram o bastante para cada um tirar a própria camiseta, até que estivessem ambos de peito nu e arfando. Zaf era maravilhoso como ela sabia que seria, grande, forte e dourado, com uma abundância de pelos que seguiam do peito até o volume em sua calça jeans. Seus olhos pareciam quase pretos enquanto observavam Dani, seus lábios úmidos e entreabertos. Ele era puro pecado, puro sexo, e era dela.

“Caralho, Danika”, Zaf soltou, passando as pontas dos dedos pelas marcas de estria no quadril dela. “Você é tão...”

“O quê?”

“Linda”, ele disse, baixo, tão baixo que Dani quase não ouviu. Na verdade, ela queria *fingir* que não tinha ouvido, porque a palavra ecoou uma reverência que não devia estar ali, que não deveria preenchê-la. Dani nunca estivera tão consciente de sua própria respiração, do subir e descer de seus peitos, do movimento de seu pulmão e de sua barriga. Mas cada parte dela que Zaf olhava parecia instantaneamente mais real que antes — quase real demais, no limite entre a intensidade e o desconforto.

Se a umidade do tecido colado a sua boceta servia como indicativo, Dani gostava de ficar naquele limite.

As palmas de Zaf deslizaram por sua barriga redonda, e os dedões acariciaram as laterais sensíveis dos seus seios.

“Nossa”, ela gemeu, enquanto o prazer se acendia sob sua pele.

“Você gosta assim?” Os olhares dos dois se cruzaram enquanto Zaf passava os dedões pelos mamilos rígidos e necessitados de Dani.

Então ele beliscou de leve, e um alívio doce percorreu o corpo dela, logo seguido por uma tensão ainda maior que antes. Dani se inclinou para a frente, pressionando a testa contra a dele, prendendo ambos em um mundo de calor, pele e gemidos suaves e lentos.

“Fala pra mim”, ele murmurou, prendendo os mamilos dela entre o dedão e o indicador. “Fala que está gostando.”

Cada movimento circular rápido aumentava a tensão dentro dela tão violentamente que Dani mal conseguia falar. “Estou”, ela disse enquanto beijava o maxilar dele. “Estou adorando.” O clitóris de Dani pulsava tanto que ela teve que enfiar a mão dentro do próprio short.

Ela sentiu os cílios de Zaf passearem em sua pele quando ele olhou para baixo.

“Você está se masturbando?”, ele perguntou, com um tom de voz que transmitia urgência.

Ela abriu mais as pernas e meteu o dedo do meio por entre a carne quente e escorregadia. “*Estou.*”

“Quer ajuda?” A voz dele era pecaminosa, aveludada, lenta.

Dani esfregou o clitóris freneticamente, com a respiração pesada. “Porra, quero. Por favor.”

“Então levanta.” Ele recostou, observando-a como um animal esperando para atacar. Ela se levantou e tirou o short e a calcinha em um movimento rápido e impensado, nada sexy. Zaf cerrou a mandíbula com tanta força que Dani ficou preocupada que ele trincasse os dentes. Ele ergueu os quadris, só um pouco, como se fosse começar a meter no nada, mas tivesse conseguido se conter. “Vira”, Zaf disse, com a voz dura.

Ela se virou e viu o altar, a estatueta de Oxum, então pensou: *Obrigada, universo, por me mandar...*

Sexo casual, ela devia ter pensado.

... *Zafir*, sua mente completou.

Se tivesse mais um segundo, a surpresa poderia ter deixado sóbrio seu cérebro tomado pelo tesão, e ela poderia ter se dado conta de que não era normal que seu corpo todo pegasse fogo por causa de uma pessoa, que não era normal que a voz de Zaf a excitasse tanto quanto seu toque, que não era normal que as mãos dele parecessem apertar seu coração tanto quanto... seus peitos.

Mas a mente de Dani não teve sequer a chance de seguir pela Avenida do Perigo, porque Zaf voltou a falar, naquele seu tom contido, sedento, de quem dizia: *Quero você*. "Se inclina", ele mandou, e ela se inclinou para a frente até ouvir um gemido baixo e rouco dele. Fechando os olhos, ela imaginou o que ele veria: a curva de sua bunda, indícios de sua boceta inchada e molhada.

Então ela sentiu as enormes mãos dele em seu corpo, os dedos dele afundando em seus quadris. "Qual é a dessa tatuagem?", Zaf perguntou.

Dani corou ao se lembrar das palavras tatuadas na bunda dela. "Foi na faculdade. SORCHA."

"Ah." Como Zaf havia visto SORCHA algumas vezes, aquela explicação era o suficiente. Dani sentiu os dentes dele em sua pele, mordiscando de leve, como sugeria a tatuagem. Algo em seu estômago se fechou como um punho. Então o ar fresco tocou sua boceta sensível, e a imagem na cabeça de Dani se alterou: agora ele a abria, expondo-a sem dó, vendo muito mais que apenas indícios.

Devia estar vendo sua boceta toda, macia e molhada por causa dele, e...

Zaf enfiou a mão entre as coxas dela e esfregou o dedo no clitóris. O corpo inteiro de Dani estremeceu, tanto e tão de repente que ele teve que passar um braço pelos quadris dela para mantê-la no lugar.

“*Caralho.*” A palavra escapou dela, tão trêmula quanto suas pernas. Dani apoiou as mãos no altar e mordeu o lábio.

Zaf tocou seu clitóris de novo e murmurou: “Gostoso assim?”

“Muito”, ela soltou, se movimentando também. “Caralho, Zafir.”

O dedo dele, úmido com o tesão de Dani, circulava o clitóris com uma lentidão brutal, e qualquer tranquilidade a que ela estivesse se agarrando até então desapareceu.

“Ai, Zaf, me chupa ou me come logo, preciso gozar...”

“Pode fazer uma coisa pra mim, linda?”

“Qualquer coisa, eu prometo, eu... só...”

“Se gostar”, Zaf disse, baixo, “grita.” Então caiu de boca nela.

Naquele momento, Dani chegou à conclusão de que era completamente possível, talvez até *provável*, que Zaf tivesse vendido sua alma para algum deus das trevas em troca de habilidades incríveis no sexo oral. Se fosse o caso, Dani apoiava — na verdade, aprovava — totalmente sua decisão.

Zaf não apenas a chupou; ele praticamente mergulhou de cara na boceta dela. O que era muito mais sexy do que soava. A língua dele deslizou pelo seu corpo como seda molhada e quente, sua barba raspou contra a curva tenra em que suas coxas encontravam sua bunda, e seu dedo continuou se movimentando no clitóris rígido com tamanha firmeza e velocidade que, se ele parasse, Dani poderia matá-lo. Ou ao menos tentaria. Provavelmente atingiria a cabeça

dele com a estatueta de Oxum, porque a sensação dele metendo a cara na boceta dela era inebriante pra caralho, e a língua de Zaf deixava os joelhos dela fracos, e o braço que envolvia a parte superior de suas coxas era a única coisa que a mantinha de pé.

“Por favor.” Dani arfava, as palavras saindo como uma cascata de estilhaços de vidro. “Zaf, por favor.” Ele passou a língua na boceta dela com uma luxúria deliberada e pernicioso. A necessidade fazia as entranhas dela se contorcerem cada vez mais, até que a pressão se tornou impossível de segurar. Ela fez exatamente o que Zaf tinha pedido: gritou.

O som foi curto, agudo e trêmulo; o orgasmo, forte e inevitável. Percorreu seu corpo em uma onda de puro êxtase, depois ficou por ali, entrando em seus ossos enquanto seus músculos se liquefaziam. Zaf continuou fazendo carícias com a língua suavemente a cada tremor. Então, quando os joelhos dela finalmente cederam, ele a pegou nos braços e se levantou.

Dani fechou os olhos com força assim que sentiu o friozinho na barriga. “Pelo amor de Deus”, murmurou, e cada palavra saiu trêmula, porque lhe faltava fôlego. “Estou em um estado delicado demais para ser jogada de um lado para o outro agora.”

“Delicado, é?” Zaf parecia entretido e... muito satisfeito consigo mesmo. Que cretino. “Então é melhor te levar pra cama”, ele disse, suavemente. Foi então que Dani descobriu reservas de energia até então inexploradas.

“Isso.” Ela sorriu, abrindo os olhos. “É melhor me levar pra cama.”

“Pode deixar.”

Com os olhos brilhando de desejo e a boca inchada e lambuzada, Zaf parecia exatamente o que era: uma ferramenta profana de

devastação sexual, também conhecida como a maior fantasia dela. Zaf abriu a porta do quarto com o ombro, colocou Dani na cama e tirou o restante de sua própria roupa com pouco estardalhaço.

“Você é muito eficiente”, ela disse, enquanto a calça dele desaparecia.

“Tenho uma mente focada.”

“Acho isso ótimo.”

Zaf riu e tirou a cueca. Agora estava gloriosamente pelado, ao brilho do abajur, avançando na direção dela como um deus. Seu corpo era largo e pesado, e sua pele âmbar era salpicada de pelos pretos, mas a atenção de Dani foi cem por cento sugada por seu pau. O que era muito apropriado, já que ela estava morrendo de vontade de chupá-lo. Era grosso, escuro e ligeiramente curvado para a esquerda. A cabeça brilhava, molhada, e uma veia fina pulsava na parte inferior, praticamente implorando pela língua de Dani.

“Uau”, ela soltou, piscando com força. “Então... esse é seu pau.”

“É.” Ele olhou para baixo, franzindo a testa. “Hã... não é o seu primeiro, é?”

“Não”, Dani respondeu, com a voz alterada. Ela apenas sentia uma leve onda de alarme percorrer seu corpo, porque... bem. Ela achava que nunca tinha desejado tanto alguém.

Claro que já desejou. Deve ter desejado. Eram só as substâncias químicas produzidas pelo sexo falando, dopamina e outras traidoras que a faziam se sentir estranhamente apegada no calor do momento. Só Deus sabia o que ia acontecer quando aquele pau estivesse dentro dela. Talvez ela perdesse a cabeça.

Mas talvez nada daquilo importasse, porque Zaf se deitou em cima dela, e o contato pele a pele era como afundar na banheira quente

depois de um longo dia, o que interrompeu a linha de raciocínio de Dani.

Ele traçou a linha do maxilar dela e sussurrou: "Você continua comigo, linda?".

"Sem..." Dani parou de falar a tempo, e a palavra ficou presa na garganta.

Sempre. Era o que ela tivera intenção de dizer. *Sempre.* A palavra pairou diante dela, forte e terrível demais para ser encarada, como um raio de sol atravessando as cortinas às seis da manhã. O que tinha sido aquilo? Ela havia pegado no sono enquanto passava um filme romântico e aquela baboseira toda fora absorvida por seu subconsciente? Dani engoliu em seco, mordeu o lábio e se lembrou de que era o torpor do sexo falando. Sim. Substâncias químicas e tal. A língua de Zaf era praticamente uma droga. Ela já tinha passado por aquilo.

Ele a observou com uma ruga entre as sobrancelhas grossas, que Dani quis beijar no mesmo instante. "Dan?"

Não entra em pânico. Está tudo bem. Mas ela precisava mudar de assunto, interna e externamente. O que, naquele caso, significava lambe a palma da mão e enfiar o braço entre os corpos de ambos para agarrar o pau dele.

Zaf deixou um gemido estrangulado escapar e empurrou os quadris para a frente. Era tão macio, tão quente, tão duro. Viciante. Dani passou o dedão pela cabeça inchada e notou que Zaf fechou os olhos. "Danika." O nome dela saiu entrecortado. "Caralho. Isso é muito bom."

Isso é muito bom. Ela gostava de ouvir aquilo saindo da boca dele. Gostava de ser responsável por aquela expressão agonizada no

rosto dele, gostava do modo como ele perdia o controle. Era aquilo que queria dele. Era *tudo* o que queria.

“Me diz do que mais você gosta”, Dani murmurou, e acariciou o pau dele, devagar e deliberadamente, adorando o modo como os músculos de Zaf se contraíam.

“Isso”, ele grunhiu, quando ela girou um pouco o punho. “*Isso. Mais forte.*”

Dani apertou e ele grunhiu. Antes que ela percebesse, Zaf a estava beijando, com ardor e agressividade, cravando os dentes no lábio inferior dela. Dani continuou batendo uma para ele, e quanto mais rápido batia, mais ele perdia o controle. Zaf logo estava produzindo sons roucos e sem fôlego, agarrando o pulso de Dani com sua mão forte e implorando: “Chega. Não me faz gozar antes de meter em você”.

Ela fez beicinho e passou levemente o polegar por cima daquela veia fina e saltada.

“*Ungh. Caralho, Danika.*”

“O que foi? Eu parei.” Dani bateu na bunda dele e estava prestes a lhe dizer para se levantar para que ela pudesse ir buscar a camisinha quando se deu conta de que a bunda dele era *incrível* e, totalmente distraída, agarrou-a. “Hum... Gosto da sua bunda.”

“E eu gosto da sua. Levanta e me mostra.”

“Você é tão mandão.”

“Só funciona porque você gosta.”

Dani arfou, fingindo ultraje, e o tirou de cima dela. Então empinou a bunda para ele quando se inclinou para a mesa de cabeceira. Zaf, maravilhoso e previsível como era, agarrou a bunda dela na mesma hora. Ele a apertou e depois deslizou a mão até que o dedão

encontrasse a entrada molhada dela. Dani encontrou a camisinha bem quando ele meteu o dedo nela, arrancando um gemidinho de seus pulmões. “*Zafir.*”

“Sim?” Com o dedão, ele massageou um ponto que fazia prazer puro adentrar a corrente sanguínea dela. Dani devia ter feito um ruído profano — embora não pudesse ter certeza, porque no momento não estava totalmente alerta —, porque ele deu uma risadinha e disse: “Ah. Bem aqui”.

“Aff, você é tão convencido.”

“Você não tem ideia.” Ele tirou a mão da boceta dela — o que no curto prazo era trágico, mas no longo prazo era bom, já que o objetivo atual era meter o pau ali — e a pegou pelos quadris, puxando-a de volta para a cama. “Camisinha?”

“Aqui.”

Mas Zaf não aceitou o quadradinho metálico; ele pegou o queixo dela na mão e passou o dedão úmido por seus lábios. Dani passou a língua para sentir o gosto, e quando viu já estava chupando o dedão dele com vontade.

Zaf gemeu. “Você fica linda com a boca ocupada, Danika.”

Ela o soltou fazendo um estalo com a boca. “Se acha que isso é bom, tem que ver o que eu faço com seu pau.”

Ele deu uma risada baixa e contida. “Vou adorar ver.”

No entanto, ela teve a estranha sensação de que ele estava adiando aquele momento — tocando-a aqui e ali, como se fosse um instrumento, enquanto tentava não gozar, como se não quisesse dar uma desculpa para que aquilo acabasse.

Ou talvez a impressão fosse só uma projeção do desejo de Dani. Porque, embora sua pulsação dissesse *mais, mais, mais* e sua boceta

ficasse cada vez mais macia e molhada, só para ele, ela também não queria que aquilo acabasse.

Calma aí. Você tem quase um mês inteiro pra trepar com ele. É mais que o suficiente.

É, sim. É, sim. É mais que o suficiente.

Ela o deitou de costas e montou nas coxas dele, rasgando a embalagem da camisinha e desenrolando-a no pau duro de Zaf enquanto ele suspirava. A tensão percorria o corpo dele quando Dani o tocava, os músculos se flexionando diante de seus olhos, a pele corando de calor, e tudo tão... tão intensamente Zaf, tão perfeito por causa disso.

“Agora”, ele disse. “Dan, por favor.” Zaf pegou o peito dela e desceu a outra palma da mão pelo seu corpo, até agarrar o quadril. “Preciso de você aqui.”

Dani mordeu o lábio e se arrastou por cima dele, igualmente necessitada. Ela gemeu quando Zaf abriu sua boceta sensível com os dedos. Obedeceu, sem ar, mas ávida, quando ele ordenou: “Me bota dentro de você”.

Então Dani sentou no pau dele, centímetro a centímetro, até ficar dolorosamente repleta.

Mas ainda assim ela queria mais.

No momento antes de se unirem, um alarme soou no fundo da mente de Zaf. A baboseira sentimental de sempre, lembrando-o de que ele não era muito bom em manter o sexo estritamente físico, e que se envolver era meio que o lance dele. Zaf ouviu o alarme por um segundo, então decidiu que não ia se importar de ser devorado vivo por sua adoração não requisitada, mas só se aquilo acontecesse

depois que sentisse Danika gozar no seu pau. Aparentemente, era assim que ele tomava péssimas decisões baseadas em sexo: com total entusiasmo.

Então ela o deixou entrar, sua boceta apertada e molhada em torno do pau dolorido dele. Seu gemido era um protesto, sua respiração era como a de um homem se afogando. Os olhares dos dois se encontraram — e quando a ternura abrasadora o queimou tanto quanto a luxúria, Zaf soube que havia cometido um erro. Porque, depois de meses desejando Dani, agora ele a tinha, e o desejo não estava passando. Só tinha ficado mais forte. Tão forte que ameaçava destruí-lo, ou coisa pior: destruir a barragem que ele havia construído para se proteger de todos os sentimentos proibidos.

Ah, merda.

Ela enterrou as mãos no peito dele, movimentou os quadris, e o êxtase em seu rosto... Zaf mataria para vê-la daquele jeito, para *deixá-la* daquele jeito, e Dani simplesmente estava proporcionando aquilo para ele. Como Zaf passaria o resto da vida como um ser humano normal depois de ter conhecido a textura da pele dela, conhecido a marquinha clara de estria que atravessava seu mamilo esquerdo como uma rachadura numa frutinha escura? Era aquilo que *inebriante* significava: Danika permitindo que ele a tocasse, querendo que ele a tocasse, escolhendo tocá-lo.

Mas só naquele momento.

Ela se levantou, e o aperto escorregadio de sua boceta afastou aquele pensamento isolado e desesperançado. Ela sentou em Zaf de novo, seus peitos balançando enquanto o usava, suas sobrancelhas franzidas como se precisasse daquilo tão desesperadamente quanto ele. Dani era fascinante e fodia tão gostoso que Zaf nem conseguia

pensar direito. “Nossa, Zaf”, ela soltou, e o calor de sua voz aveludada foi como um golpe. Ele já a tinha ouvido dizer seu nome milhares de vezes, mas não daquele jeito. Nunca daquele jeito. Zaf absorveu a visão dela toda aberta por seu pau, viu o clitóris inchado e o esfregou de leve com o dedão. Zaf ficou sem fôlego quando a boceta dela começou a se contrair em volta dele, agarrando-o com tanta força que ele quase perdeu o controle.

“Porra”, ele disse, quando recuperou a fala. “Isso é perfeito. Você é perfeita.”

Respirando com dificuldade, Dani arregalou os olhos para ele. “Eu...”

“Linda. Não discute comigo agora.”

A surpresa dela se transformou em riso. Então ele a acariciou de novo, e o riso morreu no ar, os olhos dela vidrados de tesão. “Não goza”, Dani soltou, como se sentisse a tensão se acumulando na base da coluna dele. “Ai, ainda não, não goza, não para.”

Ele cerrou os dentes, inspirou fundo e tentou obedecer. Ela se inclinou para a frente e o beijou, seus seios esfregando o peitoral dele, seu peso se ancorando nele, e tudo que Zaf conseguiu pensar foi: *Minha*. Algo no fundo dele se perdeu debaixo de uma onda gigantesca de desejo, algo que costumava ser chamado de *controle*. Zaf a abraçou e percebeu que não podia soltá-la. Sentia-se quase selvagem, prendendo-a contra si, permanecendo dentro dela, e quando Dani gemeu na boca dele, o som trêmulo, a sede, a possessividade e o desespero só pioraram. Seus quadris se mexiam enquanto Zaf metia ainda mais fundo, e ela se agitava contra ele, agarrada aos seus cabelos.

“Lindo”, ela arfou, e daquela vez não foi de mentira. Nada naquele momento era de mentira. A vulnerabilidade em sua voz e a necessidade descarada eram tão reais que quase doíam — e era tudo para ele. “Lindo, por favor, preciso de mais.”

Qualquer coisa. Ele daria qualquer coisa a ela. E ainda mais algo tão bom quanto aquilo.

Zaf voltou com as estocadas para cima, segurando-a no lugar para que não pudesse fazer nada além de recebê-las. De novo, de novo, de novo, então Dani gritou e se contraiu de um jeito tão inacreditável ao redor dele que Zaf abandonou qualquer esperança de se segurar. Seu orgasmo atravessou sua coluna e o saco; o gozo saiu em jorros quentes e quase doloridos.

Tudo o que via era Dani, tudo o que saboreava eram seus beijos, tudo o que sentia era seu corpo tremendo por ele, enquanto o mundo parecia girar fora do eixo.

O pau de Zaf tinha pregado truques em sua mente, como se fosse um jedi.

Aquela era a única explicação. Porque agora que ele havia de fato transado com Danika Brown, parecia óbvio pra cacete que sexo não era a pílula mágica que ia curar seu apego. Na verdade, sem os meses de tesão nublando seus pensamentos, ele agora via com muita clareza que seus sentimentos por ela estavam completamente fora de controle.

Os sentimentos de Zaf não poderiam ser descritos como amizade. Os dois eram amigos, claro, mas havia algo mais ali, algo perigoso, um botão vermelho-sangue de afeto que tentava florescer em seu peito. Ele adorava aquela mulher — e tinha acabado de concordar em ser seu pau amigo pelas próximas três semanas. Aparentemente, ele era tão inteligente quanto uma pedra — um pedregulho, a porcaria de um *cascalho* —, porque em que planeta intimidade curava o afeto de alguém?

Ainda mais aquele tipo de afeto. Vívido, lindo, desvairado, aterrorizante, como um incêndio florestal.

Ao lado dele, Dani murmurou, seca: “Orgasmos servem pra relaxar, Zafir”.

Ele virou a cabeça no travesseiro e encarou os olhos suaves e cansados dela. Sentiu um golpe quente e estonteante, uma possessividade profunda, um prazer tenro que o fazia querer sorrir. Ele achara que tudo aquilo não passava de atração. Achara que *tudo aquilo* não passava de *atração*.

Sério. Tinha a inteligência da porra de uma pedra.

“Parece que faço tudo ao contrário”, Zaf disse a ela.

Dani sorriu, as bochechas grandes e dentes brancos, e ele sentiu uma pontada no peito. Ela era linda, tão linda que ele não conseguia respirar. “Ao contrário”, ela repetiu. “Parece você.”

E parecia mesmo. Ele fazia tudo ao contrário, tipo sentir algo por uma amiga e só notar *depois* de ter jurado que a coisa toda ia ser platônica. Era como se arame farpado envolvesse seu coração.

O que ele tinha feito?

“Ei”, Dani murmurou. “Você está bem?” Ela ergueu a mão e hesitou, mas depois tocou a bochecha dele. Foi só um roçar de dedos, mas a sensação o atingiu como um soco. Ele segurou o punho de Dani, reprimiu mil palavras sem sentidos e se perguntou por que ela estava fazendo aquilo. Havia dez minutos que tinham terminado. Dani fora ao banheiro e ele buscara água na cozinha para ela. Dani já deveria estar botando Zaf para fora, em vez de ficar deitada ali ao lado dele, toda macia, nua e quentinha, dando a impressão de que se importava com ele ao tocá-lo. Aquilo devia deixá-lo puto.

Mas não deixava.

“Estou”, ele disse, porque se dissesse: *Acabei de perceber que o que sinto por você é intenso demais e não quero ir embora nunca*, Dani poderia entrar em pânico e sufocá-lo com o travesseiro.

Ela arqueou uma sobrancelha e soltou o próprio pulso, recolhendo a mão. “Claro. É por isso que você está fazendo cara feia para o teto, como se ele tivesse cagado nos seus chinelos.”

Apesar das emoções agitadas em seu peito, Zaf não pôde evitar sorrir. “De onde você tira essas coisas?”

“Minhas piadas excelentes? Ora, de embalagens de chocolate, como todo mundo.”

Uma ternura imprudente tomou conta do cérebro dele, e quando se deu conta, já a estava beijando. Foi um beijo doce e suave, preguiçoso e gentil, que deixou gosto de ambrosia em sua boca. Dani enfiou os dedos no cabelo dele como se fosse sua dona, e, porra, como ele queria que fosse mesmo. Se fosse qualquer outra mulher, ele diria: *Me deixa te convencer a ser minha*. Ele diria: *Me deixa aprender sobre você*. Ele diria: *Não está sentindo? Pode ser o começo de alguma coisa*.

Mas Dani não sentia, e ele não podia obrigá-la a sentir, e enfiar a língua em sua boca parecia o exato oposto de aceitar os fatos. Zaf precisava se afastar do calor viciante dela, precisava pensar, ainda que tudo o que quisesse fazer fosse ficar bem ali, sem pensar em nada.

Quando Zaf se afastou, ela estava sorrindo. Então ele disse: “É melhor eu ir”, e o sorriso dela esfriou e endureceu, se transformando em algo rígido e cortante.

“Ah”, ela disse. “É. É verdade.” Essas palavras pareciam tranquilas, mas havia uma leve vergonha no tom de sua voz, e Dani evitou os olhos dele. Como se talvez tivesse esquecido suas próprias regras por um segundo, e Zaf a tivesse lembrado delas.

Ah, merda.

“A não ser que você não queira que eu vá”, ele acrescentou depressa.

Dani se sentou, se virando de costas para ele. Um segundo se passou antes que ela olhasse por cima do ombro e voltasse a encará-lo. Naquele segundo, toda a incerteza desapareceu de seu olhar. Talvez ele tivesse imaginado coisas antes. Talvez tivesse visto o que queria.

“Estou cansada demais pra transar de novo, então, sim, quero que você vá.” Ela se levantou e se espreguiçou. “Não leva a mal. Espero que não tenha se esquecido das regras, lindo.”

Ah, claro. Aquelas regras eram o único farol com que ele contava para se guiar na tempestade que eram seus próprios sentimentos, e no momento ele devia seguir o brilho que o guiava para fora do apartamento de Dani. *Devia* era a palavra mais importante ali.

“Não esqueci”, Zaf disse, baixo, já pegando as roupas do chão enquanto Dani vestia um roupão. Ele sentiu que devia fazer alguma cerimônia de despedida antes que ela cobrisse aquele corpo magnífico, mas não parecia apropriado naquele momento. “Eu estava me perguntando se *você* não tinha esquecido. Por um momento.”

Ela lançou um olhar sarcástico para ele, enquanto saía do quarto. “Ah, meu Deus.”

“O que foi?” Zaf subiu o zíper da calça jeans, vestiu a camiseta e a seguiu.

“Já está procurando desculpas para ficar por aqui?” Ela foi até a porta da frente e se recostou nela, com um sorriso provocador nos cantos dos lábios. “Por que tenho a impressão de que você está se apaixonando tragicamente por mim nesse minuto?”

“Não tenho ideia”, Zaf mentiu, apoiando as mãos espalmadas na porta, uma de cada lado dos ombros dela. “Por que tenho a impressão de que você ficaria apavorada se fosse o caso?”

Ela ergueu o queixo. “Espero que não esteja me analisando psicologicamente, Zafir. A última pessoa que tentou fazer isso acabou defenestrada.”

“Isso significa o quê, exatamente?”

Ela arqueou uma sobrancelha devagar, de um jeito sexy pra cacete. “Continua me olhando assim e vai descobrir.”

“Te olhando... assim?”, ele perguntou, com os olhos nos dela. “Estou te deixando desconfortável, linda?”

Dani deu um passo para a frente, se afastando da porta e se aproximando do peito dele. Era mais baixa que Zaf, mas seu olhar era férreo e seu sorriso, confiante. Ele achou que pareciam dois jogadores se encarando antes de uma partida. “Nunca fico desconfortável, Zafir”, ela sussurrou. “Não tenho a consciência social necessária. E, caso não tenha notado, sou bem foda.”

“Você é impossível, isso, sim.”

Ela inclinou a cabeça e lançou um sorriso incandescente para ele. “Você diz coisas tão fofas.”

“Por que eu quero tanto te beijar agora?” A pergunta era mais para ele mesmo que para ela. Na verdade, Zaf nem tivera a intenção de fazê-la em voz alta — só lhe escapara, em um suspiro frustrado. Ele deveria ter ficado horrorizado, em pânico ou no mínimo *preocupado* com seus sentimentos por uma mulher que não os queria. Deveria ir embora rápido o bastante para deixar marcas no piso brilhante dela.

Em vez disso, Zaf estava considerando seriamente a possibilidade de transar de novo. Sobre o chão brilhante já mencionado.

Não, Zaf. Para com isso. Ele não conseguia processar suas emoções direito enquanto estava metido na fonte do conflito. Aquilo parecia óbvio.

“Você quer me beijar”, Dani disse, “porque sou muito boa nisso.”

“Seu nome do meio é Modéstia, né?”

“Quase.” Ela sorriu. “Meu nome do meio é Honestidade.” Então ela ficou séria. “É assim que as pessoas funcionam, Zaf. Queremos o que queremos, e conseguimos como for possível. Quando a moral, ideais ou promessas se colocam no nosso caminho, dizemos *foda-se* e passamos por cima de tudo.”

Ele não queria concordar com aquele tipo de cinismo — nem mesmo naquele momento, quando ignorava os alarmes na sua cabeça em prol de seu pau latejando. Por isso, enfiou as mãos por baixo do roupão curto dela, pegou sua bunda e a puxou para perto, até que estivessem com os corpos colados, com a respiração pesada e sincronizada. “Não tem nada de imoral no meu desejo por você, e prometi te fazer gozar por três semanas. É só dizer que eu te levo pra cama agora mesmo.”

Danika inclinou a cabeça para trás e ficou na ponta dos pés para roçar os lábios nos dele. “E pega no sono logo depois”, ela murmurou, “e ronca a noite toda, como um urso, e fantasia com romance, porque tem lido demais.”

Um sorriso relutante curvou os lábios dele. “Não me deixo influenciar tão facilmente, sabia? Não vou esquecer o que é isso aqui.”

“Ótimo”, ela disse. “Agora cai fora.”

Zaf deu risada, beijou a bochecha dela e a soltou. Dani praticamente empurrou-o porta afora. Assim que estava sozinho no corredor — assim que se viu sem ela — a confusão por que estivera esperando o atingiu como uma pilha de tijolos.

Não vou esquecer o que é isso aqui.

Porra, como ele era mentiroso.

O lance da saúde mental era que não se podia tomar antibióticos e ficar magicamente curado. O cérebro de algumas pessoas pensava demais, sentia demais ou se magoava demais, e era preciso ficar de olho naquilo. Zaf, por exemplo, sempre seria ansioso pra caralho — e tudo bem. Ele havia aprendido a lidar com aquilo. E, como ensinava aos meninos da Enfrente, dedicar algum tempo para processar seus sentimentos nunca era algo ruim.

A menos que processar seus sentimentos envolvesse voltar a pé da casa de uma amiga depois de terem trepado intensamente e aceitar o fato de que algo nela te tornava maravilhosa e perigosamente tolo.

Zaf enfiou as mãos nos bolsos e ficou olhando para as rachaduras na calçada enquanto andava. A verdade era que ele... *sentia algo* por Danika Brown. Algo fofo e piegas, que dizia: *Preciso de você*, que fazia com que Zaf quisesse segurar sua mão e apresentá-la à mãe dele, mesmo quando Dani o ameaçava com palavras que ele nem compreendia. O problema era que Dani não *queria* que Zaf sentisse algo por ela. Na verdade, não queria nada do que ele queria, o que o fazia se perguntar como havia conseguido se afeiçoar a ela. Não deveríamos preferir pessoas que compartilham do nosso sistema de valores, ou alguma merda do tipo? É, Zaf

achava que sim. No entanto, ali estava ele, sofrendo por uma mulher que nunca se interessaria por ele. Era típico. Simplesmente *típico*.

Não era como se ele pudesse convencê-la a acreditar em coisas completamente diferentes e ficar com ele de verdade. Dani era uma pessoa, não uma boneca ou a personagem de um livro, e esperar algo que ela não havia oferecido faria parecer... Faria parecer que ele estava tentando mudá-la, como se dissesse que o que ela tinha a oferecer não era o bastante. Só que era. A amizade deles era importante para Zaf. Significava *tudo* para ele, porque tinha a ver com ela.

Por isso, Zaf não podia fazer o que seria sensato e só cortar relações com ela. Evitá-la provavelmente impediria que a coisa toda piorasse, mas ele não *queria* evitá-la. Os dois trabalhavam juntos, estavam envolvidos em um namoro de mentira, ele havia prometido a ela três semanas de sexo e... — e quem ele estava tentando enganar? Nada daquilo importava. Nada. Zaf só não queria ficar sem o sorriso dela.

Ele parou no meio da rua, passou a mão frustrada pela barba e olhou feio para o carro que passava, só porque queria. Então, decidiu que era hora de ligar para Jamal.

Merda, ele nunca mais ia deixar Zaf em paz.

Só que, quando ligou para o número de Jamal, ninguém atendeu — o que significava que ou ele tinha ido dormir mais cedo que o normal ou estava morto e jogado em uma vala em algum lugar. Zaf tentou se lembrar da última conversa que haviam tido, lembrou que o havia chamado de pentelho mauricinho que vivia metendo o nariz nos assuntos dos outros e decidiu reescrever mentalmente aquilo, de maneira mais comovente e amorosa. Então reforçou para si

mesmo, com seriedade, que nem todo mundo em sua vida estava fadado a morrer (bem, até estava, mas com sorte não naquele momento) e ligou para Kiran.

O celular chamou algumas vezes, até que *Jamal* atendeu, com um “Quê?” rude e irritado.

Bem... aquilo era inesperado.

Na verdade, não, não era.

“Quem é?”, Jamal resmungou, então Zaf se deu conta de que ainda não tinha falado nada.

A surpresa passou, e ele percebeu que estava sorrindo. “Por que você está atendendo o celular de Kiran?”

A voz sonolenta de Jamal sumiu em segundos. “Zaf?”

“É. Mas aposto que você não teria atendido se tivesse visto que era, seu bostinha.”

Zaf ouviu a voz de Kiran ao fundo, fraca e bocejante. “Quem é, Jamal?”

“Só vim jantar”, Jamal disse, depressa. “Sua mãe estava aqui também. Aí subimos para conversar e acabamos pegando no sono. Eu e Kiran, digo. Não eu e sua mãe.”

“Espero que não mesmo. Vai ignorar ela?”, Zaf perguntou, parecendo vagamente ameaçador e tentando não rir.

“Ignorar sua mãe?”

“Não, seu cuzão, Kiran. Ela te fez uma pergunta, eu ouvi. Vai ignorar Kiran? Não estou gostando nem um pouco disso.”

Houve uma pausa, então Jamal suspirou. “Você está me zoando, né?”

“Quem, eu? Imagina. Agora cai fora e me deixa falar com a minha irmã.”

“Cara, você é um babaca.” Houve alguma confusão do outro lado da linha, enquanto o celular passava de um para o outro. Então Zaf ouviu a voz de Kiran.

“Para de atormentar meus pretendentes”, ela disse, seca, “ou vou bater em você.”

“Não estou atormentando. É o meu jeito.”

“Cala a boca.” Houve uma pausa. As palavras que vieram a seguir foram hesitantes. “Teoricamente eu e Jamal andamos te enganando quanto à frequência com que nos falamos. Eu pedi a ele pra...”

“Mentir. É, percebi.”

“É que eu não queria que houvesse nenhuma pressão em...”

“Eu sei”, Zaf disse, tranquilo. “Tudo bem.”

“Sério?”

“Claro. É assunto seu. Na verdade, você não está me vendo agora, mas estou pulando de alegria.”

“Você parece estar sendo mais sarcástico que o normal, então deve ser verdade.”

Os lábios de Zaf se contorceram em um sorriso. Um sorriso que poderia ser ainda mais largo se os eventos daquela noite não continuassem pesando sobre ele.

Dormindo. Jamal e Kiran estavam dormindo juntos, e a julgar pelo toque de acidez sob sua felicidade, Zaf os invejava. Ele tentou se imaginar pegando no sono ao lado de Danika, e não conseguiu. Seus passos ecoavam pela rua vazia, sua sombra se esticava a sua frente, escura e solitária.

Então Zaf se lembrou da sensação das pontas dos dedos dela em sua bochecha, naquele momento de perfeição, preso no âmbar, em que quase parecera que Dani se importava com ele. Não como um

mês antes, ou até mesmo uma semana antes, com aquela preocupação fofa, mas apenas de amiga. Ele havia visto algo diferente nos olhos de Dani... e ela quase o deixara ficar. Ele podia jurar que ela quase o deixara ficar.

“Zafir? Você está bem?”

“Estou”, ele murmurou. *Ou estou desmoronando. Uma dessas coisas.*

“Você está quieto”, Kiran disse.

“Estou pensando. Mas estou bem, de verdade. Melhor que bem. Estou feliz.” Porque Kiran havia passado pelo pior — literalmente o *pior*. E ali estava ela, tentando de novo. Fazia Zaf se lembrar do motivo pelo qual adorava aquela baboseira romântica: tinha tudo a ver com esperança, com encontrar focos de luz num mundo que podia ser escuro pra caralho. Tinha havido uma época na vida dele em que a promessa de esperança e luz era a única coisa que o mantinha ancorado.

“Kiran”, ele disse, “você está apaixonada?”

Quase deu para ouvi-la corar. “Bem, eu...”

“Vou concluir que sim.”

“Ah, cala a boca”, ela resmungou.

“Você ficou com medo?”

Houve uma pausa antes que ela respondesse, com suavidade na voz. “Claro que fiquei, Zaf. Ainda estou com medo. Uma partezinha de mim sempre tem medo. Mas eu também estava morrendo de medo de que isso nunca acontecesse. Que eu nunca... seguisse adiante. Mas a verdade é que o sentimento sempre vale a pena.”

O sentimento sempre vale a pena. Aquelas palavras eram verdadeiras demais para que pudessem ser ignoradas. Depois que

seu pai e Zain haviam morrido, a família de Zaf passara bastante tempo entorpecida pela dor. Agora, a ideia de suprimir suas emoções de propósito parecia um pecado. Zaf não podia fazer aquilo. Não queria fazer aquilo. E talvez aquilo fosse aceitável, porque nada crescia sem água e luz, e Dani não ia regá-lo de jeito nenhum. Por isso, ele manteria seus sentimentos desesperados e dolorosos para si mesmo e depois que as três semanas passassem e o acordo entre os dois chegasse ao fim, superaria aquilo.

Não precisava matar a flor escarlate em seu peito: ela morreria naturalmente. Porque gostar de alguém que só queria sexo devia ser a definição de ambiente inóspito.

Não havia necessidade de pensar demais, de entrar em pânico, de consertar as coisas: ele ia deixar rolar. Seguir o fluxo. Seria o fim do Zafir tenso. Sua antiga psicóloga ia ficar muito orgulhosa. Ele estava tomando a decisão certa. Com toda a certeza.

“Quer saber?”, ele murmurou para Kiran. “Muito obrigado.”

Zaf podia ouvir a perplexidade dela do outro lado da linha. “Pelo quê?”

Dani tinha um problema, que começara na noite anterior.

Ela sabia exatamente o que estava fazendo com Zaf — até o momento em que ele dissera que ela era perfeita. Não deveria ter importado. Não *importava*. Dani podia apostar que uma bela porcentagem das pessoas do país diriam que ela era perfeita quando estava a ponto de lhes proporcionar um orgasmo delicioso, e, sério, quem poderia culpá-las?

O problema era que, por um momento — quando curtia o barato das substâncias químicas produzidas pelo sexo, dopamina e sei lá o que mais —, Dani *acreditara* em Zaf. E gostara daquilo.

Depois de gozar loucamente e mandá-lo embora, ela havia acendido uma vela para Oxum e meditado brevemente. A intenção de Dani era se concentrar em intenções positivas — tipo: *Vou desfrutar dessa nova amizade colorida até a língua dele cair*. Mas a voz de Zaf não saía de sua cabeça, destruindo sua concentração com suas besteiras fofas e sem sentido.

Não tem nada de imoral no meu desejo por você.

Por que eu quero tanto te beijar agora?

Dani foi para a cama de péssimo humor.

Na hora do almoço do dia seguinte, seu humor já tinha fermentado e dava origem a impulsos violentos. Quando eles se

encontraram para o almoço de mentira costumeiro e Zaf a cumprimentou com um sorriso que transformou os músculos dela em gelatina, Dani fantasiou breve, mas apaixonadamente, em jogar uma cadeira nele. Quando ele lhe comprou uma coca e a fez rir, ela considerou seriamente jogá-lo em um rio revolto. Saber que aquilo tudo era pouco razoável não ajudava em nada.

“A Fofucha disse que nossa hashtag está sofrendo uma queda constante”, Zaf sussurrou entre duas garfadas de batata assada. A praça de alimentação estava tranquila, o que significava que eles podiam se arriscar a atualizar sua estratégia.

Dani ergueu os olhos na mesma hora, arrancada de um devaneio em que mordida a bunda dele. “Sério? Em queda?”

“Constante”, ele repetiu. “Mas acho que é normal, depois de uma semana.” Ele franziu a testa. “Na verdade, não tenho ideia do que estou falando, posso estar errado. Você acha que é normal?”

“Eu... eu não sei”, ela gaguejou. Redes sociais tinham um ritmo veloz, era como funcionavam. Então por que Dani sentia uma pontada de pânico e uma determinação repentina de estender um pouco mais a “fama” deles?

Provavelmente porque os dois tinham concordado em fazer sexo até o fim do namoro de mentira — portanto, se as coisas acabassem *antes*, Dani seria injustamente privada do pau dele. Sim, só podia ser aquilo. Zaf era tão bom de cama que ela se sentiria enganada se perdesse as três semanas que lhe haviam sido prometidas.

Mas Zaf claramente não sentia o mesmo, porque o almoço já tinha quase terminado e ele não havia sugerido que repetissem a dose da noite anterior. Em geral, Dani tocava no assunto — tinha necessidades, afinal de contas, e o acordo havia sido estabelecido

por causa disso. Mas as muitas substâncias químicas produzidas por seu cérebro já a tinham feito demorar para botá-lo para fora na noite anterior, e ele havia se agarrado ao fato com um entusiasmo perturbador. Se ela fosse muito incisiva agora, Zaf poderia entender tudo errado de novo, e ela acabaria sendo responsável pela profunda decepção dele.

“Ainda estamos nos beneficiando de toda a popularidade”, Zaf continuou falando, alheio ao turbilhão interno dela (puramente sexual, claro). “As doações aumentam diariamente.”

“Isso é ótimo”, Dani murmurou, e estava sendo sincera. Ela sorriu quando Zaf lhe contou sobre os contatos que estava fazendo com escolas locais. Assentiu quando ele descreveu os financiamentos aos quais tinha se candidatado, de fundos maiores. Não fantasiou de jeito nenhum em jogar toda a comida no chão, subir na mesa e o beijar até não poder mais, porque aquilo seria ridículo. Beijar alguém em público não a faria gozar, e ela tinha entrado naquilo pelos orgasmos.

Infelizmente, o almoço terminou sem que Zaf tivesse se oferecido para lhe proporcionar um.

Quando Dani voltou para casa na quarta à noite, havia decidido que a falta de interesse de Zaf em travessuras sexuais era, na verdade, uma coisa boa. Ela estava ocupada demais para encaixar sexo diário em sua programação. O simpósio seria em menos de três semanas. Dani tinha dezessete dias para se preparar para a mesa com a famosa Inez Holly, então uma noite tranquila e sem Zaf parecia perfeita. Definitivamente propícia à pesquisa.

Infelizmente, por algum motivo, Dani não conseguiu fazer muita coisa.

Ela ficou sentada à escrivaninha, com os olhos perdidos no Mural da Perdição, enquanto a luz do sol que entrava pela janela ficava cada vez mais suntuosa e mais baixa, lançando sombras compridas pelo cômodo. Em dado momento, Dani se levantou, foi até o congelador, pegou nuggets vegetarianos e colocou no forno. Ela comeu. Voltou a se sentar e a não produzir nada. Por um momento considerou se afundar em um banho de água salgada para exorcizar o demônio da mediocridade que ocupava seu corpo.

E então, bem quando os últimos raios de sol morriam, Zaf ligou.

“Oi.” A voz dele era grave, densa e reconfortante, como uísque e xarope de bordo.

“Oi”, ela disse, tirando os colares da frente para esfregar o peito. Sentia algo estranho debaixo do esterno, uma queimação. “Está tudo bem?” Ele não costumava ligar. Era Dani quem ligava para *e/e*, durante seus intervalos de cinco minutos, porque Zaf sabia que não devia interromper o trabalho dela.

“Sim”, ele disse. “Está tudo bem. A não ser pelo fato de que você estava meio esquisita hoje.”

Dani engoliu em seco e mexeu em um dos lápis que havia na mesa. “Não estava, não.”

“Estava, sim. Foi porque você se divertiu tanto na noite passada que quer me trancar em uma masmorra sexual por toda a eternidade, mas tem medo de passar a impressão errada?”

Ela encarou a tela do celular por um segundo antes de devolvê-lo à orelha. “Você... consegue ler mentes?”

Dani soube que ele não esperava aquela resposta dela quando identificou que Zaf tentava esconder certa surpresa em sua voz. “Não. É que estou acostumado a essa reação depois do sexo.”

Ela riu. “Sei. E quando foi a última vez que você transou, sr. Felizes Para Sempre?”

“Ontem à noite”, ele disse.

“Boa.”

“Cala a boca. Danika...”, ele falou mais devagar, mais à sério. “Só pra você saber, andei pensando que talvez... talvez eu devesse deixar você dar as cartas, com essa história toda de amizade colorida. Já que você tem suas regras e tal. E porque já está fazendo muita coisa por mim, com o lance do namoro de mentira e tudo mais. Sinto que não posso pedir mais. Então. Foi por isso que não toquei no assunto hoje.”

De novo, era como se Zaf tivesse lido a mente dela. Na verdade, era como se ele tivesse arrombado sua porta mental e revirado sua gaveta metafórica de calcinhas, o que era, entre outras coisas, profundamente rude e desconfortável.

“E está me dizendo isso porque...?”

“Por nada”, ele disse, calmo.

“Espero que sim. Sou muito ocupada, sabia? Não é como se eu passasse o dia todo pensando... pensando no que você pensou, ou qualquer bobagem dessas. E não fico fantasiando com seu pau o tempo todo, pode ter certeza.”

“Claro que não. E *com certeza* você não passou o almoço todo olhando para a minha boca e babando em cima da batata assada.”

“Zaf Ansari, você é o filho da mãe mais convencido que eu já...”

“Ah, não se sinta mal, Dan. Também passei o dia todo fantasiando com você.”

Dani ofegou um pouco, mas conseguiu se recompor com pura força de vontade. O coração dela batia com força e era como se fadas voassem por seu estômago, mas sua voz permaneceu estável. “Claro que sim. Sou inesquecível.”

“É muito linda quando goza. Não consigo tirar isso da cabeça.” A voz dele saiu tão baixa, grave e rouca que ela quase entendeu outra coisa.

Não consigo te tirar da cabeça.

Meu Deus, por que ele tinha que ser tão... *aberto* em relação a isso? Tinha que deixar tão *óbvio* que a desejava? Tinha que fazer com que se sentisse tão segura, preciosa e descontrolada?

“Bem”, Dani disse, fraco. “Bem, se é verdade, você deve estar com dificuldade de se concentrar.”

“Estou.” Ele suspirou. “Pra caralho.”

“Talvez... talvez seja melhor vir aqui, então.” *Por favor, vem aqui. Agora. Antes que eu morra.*

“É”, Zaf disse. “Talvez seja melhor eu ir.”

As ligações entre os dois minguaram depois daquilo, porque Dani criou uma nova rotina: trabalhava até as nove, então Zaf chegava. Ela fazia sexo com ele até a exaustão, recuperava o fôlego, às vezes o beijava um pouco enquanto se tocava até gozar de novo — o que não era o mesmo que ficar de conchinha. Ficar de conchinha não incluía se masturbar no processo, nem mesmo se a pessoa nos seus braços sussurrasse coisas como: “Vai, linda. Estou aqui. Porra, eu adoro como você adora gozar”.

Depois que tinham... resolvido as coisas, Dani despachava Zaf para casa, e ele ligava avisando que tinha chegado bem em casa. Era uma ligação rápida, claro, por uma questão de segurança. Mas às vezes eles começavam a conversar, e às vezes ela pegava no sono ouvindo sua voz grossa naquele ritmo que já lhe era familiar.

Quando isso acontecia, Dani acordava na manhã seguinte com o alarme do celular dele, do outro lado da linha. Então o ouvia resmungar "Merda", sonolento, antes de encerrar aquela ligação que durara horas sem que qualquer um dos dois estivesse consciente. O único motivo pelo qual Dani permitia que aquele hábito em particular se mantivesse era... bem. Ouvindo-o acordar, pelo menos sabia que ele havia conseguido dormir.

Tudo aquilo significava não ficar mais estudando de madrugada, mas, em poucos dias, já estava acordando mais cedo e com mais energia, o que ela imaginava que servia de compensação. Talvez aquele fosse o motivo pelo qual a pesquisa para o simpósio tinha começado a fluir melhor e seus nervos já não estivessem tão à flor da pele. Sexo bom sempre fazia maravilhas para baixar o nível de estresse de Dani.

Sorcha usou o mesmo termo na terça-feira à tarde, quando encontrou Dani na biblioteca e anunciou: "Como sua melhor amiga, acho que está na hora de ser apresentada a esse seu namorado *maravilhoso*".

Dani marcou a página do livro em que estava e encarou Sorcha. "Como?"

"Estou cansada de acompanhar os encontros fofos de vocês pela hashtag, então decidi que vamos almoçar todos juntos hoje."

Dani piscou perplexa para ela, só para enfatizar que aquilo tudo era maluquice pura. “Em primeiro lugar, Sorcha, não posso te apresentar a Zafir, porque vocês já se conhecem.”

“*Mais ou menos.*”

“E em segundo lugar” — Dani sussurrou —, “você sabe que eu e ele não estamos...”

“O que eu sei”, Sorcha disse, com um sorriso malicioso, “é que você anda toda relaxada e radiante ultimamente. Ontem de manhã, você passou uma hora discutindo os possíveis finais de *Game of Thrones* comigo, em vez de trabalhar compulsivamente. E olha que o simpósio é em menos de duas semanas, e você ainda tem que avançar na sua tese e dar suas aulas. Você está tranqüilona esses dias, o que significa que... rufem os tambores...”

“Você é uma ridícula e eu te odeio.”

“Danika Brown está transando *loucamente*”, Sorcha completou, animada. “Entre outras coisas. Coisas felizes e melosas.”

Dani tinha aprendido havia muito tempo que não adiantava argumentar com Sorcha, então se manteve em silêncio.

“Agora que você está claramente superfeliz com Zaf...”

“Sorcha, você sabe que sou ética e filosoficamente contrária à ideia de ser feliz com outra pessoa.”

“... ele oficialmente é importante para você, minha melhor amiga. E regras são regras. Vou conhecer esse cara.”

Dani apertou a ponte do nariz. “Zaf não é importante pra...” Ela pretendia dizer: *Zaf não é importante pra mim*, mas aquilo parecia uma mentira tão absurda que nem conseguiu formular aquela frase. “Ele não é mais importante pra mim do que... do que...” Dani pensou em várias opções, mas as descartou. *Meu vibrador? Minha caneca*

preferida? Meu laptop? O manuscrito da minha tese? Não, ela devia ter pegado o caminho errado em algum momento e ido longe demais. Enfim, Zaf não podia ser nenhuma daquelas coisas que Sorcha insinuava tão patentemente, porque o próprio universo o tinha destacado como um *pau amigo* para Dani. E nada mais. Ela simplesmente não tinha o que aquele homem queria.

“Zaf e eu”, Dani tentou de novo, forçando a mente a não se desviar, “só estamos...”

Sorcha rosnou: “*Vou conhecer esse cara*”.

“Ah, pelo amor. Tá bom.”

Quando Dani apareceu na praça de alimentação acompanhada de um pequeno gremlin marrom, tudo o que Zaf fez foi arquear uma sobrancelha e grunhir: “Sorcha”.

“Rugbaby”, Sorcha ronronou, com um sorrisinho convencido.

Eles escolheram um *food truck* surpreendentemente tranquilo. Sorcha ficou tagarelando enquanto esperavam pelos sanduíches, mas Dani estava distraída com o modo como Zaf ficara todo... caladão. Ele estava claramente ouvindo o que Sorcha falava, com os olhos focados e assentindo nos momentos certos, mas havia uma calma áspera e contínua no lugar das respostas sarcásticas com que Dani estava acostumada. Ele respondia a perguntas diretas. Oferecia sorrisinhos de lado. E só.

Dani ficou olhando para Zaf durante todo o caminho até a mesa, se perguntando se ele estava passando mal ou se sua postura costumeira tinha caído em um poço e ele precisava de ajuda para resgatá-la.

Então Sorcha foi buscar molho barbecue (ela disse algo sobre chuchar em vez de passar, mas Dani decidiu nem perguntar). Assim

que os dois ficaram a sós, Zaf ficou visivelmente mais relaxado. Aquele vinco ameaçador entre suas sobrancelhas desapareceu, e ele abriu um sorriso que fez os cantos de seus olhos se enrugarem e o cérebro de Dani derreter. "Sorcha é divertida."

Ah. Algo pareceu se encaixar. "Eu tinha esquecido", Dani soltou, mas se arrependeu na mesma hora.

Ele ergueu as sobrancelhas. "O quê?"

"Eu..." Bem, agora ela já tinha se enrolado. Era melhor revelar de uma vez seus conhecimentos assustadores sobre Zafir Ansari. Dolorosamente feliz com o fato de que não ficava vermelha, ela pigarreou e disse: "Esqueci como você fica com gente que não conhece."

Ele arqueou as sobrancelhas ainda mais, se é que era possível. "Como assim?"

Ela ficou ainda mais constrangida, se é que era possível. "Não é nada. Eu só... acho que estou acostumada com você agindo naturalmente comigo. Fico feliz que..." *Não. Não. Chega. Danika Alfreda Brown, fecha a porra dessa boca agora mesmo.*

Mas era tarde demais. As sobrancelhas de Zaf demonstraram um potencial olímpico até então não revelado e se ergueram mais ainda. Seu sorriso parecia muito à vontade e familiar. Em meio ao constrangimento, Dani também sentiu uma onda de prazer clandestina por ele estar se revelando a ela. Aquele homem não se abria com qualquer um, o que não era um problema, mas se abria com ela, o que era... empolgante. Simplesmente fantástico.

Ah, as maravilhas da amizade.

"Você fica feliz que *o quê*, Dani?", Zaf insistiu.

"Cala a boca." Ela cravou os dentes no sanduíche.

“Que passou fio dental hoje de manhã?”

Ela revirou os olhos.

“Que... está usando seus sapatos preferidos?”

Como Zaf sabia que aquele eram os seus...? Ah. Na outra noite, durante uma de suas conversas telefônicas, quando estavam exaustos e devaneando, ela havia versado longamente sobre a combinação abençoada de estilo e conforto oferecida por suas botas curtas de camurça, com salto quadrado. Zaf absorvia informações como se fosse uma esponja. Mas ela não podia se deixar impressionar, não quando ele estava tentando acabar com a vida dela.

“Que...” Ele deixou a frase morrer no ar, como se estivesse pensando, então se inclinou para mais perto, passando um dos braços sobre os ombros dela e roçando o lóbulo da orelha de Dani com os lábios. Ela lutou contra um tremor de prazer, e perdeu. “Você fica feliz que me conhece tão bem, Dani?”, ele perguntou, um pouco rouco.

Ela colocou o sanduíche na mesa. “Você gosta de me fazer dizer coisas hediondas, desnecessárias e constrangedoras?”

Sua resposta foi imediata, e acompanhada por um sorriso. “E como.”

Dani foi salva de se arrastar para debaixo da mesa e se esconder lá para sempre quando Sorcha reapareceu, surgindo do nada e tirando uma foto deles com o celular. Uma foto com flash.

“Um close do caszinho”, ela comentou. “Prevejo um tuíte com milhares de curtidas.”

Dani avaliou seus companheiros de almoço e se perguntou qual dos dois deveria matar primeiro.

Talvez ambos tenham sentido a ameaça silenciosa, porque Zaf logo entrou no modo namorado falso — que envolvia muitos sorrisos secretos e muito pouco tormento emocional —, enquanto Sorcha fechou a boca e guardou o celular. Aquela paz recém-descoberta durou trinta minutos abençoados. Mas, no momento em que Zaf beijou a bochecha dela e voltou para o Echo, Sorcha voltou à ativa.

“Hummm”, ela fez.

Dani a ignorou. “Você acha que Zaf deixou o muffin dele de propósito? Será que não é melhor eu levar pra ele?”

“Hummmmm...”, Sorcha repetiu.

Dani pegou uma das gotas de chocolate do muffin e enfiou na boca. “Acho que não.”

“Hummmmmmm...”

“Sorcha, meu amor, você engasgou?”

“Quem, eu?” Ela piscou repetidamente. “De jeito nenhum. Só estou encantada com a fofura do casal. Todos os olhares cheios de significado, o jeito fofo como ele limpou o milk-shake do seu nariz... Uma graça.”

“Que bom”, Dani disse, mantendo a voz baixa. “Porque a ideia é essa mesmo.”

“E por quê?”

Dani olhou para ela. “Você sabe por quê.”

Sorcha desdenhou. “Sei de *algo*.”

“Como?”

Sorcha sorriu, mas só ergueu e baixou um único ombro estreito e vestido de preto.

“Você é irritante quando começa com essa coisa de ser enigmática, sabia?” Dani semicerrou os olhos. “E essa malha da

Benetton que está usando é minha?”

Sorcha gesticulou como se pudesse dispensar a pergunta daquele jeito. “Pode comer o muffin. Ele deixou pra você.”

Dani olhou para o bolinho. “Quê? Não deixou, não. Eu disse a ele que não tinha tempo de comer sobremesa.”

“Porque você é toda rígida com seus horários quando está estressada. Mas também sempre cai na tentação de deixar essa rigidez de lado quanto se trata de doce, e Zaf claramente sabe disso.” Sorcha se inclinou para a frente, com uma expressão estranha e quase irritada no rosto. “Por isso ele comprou o muffin. E deixou. Pra você. Como você se sente com isso, Danika?”

Dani apagou a centelha em seu peito, beliscando a própria coxa sob a mesa, para afastar aquelas emoções absurdas. “Como eu me sinto com isso? Por acaso estamos numa sessão de terapia?”

“Você está contente?”, Sorcha insistiu. “Está feliz que ele te comprou um muffin?”

“Não acho que ele tenha me comprado um muffin”, Dani insistiu, porque, caso se permitisse pensar que Zaf *tinha comprado...* bem. Ela não sabia o que aconteceria, mas a vertigem que tomava conta de seu estômago e o sorriso absolutamente não autorizado que se insinuava em seus lábios sugeriam que não seria nada bom. Seria terrível. Humilhante.

Tolo. Se ela se permitisse seguir a linha de raciocínio de Sorcha, faria papel de boba.

“Não importa”, Dani disse, com firmeza, e deu uma mordida no muffin, porque achado não era roubado. Com a boca cheia da massa de chocolate fofinha, ela murmurou: “Pelo amor de Deus, é só um muffin”.

Sorcha soltou um suspiro e se recostou na cadeira. “Minha nossa, você *só pode* estar brincando.”

“O que você tem hoje, hein?”, Dani perguntou.

Sorcha revirou os olhos. “Nadica de nada.”

Por algum motivo, o muffin continuava na mente de Dani aquela noite.

Era ridículo, claro. Zaf tinha uma tendência a bancar o paizão, ela sempre soubera daquilo. Seu hábito de alimentá-la não queria dizer nada, e Dani não *queria* mesmo que dissesse. Ele era só um pau amigo mandado pelo universo, e paus amigos não saíam por aí fazendo gestos românticos. Paus amigos não sabiam que demonstrações de afeto davam arrepios em Dani, nem se preocupavam com aquilo. Também não encontravam maneiras sutis e livres de qualquer pressão de fazer com que ela se sentisse especial. Paus amigos só... serviam para sexo.

Zaf podia ser um romântico incorrigível, mas não era romântico com *ela*. Dani nem de longe representava o ideal que ele procurava. Não era o “para sempre” dele.

Ainda assim, o sobe e desce das sobrancelhas de Sorcha incomodou Dani por horas.

Talvez ela se sentisse culpada por ter roubado o muffin, ou talvez só não conseguisse esquecer como estava gostoso. Independentemente do motivo, quando ela e Zaf estavam deitados na cama aquela noite, arfando, o demônio da sobremesa pareceu possuir o corpo de Dani. Ela se virou para Zaf e murmurou: “Acho que comi seu muffin hoje”.

Ele riu, ainda um pouco sem fôlego. Então cutucou as costelas de Dani, uma provocação familiar que aliviava a tensão desconfortável na barriga dela. “Que bom. Era pra você, sua boba.”

Merda. “Por quê?”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Por que te comprei um muffin?”

Dani assentiu, tensa.

“Porque eu sabia que você queria um.” Quando Dani permaneceu em silêncio, com os sentimentos num emaranhado incerto, ele levou as mãos ao rosto dela. Seu dedão acariciou o lábio inferior de Dani, fazendo as bochechas dela esquentarem, muito embora ele a tivesse tocado em pontos muito mais íntimos minutos antes. “Preciso de motivos para fazer uma amiga sorrir?”

Bem, quando ele colocava daquele jeito... “Acho que não”, Dani disse, exalando. *Amiga*. Era aquilo que ela era dele, e não havia perigo numa amizade, nem pressão ou expectativa. Fora tolice sua se preocupar.

Porque ela *tinha* se preocupado. Tinha mesmo. Aquela fome oca na boca de seu estômago devia ser... hã... alívio.

“Que bom.” Zaf passou a mão pelo pescoço dela, pela clavícula. Pegou um seio, inclinou a cabeça e o beijou. “Você é tão racional quando está nua.”

Ela deu um beijo estalado no ombro dele. “Não fica se achando.”

“Se eu fizesse uma piadinha agora, você ia me chutar da cama?”

“É melhor não descobrir”, Dani disse, seca, e empurrou a cabeça dele de volta para seu seio.

O telefonema daquela noite foi demorado e tranquilo, quase como se Zaf tivesse ligado só para conversar, e não para garantir que havia chegado em casa a salvo. Dani tentou se incomodar com

aquilo, mas fracassou. O travesseiro ainda cheirava a Zaf, e se ela pegasse no sono abraçada nele...

Pelo menos ninguém veria.

Olá, Zaf.

Fico feliz em informar que nossa coordenadora ficou tão impressionada com seu trabalho quanto eu. Adorariamos se você pudesse fazer uma oficina com a turma do nono ano e outra com o segundo ano do ensino médio. Nossa proposta de cronograma segue anexa.

Abraços,

Emma Cheung

Na terceira semana do acordo deles, e segunda semana do, hum, acordo sexual, a flor escarlata no peito de Zaf — aquela que *deveria* ter morrido — havia se multiplicado. Agora ele abrigava um campo colorido, lindo e perigoso.

Toda manhã, ele dizia a si mesmo ao acordar: *Isso não é nada. Vai passar. Pelo menos você não está apaixonado por ela.* E toda noite Zaf passava as mãos pela pele de Danika, beijava sua boca gemendo, se perdia dentro dela e fingia que o aperto em seu peito se devia a algum tipo de arritmia mortal, ou alucinação, ou a alguma coisa que ele havia comido. Qualquer coisa menos aquilo que ele estava totalmente proibido de sentir. Qualquer outra coisa.

Os fins de semanas eram a melhor e a pior parte. Melhor porque ele não via Dani no trabalho, não precisava passar o horário de almoço se perguntando quantas de suas reações eram só para manter as aparências e quantas eram seu afeto extravasando. Pior

porque tentar não ficar sofrendo por Dani podia ser desconfortável, mas esperar o dia todo para vê-la já começava a parecer tortura.

O que não devia ser um bom sinal.

Era sábado de manhã, uma semana antes do simpósio de Dani — dez dias antes de o namoro de mentira e o status de pau amigo chegarem ao fim. *Só mais dez dias*, Zaf disse a si mesmo, *e você pode começar a voltar ao normal*. Então ele pegou o celular e mandou uma mensagem para Dani, não porque precisasse, mas porque seu dia ficaria mil vezes melhor depois que ela respondesse.

ZAF: Oi. Está livre hoje à noite?

Ela sempre estava livre, mas ele sempre perguntava. Zaf tentava manter as coisas simples, leves. Não queria ser incisivo demais, ou Dani poderia notar que ele a adorava muito além da razão.

Por outro lado, Zaf começava a desconfiar que Danika não reconheceria sua adoração nem se batesse com um travesseiro de penas na cara dela, portanto, provavelmente não havia perigo. Qualquer tipo de bondade de alguém que não fosse suas irmãs ou Sorchia a deixava estupefata. Sempre que ele lhe perguntava como tinha sido seu dia, ou lhe dava algo para comer enquanto ela se preparava para o simpósio em vez de dizer para fazer um intervalo, Dani o olhava como se ele fosse o senhor dos lagartos vestindo pele humana. Depois dava de ombros e deixava para lá, provavelmente porque Dani não tinha nenhum problema com lagartos desde que não mexessem nos seus livros.

Ela devia estar atolada em livros naquele momento, porque a resposta que ele tanto aguardava nunca chegou. No fim, Zaf acabou passando seu sábado do jeito de sempre: levando os meninos com

Jamal a um jogo da liga local pela manhã, levando *pakor*s de legumes para a mãe na loja e ouvindo Fatima falar por tempo demais sobre um programa chamado *Fleabag*. Depois ele foi para casa, leu alguns e-mails promissores e pensou no de Mac Stevens, que ainda não tinha respondido.

Já era hora de fazer algo a respeito.

Apesar de seus medos subconscientes, Zaf sabia, logicamente, que não havia ligação entre sua dor e a época em que jogara nos Titans. Misturar o passado e o presente não anularia todo o progresso que havia feito ou o levaria de volta ao lugar sombrio em que fora parar quando sua família fora destruída. Só uma coisa no rúgbi profissional tinha tornado sua experiência ainda pior: o fato de que sua fama minúscula havia feito com que a imprensa fosse atrás dele como um enxame.

Mas aquelas lembranças tinham sido substituídas por outras, mais leves e recentes, da encenação com Dani. Daquela vez, Zaf estava no controle. Ele tinha o poder. E algo naquilo abrandava seus medos, até que seus limites já não estivessem claros.

Ainda assim, quando ele abriu o e-mail de Mac, sentiu a pulsação nas orelhas e percebeu que hesitava. Zaf lidou com a ansiedade por um longo momento, até que sua respiração desacelerou e ele se acalmou o suficiente para prosseguir. Depressa. Com os dentes cerrados.

Sim, ele escreveu a Mac, claro que me lembro de você. Minha família está bem, e a sua? Adoraria fazer uma oficina sem a parte do treino, se é disso que precisam. Podemos pensar em alguma coisa.

Então Zaf clicou em enviar, passou a mão pela barba e percebeu que sorria. A adrenalina se espalhou por suas veias, como se ele

tivesse acabado de rugir na cara de um tigre e escapado ileso. “Muito bem”, Zaf disse a si mesmo, fechando o laptop. “Agora cinco minutos de descanso.” Aquilo merecia uma ou doze xícaras de chá em comemoração.

Dez minutos depois, Zaf estava no banheiro, cantarolando baixo enquanto tirava a roupa para tomar um banho, quando a tela do celular se iluminou e o nome de Dani apareceu.

DANIKA: Hoje não posso. Estou me afogando no meu próprio sangue.

ZAF: ???

Ela não respondeu mais.

Zaf se sentou nu na banheira vazia — e muito fria — e ficou olhando para a tela, esperando uma resposta. Claro que Dani não estava literalmente se afogando no próprio sangue. No geral, as pessoas não mandavam mensagens de texto quando estavam passando por aquele tipo de coisa. Por outro lado, Dani não era como a maior parte das pessoas, e tinha *parado* de responder. Zaf começou a imaginá-la tentando abrir um pacote de Skittles com uma faca e acidentalmente cortando a mão, então mandando uma mensagem um pouco antes que a perda de sangue a fizesse desmaiar.

Foda-se. Ele ligou para ela.

Dani atendeu alguns segundos depois, parecendo bastante saudável, embora um pouco cansada. “Alô?”

Zaf suspirou, fechou os olhos e passou a mão pelo cabelo. Seu coração batia disparado no peito — e sim, ele sabia que aquilo era

um exagero, mas não podia deixar de ser quem era. "Putá merda, mulher. Achei que você estava morrendo."

Ela fez uma pausa, que deu a impressão de que estava se divertindo com aquilo. "E você achou isso *porque...?*"

"Porque você..." Zaf não terminou a frase. "Ah. Aaaahh. Entendi. Esquece. Entendi."

Ele imaginou que não podia culpá-la por gargalhar.

"Zaf", ela conseguiu dizer entre as risadas, "só para deixar claro..."

"Eu entendi."

"Estou menstruada."

Ele pigarreou, sentindo as bochechas queimarem. "Hum-hum. Foi mal. Sempre esqueço que isso existe."

"Deve ser ótimo poder esquecer", ela brincou.

"Quis dizer..."

"Antes que você termine essa frase, é bom saber que tomei codeína o suficiente para poder alegar imputabilidade depois de te matar."

"Entendido."

"Mas desculpa por... bem, por ter te preocupado. Com o sofrimento todo, acabei esquecendo do seu instinto protetor", ela explicou, com a fala arrastada.

Aquele era um jeito muito fofo de dizer: *Esqueci que você é mil vezes mais preocupado que qualquer outra pessoa*. "Relaxa", ele disse. "Imagino que não esteja se sentindo muito bem, né?"

"Ah, legal, você está interessado na minha menstruação. Já te falaram sobre cólica retal?"

"Não, nunca falaram. Posso ir aí?"

Fez-se um momento de silêncio. "Eu disse *cólica retal*."

“Eu sei.”

“Tipo, no rabo...”

“Sim, eu sei o que é o reto. Para de tentar me assustar. Está com fome ou não?”

“Com fome?”, Dani repetiu. Seu tom era uma mistura de desconfiança e curiosidade.

“Foi o que eu disse.”

“Hum. Bem. Comi todos os Skittles de emergência hoje de manhã, e o cereal acabou, então...” Houve uma pausa. “Quero arroz frito com ovo, batata frita com sal e pimenta e alga crocante.” Ela desligou.

Zaf chegou à conclusão que devia haver algo de muito errado com ele, porque, de alguma forma, tinha gostado daquela conversa.

Menos de uma hora depois da ligação inesperada, Dani abriu a porta e se deparou com um homem alto, marrom e que não deveria estar ali. Junto com um saco de comida chinesa, que indicava que sabia o que era bom para ele. Claro que a comida era o único motivo pelo qual Dani o deixava entrar — bom, a comida e o fato de que a mera visão dele já acalmava sua cólica em uns bons dez por cento.

Zaf acalmava bastante coisa, mesmo ela não querendo, e aparentemente sem estar tentando. Que desgraçado.

“Oi”, ele disse, baixo, deixando o saco de comida de lado e segurando nos ombros dela. Zaf era grande, lindo e tinha cheirinho de laranja, e Dani queria nadar em seus olhos, como se fossem piscinas do mais rico e escuro mel. Também era possível que Dani tivesse tomado codeína demais. Ops.

“Como você está, linda?” Zaf apertou os braços dela, o que foi uma delícia, e fez com que ela pegasse os braços dele e os apertasse também. Os cantos da boca dele se ergueram em um sorriso. “O que você está fazendo, Dan?”

Era uma boa pergunta. Melhor parar de apertar. “Nada.”

“Está cansada?”

“Estou.”

“Está muito louca?”

“É uma possibilidade”, ela admitiu.

“Seu reto está se comportando mal?”

“No bom ou no mau sentido?”

Ele deu risada e a puxou para um abraço, o que foi incrível, porque ninguém era tão bom de abraçar quanto Zaf. Ele era fofo, macio e firme ao mesmo tempo; segurava com força, não o bastante para sufocar você, mas o bastante para deixar claro que devia ficar bem ali. Com ele. Porque ele te desejava.

As circunstâncias daquele abraço em específico fizeram Dani se perguntar o que mais ele queria. Não havia ninguém ali, o que significava que não precisavam fingir, e apesar de ter demorado para a ficha cair, Zaf já devia ter entendido que ela não estava a fim. Então por que exatamente ele tinha vindo?

Por amizade. Ele veio porque é meu amigo. Ela não devia se fazer aquele tipo de pergunta, porque qual era o sentido? Zaf olhava para Dani como se ela fosse importante, perguntava sobre seu dia, lhe comprava muffins, mas aquilo não significava porra nenhuma. Ela não *queria* que significasse. Na verdade, já estava cansada dele, de seus abraços, de sua tranquilidade constante. Devia mandá-lo embora, porque não tinha nenhum motivo para ele...

Zaf beijou sua testa, sua maçã do rosto, o canto de sua boca. Em vez de se afastar, Dani virou a cabeça. Seus lábios se encontraram.

Uma excitação tímida preencheu seu coração, como se fosse a primeira vez que se tocavam. O beijo foi um roçar de lábios casto, quase inexistente, mas poderoso o bastante para expelir uma verdade desconfortável de dentro de Dani. Ela queria Zaf ali, e aquele mero fato a deixava feliz e temerosa ao mesmo tempo — como se caísse devagar o bastante para desfrutar da sensação, mas rápido o bastante para saber que a aterrissagem ia doer.

Ele ergueu a cabeça, avaliando o rosto de Dani como se sentisse uma alteração infinitesimal nela. “Dani”, ele disse, com a voz estranha — baixa, mas urgente, gentil, mas ardente. “Você sabe que... você sabe que daqui a pouco...” Zaf não concluiu a frase.

A mente dela preencheu as lacunas. *Daqui a pouco tudo isso vai terminar. Nós vamos terminar.* Ela tinha visto o calendário aquela manhã. Tinham onze dias até o fim do acordo, até que tudo o que havia entre os dois desaparecesse.

Não — não tudo. Eles eram amigos antes de tudo aquilo começar, antes do vídeo, dos encontros e do acordo. E continuariam sendo amigos quando acabasse. E era aquilo que realmente importava, insistia uma vozinha em pânico dentro de sua cabeça: a amizade deles.

Dani não podia perdê-lo. Se recusava a perdê-lo. Ele era tão fofo, era tão...

Ela engoliu as palavras que ameaçavam escapar, engoliu os sentimentos como se fossem uma lâmina. “Claro que sei”, Dani disse, calma. “Logo o simpósio vai chegar e ou vou fracassar de maneira trágica ou reinar de maneira triunfante.”

“Isso”, ele disse, depois de um momento. “Exatamente. Estou apostando na segunda opção, aliás.” Zaf a soltou e se inclinou para pegar a comida chinesa. “Ainda está se cagando de medo da tal da Inez Holly?”

“E como.”

Ele deu risada e se dirigiu à cozinha. “Bem, depois que a gente comer, você pode me contar sobre tudo o que vem estudando. Pra treinar e tal.”

Dani parou de andar. “Você... quer falar sobre a mesa?”

“Claro. Por que não?” Ele se inclinou para procurar os pratos no armário.

“Porque...”

“Porque o quê?” Zaf encontrou os pratos, colocou na bancada e foi até ela. “Porque você acha que não estou interessado?” Os dois se encararam, e ele balançou a cabeça. “Não pode ser. Você sabe que li seus artigos. E na época em que a gente só conversava no trabalho, você falava sobre essas coisas o tempo todo. Nem se importava se eu ficava entediado ou não. Eu não ficava, aliás. Então não pode ser.” Ele inclinou a cabeça de maneira quase teatral. Algo precioso se desvelou no peito de Dani com o brilho provocador e familiar nos olhos de Zaf. “Vai ver é porque você não está acostumada com demonstrações de interesse vindas das pessoas com quem você dorme. Mas não pode ser também, porque você me disse que já tinha dormido com amigos. E, sinceramente, não sei como alguém poderia conhecer você e não se interessar pela sua vida, Danika. O jeito como você age às vezes...” Ele continuou a falar, com delicadeza: “Sei que deve ter acontecido. Mas não entendo.”

Ela engoliu em seco, com dificuldade. "Zaf..."

"Talvez seja isso. Talvez você não ache possível que alguém que te olha do jeito que eu olho se importe com absolutamente tudo em você. Talvez você tenha encontrado pessoas que só queriam uma parte ou outra sua. Nunca tudo. Nunca o bastante."

Cada palavra a levava ao limite, até que tudo o que ela pôde fazer foi soltar uma risada nervosa. "Você... está sendo muito direto hoje."

Zaf olhou para ela. "É, estou. Sabe o que eu estava fazendo antes de você me mandar mensagem?"

"Não." Uma fera desconhecida e faminta dentro dela queria saber o que ele estava fazendo a cada segundo do dia, mas aquilo claramente era maluquice, e talvez fosse o indício de um colapso mental induzido pelo fato de estar menstruada, por isso Dani a reprimiu.

"Estava respondendo um e-mail de um antigo técnico. Porque decidi que você estava certa, que tenho que usar meus contatos para ajudar a Enfrente. Acho que o único motivo pelo qual hesitei foi... às vezes crio uns bloqueios mentais. E fico ansioso com o que pode acontecer se eu tentar passar por eles. Se não me restringir ao que é seguro. Mas comecei a esquecer os limites e a cruzar as fronteiras." Os olhos dele a penetravam, como se a encorajassem a ver... a ver *alguma coisa*. "Foi mais fácil do que eu achei que seria, porque era algo que valia a pena. O que você acha, Danika?"

"Acho que admiro você", ela sussurrou, enquanto um orgulho cauteloso brigava com seus nervos à flor da pele.

"Então talvez também devesse ultrapassar alguns limites. Se quiser."

Dani não queria entendê-lo. Não queria saber do que ele estava falando. Porque, se entendesse, teriam que conversar sobre aquilo, e tudo seria...

Seria diferente. Estaria arruinado. Acabado. Ela estragaria tudo, o que quer que fosse. Já estava estragando, parada ali, em silêncio, enquanto o peito de Zaf subia e descia, e a esperança nos olhos dele morria. Dani não sabia como fazer aquilo. Não tinha se preparado, pesquisado ou treinado, não tinha nada nem vagamente coerente a oferecer, além de um medo muito familiar.

Mas Zaf lutava contra o medo todos os dias, e mesmo quando perdia, quando ia embora machucado, sangrando, pelo menos tinha *tentado*. Ela não podia revelar seu pânico patético e inominado a um homem daqueles. Seria um insulto.

O silêncio entre os dois se estendeu por um momento antes que Zaf desviasse o olhar. "Tudo bem, linda." Ele suspirou. "Tudo bem."

Dani sabia o que aquele suspiro significava: uma decepção escura e pesada, combinando com as sombras repentinas em seus olhos. Protegê-lo daquilo pareceu quase tão importante quanto impedir que ela mesma se afogasse. "Zaf, eu... tem muita coisa rolando na minha vida agora. E questões interpessoais não são meu forte."

Ela viu os lábios dele se contorcerem em um sorriso cauteloso e quis comemorar. "Questões interpessoais", ele repetiu. "É isso que está acontecendo entre a gente?"

"Eu..." *Sou uma covarde. Estou perdida. Estou viciada em você e não sei o que vou fazer quando acabar.*

Talvez não devesse acabar.

"Não sei o que está acontecendo entre a gente", ela disse, finalmente, "porque não estou na melhor posição para analisar a

situação no momento.”

“É um momento ruim, hein?” Ele fixou os olhos nos dela. “Você quer que eu espere, Dan? É só pedir. Me pede que eu espero.”

As palavras saíram da sua boca sem um pensamento racional prévio, impelidas por algo necessitado e faminto que Dani era incapaz de controlar. “Espera. Por favor.”

“Tá bom”, ele murmurou. “Vou esperar.”

Algo cintilou entre eles, algo estranho e vertiginoso. Dani estava criando coragem para conferir o que era quando Zaf deu as costas e voltou para a cozinha.

Ele abriu o arroz frito com ovo, que ainda estava quente, e o macarrão frito que havia comprado para si, pegou os talheres como se nada tivesse acontecido e retornou ao assunto anterior. “Não temos que falar de trabalho se você não quiser. Podemos ver TV.”

Dani hesitou. Estava se sentindo um pouco constrangida por sua fraqueza, mas também morria de vontade de beijá-lo em agradecimento. Por fim, perguntou: “Você gosta de filmes de zumbi?”

Zaf ergueu o rosto e, nossa, como ele era lindo. “Porra, com certeza.”

@TMELZ: Status de relacionamento: vendo o vídeo #DraRugbaby pela 47ª vez com um pote de Ben & Jerry's.

💬 49 ↻ 6 ❤️ 99 ↑

A semana seguinte passou tão rápido que Zaf mal teve tempo de ficar ansioso. Mesmo assim ficou, claro. Mas era algo que tinha que encaixar na rotina.

Dani estava a todo vapor, se preparando para o simpósio, e Zaf... bem, Zaf fazia o que podia. Houvera um momento, na noite em que ele lhe levara o jantar, em que Zaf pensara que havia estragado tudo. Que havia sido sincero demais, direto demais, que tinha tentado alcançar o sol e sido condenado a queimar.

Então ela o surpreendera. Danika sempre o surpreendia.

Espera. Por favor.

Os dois ainda não falavam sobre seus sentimentos ou dormiam na mesma cama. Mas Dani não deixou morrer a flor de afeto que ele vinha tentando matar, o botão que desabrochava dentro do seu peito por causa dela. Quando eles almoçavam juntos, os pés dela tocavam os dele por baixo da mesa, onde ninguém podia ver. Quando pegavam o elevador da biblioteca, só os dois, ela brincava como cabelo dele. Uma noite, depois do sexo, Dani o abraçou tão

sem jeito que Zaf precisou de um momento para se dar conta do que ela estava fazendo.

“Estamos de conchinha?”, ele perguntou, incrédulo. “Só por estar, sem intenção de sexo? Agora a gente faz isso?”

“Quieto, Ansari.” Ela o sufocou com o travesseiro, e Zaf fez cócegas em Dani até ela se entregar.

Antes que ela percebesse, Zaf já estava chegando mais cedo para fazer o jantar. Ela comia *sag paneer* com uma das mãos enquanto segurava um livro com a outra. “Desculpa”, dizia, de vez em quando. “Eu... desculpa. Estou ocupada. Você não precisa fazer isso.”

“Eu sei”, ele dizia. “Mas eu quero.”

Ela sorria, e comia, e lia. Ele abria o próprio laptop e colocava o trabalho em dia. Às nove horas, sem falta, Dani tirava o laptop dele com cuidado e o arrastava para o quarto.

Não que Zaf estivesse reclamando.

Em uma daquelas noites quase perfeitas, aconteceu. Zaf, cujas terminações nervosas ainda formigavam por conta de um orgasmo, pressionava Dani contra a parede da sala e se despedia com um beijo. Agora os dois faziam aquilo: se despediam com um beijo, como um casal que mal podia esperar para se ver de novo.

“Tá bom”, ele disse contra os lábios dela. “Chega. Estou indo.” Ele deu um passo para trás, já sentindo falta dela.

Em vez de abrir a porta e mandá-lo embora, Dani hesitou. “Espera. Eu, hã, visumacospavozê”, ela murmurou, indo para a cozinha.

Zaf apertou os olhos para ela. “Quê?”

Fez-se silêncio enquanto Dani revirava uma gaveta e depois voltava, segurando uma bolsinha preta nas mãos. Ela pigarreou. “Fiz

uma coisa pra você.” E então, enquanto o cérebro de Zaf ainda processava aquelas palavras, Dani empurrou a bolsinha na mão dele, como uma criança pequena dando um desenho de presente.

Só que aquilo não era um desenho. Zaf aceitou, com um sorriso se abrindo no rosto e uma horda de sentimentos irrompendo em seu peito. Borboletas, aves-do-paraíso, a porra toda.

“Você fez isso”, ele disse, “pra mim?” Através do tecido fino da bolsinha, ele sentiu folhas secas e pedrinhas.

Ela assentiu, parecendo prestes a morrer de vergonha. “Hum. Fiz.”

Zaf ainda não tinha a menor ideia do que era, mas... “Tem o seu cheiro.” De paz e vela.

Uma pitada de prazer aqueceu as feições dela, fazendo com que deixasse o constrangimento de lado. “É um amuleto. Vai te ajudar a dormir. Sei que você não gosta de tomar remédio porque tem que acordar cedo, então pensei que talvez...”

“Você pensou em me fazer isso”, ele disse, a emoção saindo de sua voz sem permissão. Os sentimentos de Zaf por Dani eram como a luz do sol: sempre encontravam uma fresta por onde escapar, um jeito de iluminar as coisas. “Cuidado, Danika. Se continuar sendo fofa desse jeito, vou acabar achando que você liga pra mim.”

Ela franziu os lábios. “Bem. Você não tem utilidade pra mim se estiver cansado demais pra ficar duro.”

“Até parece.”

“Cala a boca.” Ela agarrou a camiseta dele, o puxou para mais perto e o beijou de novo.

Estava mudando. Tudo estava mudando.

Mas o tempo escorria por entre os dedos de Zaf, como areia, e o fim do acordo deles pairava como um machado sobre seu pescoço.

Quando o namorado de mentira se tornasse desnecessário, ela saltaria com ele rumo ao desconhecido e daria início a algo verdadeiro? Outro homem poderia presumir que a resposta seria sim, mas Zaf conhecia Danika bem o bastante para saber que toques carinhosos e olhares significativos não queriam dizer nada. Quando tomava uma decisão, ela *dizia*.

E Dani ainda não havia dito nada.

A sexta-feira antes do simpósio foi noite de lua cheia, e, por isso, Zaf foi banido do apartamento de Dani e desencorajado a ligar. Tinha algo a ver com um compromisso fixo com Sorcha, coisas de bruxa e "a instabilidade da energia heterossexual". Ele achou que era melhor não se enveredar por aquele assunto.

O dia seguinte, sábado, amanheceu ensolarado. Zaf se levantou com um sorriso no rosto e determinado a deixar o desejo de lado, porque naquele dia só uma coisa importava: Dani ia participar de uma mesa com uma ídola. Ele penteou o cabelo de um jeito mais bonitinho, escolheu a roupa com cuidado e usou o óleo para barba que Kiran sempre insistia que usasse. Então foi para o apartamento de Dani, bateu três vezes na porta e esperou.

E esperou. E esperou.

Quando ele estava começando a se perguntar se tinha deixado passar alguma mensagem de texto vital, a porta se abriu e ali estava ela, com os olhos arregalados e... cabelo castanho?

"Desculpa", Dani disse. "Desculpa, desculpa, desculpa. Eu ouvi, mas não ouvi."

"Tudo b..." Ela já tinha ido embora, dando meia-volta tão depressa que seu vestido preto esvoaçara em torno das canelas.

Zaf fechou a porta e a viu perambulando pela sala, murmurando algo para si mesma, passando as mãos pelo cabelo recém-pintado. Havia uma pilha de livros e papéis no meio do chão e uma pequena montanha de sapatos perto da escrivaninha, que pareciam ter sido atirados ali. As velas na mesinha da estatueta estavam acesas, cercadas por canecas de chás de diferentes cores pela metade.

“Você parece animada”, ele disse.

Dani o ignorou.

“E visivelmente se encontra em um lugar muito saudável no momento.”

Ela o ignorou ainda mais. Alguém que passasse desavisado poderia dizer que Dani não havia feito nada, mas estaria errado.

Ele se sentou no braço do sofá e disse: “Quer conversar?”

Ela se virou para olhar feio para ele, o que era um progresso. “Você é profundamente irritante e importuno ao extremo.”

“Pelo menos meu pau é grande.”

Houve um lampejo de surpresa, um esboço de sorriso. “Cala a boca.”

“Vem aqui.” Zaf pegou a mão dela e a puxou para mais perto. “Ontem, no almoço, você estava bem. Agora seu cabelo está castanho e seu laptop parece uma tenda, equilibrado de ponta cabeça na bancada da cozinha. O que sugere que você está pirando. Quer me dizer por quê?”

Ela levou a mão aos cachos, como se para protegê-los. “Não é castanho! É um azul bem escuro.”

“Danika. Já vi seu cabelo azul. Isso é castanho.”

Ela cruzou os braços e soltou um grunhido estrangulado e espasmódico, como uma gatinha frustrada. “Bem, talvez seja

mesmo! Talvez eu precise parecer o mais normal possível para compensar o fato de que não tenho *ideia* do que estou fazendo.”

“Nunca houve um momento em que você não soubesse o que estava fazendo”, Zaf disse, tranquilo. “Até mesmo no seu próprio parto. Tenho certeza disso.”

“É que... depois que você foi embora, talvez eu tenha tido um pesadelo meio desagradável, no qual eu fiz papel de idiota na frente de Inez Holly.” Era sempre *Inez Holly*, Zaf havia aprendido, e não *professora Holly*, ou simplesmente *Inez*. “Ela me lançava um olhar cheio de desdém no meio da mesa, na frente de todo mundo...”

“Danika”, Zaf começou a dizer.

“Aí ela me fazia ser expulsa do doutorado, por ser tão inútil...”

“Linda, por favor... Ela nem trabalha na sua...”

“Aí ela ligou pra alguém que conhecia alguém, e de alguma forma conseguiram anular o meu mestrado, e...”

Ele pegou o rosto de Dani nas mãos e olhou nos olhos dela. “Isso nunca vai acontecer. Você sabe quem está parecendo?”

Ela fez uma careta, mas não se soltou. “Não”, murmurou. “Quem?”

“Eu”, ele disse, tranquilo. “Você está ansiosa, está sob pressão, e está falando como eu. Acontece com todo mundo. Vamos experimentar um negócio, tá?”

Ele viu um movimento na garganta de Dani que indicava que havia engolido em seco. Zaf esperou que ela fizesse um comentário sarcástico ou tentasse se esquivar, mas nada disso aconteceu. Dani só disse, baixo: “Tá. O quê?”

“Vamos respirar juntos.”

Ela arqueou uma sobrancelha. “E isso quer dizer...”

Ele riu. “Confia em mim, tá?”

“Eu confio”, Dani disse, e aquelas palavrinhas quase o derrubaram.

Devagar, Zaf a puxou para um abraço. Racionalmente, ele sabia que Danika não era pequena — na verdade, aquilo era uma das coisas que ele gostava nela. Mas, às vezes, ela *parecia* muito pequena. Como naquele momento, quando a tensão começou a deixá-la, gota a gota, e Dani relaxou devagar nos braços dele. Zaf beijou o topo de sua cabeça, depois pressionou o nariz contra seu cabelo e inspirou fundo. Uma, duas, quantas vezes fossem necessárias, até que a respiração dela também desacelerou, e os dois entraram em uma sincronia tranquila e constante.

Era bom, fazer aquilo por alguém — com alguém —, em vez de só para ele mesmo. Era perfeito, fazer aquilo por Danika. O tempo pareceu ficar mais lento, se dissolver, desaparecer, e a frequência cardíaca de Zaf ficou tão baixa que ou ele estava totalmente em paz ou estava meio morto.

Depois de um tempo, Dani inclinou a cabeça para trás para olhá-lo. “Obrigada”, ela murmurou.

“Quando quiser.” *Quando quiser mesmo. O tempo todo. Pra sempre. É só dizer. Puta merda, diz logo, por favor, antes que eu morra.*

Em vez de ler a mente de Zaf, ela puxou o ar e levou a mão ao próprio peito. Ele sabia que Dani estava tocando as pedras sob o vestido, lembrando a si mesma o que cada uma significava para ela. Finalmente, Dani murmurou: “Não posso continuar fazendo isso”.

Ele arqueou uma sobrancelha. “Respirando?”

O olhar penetrante de Danika, como sempre, foi de uma beleza e de um veneno impressionantes. “Isso”, ela repetiu. “Obcecada por metas, colocando toda a minha energia no trabalho até não sobrar mais nada.” Ela hesitou e engoliu em seco, e Zaf sentiu um aperto no coração. Tentou recordar se já havia ouvido Dani mencionar sua obsessão pelo trabalho, e não conseguiu pensar em nada. Ela tinha feito uma piada aqui, um comentário irônico ali, mas a maneira como o olhava agora, solene e séria, era diferente. Aquilo tudo era diferente.

Ele a abraçou mais forte, beijou sua têmpora e aguardou.

“Não deixo ninguém fazer as coisas que você faz por mim”, ela disse. As palavras saíram depressa, se atropelando. O desconforto dela era claro, mas, também, encantador. “Não deixo ninguém me dar comida, me forçar a fazer intervalos ou me arrastar para a luz do sol. E ultimamente andei pensando: o que eu fazia antes de você? Simplesmente... não comia? Não dormia? Não respirava? Nem lembro, é como se fosse tão irrelevante que meu cérebro nem registrasse a informação. Mas isso não é legal. Tomar conta de mim mesma é tão importante quanto meu trabalho.”

“Mais importante”, ele disse, baixo.

“Não força.” Ela beliscou a lateral do corpo dele, depois mordeu o lábio, sua cabeça trabalhando tão depressa que ele quase a sentia esquentando. “Amo meu trabalho, porque nunca exige mais do que posso dar. Mas ultimamente parece que estou oferecendo demais. Talvez tenha me esquecido... do equilíbrio. Foi isso que eu e Sorcha pedimos ontem à noite. Equilíbrio.”

“Isso é bom, Dan”, ele disse. “Isso é muito bom.”

Ela desdenhou. “É muito bom que, aos vinte e sete anos, eu finalmente tenha me comprometido a ter oito horas de descanso por noite e sair na rua a intervalos regulares?”

“É bom que você tenha percebido que é mais valiosa como pessoa do que como uma máquina de ideias.”

“Nossa.” Ela sorriu — foi um movimento leve dos lábios, mas tão perfeito que fez com que Zaf sentisse que tinha levado uma pancada na cabeça. “Dá pra ver que é com isso que você trabalha. Você é ótimo no apoio motivacional.”

“Não estou trabalhando com você, Danika. De jeito nenhum.”

Ela o encarou por apenas um segundo. “Eu sei.”

Se Zaf não estivesse enganado, ela havia atingido seu limite semanal de conversas emocionalmente vulneráveis no decorrer de dez minutos. Mas ele não podia deixar aquele momento passar, não podia receber as verdades que Dani oferecera sem se abrir com ela também. “Aliás, nunca pensei na Enfrente como meu trabalho.”

“Ah, é?”, Dani murmurou, e ele notou um lampejo de gratidão pela ligeira mudança de assunto.

Zaf deu de ombros. “Trabalho com segurança... A Enfrente é... meu sonho, eu acho. Ou meu dever. Ou ambos. Algo que não consigo deixar pra lá. Foi por isso que, hum, mudei o ‘Sobre nós’ do site outro dia, e comecei a alterar o texto sobre nossa missão que envio com os pedidos de financiamento. Quero que reflitam meus motivos para tocar a Enfrente. Que mencionem que passei por uma grande perda, que minha própria saúde mental decaiu. Você estava certa”, ele disse, com a mão na bochecha dela. “Eu estava preocupado com a mecânica de seguir em frente, mas não sou essa

pessoa. Eu coloco molduras douradas em minhas cicatrizes. Sou essa pessoa.”

“Eu sei”, Dani repetiu, com um sorriso radiante daquela vez. “E fico feliz que você também saiba. Estou muito orgulhosa de você, Zafir.” Então ela ficou na ponta dos pés, beijou o nariz de Zaf, e ele achou que talvez nunca fosse se recuperar daquilo.

O simpósio se revelou um grande evento acadêmico reunindo mesas, palestras e apresentações de pesquisas. Ele ficou ao lado de Danika por mais ou menos uma hora. Muito embora Zaf duvidasse que houvesse muitos seguidores da #DraRugbaby ali, ela ficou de mãos dadas com ele. Se Dani não estivesse estressada pra caralho, ele a teria provocado por causa daquilo — só que ela estava. Por isso, conforme os minutos passavam, Zaf se concentrava em mantê-la calma. E quando chegou a hora de se separarem, ele a puxou pela cintura e a beijou com uma sombra de devoção correndo nas veias. Quando Dani se afastou, tinha olhos sonhadores e sorria, como se sentisse o mesmo.

Me diz que você sente o mesmo.

“Pronto”, ele murmurou, e tocou de leve o queixo dela.

“Agora cai fora”, ela disse, e beijou sua bochecha.

Quando Zaf se sentou em meio ao público, o ponto em que ela o tinha beijado ainda efervescia, quente e vivo. Ele inspirou fundo, passou as mãos pelo rosto e se perguntou se irradiava seus sentimentos por ela da mesma maneira que uma estrela irradiava luz. Aquilo parecia tão forte e tão óbvio que Zaf achava que todo mundo em um raio de dez quilômetros devia conseguir ver. Quando

tocaram em seu ombro e Zaf se virou, estava certo de que alguém diria: *Nossa. Você está perdido, hein?*

Mas não foi o caso. Em vez disso, ele se viu cara a cara com um senhor que parecia muito animado. Era alto e magro, tinha o pouco cabelo grisalho cuidadosamente penteado e as bochechas rosadas. "Você é Zaf Ansari, não é?", ele sussurrou.

Zaf resmungou qualquer coisa e voltou a se concentrar em Danika. Três outras mulheres estavam sentadas à mesa com ela. Só uma delas era negra, então devia ser Inez Holly. Ele notou o modo como Dani não parava de se mexer na cadeira, nervosa, o olhar deslumbrado que ela dirigia na direção da mulher mais velha, e decidiu que aquela *com certeza* era Inez Holly.

"Sou muito seu fã", o homem quase careca e de rosto rosado sussurrou no ouvido de Zaf. "Sempre torci pelos Titans. Fiquei muito chateado quando você saiu. Eu..."

"Fica quieto", Zaf disse. A professora Holly era baixa e compacta, e seu cabelo grisalho formava um halo em torno do rosto negro cheio de rugas. Estava toda vestida de preto, como Danika, e quando falou foi com uma voz baixa, lenta e reflexiva, com sotaque do norte. Algo na maneira como ela se postava, desde a abertura firme de seus ombros até a linha reta de sua boca, parecia dizer: *Respeito é exigido, e espero isso de você com toda a tranquilidade.*

Ela o lembrava um pouco de Danika.

"Desculpe", o homem de bochechas rosadas sussurrou após um momento abençoado de silêncio. "O que você disse?"

Zaf soltou um suspiro impaciente e virou para o homem. "Eu disse que minha namorada está preocupada com a porra dessa mesa há séculos, e agora começou, e se alguém falar junto com ela ou me

impedir de ouvir como ela é extremamente inteligente, vai levar uma prensada. Por isso, é do meu e do seu interesse que você *cale a boca*.” Ele fez uma pausa. “Mas valeu. Fico feliz.”

“Tá”, o homem disse, baixo.

Zaf voltou a se concentrar na mesa — e se deu conta, um pouco assustado, de que quando dissera que Danika era sua namorada não fora pelas aparências. Falara sério. Porque sentia que ela era.

Ele precisava segurar a onda. O problema era que não queria.

No palco, as participantes da mesa foram convidadas a se apresentar, e a discussão começou em seguida. Uma moderadora fazia as perguntas e garantia que todas tivessem a chance de comentar conceitos que Zaf não compreendia. Mesmo assim, o debate o prendeu — ou talvez fosse só a voz de Dani, um fio dourado brilhando para ele, rouca e elétrica de tanto entusiasmo. Ela precisou de um tempo para engrenar — não que alguém que não a conhecesse fosse perceber. Mas, depois de algumas perguntas, esqueceu a preocupação e se perdeu no assunto, dando um jeito como Zaf sabia que ela faria.

Em determinado momento, Dani disse algo sobre exemplos de apagamento histórico disponíveis “em tempo real, bem diante dos nossos olhos, se precisarmos de um modelo para justificar nossa interpretação de textos antigos”. Inez Holly assentiu em aprovação e murmurou: “Uhum”.

Por um momento, Zaf ficou preocupado que Dani simplesmente flutuasse para longe dali de tanto prazer. Ou que se levantasse e gritasse: *Vocês viram? Gente, vocês viram isso? Inez Holly concordou comigo*. Mas Dani limitou sua reação a um sorriso radiante. Seus olhos varreram o público e encontraram os dele,

como se estivessem procurando Zaf, como se ela quisesse que ele fizesse parte daquele momento.

Então Zaf soube. Soube, de uma vez por todas, que a amava. Tanto e tão desesperadamente que não podia negar, não podia lutar contra aquilo, não podia mais esconder por nem um segundo. Amava sua inteligência e sua ambição, suas pedras e seus *post-its*, seus sorrisos encantadores e sonhadores. Ele amava como seu pensamento era direto e factual, mas ao mesmo tempo ela acreditava em magia, como uma forma de honrar a perda de alguém. Ele amava seus cachos camaleônicos, seus discursos apaixonados e sua falta de familiaridade e seu desconforto com suas próprias emoções. Ele... ele a amava.

Zaf se lembrou do homem que era três semanas antes, do homem que decidira não se apaixonar por Danika Brown, e percebeu quão arrogante tinha sido.

Foda-se.

Tinha valido a pena.

A mesa já estava acontecendo havia cerca de meia hora quando Dani percebeu que, muito embora pudesse *sentir* sua voz trêmula de nervoso, ninguém mais parecia perceber aquilo. Ela não entendia como era possível; só sabia que o público a via falar como se não houvesse nada de estranho acontecendo, e suas colegas de mesa recebiam suas contribuições com atenção e respeito. *A própria Inez Holly* parecia ter concordado com ela mais de uma vez, o que devia significar que... só podia significar que...

Devia significar que estava tudo bem, que Dani estava se saindo bem. Devia significar que, quando Eve, Sorcha e Zaf tinham jurado

que ela podia fazer aquilo, não estavam mentindo, não estavam tentando acalmá-la, não eram suspeitos para falar. Estavam todos certos. O que ela sempre soubera, racionalmente, mas agora, enquanto seu coração desacelerava, suas palmas da mão secavam e sua confiança aumentava, podia *sentir*. E a sensação era boa.

Quando a mesa finalmente terminou e Dani foi atrás de Zaf, estava tão empolgada que praticamente correu. Ele a segurou, ainda bem. Envolveu-a em seus braços e a apertou contra o peito, beijou o topo de sua cabeça e a ergueu do chão por um momento. Aquilo era indigno ao extremo e completamente desnecessário. Não era como se alguém ali seguisse a #DraRugbaby e se importasse com as demonstrações públicas de afeto deles, ou mesmo *quisesse* aquilo.

Mas Zaf amava tocá-la. E Dani... Dani gostava bastante dele.

Ela ainda estava sorrindo como uma maluca algumas horas depois, quando o abandonou à mesa com suco aguado no coquetel ao fim do simpósio para dar uma passadinha no banheiro. Mas quando entrou, viu que havia alguém ali. Inez Holly estava diante da pia retocando o batom nude, fazendo Dani entrar em uma espiral de pânico agitado e estupefato só de existir. Qualquer vontade que Dani tivesse de fazer xixi desapareceu. Inez Holly não podia ser submetida ao som de suas funções corporais. Na verdade, Dani estava em meio a um debate interno acalorado sobre os prós e contras de dar ré devagar e sair do banheiro quando os olhos das duas se encontraram no espelho.

"Danika", disse Inez Holly, "não é?"

Dani precisou de um tempo horrivelmente longo para dizer: "Hã, é. Sou eu. É meu nome. Esse é meu nome mesmo. Você acertou. Obrigada". *Ah, meu Deus, eu acabei de agradecer?*

Inez Holly retorceu os lábios de uma maneira que, em uma senhora menos imponente, poderia ser considerada um sorriso malicioso. “Quer usar o banheiro?”

“Como? Ah, não.” Dani percebeu que devia estar parecendo esquisita e acrescentou: “Só vim aqui pra... dar uma olhada no cabelo”. Maravilha. Agora, além de esquisita, ela parecia ao mesmo tempo vaidosa e ridícula, já que ninguém que usava o cabelo com menos de cinco centímetros de comprimento precisava ficar conferindo como estava.

Mas Inez Holly se absteve de julgá-la, devido a sua grandeza e misericórdia. “Então, por favor, fique à vontade.”

Seria desconfortável pegar o espelho ao lado de Inez Holly? Seria um insulto *não* pegar o espelho ao lado de Inez Holly? Dani pensou a respeito por alguns segundos febris antes de se dar conta de que aquilo era besteira, porque havia apenas três espelhos e Inez Holly estava no do meio.

Se controla! Dani levou a mão ao peito e sentiu o volume reconfortante da granada sob o vestido. *Autoconfiança*. Aquilo não costumava lhe faltar, não naquela arena. E aquele estava sendo um bom dia: ela conseguira reconhecer suas microtendências workaholics e se saído bem na mesa para a qual passara tanto tempo se preparando. Com certeza conseguiria lidar com aquilo.

Parecendo achar graça, Inez Holly olhou de soslaio para Dani, que abria o peito e escolhia um espelho. “Alguém já te disse que seus pensamentos são muito audíveis?”

“Sim.” Dani encontrou seu batom Legendary Queen, da marca Charlotte Tilbury, na bolsa. “Espero que não tenha atrapalhado durante a mesa.”

“De modo algum. Gostei de termos participado juntas daquela mesa. É sempre bom conhecer outras pessoas sensatas do seu campo.”

Dani quase perdeu o controle do batom vinho e riscou a bochecha. “Ah.” Ela pigarreou. “Sei. Eu... obrigada.” *Inez Holly falou que eu sou sensata!* Dani mal podia esperar para contar aquilo a Zaf. Então lhe ocorreu que devia aproveitar aquele momento milagroso. “Professora Holly, posso fazer uma pergunta?”

Inez Holly se virou para encará-la. “Meu lado professora tem vontade de apontar que você acabou de fazer uma. Aliás, seu batom é lindo, mas talvez você devesse...”

“Ah, sim.” *Passar o batom no lábio inferior, não só no superior, e depois fazer a pergunta importante.* Feito aquilo, Dani prosseguiu. “Eu estava me perguntando... bem, a senhora sempre foi uma inspiração para mim. Espero estar onde está daqui a alguns anos. Estou trabalhando para isso, mas nem sempre é fácil, e eu estava me perguntando se tem algum conselho.” Era o tipo de pergunta aberta que Dani costumava abominar, mas achou que era melhor não deixar Inez Holly sem opções. Ela poderia escolher dizer algo como: *Sempre use calcinha e sutiã combinando, caso seja atropelada por um caminhão*, em vez de segredos profundamente pessoais de sua carreira até então.

Ou pelo menos era o que Dani imaginava. Mas, como em tantas outras suposições recentes, ela se equivocara. “Um conselho?” Inez Holly arqueou uma sobrancelha. “Eu diria... que você pode fazer tudo o que quiser. Barreiras foram feitas para serem derrubadas, tetos de vidro foram feitos para serem quebrados.” Ela se inclinou para mais perto de Dani. “Mas tudo isso pode ser muito exaustivo,

então se certifique de cuidar de si mesma também. Há um enorme valor nas coisas que te trazem felicidade.”

Dani piscou, impactada. “Coisas que me trazem felicidade?”

“Fora do trabalho”, Inez Holly acrescentou, mais claramente. “Não se esqueça dessa parte. Conheço seu tipo. *Já fui* assim.”

Dani desconfiava que estava sendo repreendida, por isso não devia ficar feliz com a comparação com Inez Holly.

No entanto, a palavra *felicidade* girava em sua mente, se recusando a ser ignorada. Ela não podia recusar o conselho que havia pedido, ainda que fosse um tanto inesperado, então se permitiu absorver a palavra e focar nas lembranças que invocava. Aparentemente, felicidade era jantar com as irmãs ridículas, maratona séries do Netflix com a melhor amiga maluca, discutir com sua avó burlesca. Trocar suas plantas de vaso, tingir o cabelo sem nenhum motivo aparente, passar tempo com Zafir...

Ela excluiu aquele último pensamento por um momento. Construiu uma cerca em torno dele, para lidar com aquilo depois. Então perguntou: “É um mau sinal que todas as coisas que me trazem felicidade sejam meio absurdas?”

“De modo algum”, Inez Holly disse, serena, e balançou uma unha de gel cor de violeta na direção de Dani. “A cada duas semanas, dirijo uma hora até meu salão de beleza preferido, só para fazer as unhas. Simplesmente ignoro minha lista de afazeres: é algo inegociável. Faça o que for necessário para se aferrar ao que quer que te mantenha humana, por menor que seja, quando a pressão faz você se sentir um vulcão.”

“Entendi”, Dani disse, baixo, enquanto absorvia aquelas palavras. “Eu... obrigada.” Era uma vergonha que não conseguisse ser mais

eloquente, mas ela ainda brigava com a cerca mental que havia criado, a qual não parava no lugar. Porque, sempre que pensava em *felicidade*, Zaf entrava em primeiro plano em sua cabeça e se recusava a ir embora.

Provocá-lo no almoço, diante das câmeras de celular bisbilhoteiras, trepar como coelhos, como se sexo fosse vital para a continuidade da espécie, observá-lo fazendo o jantar de canto de olho enquanto tentava se concentrar na pesquisa. Aquilo tudo era constrangedor, inconveniente e com certeza teria consequências ruins, mas... Para ela, Zaf claramente significava *felicidade*.

A constatação a deixou atordoada, ainda que não tivesse vindo do nada. O turbilhão vertiginoso e terno de seus sentimentos não deveria importar: ela não devia colocar sua própria felicidade nas mãos de outra pessoa. Aquilo nunca funcionava. Era tolice. Era perigoso. Só que já fazia um tempo que Dani tinha dificuldade em ver perigo em qualquer parte de Zaf, considerando que ele a olhava como se ela fosse seu mundo. E ali estava Inez Holly em pessoa, um sinal involuntário do universo, dizendo a Dani para não enrolar mais, não o fazer esperar mais, e escolher a felicidade.

Era um sinal, não era? Claro como vodca, e igualmente inebriante. Principalmente misturado ao coquetel do dia bem-sucedido.

Dani agradeceu mais uma vez a Inez Holly, talvez profusamente demais. Então Inez Holly anotou o nome da cor do batom de Dani — o que já era empolgante — e o e-mail dela — o que era *bem mais* empolgante —, porque “É sempre bom manter contato”. Quando Dani saiu do banheiro, sentia que o mundo era seu.

Ela voltou para o saguão onde estava sendo realizado o coquetel e localizou Zaf no mesmo instante. Ele estava recostado a uma coluna

de mármore falso, com sua carranca de sempre. Pela primeira vez, Dani se permitiu sorrir melosamente ao vê-lo. Afinal, Inez Holly praticamente havia lhe dito que não tinha problema. E Dani não era do tipo que ignorava um sinal cósmico tão óbvio.

“Ei.” Ele sorriu enquanto ela corria para seus braços. “Opa. Você voltou animada, hein?”

“Sim. Vou começar a correr.”

“Hã...”

“Eu era corredora de longa distância na escola”, ela disse. “E gostava bastante.”

“Ah. Legal.”

“Acho que quero tentar criar orquídeas.”

Zaf gargalhou. “O que foi que rolou no banheiro? Cocaína?”

“Inez Holly”, ela disse, sem ar.

“Quê?” Uma empolgação pura se espalhou por seu rosto. “Você falou com ela?” Dani se deu conta de que aquela empolgação toda de Zaf era por causa *dela*.

Ela despertava sentimentos em Zaf. Sabia disso porque ele despertava sentimentos nela também, fortes e aterrorizantes, como um sol recente sobre um mundo que permanecera na escuridão por eras. Dani devia mesmo ter medo — e parte dela tinha.

Mas, naquele momento, ela se sentia tão poderosa, tão preciosa, que a ideia de deixá-lo escapar lhe parecia impossível. *Impossível*. Não podia deixar que aquilo acontecesse.

Por isso, em vez de responder à pergunta, ela se afastou e disse a ele, baixo: “Você... você deveria ser o pau amigo perfeito”.

As sobrancelhas de Zaf se arquearam na hora, e sua boca ficou tensa. “É. Eu sei.”

“O que, entre outras coisas, significa que não deveríamos nos apegar.”

A expressão no rosto dele era cautelosa. Talvez culpada.

“O problema”, ela prosseguiu, “é que acho que acabei me apegando bastante ao... ao modo como você me faz sentir. E ao modo como faço *você* se sentir... sei lá. Não sei como faço você se sentir, mas gosto de tentar fazer você... sorrir.” A voz dela saía embargada, estranha, suas palavras pareciam ligeiramente mentirosas. Se ela fosse sincera, diria: *Amo fazer você sorrir.*

Porque a verdade assustadora era: Dani lutava contra o afeto voraz que sentia por Zafir Ansari havia mais tempo do que gostaria de admitir. Ela vinha tentando evitar aquilo, mas de repente não sabia o motivo. Zaf não era como ninguém com quem já havia estado, e o relacionamento deles não precisava se encaixar em um ideal romântico a que Dani nunca seria capaz de se equiparar. Tudo o que os dois precisavam fazer era manter as coisas exatamente como estavam. Se gostavam das coisas daquele jeito — exatamente daquele jeito —, tudo ficaria bem.

Tudo ficaria perfeito.

Ela notou os olhos de Zaf se arregalando no momento em que ele começava a compreender. “Danika...”, ele disse, devagar, “você está...?”

“Não sou muito boa em dizer as coisas.” Ela foi firme. “Não gosto. Então esta sou eu *não dizendo* as coisas. Dizendo que isso é tudo.”

Zaf arqueou uma sobrancelha. “Você está dizendo que não está dizendo?” Um sorriso lento se espalhava pelo rosto dele, fazendo as bochechas de Dani esquentarem.

“Passamos muito tempo juntos”, Dani disse a ele, “e não é ruim. Então talvez pudéssemos...” Aff, ela realmente não havia pensado direito naquilo. Aparentemente, adoração era algo muito difícil de expressar em voz alta.

Mas, aparentemente, Zaf não se importava com aquilo, porque ele veio em seu resgate. “Talvez pudéssemos continuar com esse lance... que não é ruim?”

“Exatamente”, ela conseguiu dizer.

“Juntos”, ele insistiu. “Sem fingimento. E sem limites.”

“Isso”, ela confirmou, com a voz fraca.

“Você sabe o que isso significa, não sabe, Danika?”, ele murmurou.

Talvez ela soubesse — tá bom, ela sabia, claro —, mas seus nervos já estavam à flor da pele. “Um passo de cada vez”, Dani disse, com firmeza. “Pode ser?”

“Um passo de cada vez rumo a...”

“A ficar com você”, ela soltou.

“É bom ouvir isso”, Zaf disse, sério. Então a beijou com uma paixão desenfreada que beirava o escandaloso.

Apesar da coragem recém-encontrada de Dani, ela não era — e nunca seria — do tipo que faria um discurso meloso sobre as muitas virtudes de Zaf e os muitos sentimentos dela. A menos que estivessem ambos presos em um trem prestes a cair de um penhasco e, portanto, momentos antes de uma morte horrível, ou algo mais ou menos assim. Por isso, quando os dois foram embora do coquetel, em vez de se virar para ele com uma declaração romântica, ela o arrastou para um canto aberto onde os alunos guardavam as bicicletas e beijou aquele rosto maravilhoso até não poder mais. De novo.

A julgar pelo ardor nos olhos de Zaf antes que suas bocas se encontrassem, ele não se incomodava.

Beijá-lo era como beber água gelada no auge do verão: pequenas doses talvez funcionassem, mas goles grandes e vorazes eram muito melhores. Os lábios de Dani roçaram os dele, e todos os centros de prazer no corpo dela se acenderam na hora. Ela enfiou as mãos no cabelo de Zaf, prensou o próprio corpo contra o dele, simplesmente porque não conseguia parar, e explorou aquela boca solene sem restrições. Zaf tinha gosto de mel escuro e doce, de paz e conforto, de lençóis brancos limpos e nascer do sol. Ele tinha um gosto que

nenhum homem deveria ter, como se fosse algo maior. Mais grandioso. O que vinha procurando.

Dani se afastou dele. “Vamos pra casa.”

“Concordo cem por cento com a sugestão.”

“Pra sua casa. Você não disse que mora mais perto do campus que eu?”

Zaf sorriu. “Sou tão irresistível que você não aguenta esperar?”

“Não seja metido.” Mas ela gostava quando ele era.

Quinze minutos depois, os dois entraram no apartamento dele, e Dani o imprensou mais uma vez — agora contra a porta. Como ela sabia comprovadamente que não seria *capaz* de segurá-lo sozinha, aquilo significava que Zaf deixava que o imprensasse. O pensamento despertou outra onda de ternura nela, embora estivesse louca de tesão. Ele olhou para Dani com os lábios entreabertos e inchados de tanto beijar, o cabelo bagunçado por conta das mãos dela. Estava ao mesmo tempo mais sexy e mais divino do que qualquer outra coisa que ela já tivesse visto na vida.

Ela ficou de joelhos sem nem pensar. Era movida pelo desejo.

Meu, meu, meu.

“Danika”, Zaf soltou, levando as mãos ao rosto dela, que já desafivelava seu cinto. “Porra, você vai acabar comigo.” Mas ele fazia aquilo parecer maravilhoso, um presente.

Dani baixou o zíper da calça dele e tirou todos os obstáculos do caminho até que Zaf estivesse pelado da cintura para baixo, com o pau duro, grosso e pingando. Então ele mesmo tirou a blusa, e a visão daquele homem completamente nu enquanto ela permanecia vestida deixou Dani tonta de desejo.

Ela pôs a mão no pau quente e macio dele, e sentiu aquela veia pulsando no lado de baixo. Então, como por algum motivo os dois nunca haviam feito aquilo, Dani disse: “Não querendo acabar com o clima...”.

“Isso é literalmente impossível”, Zaf conseguiu dizer.

“... mas não esquece aquela história de que eu vomito fácil.”

Ele deu uma risada fraca e entrecortada. “Nunca vou me esquecer de você cuspiendo macarrão no meu colo.”

“Ah, cala a boca”, Dani murmurou, com as bochechas quentes. Então a outra mão dela se juntou à primeira, até que apenas alguns poucos centímetros do pau dele permanecessem à mostra. Dani enfiou a cabeça larga e brilhante do pau dele na boca, apertando com as mãos enquanto sua língua se movia para prová-lo. O gemido de Zaf pareceu inumano.

Aquele rosnado baixo e irregular se comunicou diretamente com o clitóris dela, como um leve choque elétrico. O gosto dele, almiscarado e salgado, provocava a língua dela.

Dani chupou.

Zaf arfou. “Putá merda, ah... Linda...” A frase morreu no ar. Dani olhou para cima e viu que ele a olhava, com algo infinito e inominável em sua expressão. Ela podia ver que ele se segurava, pela garganta latejando e a postura rígida dos quadris, em um esforço para não ir mais fundo na boca dela. E nossa, nossa, ela adorava aquilo.

Dani soltou o pau de Zaf, levou as duas mãos à bunda dele e sentiu ainda mais aquele controle delicioso. Então inclinou a cabeça para lamber e chupar o saco pesado dele e ouviu quando Zaf começou a xingar. O poder que sentia era puro e sujo. A *sensação*

cintilante e delicada entre suas coxas ficava mais e mais intensa a cada palavrão dele. Quando o pau de Zaf estava bem escorregadio e sua voz estava rouca e frenética, Dani voltou a pegá-lo e acariciá-lo com força, beijando e chupando a pontinha, vendo-o perder o controle.

“Merda”, Zaf disse, arfando. “Merda, você é tão... continua...” Ele se abaixou, agarrou a gola do vestido dela e puxou com força. Dani ouviu, ou sentiu, um rasgo, em seguida o tecido ficou mais solto e seu sutiã, exposto. “Desculpa, desculpa”, Zaf disse, enquanto abaixava o bojo do sutiã. O seio de Dani se soltou, e Zaf agarrou a carne sedenta, apalpando-a sem remorso, de um jeito obscuro, presunçoso e absolutamente delicioso. Ele passou o polegar sobre o mamilo rígido de Dani, que gemeu, sentindo o sangue esquentar e a paciência se esvaír.

Ela soltou o pau dele, tentou ficar de pé e constatou que seus joelhos estavam fracos. Zaf a pegou um segundo depois, e Dani enlaçou sua cintura com as pernas. “Perfeita”, ele disse. “Você é perfeita.” Não era a primeira vez que Zaf falava aquilo, mas, daquela vez, Dani tinha quase certeza de que ele estava sendo sincero.

Então ele a beijou vorazmente, seus dentes pegando o lábio inferior dela, e Dani sentiu seu corpo apoiado em algo duro e frio. Uma mesa, ela se deu conta quando Zaf se afastou para procurar a carteira. Ele a havia levado ao cômodo mais próximo — a cozinha — e a botado em cima da mesa. Dani entendia aquele senso de urgência, e até o aprovava. Zaf logo voltou, abrindo uma camisinha e levantando a saia dela, depois arrancando o fio-dental e puxando-a para mais perto.

Ele enfiou um dedo na boceta molhada dela. Dani o aceitou com facilidade e se viu implorando por mais, sem pensar duas vezes. Então Zaf enfiou outro dedo, e depois outro, até que ela estivesse totalmente preenchida por ele. Zafir invadia seu corpo, acariciava aquela carne macia e trêmula dentro dela, quando murmurou: "Eu te quero tanto, Dan. Te quero *tanto*, tanto...".

"Eu sei", ela disse, arfando. "Eu sei."

Zaf gemeu, então seus dedos a deixaram e ela ficou perdida por um momento, antes que fossem substituídos pelo pau dele, abrindo-a devagar e constante. Dani movimentou os quadris, se apoiando nas mãos, abrindo bem as coxas enquanto a pressão a liquefazia, de dentro para fora. "Isso. Ai, meu Deus. Isso."

"Você é minha", ele disse.

"Eu sou sua", ela disse, e nada nunca tinha parecido tão bom.

Zaf estava perdendo o controle e não se importava, porque Danika estava bem ali com ele. Ela choramingou o nome dele quando o recebeu mais profundamente, cravando as unhas em seus ombros, vulnerável a ele de uma maneira que nunca havia sido, nem uma única vez. Quando Zaf a olhou nos olhos, Dani não evitou. Ela o encarou com firmeza e o puxou para mais perto, como se quisesse cada parte dele e não conseguisse fingir o contrário.

Algo dentro de Zaf estalou, mudou, se transformou, e tudo o que ele podia fazer era meter, meter, meter.

Zaf metia nela com uma sede insensata, cada gemido de Dani o incitando a ir em frente. Ele não conseguia parar de tocá-la, não conseguia impedir suas mãos de deslizarem por suas coxas, acariciarem sua boceta aberta, correrem por seu dorso, por seus

peitos, seu pescoço, seu rosto. A porra do *rosto* dela, com a boca aberta, a testa franzida, aqueles olhos impossíveis fixos nele.

“Diz meu nome”, ele grunhiu, como um animal.

“*Zafir*”, ela disse, como pétalas boiando na água, e depois espalmou a mão contra o peito dele. Zaf poderia jurar que seu coração havia sentido o toque. “Meu”, ela disse, baixo. “Você é meu também, sabia?”

Ele a beijou, com sabor de frescor de hortelã e desespero.

Quando sentiu que não conseguia chegar perto o bastante, ir fundo o bastante, ele deitou Dani de costas e subiu parcialmente na mesa também. Ignorando os rangidos do móvel, ele meteu na boceta quente e molhada de Dani até não conseguir mais enxergar direito. Era muito bom, bom pra caralho. Quando ele atingiu aquele ponto macio dentro dela e Dani gritou e seu interior apertou o pau dele — ah, merda, ele queria mais. Por isso, enfiou a mão entre os dois e esfregou o clitóris inchado, em círculos pequenos, como ela gostava, mantendo a inclinação certa de seus quadris.

“Vamos, meu amor”, ele disse, arfando.

“Você não pode... me dizer...”

“Goza.”

O gemido de prazer dela o destroçou. Ele sentiu os espasmos da vagina dela em torno do pau durante o orgasmo, e então...

E então gozou mais do que nunca na vida, o que não era exatamente surpreendente, e a mesa em que estavam quebrou, o que era.

Dani estava remotamente ciente de um rangido que não podia ser bom sinal, mas, em meio a tantas revelações emocionais — *Nossa, eu amo a voz de Zaf e Uau, esse jeito de me beijar devagar enquanto me fode com força é perfeito demais*, por exemplo —, não havia dado muita atenção àquilo. No entanto, não deixou de notar quando a mesa que parecia bem firme gemeu dramaticamente e uma de suas pernas cedeu.

Para a sorte dela, estava dormindo com um ex-atleta, com reflexos sobre-humanos. Zaf passou um braço na cintura dela e puxou os dois para trás — para longe da perna quebrada e do tampo inclinado. Os dois acabaram no chão, ele claramente sem fôlego, ela em segurança e confortável em seu amplo peitoral. Os movimentos rápidos de Zaf foram particularmente impressionantes considerando que ele havia acabado de gozar, mas Dani estava confusa e atordoada demais para elogiá-lo como devia.

Houve um longo momento de silêncio, durante o qual Zaf recuperava o fôlego e Dani se perguntava se algo tão deselegante já teria acontecido na história do universo. Até que ele finalmente falou, e suas primeiras palavras, previsíveis, foram: “Putá merda”.

Dani sempre tinha pensado que o sexo ficava sem graça e insuportavelmente solene quando se, *hã, sentia algo* pela outra

peessoa, mas estava claro que aquilo não era verdade quando se tratava de seus sentimentos por Zaf. Ela deu uma rápida olhada para sua carranca familiar e irrompeu em risos.

“Ei”, ele disse, mas estava sorrindo. “A culpa é sua.”

“Minha? Foi você que me colocou na porcaria da mesa!”

“Mas é você que é tão sexy que me fez esquecer dessas coisas de física e tal.” Ele passou a mão pelo cabelo e pela coluna dela, até chegar à curva da bunda, agarrando-a. “Você está bem?”

“Quer saber se machuquei alguma coisa?”

Ele piscou.

Ela suspirou e fingiu que não estava superfeliz com tudo aquilo. Mas estava. Sempre. Sempre que estavam juntos, sempre que ele a tocava, tudo o que Dani sentia era felicidade.

Aff.

Ela olhou por cima do ombro, para a mesa com três pernas apoiadas no chão. “Desculpa por isso. A gente não devia...?”

“A única coisa que a gente devia fazer agora é ir pra cama”, ele disse, com firmeza.

Dani hesitou, porque... *Nós dois. Na cama.* Para mais sexo ou... algo mais? Estava claro que era difícil deixar velhos hábitos para trás, porque, apesar de suas boas intenções, a ideia de passar a noite com alguém com quem ela se importava pela primeira vez em muito tempo fez seu estômago se revirar.

Mas aquilo era besteira. Ela era corajosa. Queria ser feliz. Por isso, enfiou sua apreensão em uma caixa e tentou ignorar que a tampa não fechava direito.

Zaf devia ter notado a insegurança dela, porque tinha uma expressão solene no rosto enquanto a ajudava a se levantar. “Está

tarde, Danika. Você não pode ir pra casa sozinha.”

Uma risada espantou as sombras no peito dela. “Zaf, não são nem sete horas.”

“Você fala demais.” Ele a pegou nos braços e a levou para o quarto.

E Dani deixou.

Já estava amanhecendo quando Dani acordou. Por um momento, com a visão turva focada no travesseiro azul-profundo, ela ficou se perguntando onde estava. Então, devagar, as sensações ressurgiram: o peso de uma coxa pesada sobre cintura dela. A dança lenta de pontas de dedos em suas costas nuas.

“Zaf”, ela sussurrou, no silêncio sepulcral.

“Bom dia, Danika”, ele disse, com a voz baixa e cheia de sono.

O modo como ele disse seu nome, preguiçoso e tenro, fez com que ela sorrisse contra o travesseiro — mas, sob o prazer, havia um toque de pânico. Decidir ser corajosa e se deixar levar pelo momento era uma coisa, mas Dani não acordava ao lado de outra pessoa fazia anos, e nunca *desejara* outra pessoa tanto quanto desejava Zaf. Talvez estivesse pensando demais, só que... só que não tinha certeza do que deveria acontecer a seguir, e, porra, não queria ser um fracasso completo naquilo.

Está falando sério? Você está se remoendo porque não sabe como responder a um bom dia? A voz em sua cabeça soava estranhamente como Gigi. E, como sempre, Gigi estava certa. As preocupações de Dani eram ridículas. Aquele era o motivo pelo qual ela odiava relacionamentos: transformavam-na numa pilha bagunçada de incertezas.

“Você dormiu bem?”, Zaf perguntou, como se tudo aquilo fosse muito normal, e a doce familiaridade de sua voz quase fazia parecer que era mesmo. Quase.

“Dormi”, ela disse, porque era verdade. “E você?” A resposta parecia importar mais do que deveria. Tudo parecia importar mais do que deveria com Zaf.

“Dormi. Na verdade, tenho dormido bem desde que você me deu aquele amuleto. E acho que você me cansou ontem à noite.”

O modo como aquilo a fazia sorrir era revoltante. Revoltante! Mas Dani não conseguia parar.

Então Zaf pediu, com toda a calma: “Olha pra mim”. O toque calmante e muito suave nas costas dela foi interrompido.

“Claro!” Dani virou para ele tão depressa que ficou emaranhada nos lençóis, vermelha como uma salsicha. Mas não importava, porque ela achava que tinha ouvido hesitação na voz dele, e não queria aquilo. Não queria identificar nada de ruim ou triste nele, ainda que aquilo lhe custasse seu próprio conforto. O que parecia perturbador e perigoso, inclusive, mas ia ter que se preocupar com aquilo em outro momento.

Por sorte, Zaf não pareceu chateado com o tempo que ela demorou para encará-lo. Na verdade, estava nitidamente se esforçando para não rir. “Você sabia que roubava o lençol?”

“Cala a boca”, ela resmungou. Nossa, ele era lindo até de manhã, o que era ao mesmo tempo agradável e muito irritante. A luz tímida do amanhecer caía bem nele, fazendo sua pele marrom brilhar. Seu cabelo ficava incrivelmente sexy quando amassado, e a lentidão sonolenta em seus olhos fazia o sangue dela esquentar.

Zaf passou a ponta de um dedo pela curvatura da orelha dela, com um sorrisinho provocador. "Então. Quebramos algumas regras."

Não dormir juntos. Não se apegar.

"É", ela murmurou. "Quebramos. Mas, em minha defesa, foi Inez Holly quem mandou."

O trajeto da ponta do dedo dele foi interrompido, e Zaf piscou. "Quê?"

"Hã..." Hum. Talvez aquilo tivesse sido meio estranho, não é? Mas ela *era* estranha, e sempre agira estranhamente com Zaf. Ele nunca parecera se importar, portanto, Dani pigarreou e prosseguiu: "Ontem, no banheiro, Inez Holly me disse que a chave para o sucesso envolve ir atrás da sua felicidade, então... Aqui estamos."

Por um momento, Zaf pareceu tão surpreso que ela ficou preocupada que tivesse ferrado com tudo, de maneira monumental. Talvez sendo sincera demais. A felicidade a deixara um pouco chapada na noite anterior, e ela tivera aquele momento *A felicidade é Zaf*. Agora, a manhã inclemente fazia tudo parecer... constrangedor.

Mas então ele abriu um sorrisinho torto, aliviando a tensão no peito dela. "Isso é... fofo", Zaf disse. Seus olhos pareceram se iluminar, e ele a provocou: "Felicidade, hein?"

Dani ficou sem graça. "Sei lá." Era hora de mudar de assunto. Evitando encará-lo, ela olhou em volta, atrás de um tema mais seguro, e encontrou um quase imediatamente.

"Ai, meu Deus", ela disse, se inclinando por cima de Zaf até a mesa de cabeceira. "Então aqui estão seus famosos romances."

Zaf bufou enquanto ela pegava o livro que estava mais perto do despertador dele. "Imagino que ontem à noite você não tenha

notado a estante da minha sala.”

“Nem cheguei na sala ontem à noite”, ela o lembrou. “Você me comeu na mesa, me comeu na cama, tirou torradas com queijo de algum lugar...”

“As maravilhas de ter uma cozinha equipada com comida em vez de chá e plantas”, ele disse, seco.

“Depois a gente dormiu.” Ela se sentou e avaliou o livrinho que tinha nas mãos. Havia um casal negro escandalosamente atraente em roupas antigas na capa, ambos parecendo sofrer um pouco com a intensidade de seu amor imortal. “*Tempestade*”, Dani murmurou, passando os dedos pelo título. “É este que está lendo agora?”

“Estou quase acabando.”

“Qual é a história?”

Ele voltou a se deitar e abriu um sorriso preguiçoso para ela. “Se quer saber, posso comprar um exemplar pra você. Não vou dar spoiler.”

“Mas a gente já sabe que tem um final feliz.”

Ele riu. “Isso não é spoiler. É uma rede de segurança.”

As palavras despertaram algo na mente de Dani, e ela fez uma pausa. “Uma rede de segurança. Sabe, você nunca me contou... Por que lê esses livros? Como foi que começou?”

O sorriso dele se suavizou, parecendo mais velho, mais triste. “Depois que meu pai e Zain morreram, passei três anos deprimido. Então minha cunhada me disse que eu a estava assustando e jogou um romance na minha cabeça. Depois que ela foi embora, quis ir atrás dela para pedir desculpas, mas não conseguia. Simplesmente não conseguia. Então peguei o livro e comecei a ler. E...”

Ele parou de falar. O coração de Dani sentiu aquilo e quase se partiu. “Zaf”, ela sussurrou. Havia dor nas palavras dele, uma dor antiga, mas nem por isso menos poderosa. Dani deixou o livro de lado e se deitou, virando para abraçá-lo, independentemente da vontade dele. Porque ela conhecia aquele homem, e a expressão em seus olhos lhe dizia que Zaf tinha mais a contar, mas não conseguiria fazer aquilo sem uma ajudinha. Quando Dani descansou a cabeça no peito dele, Zaf relaxou como se estivesse esperando por ela.

“Desculpa”, ele disse, com a voz rouca.

“Não precisa pedir desculpa”, ela disse a ele, e se ajeitou para olhar em seus olhos. “Sei que você está muito seguro de que está ‘melhor’ agora. De que sabe lidar com as coisas. De que as enfrenta. Mas isso também exige muito de você. E não é porque você sabe lidar com as coisas que não tem dificuldades e não comete erros. A vida não é preto no branco, nem de longe. Por isso, quero que você faça, diga e sinta a porra que quiser, em relação ao que for, mas principalmente em relação a isso. E não quero nunca que me peça desculpa por seus sentimentos. Nunca mais.”

Com cada palavra que Dani falava — ou melhor, com cada palavra que uma força maior tirava de sua boca à sua revelia —, os olhos de Zaf se abrandavam, e a tensão que Dani sentia vinda do corpo dele se dissipava. Zaf olhou para Dani com ternura nos olhos. Ela sabia que deveria se arrepender de toda aquela sinceridade emocional que despejara sobre ele, mas não se arrependia. Porque o havia feito sorrir daquele jeito. Porque o havia feito respirar com mais facilidade. Dani não se arrependia mesmo.

O que era levemente aterrorizante.

“Obrigado”, ele murmurou, levando a mão ao cabelo dela e fazendo carinho. Pela primeira vez, Dani não tinha vontade de rejeitar aquele agradecimento baixo e significativo, por isso só fechou os olhos e esperou.

Zaf logo continuou a história. “Depois do acidente, saí um pouco dos trilhos. Acho que já mencionei isso. Sofro de ansiedade desde que me entendo por gente, mas sem meu pai e Zain... principalmente sem Zain...” Zaf respirou fundo, e Dani sentiu seu próprio corpo subir e descer com o peito dele. “Ele era sete anos mais velho. Meus pais achavam que não iam conseguir ter outro filho, e aí minha mãe engravidou. Ele foi meio que meu pai também, sabe? Estava sempre por perto, e de repente não estava, e eu não conseguia nem respirar. As pessoas acham que ansiedade te faz ficar nervoso o tempo todo, e até pode ser assim. Só que ninguém nunca fala da raiva. E aí a raiva passou, e depois disso... eu não era nada. Por um tempo muito longo, eu não era nada.”

Dani sentiu a dor na voz dele como um soco no peito. “Não é verdade. Você sempre é alguma coisa, Zaf. Mesmo quando acha que não. Mesmo quando não sente nada, ainda é um cara bom, inteligente, zeloso e rabugento pra caralho. Você ainda é você.”

O sorriso dele foi fraco, mas sincero. Ela estava louca para que aquele sorriso aparecesse. “É. Acho que é verdade.” Zaf a puxou para mais perto e beijou sua bochecha. “Na época, os romances me lembravam disso. Como você nunca leu um, deve achar esquisito. Mas é tudo uma questão de emoções, Dan. A coisa toda, a história toda, *o motivo*. Livro após livro com personagens encarando seus problemas de cabeça erguida, lidando com eles, e nunca, nunca fracassando, ou pelo menos não pra sempre. Eu sentia que meu

mundo já tinha terminado de maneira infeliz, mas todos os livros que lia sobre alguém que passava pelo pior e depois encontrava a felicidade parecia dizer o oposto. Como se minha história não precisasse ter terminado se eu não quisesse. Como se, caso fosse forte o bastante para lidar com minhas emoções, caso trabalhasse com elas, talvez voltasse a ficar bem. Foi meio que isso que me inspirou a, hã, seguir em frente. A fazer boas escolhas, mesmo quando me sentir melhor parecia impossível.”

Dani sentiu seu peito inundado por algo suave que a absorvia por completo, e tudo por causa de Zaf. Ela não sabia como expressar algo tão grandioso, não conseguia nem dar nome àquilo. Mas queria que Zaf sentisse. Então deu vários beijinhos em sua pele, em todas as partes que conseguiu alcançar, e quando ele começou a relaxar, devagar, Dani soube que ele havia compreendido.

Ela também compreendeu, *de verdade*, por que o romance significava tanto para ele — não só os livros de romance, mas a busca por seu próprio felizes para sempre. Achava que Zaf era só fofo, amoroso, talvez um pouco antiquado, mas agora se dava conta de que ele era... inspirado. De que ele era uma daquelas pessoas, daquelas *muitas* pessoas, cuja vida havia sido transformada para sempre pelas palavras de alguém. E aquilo não era algo que Dani tratasse levemente. Ela ganhava a vida com palavras. Sabia muito bem que podiam significar tudo.

O que tornava aquelas novas informações intimidadoras, para dizer o mínimo.

O novo vislumbre da mente de Zaf fez os pulmões dela se contraírem, seus ossos rangerem com a ameaça do peso a mais, da pressão a mais. Mas Dani endireitou a coluna e tentou respirar,

porque aquele não era o momento de se preocupar com todas as maneiras como poderia decepcioná-lo. E, de qualquer forma, não era como se os dois estivessem *apaixonados* nem nada do tipo. Eles só estavam juntos, tentando. Só isso. Um passo de cada vez.

Mas uma vozinha nervosa no fundo da mente dela sussurrou: *Você sabe aonde ele quer que você chegue, mesmo que um passo de cada vez.*

Dani afastou a voz e procurou focar no que importava: Zaf.

"Pode me contar sobre sua família?"

"Claro." Ele respirou fundo e sorriu. "Você conheceu minha sobrinha. Sei que ela age como uma pessoa normal em público, mas não cai nessa. Ela é uma fera."

"Você deve ter muito orgulho dela."

"Claro. De resto... Você ia gostar da minha irmã... da minha cunhada, Kiran. Ela está sempre no controle. Pensa lá na frente. É focada. Tem uma loja de roupas com minhas mãe e milhares de seguidores no Instagram, interessados, hum, nas roupas dela."

"Sério? Nossa, ela deve se vestir superbem."

"Pois é."

"Isso explica por que você tem opiniões tão fortes quando se trata de roupa."

"Não explica, não. Só tenho opiniões fortes quando se trata das *suas* roupas. Opiniões fortes de que você fica ótima nelas e ainda melhor sem elas." Zaf dizia aquelas coisas com tanta naturalidade que Dani não podia evitar abrir um sorriso descontrolado. "Minha mãe é bem louca", ele continuou, "mas esconde isso muito bem. Passa a maior parte do tempo rindo dos outros em silêncio, enquanto finge ser muito tranquila e digna."

“Ah, ela parece maravilhosa.”

“E é”, Zaf disse, sincero. “E, é claro, tinha meu pai e meu irmão. Meu pai era da área da computação e não tinha ideia de por que eu odiava a escola e adorava ficar correndo de um lado para o outro do campo e levando porrada, mas me apoiava mesmo assim. Ele ia aos jogos e comemorava sempre que eu encostava na bola, mesmo que o resto do público estivesse em silêncio.” Zaf riu ao se lembrar daquilo, o que aqueceu o coração de Dani. “E Zain Bhai... ele era meu herói. Adorava livros e adorava rúgbi, quase tanto quanto eu. Acordava para fazer a prece matinal todos os dias, mas não me julgava se eu continuava dormindo. Comecei a ter problemas de ansiedade ainda pequeno, e foi ele quem notou primeiro e descobriu o que estava acontecendo. Zain tentou explicar aos meus pais que aquilo era algo sério e muito real, e me levou ao médico. Ele era...” A voz de Zaf falhou um pouco, mas ele logo se recuperou. “Zain era especial. Sinto saudade dele.”

Dani mordeu o lábio, porque, se não o fizesse, um tsunami de emoções viria e afogaria os dois. “Obrigada”, ela conseguiu dizer, “por me contar isso.”

“Obrigado”, ele disse, suavemente, “por ser alguém para quem posso contar. Eu queria...”

“O quê?”

“Que eles tivessem te conhecido.” Zaf deu de ombros. “Mas pelo menos minha mãe ainda pode conhecer.”

A solenidade do momento foi rompida pelo barulho de Dani se engasgando com a própria língua. “Você... quer que eu conheça sua mãe?”, ela perguntou, com a voz aguda.

“Hã...” Ele tossiu de maneira muito suspeita, como se na verdade estivesse rindo. “Parece que você está pronta para pular pela janela.”

“Não! Não, nãoããã, não. É só que...” Ela poderia contar nos dedos de uma das mãos o número de vezes em que conhecera familiares de parceiros depois de Mateo. Na verdade, podia contar em um dedo, e se tratava de um acidente infeliz envolvendo sexo ruim (com chantili, para desespero de Dani e de seu pH vaginal), um timing incrivelmente péssimo e uma chave reserva debaixo do tapetinho da entrada.

“Relaxa”, Zaf disse, rindo. “Não é pra já. Só estou presumindo que vai acontecer em algum momento, a menos que você tenha habilidades impressionantes de esquiva.”

Dani deu uma risadinha nervosa e se perguntou quão impressionantes aquelas habilidades de esquiva teriam que ser. Não que ela fosse evitar conhecer a última genitora viva de Zaf, de quem ele tinha falado com tanto amor, de quem era visivelmente próximo, alguém que poderia facilmente odiar Dani, reprovar o cabelo, os peitos e a bruxaria dela. Não que Dani se *importasse*, mas Zaf talvez se importasse, e...

“Tá bom”, Zaf disse, com firmeza. Um sorriso curvou levemente seus lábios. “Vamos mudar de assunto, antes que sua cabeça exploda.”

“Minha cabeça não vai explodir.”

“Não vai mesmo, porque vamos mudar de assunto.”

Ela riu. Como Zaf sempre conseguia fazê-la rir? E por que ele parecia muito mais calmo em relação a tudo aquilo, como se as coisas entre os dois não tivessem se transformado do nada? Não

que Dani estivesse reclamando. Um deles precisava manter a calma naquele território desconhecido, e fazia sentido que fosse Zaf. Até mesmo naquele momento, o modo como ele a tocava, o ritmo fácil de sua respiração e seus olhos calorosos faziam com que os batimentos cardíacos de Dani desacelerassem um pouco.

Zaf acariciou a bochecha dela com o dedão, em um movimento apaziguador que prosseguiu por um bom tempo antes que ele voltasse a falar. “Uma vez te perguntei por que você não acreditava em relacionamentos.”

“Eu lembro.”

“Você me respondeu. Mas ultimamente andei me perguntando” — o tom dele era mais cuidadoso agora — “se você me contou tudo.”

Dani engoliu em seco. “Não contei.”

As mãos de Zaf encontraram a cintura dela por debaixo do lençol, e seguraram firme. “Quer me contar agora?”

Na verdade, não. Aquela era sua resposta instintiva, pelo menos. Só que, pela primeira vez, Dani não concordava com ela.

Dani pensou em todas as coisas que Zaf havia lhe contado, em todos os problemas que havia compartilhado com ela simplesmente porque Dani pedira. Na dor que ele havia suportado, com que havia lutado, que havia vencido, e em quão honrada se sentia sempre que Zaf permitia que ela vislumbrasse. Se ele podia contar tudo aquilo a Dani, certamente ela podia lhe contar uma outra história constrangedora, não?

Sim. Sim, ela podia.

Portanto, Dani começou. “Eu me apaixonei uma vez. Na faculdade, conheci um garoto chamado Mateo. Ele foi meu primeiro namorado. Talvez eu tenha começado tarde. Era a maior nerd.”

Zaf apertou o quadril dela. "Você ainda é a maior nerd."

"É verdade, mas na época eu era muito mais. Equilibrar minha nerdice com interações humanas reais nunca foi fácil para mim."

Ele retorceu os lábios. "Sério?"

"Ah, cala a boca."

"Eu nem tinha percebido."

Dani deu um peteleco no peito dele.

Zaf irrompeu em risos, e ela permitiu que o calor daquele som a banhasse. "Continua", ele disse. "Me conta o resto."

"Ah. Sim. Bem. Percebi que eu não era tão naturalmente emotiva quanto as outras pessoas. Eu sabia que focava demais nos estudos, que podia ser franca demais e sentimental de menos. Mas queria ser uma boa namorada", ela disse, franzindo o nariz ao se lembrar daquilo. Era tão nova e tinha sido tão ridícula em pensar que podia fingir ser de determinada maneira para fazer alguém feliz. Em pensar que *deveria* fazer aquilo. Dani nunca mais cometeria aquele erro.

Não mesmo?

Dani pigarreou. "No fim das contas, não importou. Fazia quatro anos que estávamos juntos quando o peguei transando com outra. Literalmente *peguei*, quando entrei no quarto. Ele não sabia que eu ia chegar. Eu queria que fosse surpresa. Porque, você sabe. Romance e tal."

Zaf rosnou. Como um predador faria antes de devorar sua presa. Ele também tinha uma expressão feroz no rosto. "Que *cuzão*."

"Hum", Dani fez que sim. "Foi o que eu disse. Mas depois ele me falou que tinha sido obrigado a ter um caso, porque eu era insensível, negligente e *fria*. Foram as palavras dele, que devia estar

se sentindo muito poético. Aparentemente, ele se sentia solitário comigo.”

A mão no quadril de Dani apertou um pouco mais antes de relaxar dedo a dedo, como se forçada. “*Quê?*”, Zaf disse por entre os dentes cerrados.

“Uhum.” Dani tentou sorrir. Não se saiu muito bem. “O lance é que eu me esforcei muito, e cheguei a me iludir achando que estava conseguindo, mas na verdade fui um fracasso.”

“Fracasso?” Zaf não só fez uma careta. Ele parecia zangado como ela nunca o tinha visto, quase se eriçando todo. Como estava sem camisa e era perigosamente bonito, Dani até gostou, mas tentou não parecer animada demais, porque estava claro que aquilo era sério para ele.

Zaf tinha ficado muito puto.

“Você não foi um fracasso, Danika”, ele disparou. “Você só tentou fazer a pessoa que amava feliz. O fato de serem incompatíveis não representa um fracasso pra ninguém. Fracasso é mentir, trair e botar a culpa em qualquer outra coisa além da própria covardia e sordidez. Você sabe disso, né?”

“Eu...” Dani hesitou, impactada pelo calor nos olhos dele. Ela também tinha ficado brava, claro que tinha. Mas talvez não tanto *assim*. Porque, na época... ela não sabia daquilo. “Agora eu sei”, ela disse, afinal.

“Que bom.” Ele a abraçou com mais força, puxou-a para mais perto e pareceu ainda mais ameaçador. “Aquele merdinha. Como era o sobrenome dele mesmo?”

Ela arqueou uma sobrancelha. “Eu não disse.”

Zaf grunhiu.

“Enfim” Dani engoliu em seco. “Depois disso, me recusei a mudar quem sou em nome de qualquer relacionamento. Não ia fazer papel de boba de novo, colocando romance antes do meu trabalho, me desdobrando para reservar tempo para conversas vazias sobre como o dia de alguém tinha sido, me forçando a fazer gestos grandiosos ou fingindo que achava aniversários de namoro importantes...”

Zaf ergueu a cabeça e cerrou os olhos para ela. “Você não liga pra aniversários de namoro?”

Ela dispensou aquilo com um gesto. “O Dia dos Namorados existe por um motivo. Marcar a passagem do tempo como se o relacionamento fosse uma prisão me parece deprimente, desnecessário.” Ela fez uma pausa. “O ponto é: depois que parei de ceder, todas as minhas tentativas de me relacionar com alguém foram por água abaixo. No fim, pareceu um desperdício do tempo e da energia de todo mundo continuar tentando. Aí parei.” E agora ela estava de volta à ativa, se apegando ao homem mais fofo do mundo, que merecia ter o melhor relacionamento possível e era inteligente o bastante para ter consciência daquilo. *Boa, Danika*. De repente, ela sentiu um nó na garganta e o coração martelando as costelas.

“Ei”, Zaf disse, apertando o braço dela. “Olha aqui. Aquele cara não era só um cuzão, ele devia ter merda na cabeça se não conseguiu enxergar que você é perfeita. Mas *eu* consigo. E você sabe, sim, fazer as pessoas felizes, Dan. Lembra quando falei que relacionamentos não deveriam esgotar nossas energias? Que, quando valesse a pena, quando fosse certo, você ia *querer* ceder?”

“Lembro...”

“Bem, vai ver que esse é o ponto em que a gente está. Porque você já está fazendo por mim todas essas coisas que acha que não consegue fazer.” Houve uma pausa. “A não ser pelo lance dos aniversários de namoro. Depois falamos disso.”

Ela queria rir — deveria rir. Ou sorrir e dizer: *Ai, meu Deus, é verdade!*, enquanto se dava conta de que de repente tinha se tornado perfeita. Só que não tinha se dado conta. Não podia. Não era assim que a vida funcionava. Por isso, um desconforto subiu por sua garganta, quente e incômodo, como se ela estivesse mergulhada até o pescoço na água quente.

“Não”, Dani disse, devagar. “Essas coisas não mudam da noite para o dia. Eu... ainda sou ruim em relacionamentos.” Claro que era. Tinha que ser. Tinha acabado de decidir, no dia anterior, que os dois iam tentar fazer esse lance todo, e falar de Mateo a lembrava de que os detalhes de *como* iam fazer aquilo estavam totalmente nebulosos.

Como ela daria ao homem com quem se importava tanto o tipo de relacionamento que ele queria? Dani sentia como se seus pulmões estivessem cinco vezes menores. Ela se sentou direito na cama, para conseguir respirar melhor.

“Danika”, Zaf disse, tranquilo, se sentando ao seu lado. Quando pôs a mão no ombro dela, pareceu mais pesada que o normal. “Você não é ruim em relacionamentos. Você é ótima. É inteligente, fofa e generosa, me faz sorrir e me ouve quando preciso. Quando *qualquer um* precisa, aliás. Então não...”

“Para”, ela disse, tensa. “Só para, tá? Sei que tenho qualidades, Zafir, claro que tenho. Assim como sei que sou antissocial, mordaz, às vezes entediante, completamente inflexível e... e nem um pouco perfeita. Nem de longe. Estou tentando, mas não fica esperançoso

demais. Não vou me transformar em outra pessoa.” Seus ombros se curvaram e ela focou no lençol a sua frente, mas não conseguia parar de olhar desesperadamente para Zaf de soslaio. De ver como a expressão dele se desfazia com suas palavras, por mais que aquilo a magoasse. Como se cutucasse uma ferida.

Algum recanto de sua mente apontou as mudanças repentinas em Zaf, numa lista clínica. *Ele está tenso. Está preocupado. Não está mais sorrindo.* Tinha sorrido a porra da manhã inteira, mesmo quando falavam de tudo o que ele havia passado. Mas Dani tinha acabado de tirar qualquer resquício de alegria do rosto dele. Ela já estava estragando tudo, agindo daquele jeito, mas não conseguia relaxar.

“Não quero que você seja outra pessoa.” Zaf foi firme, mas ela notou um leve pânico em sua voz. “É isso que estou tentando dizer, Danika. Eu...” Ele hesitou, mas continuou falando. “Eu te amo do jeito que você é. Exatamente do jeito que você é.”

Os pensamentos de Dani congelaram na mesma hora. “Quê?”, ela disse, fracamente. Ou talvez sua voz só tivesse soado fraca porque ela sentia a pulsação nos ouvidos.

Ele a olhou fixamente. “Acho que você me ouviu, linda.”

A mente de Dani repassou diferentes explicações, mas não conseguiu encontrar nenhuma que parecesse razoável. Ela abriu a boca sem ter ideia do que ia sair. O medo e a ansiedade a fizeram engasgar antes que conseguisse dizer: “Como?”.

“Eu... quê?” Zaf pareceu dolorosamente incerto ao lado dela.

“Como você pode me amar?” Agora que ela conseguira botar para fora, se dava conta de que era a pergunta certa a fazer. A única pergunta a fazer. “Como pode ter tido a chance de começar a se

apaixonar? Sei que sou divertida, claro. Não me leve a mal.” Sua tentativa de rir pareceu perturbadoramente amarga. “Mas passei o último mês afastando você, te usando apenas pra transar, te entediando até a morte com várias neuroses relacionadas a trabalho. Então quando exatamente você...?”

“Para.” Ela via que Zaf estava tentando manter a calma, mas também o conhecia bem o bastante para identificar a tensão em seu maxilar e o tom diferente de sua voz. “Você passou o último mês tentando me fazer feliz, me fazendo gozar mais do que eu achava que era humanamente possível e fazendo parte de um plano mirabolante só para me ajudar, para ajudar o meu projeto. É sério que não enxerga como eu poderia te amar? Te amar é a coisa mais fácil que eu já fiz na vida.”

Te amar é a coisa mais fácil que eu já fiz na vida. Se ela fosse ridícula o bastante para acreditar naquilo, apesar de todas as evidências que demonstravam o contrário... Se aquilo soasse remotamente como um fato, e não um conto de fadas... Mas ela não era ridícula, e aquilo não soava como um conto de fadas, e o coração de Dani... o coração de Dani não se contentou em parar. Ele entrou em colapso.

“Ai, meu Deus”, ela soltou. A constatação finalmente estava vindo, lenta e terrível, como um sol vermelho-sangue em um pesadelo pós-apocalíptico. Ela se levantou, levando o lençol consigo.

“Danika, o que quer que você esteja pensando, sei pela sua cara que está totalmente errado.”

Só que não estava, porque fazia todo o sentido. *Aquela* era a única explicação lógica. “Sei o que você está fazendo, Zafir.”

Ele a encarou, parecendo perdido. Porque claro que ele não estava fazendo aquilo de propósito. Zaf nunca faria nada do tipo de propósito. “O que...?”

“Temos fingido um relacionamento, dormido juntos, extrapolado todos os limites. Então nós dois... nós dois ficamos confusos, e acabamos *assim*.” Ela gesticulava sem controle, tão sem controle quanto seu pulso acelerado devido ao pânico. “E agora você está romantizando tudo, tentando transformar isso numa história de amor épica, tentando fazer de mim algo que nunca fui...”

“Está falando sério?”, ele perguntou.

“Não aja como se eu estivesse louca”, ela retrucou, procurando suas roupas no chão. “Só... só se pergunta por um segundo se o que está sentindo tem alguma relação comigo ou se é parte da... parte da história que quer construir para si mesmo.” *E depois me diz. Me diz a verdade, e que ela seja boa, pra que eu possa acreditar nela, me acalmar, voltar pra cama e parar... parar de sentir que vou morrer...*

Zaf se levantou com um xingamento, então enfiou uma calça de moletom. “Danika, na primeira noite em que dormimos juntos, fui embora da sua casa pirando porque sabia que sentia algo por você e não conseguia enxergar *nenhum* jeito de dar certo entre a gente. Achei que na melhor das hipóteses poderia acabar esquecendo você. Acha que esse é o tipo de coisa com que eu fantasio? Não é como se você fosse a opção mais fácil!”

Dani parou na hora e se virou para encará-lo. “Tem razão”, ela sussurrou, porque se falasse mais alto poderia... poderia chorar. “Não sou nem de longe a opção mais fácil.”

Aquilo pareceu atingi-lo. "Eu não estava falando no mau sentido! É exatamente o oposto, porra. Não vim parar aqui por acaso." Zaf avançou devagar na direção dela, como alguém avançaria na direção de um animal ferido. Os dois tinham acordado juntos, ele dissera que ela era perfeita, que ele a amava. Deveria ter sido um momento fofo e romântico, como ele merecia, mas ela o transformara *naquilo*.

Putá merda, ela não podia simplesmente ter agradecido e feito um café pra ele?

"Eu te amo", Zaf repetiu, calmo. "E não *apesar* disso ou daquilo. Não porque não vejo quem você é. Não porque quero que você seja outra pessoa. Eu só... te amo."

Ele não amava, claro. Não podia amar. Era tudo ilusão. E ela queria ser iludida também, queria *muito*, mas... mas não ia durar. Nunca durava.

Zaf ia continuar achando que a amava quando ela estragasse tudo, quando não suportasse mais a pressão das expectativas dele? Quando Dani tornasse tudo difícil a porra do tempo todo, só para ver se Zaf ia aguentar ou quebrar, se isso ou aquilo ia ser a última gota? Naquele momento, ela conseguia visualizar mil maneiras como suas questões poderiam afetá-lo, e só queria...

Em todos os relacionamentos em que estivera, alguém machucava e alguém saía machucado. Danika não queria estar em nenhum daqueles papéis. Não com ele.

"Desculpa", ela disse.

Ele sabia o que ela estava querendo dizer. Ele sempre sabia o que ela estava querendo dizer. "Não. Danika, *não*."

"Isso foi um erro."

Zaf deu um passo para trás, como se ela tivesse lhe dado um tapa. Sua expressão se fechou, e o coração dela também. “Não”, Zaf disse. “Estamos... estamos tentando. Tenta comigo, Dan. Me dá alguma coisa.”

“Nós *tentamos*”, ela o corrigiu, porque tinha que dar o fora dali antes que as primeiras lágrimas viessem e acabassem com ela. “Mas não deu certo.”

Quatro horas depois, Zaf estava no campo de rúgbi, se despedindo dos últimos garotos e se dando tapinhas metafóricas nas costas por ter conseguido fingir que era um ser humano de verdade, vivo, durante todo o treino.

Na verdade, ele não era um ser humano naquele momento. Era mil caquinhos, e pela primeira vez em muito tempo não via um jeito de voltar a ser um só.

Não deu certo.

Zaf não conseguia esquecer a expressão no rosto dela, o horror, o medo e a descrença quando havia lhe dito que a amava. Por que *caralhos* ele havia dito aquilo? Ele *sabia* que Dani estava assustada, que ela acabara de admitir o quanto seu ex-namorado totalmente perturbado havia mexido com a cabeça dela.

Porque queria que ela ficasse bem de novo, que parasse de se preocupar. Zaf a tinha visto entrando em pânico e, em vez de lembrar que se tratava de Danika e que ela precisava de tempo e espaço, a tinha tratado como se ela fosse outra pessoa — alguém que ficaria feliz com uma *declaração de amor*. Zaf se deu conta de que, quando se importava com algo, tinha uma tendência a ser um pouco... rígido. A estabelecer objetivos e se ater a eles, a seguir o caminho que conhecia. Mas ela havia pedido para darem um passo

de cada vez, e ele simplesmente *correra*. Desde quando seguir o roteiro perfeito importava mais que a mulher com quem ele queria ficar?

Não deu certo.

Zaf ainda estava com dificuldade de engolir aquilo, como se espinhos arranhassem sua garganta, quando identificou uma figura muito magra e familiar assombrando a beira do campo. Usando hijab verde-claro, calça e blusa creme, e sapatos também verde-claros. Com óculos escuros Hollywoodianos e uma bolsinha brilhante. Com as mãos na cintura e uma postura que dizia: *Argh, grama.*

Kiran.

Algo desmoronou dentro de Zaf, só um pouquinho. Ele se aproximou e a puxou para um abraço, tirando-a um pouco do chão.

“Cuidado”, ela reclamou, batendo nele com a bolsa. “Vai amassar a seda.”

Ele a abraçou com mais força. E Kiran, apesar da suposta irritação, retribuiu, aterrando-o como uma âncora.

As irmãs de sangue de Kiran estavam espalhadas pelo mundo: uma era engenheira em Toronto, outra era cientista em Nairóbi e a última era artista em Lahore. Mas Kiran era do tipo que formava uma família onde quer que estivesse, um dos elos de prata que mantinha aquele mundo de merda unido. Ela amara os Ansari logo de cara, e deixara aquilo claro. E Zaf a amava também.

Depois de um tempo, ela sussurrou na orelha dele: “Meu bem, você está chorando?”.

“Não”, Zaf disse. “Estou extravasando dor masculina pelos olhos.”

Kiran riu. Zaf tentou rir também, afinal, era o objetivo pelo qual tinha dito aquilo, mas não conseguiu. Porque ele também sofria.

Estava sofrendo. Pensar naquelas palavras foi o bastante para rachar a represa de concreto frio que havia dentro dele, e seus sentimentos muito vívidos extravasaram com toda a força, como a mais violenta cachoeira do mundo. *Caralho*, ele pensou. *Não, obrigado, não preciso disso*. Mas, mesmo assim, aconteceu.

“Ai”, ele murmurou, e colocou Kiran no chão para esfregar o peito.

Ela o olhou, franzindo a testa de preocupação. “Zaf. O que foi que aconteceu?”

“Nada.”

“*Nada?*” Ela rebateu, cética.

Jamal chegou perto deles, surpreendendo Zaf, que estava tão distante que havia esquecido que seu amigo também estava no campo. “Liguei pra Kiran porque você parecia estar morrendo e não queria falar comigo.”

“Fofoqueiro”, Zaf resmungou.

“Quando eu estava vindo”, ela explicou, “A Fofucha disse que você devia estar chateado porque se apaixonou por sua namorada de mentira.”

“Sua filha também é uma fofqueira”, Zaf disse.

“Ou você que é óbvio demais”, Jamal o corrigiu.

Kiran apontou um dedo para ele. “Você não está ajudando. Termina de arrumar as coisas.” Ela enlaçou o braço de Zaf com o seu — o que poderia ser desconfortável, se os dois não tivessem anos de experiência com a diferença de altura — e o puxou para uma parte mais afastada do campo. “Vamos andar um pouco.”

“Tá bom.” Zaf suspirou, e os dois deixaram Jamal para trás, bufando indignado.

Depois de alguns passos e um longo momento de silêncio, Kiran cutucou as costelas de Zaf. "E conversar. Vamos andar e conversar."

"Sobre o quê?", ele perguntou, como se não soubesse.

"Para de me irritar, ou vou te bater com a bolsa de novo."

Sério, para que serviam as irmãs?

Para fazer você se sentir normal quando está prestes a deixar tudo para trás e ir morar em um caixote numa floresta.

Bem, talvez para aquilo.

"Hoje de manhã, eu disse a Dani que a amo. E ela não acreditou em mim."

Kiran o encarou. "Ah. Nossa. Quanto tempo faz que vocês dois estão juntos de verdade?"

"Hum... quando eu falei, fazia umas doze horas. Dependendo do ponto de vista."

Kiran continuou encarando Zaf. Depois bateu nele com a bolsa.

"Ai. O que foi? Estou falando!"

"Me deixa adivinhar. Você despejou todos os seus sentimentos em cima de Dani antes que ela estivesse pronta. Ela reagiu mal e agora você está aí todo deprimido." Kiran ergueu a mão com que segurava a bolsinha aterrorizante, e Zaf tentou não se encolher. "*Homens.*"

"Eu sei, eu estraguei tudo", ele disse. E, puta merda, como sabia. Sentia pedras na sua caixa torácica, carvão queimando na barriga, blocos de cimento nos pés. Sentia como se uma parte sua tivesse sido arrancada. A única coisa que o mantinha de pé era saber que já havia superado coisas piores e sobrevivido. Que sempre sobreviveria.

Mas aquilo não fazia com que doesse menos.

“Acho que ela nunca vai querer as coisas que eu quero”, Zaf admitiu, e as palavras quase o sufocaram. “Dani me disse isso desde o começo, e eu fingi que tinha entendido, mas... parte de mim esperava que, se eu mostrasse como podia ser bom, ela mudaria de ideia. E isso é bem zoadado. Dani só ia mudar de ideia a nosso respeito por vontade própria. E talvez isso pudesse mesmo acontecer, mas não dei o tempo necessário a ela.” Zaf fez uma pausa. “Ou talvez ela não estivesse mudando de ideia, nada, e só passou a noite comigo porque Inez Holly mandou. Sei lá.”

Kiran arqueou as sobrancelhas. “Não entendi direito essa última parte, então vou ignorar, se não se importa.”

“Eu bem que queria poder ignorar”, ele resmungou. *Não deu certo.* As palavras voltaram a assombrá-lo, e daquela vez Zaf percebeu que assumiam a cadência familiar e provocadora da crise de ansiedade. Ele inspirou e expirou profundamente, depois repetiu o processo. E continuou falando, porque às vezes era o único jeito de desemaranhar os nós. “Resumindo: acho que a magoei, indo longe demais, rápido demais. E com certeza me magoei. Não sei se podemos ter algum futuro, e ela tem certeza de que não temos, então... talvez seja o fim.”

“Ah”, Kiran murmurou, depois de um tempo. “Entendi. Sinto muito, Zaf. De verdade.”

“Eu sei”, ele disse, baixo.

“Você vai... tentar falar com ela?”

“Não sei.” Zaf queria. Mais do que qualquer outra coisa, ele queria ir atrás dela e consertar tudo — porque era aquilo que devia fazer. Era assim que se chegava ao felizes para sempre. Só que por causa de seu desejo de um felizes para sempre, de sua ideia de como o

amor *deveria* ser, ele havia se metido naquela confusão. Zaf pensou mais um pouco, depois balançou a cabeça. "Insisti muito, por muito tempo, e só a deixei em pânico." Zaf conhecia o pânico. Conhecia a pressão do medo, o modo como deixava a pessoa abalada e incerta de quem era. Ele não queria mais provocar aquilo em alguém que amava. A mera ideia o deixava fisicamente doente. "Não sei o que mais posso fazer além de deixar Dani em paz."

"Se foi mais do que ela pôde aguentar", Kiran disse, devagar, "talvez seja uma boa ideia. Sei que às vezes você se preocupa muito com... certo ou errado, ruim ou perfeito. Mas nem tudo é preto no branco, Zafir."

"É", ele concordou. "É." Zaf queria aprender mais sobre nuances, ou melhor, se lembrar de que existiam. Sabia que era capaz daquilo.

Mas uma coisa nunca iria mudar: o amor dele por Danika era preto no branco, absoluto e nada sutil, não havia nenhuma nuance ali. Ele a amava completamente, inflexivelmente. E, se aquilo parecesse errado para Dani, Zaf teria que lidar com a perda.

Ah, ele estava tão fodido. Mas pelo menos não estava sozinho.

Zaf parou e se virou para encarar a cunhada. "Kiran... eu já agradei a você?"

Ela piscou e ergueu as sobrancelhas. "Pelo quê?"

"Por ficar do meu lado. Naquela época. Quando meu pai e Zain... quando eles morreram. Tentei fazer com que me deixasse em paz. Ou me odiasse. Mas não funcionou."

"Bem", ela disse, com um sorriso, "é impossível odiar você." Então a expressão dela se abrandou. "E você ficou comigo também, sabia? E Fatima não poderia ter um tio melhor." Kiran se esticou para levar a mão à bochecha dele. "Você é meu irmãozinho, Zaf. Eu te amo.

Não vou te deixar. Sua mãe e eu, Jamal e Fatima, somos todos uma família.”

Uma família. Uma família incompleta, claro, mas aquilo não queria dizer que era uma família arruinada. Ele e Danika tinham se separado naquela manhã, mas nada estava arruinado. Porque o mundo não era dividido em finais infelizes e felizes. Havia bênçãos em todas as partes, e muitas formas de alegria ao seu redor.

Cada uma delas devia ser valorizada.

Danika não tinha certeza de qual era a sensação de morrer, mas imaginava que devia ser próxima do estado em que se encontrava. Não estava fisicamente machucada. No entanto, no minuto em que ela batera a porta do apartamento de Zaf ao sair, sentira como se vários de seus órgãos vitais tivessem sido arrancados de seu corpo de uma única vez. Foi como se tivessem ficado presos do outro lado da porta, batendo na madeira para tentar alcançá-la, e ela pudesse sentir cada golpe.

Agora, pelo que parecia ser a milésima vez no dia, um soluço chacoalhou seus ombros, e ela sentiu o doloroso vazio que tinha dentro de si.

Ao lado dela, no sofá enorme e fofinho de Chloe, Eve parecia preocupada. “Nossa.” Ela lançou um olhar sério para Sorcha e murmurou: “Você fez bem em trazer Dani aqui.”

“Não fez, não.” Dani soluçou (sim, soluçou *de novo*, porque aparentemente seus dutos lacrimais não estavam funcionando direito) atrás de um bolo de lencinhos de papel.

“E em me ligar”, Eve prosseguiu.

“Não fez, *não*.” Dani olhou feio para a melhor amiga, do outro lado da sala. “Eu nunca te entreguei pras *suas* irmãs, sua... *traidora!*”

Sorcha arqueou as magníficas sobrancelhas, o que tinha um efeito bastante forte. “Se um dia eu te ligar me matando de chorar dos fundos de uma lojinha qualquer e pedir um resgate de emergência porque não consigo nem chegar em casa sozinha, você tem minha permissão formal para ligar para qualquer uma das minhas irmãs.” Ela fez uma pausa. “Menos Aileen. Nem pensa em ligar pra Aileen.”

A tentativa de resposta ácida de Dani foi interrompida por sua irmã mais velha. “Redford”, Chloe disse, imperiosamente, pressionando o telefone contra a orelha, “se você tiver algum amigo envolvido em negócios esquisitos que tope jogar alguém no rio Trent, pode chamar. E diz que eu pago bem.”

Dani tentou rir, mas apenas um guincho abafado saiu, acompanhado por uma bolha de ranho.

“Ah, meu bem.” Eve passou outro lençinho com cheiro de lavanda a ela. “Que situação lamentável.”

“Não tem problema”, Dani insistiu, depois de assoar o nariz. “Eu estou bem. Está tudo bem.” Ela tentara e não dera certo, mas aquilo já era de se esperar. Então por que doía tanto? Não devia doer. Tampouco devia doer saber que Zaf havia se iludido e se apaixonado por ela, porque não era como se *ela* o amasse. Só se empolgara demais com a aprovação de Inez Holly e tomara algumas decisões equivocadas na noite anterior. Os eventos daquela manhã tinham sido um alerta do universo, um lembrete de quem Dani era e das lições que tinha aprendido quando se tratava de romance. Só aquilo. *Nada mais.*

Ela abriu a boca para explicar aquilo de modo claro e tranquilo, mas tudo o que saiu foi outro lamento de perfurar os ouvidos.

Ops.

“Quando cheguei”, Sorcha disse, muito séria, “não dava pra entender nada do que ela dizia, só *Zaf*.”

“Foi por isso que liguei em vez de mandar mensagem”, Chloe dizia ao telefone, com toda a paciência. “Não quero deixar rastros. Não vejo motivo pra terem grampeado seu número. É uma maneira segura de tramar a morte iminente de um homem.”

“Chloe, por favor”, Dani conseguiu dizer. “Zaf não fez...”

“Estou vendo com meus próprios olhos”, Chloe disse para Dani, séria, antes de se concentrar na ligação de novo. “Não estou sugerindo nada, lindo, só estou dizendo que você é um homem de muitos talentos que pode conhecer outros homens de muitos talentos, principalmente considerando que artistas são famosos por seus sentimentos intensos. Isso. Isso. É claro que não quero que você seja preso. Não estou sugerindo que deixe te *prenderem*. Não. Vou perguntar, espera. Danika, você prefere chocolate com laranja ou amargo?”

“Os dois”, Danika disse, taciturna.

“Pra mim também”, Eve disse.

“Eu também”, Sorcha concluiu.

“Todas queremos os dois. Ah, para com isso, nossos dentes aguentaram muito bem até agora. Tchau. Também te amo.”

Dani sentiu o estômago se embrulhar e uma pontada de dor nas costelas. *Eu te amo*, Zafir havia dito. *Exatamente do jeito que você é*. Aquilo parecera tão maravilhoso, vindo daquela boca linda,

naquela voz lenta e familiar. Dani desejava tanto aquilo que ficara tonta. Mas não podia... não podia simplesmente...

Por que ele *diria* aquilo? Porque diria aquilo para ela, tornando tudo mais impossível ainda? Dani estava começando a aceitar o fato de que podiam ficar juntos de verdade, que talvez não fosse *estragar* tudo. Zaf esperava que ela acreditasse que de alguma maneira havia se apaixonado por ela em cinco minutos?

Sim. Ele esperava que você acreditasse, porque ele nunca mente. E porque ser romântico não o torna um idiota.

Mas Zaf devia ter se enganado. *Tinha* que ter se enganado, porque Dani nem *tentara* fazer com que se apaixonasse por ela. Só que...

Só que ele meio que havia dito a Dani que ela não precisava tentar. O que, agora que ela estava conseguindo respirar de novo, e que conseguia pensar sem o peso da vida inteira de sonhos e esperanças de Zaf a esmagando, parecia bastante razoável, e a cara dele.

Ai, meu Deus. Ai, meu Deus, ai, meu Deus, ai, meu Deus.

As lágrimas voltaram a rolar.

"Minha nossa", Chloe disse, deixando o celular de lado. "Você tem que contar pra gente o que aconteceu, Danika, ou vou ter que ligar pra Gigi."

"Acho... acho que Zaf me *ama*", Dani choramingou.

Houve um momento de silêncio antes que Sorcha reagisse, com cautela. "Ah... não?"

"Mas eu não... ele não *devia*..." Dani soluçava. "Ele não pode! Só que parece que ele gosta mesmo de mim, e é maravilhoso além da

conta, então talvez *possa*, e se for verdade mesmo eu acabei de estragar tudo.”

“Desculpa, não quero interromper”, Eve disse. “Mas só queria confirmar antes que você continuasse. Está me dizendo que seu namorado de mentira, com quem você claramente vem dormindo...”

“Parabéns, por sinal”, Chloe interrompeu.

“... disse que te *amava*, e por algum motivo você decidiu que ele... inventou tudo?”

“Isso”, Dani conseguiu dizer, com a voz bem fraca.

“E o que foi que você disse pra ele depois?”, Eve perguntou, com toda a delicadeza.

“Eu disse... disse que tinha sido um erro.”

“Ah, puta merda”, Sorcha resmungou. “Jesus Cristinho, dai-me *forças*. Danika Brown, vou matar você...”

“Não fica brava *comigo*”, Dani retrucou. “Eu não estava... Eu não estava pronta! Só pedi uma boa amizade colorida pro universo, e todos os sinais me levaram a acreditar que tinha conseguido uma.”

“Ah, pelo amor, Dani!”, Sorcha gritou. “Você *sabe* que não é assim que sinais e invocações funcionam. Não é pra usar acontecimentos aleatórios como desculpa para não ter que lidar com o que realmente quer. É pra prestar atenção ao que ressoa em você. É pra ficar ligada!”

“*Sério* que essa é a sua grande solução?”, Dani perguntou. “Focar no que eu quero? Porque isso envolveria me permitir ficar perdida, confusa e apaixonada por ele, o que é coisa demais com que lidar, Sorcha!” Ela ainda não havia tido uma chance de considerar os prós e os contras, ou verificar por todos os ângulos se seria seguro. Pelo amor de Deus, não tinha nem anotado nada, e as coisas nem

contavam a menos que estivessem no papel, o que significava que Dani estava envolvida na prática altamente perigosa de amar Zaf sem aprovação, então não era surpresa que tivesse estragado tudo e...

"Ai, meu Deus", ela ofegou. Sua mente, sua respiração, seu *coração*, tudo parou.

Amar Zaf. Merda.

Merda, merda, merda.

Ela amava Zaf.

Dani considerou a ideia de um aspecto e de outro, examinando-a cautelosamente como se do nada um alienígena malvado pudesse se projetar da barriga dela, e finalmente concluiu que se tratava de uma verdade irrefutável, se não totalmente segura. Ela amava Zaf. O que explicaria por que sentia como se estivesse sendo esmagada por uma roda quando ele tivera a audácia de dizer que a amava.

Sorcha bateu palmas. "Ah, pronto. *Agora*, sim! Ela merece um prêmio."

Dani voltou a chorar.

"Sorcha", disse Eve, que, para variar, parecia estar totalmente concentrada no assunto em questão. Tinha até tirado os fones de ouvido. "Não estou acompanhando a situação, e Dani está me assustando um pouco. Conta o que você sabe, ou vamos soltar o gato em cima de você."

Sorcha olhou em volta. "Que gato?"

Chloe tirou os óculos e começou a limpá-los na barra da saia rodada com estampa de cerejas, um gesto que sem dúvida esperava que fosse ameaçador. "Ele prefere evitar companhia, a menos que

seja estritamente necessário”, ela disse. “Mas não se engane: é uma criatura feroz.”

“Do que é que vocês...?”

Dani decidiu que aquele poderia ser um bom momento para se recompor e explicar tudo para as irmãs. “Quando Zaf e eu começamos a dormir juntos”, ela disse, com a voz um pouco trêmula, “criamos algumas regras. Sempre tenho regras. Faz com que tudo seja mais... seguro.”

“Mais seguro que o quê?”, Chloe perguntou, franzindo a testa.

Dani respirou fundo algumas vezes e enxugou o rosto com mais alguns lençinhos antes de responder. Ela explicou os fatos para si mesma tanto quanto para as outras, mapeando suas próprias emoções — emoções que claramente havia mantido trancadas por tempo demais, se mal conseguiu reconhecê-las quando se deparara com elas.

“Mais seguro que sentir alguma coisa”, ela disse. “Porque isso machuca. E regras, não. Mas tudo era tão fácil com Zaf que esqueci os riscos. Até que as coisas foram longe demais, e, de repente, ele me amava. Não... não parecia plausível. Ou seguro. Eu não queria fracassar ou estragar tudo. Não queria magoar Zaf, e não queria admitir que ele podia me magoar.”

Chloe olhou para ela, com cautela. “Entendi. É compreensível. Mas, meu amor... você parece magoada agora, e aposto que ele também se magoou. Então qualquer que tenha sido o caminho que você escolheu para evitar isso...”

“Não foi o certo”, Dani sussurrou, apoiando a cabeça nas mãos. “Eu sei. Eu sei. Não precisa me contar isso.” Não mais, pelo menos. Porque ela estava sendo lógica agora, em vez de se deixar guiar pelo

medo e pelo desespero, e estava na cara que se esforçar ao máximo por Zafir e fracassar teria sido muito menos doloroso que...

Que desistir. Ele havia dito que a amava, e Dani tinha simplesmente desistido.

Seu primeiro instinto era de que ele ficaria melhor sem ela. Mas então ela se lembrou de que era a porra da Danika Brown, de que tinha o e-mail de Inez Holly, de que atingia seus objetivos independentemente de qualquer coisa, e, se amar Zaf — direito, do jeito que ele merecia — fosse um dos seus objetivos, ela seria capaz de conquistá-lo.

Presumindo que ele ainda a queria, o que, depois do fiasco daquela manhã, já não era mais tão óbvio.

“Vou consertar tudo”, Dani disse, porque botar as palavras para fora as tornava mais reais. “Ou pelo menos vou dar o meu melhor.”

“Que bom”, Chloe disse, simpática. “Mas tenho que perguntar: fora esse incidente infeliz, você está bem? Com... seus sentimentos e tudo mais?”

Dani hesitou. Então sussurrou, com sinceridade: “Não tenho certeza”.

Chloe a encarou com seu olhar de irmã mais velha que tudo via e fez um barulhinho encorajador, que significava: *Elabora, antes que eu arranque isso de você mesmo que tenha que te matar.*

Aparentemente, ao sofrer aquele colapso ranhoso por conta de seu relacionamento atual, Dani tinha revelado coisas demais. Acerca de sua estranha e possivelmente insalubre postura em relação a relacionamentos. Em nome dos fiapos de dignidade que ainda lhe restavam, ela se esforçou ao máximo para não revelar tudo. Infelizmente, sua vontade que costumava ser de ferro estava mais

para alumínio aquele dia, de modo que, em alguns segundos, a história toda veio à tona.

Mateo e as coisas que ele havia dito, a humilhação abjeta e a dor angustiante de Dani. Os fracassos e as rejeições que se seguiram, e a decisão que Dani havia feito de evitar o romance de vez. Tudo o que ela havia aprendido sobre o amor — ou melhor, sobre se proteger dele — foi exposto na sala, e as irmãs caíram em um silêncio solene. Enquanto ela falava, seus ombros voltavam a se erguer e suas emoções se acalmavam. Todos os medos que Dani nunca admitira finalmente levantaram asas e voaram. Quando ela terminou de falar, o peso que havia carregado por anos tinha desaparecido. Sem ele, Dani parecia mais alta e via as coisas de um ângulo que fazia tempo que não era capaz.

Hum. Fascinante. Talvez discutir baboseiras emocionais tinha sua utilidade, no fim das contas. Certamente fizera com que ela se sentisse melhor, e aquele não era seu objetivo mais recente? Cuidar de si mesma como se merecesse aquilo?

E você merece. Se ela tivesse compreendido aquilo antes, talvez não tivesse hiperventilado diante da ternura ilimitada nos olhos de Zaf aquela manhã.

Quando o discurso hesitante de Dani terminou, todo mundo — incluindo Chloe —, se levantou e foi se juntar a ela no tapete, passando um braço por cima de seus ombros ou apertando sua mão. Ela estava cercada das irmãs e da melhor amiga. A sensação era de estar envolta em um cobertor fofinho como nuvens e forte como uma armadura. Amor era aquilo. Parte dela sempre soubera que, se compartilhasse seus pensamentos mais sombrios com

aquelas mulheres, receberia amor no mesmo instante. Talvez tivesse se segurado porque, no fundo, achava que não merecia aquilo.

Dani estava começando a perceber que havia tratado a opinião de todo mundo que a havia deixado como uma verdade irrefutável: *Danika Brown não é digna de amor*. O problema era que tirar uma conclusão com base em fontes irrelevantes ou não confiáveis nunca funcionava. E, quando se tratava do valor de Dani, a única fonte que ela deveria valorizar de fato era ela mesma.

“Bem”, Sorcha disse, depois de um tempo, “eu não fazia ideia de *tudo* isso.”

“Nem eu”, Chloe murmurou, pensativa, depois fez uma pausa. “Talvez porque você nunca conta nada pra gente, meu amor.”

Dani fungou e fez uma careta, sentindo a pressão de três olhares pacientes. “Conto, sim”, ela mentiu.

“Não conta, não”, Eve disse. “Eu lia seu diário, mas fiquei velha demais pra não me sentir culpada.”

Dani a encarou. “Me lembra de depois te dar um tapa por causa disso.”

“Por que eu lembraria você de...?”

“Meninas”, Chloe interrompeu. “Vamos focar na questão, pode ser?”

A questão, Dani presumia, era sua repentina loquacidade no campo do compartilhamento emocional. Ela imaginava que os olhares de espanto de suas irmãs e até mesmo de Sorcha tinham uma justificativa; certamente não se lembrava de já ter despejado todos os seus problemas sem sentido sobre quem quer que fosse. Só que, ultimamente, eles não pareciam sem sentido, e Dani tinha a sensação de que Zaf — Zaf, que sempre escutava, que sempre se

importava, que queria que todo mundo conhecesse a si mesmo — era em parte responsável por aquilo.

Dani o odiaria por conta daquilo, mas estava tão tragicamente apaixonada por ele que ficava difícil.

“Eu me lembro daquele merdinha do Mateo”, Chloe prosseguiu. “Nunca gostei dele. Não confio nesses ingleses do sul.”

Ah. Aparentemente, a questão não era a mudança de atitude de Dani; era tudo o que havia acabado de admitir. Ela secou as lágrimas e murmurou: “Mateo era galês”.

Chloe fungou. “Não confio nesse pessoal de onde quer que ele tenha vindo.”

Sorcha riu. Eve bufou. E Dani se sentiu incrivelmente leve, apesar do caroço de tristeza entalado na garganta, que dificultava sua respiração.

“Sabe”, Eve disse, reflexiva, “você devia mesmo ser mais aberta, Dan. Agora que sabemos de tudo isso, temos um monte de coisas úteis pra te dizer, tipo: Mateo era um lixo humano. E: você devia se casar com o segurança que parece o Super-Homem. E: a gente te ama.”

Dani conseguiu abrir um sorriso hesitante e se forçou a dar uma resposta terrivelmente honesta: “Também amo vocês”.

“Ounnnn!” Eve levou a mão ao peito e fingiu desmaiar. “Sabe o que mais eu amo? Que esse lance de bruxaria funciona mesmo. Acho que você vai ter que me ensinar.”

Sorcha revirou os olhos. “Não é uma questão de funcionar ou não, Eve.”

Mas, de repente, Dani tinha certeza de que havia mesmo funcionado.

Antes que pudesse refletir mais a respeito, a porta da frente se abriu com um rangido, e ela ouviu o chacoalhar de um molho de chaves. “Bem”, Redford falou, ainda do corredor, “se o cara que vou ter que matar é aquele grandalhão do vídeo, vamos precisar de um plano infalível.”

@ADRENAWIN: Ainda estamos falando da #DraRugbaby ou...?

💬 59 ↻ 6 ❤️ 23 ↑

Depois de tudo o que havia acontecido, mandar uma mensagem para Zaf não parecia uma opção. A ideia de falar com ele ao telefone, sem ver seu rosto — ou pior, de ligar e Zaf não atender —, parecia ainda pior. Aparecer na casa dele depois de ter dado um chique e ido embora naquela mesma manhã tampouco era aceitável, pelo menos não para Dani. Ela queria fazer aquilo do jeito certo. Não perfeito, segundo o conceito dos outros, mas *certo*, para os dois.

Simplificando, eles precisavam conversar. *Aff*. Depois que ela pedisse desculpas. *Aff mesmo*. Para ganhar confiança, Dani passou a noite de domingo cortando o cabelo e tingindo de vermelho, enquanto falava ao telefone com sua avó, em busca de conselhos sábios.

“Homens são criaturas difíceis”, Gigi disse, enquanto Dani passava uma meleca escarlate na cabeça. “E parece que você o magoou, minha tolinha. Não que eu a culpe. Você é delicada demais para que se espere que suporte todo o drama de confissões românticas repentinas.”

Dani não se considerava nem remotamente delicada, mas decidiu que não era o momento de discutir aquele ponto. “Eu estava esperando que você tivesse alguma dica mágica para me ajudar a reconquistar Zaf.” Porque, se fosse o contrário — se *ela* tivesse sido corajosa o bastante para admitir que o amava e ele tivesse usado aquilo contra Dani —, ela sabia muito bem que não seria nada compreensiva. Nem mesmo se soubesse os motivos dele.

Magoar alguém que se amava era como pisar no pé de uma pessoa; em geral não se fazia aquilo de propósito, mas ainda assim doía.

“Uma dica?” Gigi refletiu. “Hum... Eu não costumo me dar ao trabalho de tentar reconquistar as pessoas, querida, não sei se vou poder te ajudar. A menos que esteja interessada em técnicas orais...”

“*Nãããã*, obrigada. Não precisa. Valeu. Não mesmo.”

“Imaginei. Nesse caso, minha lindinha... você o conhece melhor do que ninguém. Sabe como se explicar e como conseguir o perdão dele. Não acho que outra pessoa possa te ajudar com isso.”

O conselho ainda ressoava em Dani quando ela se apressava até o Echo na segunda-feira logo cedo, com o copo de café preto e sem açúcar de Zaf aquecendo sua mão. Ela estava nervosa demais para pedir seu chá verde de sempre. Uma necessidade urgente de vê-lo a dominava, ainda que não tivesse ideia de como ia se explicar, fazer as pazes com ele ou qualquer outra coisa. Só precisava vê-lo e dizer que o amava, depois descobriria o que fazer.

Só que Zaf não estava na mesa dele.

“Bom dia.” George sorriu enquanto Dani se aproximava pelo saguão. “Gostei do cabelo.”

“Ah”, Dani murmurou, seus passos hesitando. “É... você.” Ela não podia fazer nada se o *você* tinha soado como uma grande decepção. Não queria ver o rosto rosado e sorridente de George. Queria ter encontrado uma carranca familiar.

George não pareceu se incomodar com a reação nada calorosa dela. “Isso é pra mim?”, ele perguntou, esperançoso, e já estendendo a mão para pegar o café.

“Não.” Dani recuou, o que era ridículo. Zaf não estava ali, e *ela* é que não ia beber aquele troço. Mas ele devia estar em algum lugar. Tinha que estar. Ela precisava dar o café a Zaf, pedir desculpa e descobrir se ele tinha levado uma barra de proteína para ela ou se havia desistido de Dani e de sua péssima alimentação, e, caso sim, ela não poderia culpá-lo. Não por causa de sua péssima alimentação, mas pelo seu comportamento. “Onde está Zafir?”

George olhou para ela de um jeito estranho. “Ele está doente. Achei que você soubesse.”

Doente? “Certo”, Dani disse, com toda a calma, como se aquilo não a surpreendesse. “Claro.” Mas não havia nada de *claro* naquilo. Zaf nunca faltava no trabalho. Nunca. Ela reparara naquilo do mesmo modo que reparara em tudo nele, ao longo de vários meses: com naturalidade, sem nem se dar conta de quão de perto o observava ou de quão fascinante considerava as coisas mais mundanas relacionadas a ele.

Zaf era maravilhoso, Zaf era tudo, e agora Dani o tinha magoado e ele não fora trabalhar. A vergonha pareceu leite azedo na barriga dela. “A gente se vê”, Dani murmurou para George, e correu escada acima.

No dia seguinte, ela levou outro café para Zaf, mas ele ainda não tinha voltado. Dani engoliu em seco ao ver o leve sorriso de pena no rosto de George, lançou um olhar melancólico e lacrimoso para o elevador ao passar e se arrastou escada acima, trajeto que de repente parecia se estender por quilômetros. Dani não sabia o que exatamente significava quando a pessoa que você amava não aparecia mais no trabalho para não ter que te ver, mas não podia ser coisa boa. Ela tomou um gole do café de Zaf, deu um gritinho horrorizado e o cuspiu de volta no copo. Minha nossa, era nojento. Será que as papilas gustativas dele eram feitas de concreto?

Tinha escorrido café para o queixo dela, então Dani precisou ir ao banheiro antes de seguir com a tragédia que vinha sendo aquele dia.

Ela virou uma esquina do prédio bem a tempo de ver a porta do banheiro mais próximo se fechando atrás de alguém de cabelo castanho na altura do queixo. *Jo*. Poderia não ser ela, mas também poderia ser, e a mera possibilidade fez Dani parar na hora — porque, de repente, em meio a sua própria dor, falar com *Jo* parecia muito, muito urgente.

Jo, sua amiga. *Jo*, que tinha cometido o grave crime de sentir alguma coisa, o que era comum nos seres humanos, e fora punida, só porque Dani não estava em contato com seus próprios sentimentos. Mas agora ela com certeza estava, o que fazia seu estômago se revirar. Quando se tratava de *Jo*, era a culpa que se destacava. Além de arrependimento e de um pesar sincero, por ter magoado uma pessoa com quem se importava, só porque ela queria algo que Dani não queria.

Então, como qualquer pessoa razoável com tendência a *stalkear*, Dani encostou na parede e ficou esperando até ouvir a descarga.

Cinco minutos depois, a porta do banheiro se abriu e Jo saiu, com seu corte de cabelo impecável como sempre. Por baixo do avental de laboratório, usava calça preta e uma blusa azul-escura que Dani achava que ficava ótima em Jo. Havia muitas coisas que Jo usava e que Dani amava, e muitas coisas em Jo que Dani amava. Só que ela nunca ousara considerar a ideia de amar Jo.

O que agora Dani percebia que era uma pena.

"Jesus!", Jo gritou ao deparar com Dani. "Minha nossa. O que está fazendo aqui? Quer dizer... desculpa, acho que você só quer usar o banheiro..."

"Na verdade, não", Dani disse. "Segui você."

Jo suspirou. "Nossa, Dan, esse tipo de coisa não se admite. As pessoas vão te achar esquisita."

"Eu sou esquisita, mas isso não tem nada a ver. Eu só queria conversar."

Jo franziu os lábios por um momento, depois soltou o ar e deu de ombros. "Não deve mais estar brava comigo, já que seguiu em frente com o grandalhão rabugento. Então o que é que você quer?"

Dani ignorou a pontada que sentiu à menção de Zaf. "Quero pedir desculpas", ela disse, baixo.

Jo piscou. "Pedir desculpas? Sério?"

"É."

"Eu nem tinha certeza se você sabia o que essa palavra significava."

"Não seja irritante, Josephine. Estou de joelhos aqui."

Jo olhou para baixo, de maneira exagerada. "Não parece."

Senti sua falta, Dani percebeu, e quis se chutar. *Eu não merecia você*. Não mesmo. Mas era melhor tentar fazer o certo com alguém do que ceder e nem tentar.

Jo suspirou. “Nossa, você parece estar falando sério. E parece cansada, o que é bem incomum. Está doente ou algo assim?”

“Não, não estou doente. Só estou arrependida dos meus muitos erros.”

Jo a avaliou e se recostou na parede. “Então explica. Você está se desculpando pelo que exatamente?”

“Por todo o nosso relacionamento.”

As duas se olharam por um momento, depois sorriram de maneira quase simultânea.

“Não fui uma boa amiga”, Dani prosseguiu. “Não dá pra controlar sentimentos, e culpei você por ter sentido algo por mim. Você ficou magoada e nem te dei espaço pra isso. Não tratei como algo válido. Você era minha amiga, e se viesse me contar chorando de outra mulher eu teria te apoiado. Então deveria ter te apoiado quando a tal mulher era eu.”

Jo respirou fundo e desviou o olhar. Depois de um longo momento, deu de ombros. “Eu estava querendo algo impossível. Você deixou as coisas claras desde o começo, eu que não quis ouvir. Ou talvez tenha pensado que podia te mudar. Mas não podia, e tudo bem, porque as pessoas não podem ser forçadas a mudar.”

Dani concordava com aquilo, até certo ponto. As pessoas não podiam ser forçadas a mudar, mas talvez precisassem crescer. O que explicaria a dor constante e oca que sentia no peito sempre que tentava não pensar em Zaf — e fracassava.

Eram as dores do crescimento.

“Obrigada pelo pedido de desculpas”, Jo disse. “De verdade.”

“Bem... é melhor escrever sobre isso no seu diário hoje à noite, porque duvido que vá acontecer de novo.”

“Também duvido”, Jo brincou. “Me desculpa também. Sinceramente, eu só... quero que a gente volte a ficar bem.”

“Ah, que bom. Sim. Vamos voltar a ficar bem.”

Jo sorriu. Depois de hesitar por um momento, ela abriu os braços.

Foi um abraço maravilhosamente desajeitado, que fez Dani se sentir melhor — assim como tinha se sentido melhor por ser aberta e sincera, por encarar suas emoções mesmo que aquela vulnerabilidade a deixasse desconfortável. Por confiar em Jo o bastante para aceitar que ela se importava e ousar se importar com ela também.

As duas se separaram com sorrisos incertos, e Dani sentiu que havia se reconciliado com as melhores partes de si mesma. Não as partes tão obcecadas em se manter em segurança que eletrocutavam todo mundo que chegasse perto. Mas, sim, as partes mais fortes, mais determinadas, que a tornavam a mulher que era. Ela se lembrou das palavras de Gigi: *Você o conhece melhor do que ninguém. Sabe como se explicar e como conseguir o perdão dele.*

Aquilo deu um clique nela.

De repente, Dani sabia o que fazer.

Ela correu para a aula, cheia de ideias, catalogando mentalmente todos os romances que vira Zaf ler ou dos quais ele falara. Enquanto os alunos encaravam os horrores da interpretação de texto numa terça-feira de manhã, Dani abriu o laptop e comprou e-books de todas as histórias de amor de que conseguia se lembrar.

Ela podia não ser boa em tudo, mas era *muito* boa nos estudos.

Quando a aula terminou, Dani olhou para a menina que tinha os olhos de Zafir — não, que tinha os olhos de *Zain* — e murmurou: “Fatima, posso falar com você, por favor?”.

Fatima assentiu, claramente surpresa.

Depois que os outros alunos saíram, Dani se levantou. “Desculpa se isso te deixa desconfortável e, por favor, fica à vontade pra dizer não.” Ela sabia que aquilo era muito inapropriado. Considerando tudo, estranhava que não tivessem transferido Fatima de sua turma muito tempo antes. Mas, aparentemente, as autoridades envolvidas não tinham percebido que Dani estava dando aula para a sobrinha do falso... bom, para a sobrinha do próprio namorado. Ela pigarreou e prosseguiu: “Eu estava querendo... fazer um negócio para o seu tio. E me perguntei se você talvez saberia como posso entrar em contato com um amigo dele, Jamal”.

Fatima não pareceu estranhar o pedido, o que foi ótimo. “Claro”, ela disse, dando de ombros. “Tenho o número dele, se você quiser.”

“Ah, obrigada! Se bem que... acha que ele vai se importar?”

Fatima deu risada. “*Todo mundo* tem o número dele. Daria na mesma se Jamal colocasse cartazes com o número dele nos postes. Ele gosta que as pessoas liguem quando têm problemas, sabe?”

Aquilo era um ótimo sinal. Um homem tão bom não ia pegar pesado com Dani por ter rejeitado seu melhor amigo de maneira tão horrível, ia? Não. Com certeza, não.

De fato, Jamal não pegou pesado quando Dani ligou, mais tarde naquele mesmo dia. Mas foi bastante cauteloso.

“Aqui é Danika Brown”, ela disse, e fez-se silêncio.

“Oi, Danika”, Jamal respondeu, com a voz suave, mas firme, como musgo sobre a terra imóvel. “Posso perguntar por que está ligando?”

“É, hum, por causa do Zafir. A gente se conhece do trabalho e...”

“Sei quem você é.”

Aquilo fazia sentido, já que os dois estavam num relacionamento falso e Jamal era o melhor amigo de Zaf. Dani pigarreou e tentou se recompor. “Acho que é melhor ir direto ao ponto, então. Preciso me desculpar com ele. Quero fazer isso de um jeito especial, e seria ótimo se você pudesse me ajudar.”

Houve um momento de silêncio perturbador. Até que ela ouviu a voz de Jamal, agora muito mais calorosa. “Certo, Danika Brown. Vamos conversar.”

Passar um tempo sem Danika tornou as coisas muito mais claras para Zaf.

Por exemplo, agora ele estava ainda mais seguro do fato de que a amava, e de aquele amor estava muito provavelmente fadado ao fracasso. O que era uma pena, porque parecia que o sentimento tinha penetrado seu DNA, e Zaf não sabia o que fazer para parar aquilo. Motivo pelo qual havia faltado no trabalho a semana inteira: ainda tinha *algum* orgulho. O bastante para preferir que Dani não o visse até que ele ficasse melhor em esconder a cara de bunda que ostentava desde que ela partira seu coração ao ir embora do seu apartamento.

Talvez Zaf levasse a vida toda para se desapaixonar, mas queria pelo menos *parecer* calmo e controlado enquanto tentava.

“Aqui, meu filho”, a mãe dele disse, interrompendo seus pensamentos. Ela colocou uma tigela de *phirni* na frente dele e lhe deu um beijo na cabeça. “Come. Você está definhando.”

“Hã...” Zaf olhou para a própria barriga, duvidando daquilo. Ele não sabia quem havia contado à mãe sobre a situação com Dani, mas caçaria quem quer que tivesse sido e daria o troco em breve. Assim que ele tivesse se cansado de toda aquela comida caseira, claro.

Do outro lado da mesa, Fatima perguntou: “Quando é que você vai voltar pra faculdade? É estranho não te ver lá”.

Zaf conseguiu sorrir, porque sempre tinha um sorriso guardado para a sua Fofucha. “Só faz quatro dias. Está com saudade, é?”

Ela revirou os olhos.

“Está *mesmo*”, ele prosseguiu, e seu sorriso se alargou. “Sabe, quando você era bebê, eu costumava te dar colheradas do meu *phirni* escondido. Você abria o maior sorriso... só que não tinha dentes, então era meio assustador.”

“*Ya Alá*, não vai começar com essas histórias de quando eu era bebê...”

“Fatima.” Kiran suspirou. “Olha a boca.”

“Não liga pro seu tio”, Jamal disse, com a boca cheia de arroz-doce. “Ele anda meio emotivo.”

A cabeça da mãe surgiu à porta da cozinha. Ela olhou amuada para Zaf. “Ah, meu filhinho... Olha só pra você. Deprimido, comendo sem parar...”

“Espera aí”, Zaf disse, franzindo a testa. “E aquela história de *definhando*?”

“... e logo mais desempregado. Eu sabia que essa professora seria um problema desde o momento em que a vi. Não foi, Kiran? Eu não disse: *Ela cheira a problema*?”

“Não.” Kiran franziu a testa. “Você disse que ela era linda e tinha um corte de cabelo que parecia francês.”

A mãe bufou e voltou para a cozinha. “Não me lembro de nada disso.”

“Não pega pesado com a Danika”, Zaf gritou para ela. “Eu...” Zaf parou, de repente muito consciente de que todo mundo à mesa olhava para ele.

“Você o quê?”, Fatima cutucou, com um sorriso.

Eu a amo. Sinto falta dela. Sei que, se ela não me amar, vou ter que superá-la. Mas não posso esquecer que ela sempre me surpreende.

Zaf só balançou a cabeça e disse à sobrinha, com firmeza: “Essa é uma conversa para adultos”.

“Tenho dezoito anos!” Só que Fatima não soava tão ultrajada como de costume. E Zaf reparou que ela trocava um olhar significativo com Jamal, o que não podia ser bom sinal.

“O que vocês dois estão armando?”, Zaf perguntou, estreitando os olhos.

“Nada. Você está paranoico”, Jamal disse, simpático. O que dava no mesmo que um letreiro iluminado indicando MENTIRA. “E não se preocupa, tia Maya”, ele gritou na direção da cozinha, “Zaf não vai ficar desempregado. É teimoso demais pra isso.”

“Isso não faz o menor sentido”, Zaf disse, desdenhando. “Mas, na verdade... mãe, pode vir aqui? Preciso contar uma coisa pra vocês.”

A mãe reapareceu com sua própria tigela e se sentou à cabeceira da mesa. “Quê? O que está acontecendo?”

“Nada”, Zaf disse. “É só que... bem, as coisas andam muito bem para a Enfrente desde que... desde que começamos a receber toda

essa publicidade.” Ele fez uma pausa para lidar com o nó na garganta, a dor no peito. A mulher que não saía de sua cabeça.

Danika. Se havia uma coisa que ele tinha aprendido no mês que tinham passado juntos, era que sempre valia a pena correr riscos. Mesmo que as coisas acabassem dando errado.

Zaf pigarreou e recomeçou. “As coisas estão indo bem. Muito bem. Vocês sabem que tive a chance de oferecer um programa de verão para quatro escolas locais. Pela primeira vez, recebi respostas positivas para alguns dos meus pedidos de financiamento, talvez porque eu tenha sido mais aberto quanto a tudo pelo que passei e como isso me levou a criar a Enfrente. O que foi legal. Mas então... esta semana, tive a oportunidade de assinar um contrato com os Titans.” Os outros se endireitaram na cadeira à menção da antiga equipe de Zaf. “O time está muito melhor do que na minha época, sabiam? E agora estão com uma campanha para a base, com o objetivo de atrair mais crianças, sem fins lucrativos. Então eles querem... unir forças com a Enfrente, eu acho. A ideia é me financiarem pra que eu possa realizar minhas oficinas lá e em outros lugares e encontrar talentos para a base. Isso vai fazer o dono do time ficar parecendo um grande filantropo, ou sei lá o quê.” Zaf respirou fundo. “Por isso, decidi que é hora de abandonar o trabalho de segurança e apostar tudo na Enfrente.”

O silêncio estupefato se prolongou por tempo o bastante para que Zaf ficasse com os nervos ligeiramente à flor da pele. Até que sorrisos orgulhosos começaram a se abrir devagar, um de cada vez, e Zaf relaxou.

“*Chacha*”, Fatima sussurrou, com os olhos arregalados, “isso é sério?”

Ele confirmou com a cabeça. Sabia que aquilo era ótimo, claro. Mas vinha tendo dificuldade de se animar muito, considerando que sua cabeça e seu coração estavam em outro lugar. Mas, agora, com a mãe de Zaf comemorando e batendo palmas, Kiran levando a mão ao peito, radiante como o sol, e Jamal socando o ombro dele e dizendo, aos risos: “Olha só você, olha só você”, de alguma forma, o entusiasmo derrubou a muralha de mágoa e cautela, e a animação penetrou suas veias.

E, simples assim, Zaf sorriu também.

Uma hora e outra tigela de sobremesa depois, quando toda a família ainda vibrava de alegria, Jamal arrastou Zaf para o corredor.

“Vamos. Temos que dar uma passada num lugar.”

Zaf o seguiu, franzindo a testa. “Quê? Como assim?” Jamal passou a jaqueta a Zaf e chutou os sapatos para ele. “Aonde a gente...?”

“Vou levar Zafir pra dar uma voltinha, tia”, Jamal gritou por cima do ombro. “Volto em um minuto. Vamos, põe logo os sapatos.”

“Por quê?”, Zaf perguntou, mas calçou os sapatos mesmo assim. Jamal só deu uma piscadinha para Zaf. Ele abriu a porta e os dois saíram para a noite fresca de primavera, sob o céu cinzento e calmo. Março tinha oficialmente terminado, assim como Zaf e Dani — mas aquele sempre tinha sido o plano. O dia anterior marcara o fim de suas quatro semanas de fingimento.

Havia acontecido tanta coisa naquele período que Zaf mal pensava naquela bobagem de dra. Rugbaby. A não ser quando procurava a hashtag praticamente morta atrás de fotos antigas dos dois de mãos dadas no campus. O que Zaf sabia que não era muito saudável, mas paciência. Já estava trabalhando naquilo.

Jamal deu um peteleco na nuca dele. "Você está viajando."

"Não estou, não."

"Olha só pra sua cara. Você está viajando." Jamal dobrou uma esquina e desceu a rua.

"Talvez eu só esteja puto por você ter me tirado de casa sem motivo. O que está rolando?"

"*Nada*. Nada que justifique pânico, pelo menos. Prometo."

Uma promessa de Jamal era o bastante para tranquilizar a ansiedade que ameaçava despertar, mas Zaf não conseguia evitar tentar adivinhar. "Tem a ver com um dos meninos?"

"Não. Está tudo bem."

Zaf pensou um pouco mais. "Você vai pedir Kiran em casamento?"

Jamal revirou os olhos. "*Inshalá, é claro* que vou pedir Kiran em casamento."

"E quer falar comigo sobre isso... no campo de rúgbi?" Porque era para lá que os dois tinham se dirigido, Zaf concluiu, já pisando na grama que lhe era muito familiar. "E não podia esperar? É assim urgente?" Algo lhe ocorreu, e Zaf bateu no ombro do amigo. "Vai ser *hoje?*"

"Não. Ainda nem comprei a aliança." Jamal, que era muito relaxado, parecia genuinamente nervoso. "Que tipo de aliança você acha que se deve comprar pra uma mulher como ela? Fora que tem que combinar com a primeira."

A aliança que Zain Bhai havia dado a Kiran e ela nunca tirara. Zaf sentiu um aperto no coração, mas não de desconforto. Sentia uma inveja gentil e reverente.

Amar podia ser muito doloroso, mas também ser *bom pra caralho*.

Zaf ia voltar ao trabalho no dia seguinte. Precisava voltar. Talvez Danika passasse direto por ele, como se nunca houvessem tido nada, talvez ele tivesse que se acorrentar à própria mesa para não ir atrás dela como um herói sofrendo por amor. De qualquer maneira, ele precisava vê-la. Ou nunca teria a chance de lhe dizer que sentia muito. Ou de lhe dizer que, se ela não quisesse o amor dele, tudo bem — mas, se quisesse, estaria sempre ali.

Sempre.

“Então”, Zaf disse, “você quer um conselho quanto à aliança?”

“Um conselho seu? Até parece. Como se você fosse um grande ícone da moda. Vou perguntar pra Fatima, é melhor.”

Zaf riu. E então, livre da distração que a perspectiva de sua irmã ser pedida em casamento oferecia, finalmente notou a trave no outro extremo do campo. A trave na direção da qual andavam. A trave que em geral não tinha qualquer adorno, com a tinta branca descascada e enferrujando em alguns pontos, ao fim do campo e à frente da arquibancada de metal.

Buquês de flores vívidas enormes a decoravam. Cada centímetro do metal, incluindo a barra transversal, estava escondido por cravos brancos e vermelhos maiores que os punhos de Zaf, e havia um mar de pétalas na lama abaixo. Atrás daquele espetáculo, na longa sombra lançada pela arquibancada, estava um grupo de adolescentes de bicicleta. Eles começaram a acenar, gritando uns por cima dos outros, entusiasmados como cachorrinhos.

“Ele chegou!”

“Tivemos que ficar de olho, Zaf, porque...”

“A porra do Ollie Carpenter estava rondando por aqui e...”

“Xiu, xiu! É pra gente cair fora agora.”

“Tchau, meninos”, Jamal disse, e eles se dispersaram.

Zaf só ficou olhando. “Mas o quê...?” Então alguém saiu das sombras. A última pessoa que ele esperaria ver, uma fantasia em carne e osso — só que, como sentia a brisa da noite nas bochechas e a terra cedendo sob seus pés, Zaf sabia que aquilo era real. “Danika”, ele disse, baixo.

“Bem”, Jamal disse, assentindo animado. “Você não parece puto, então essa é minha deixa. Até mais.”

“Quê? Espera...”

Jamal já tinha saído correndo, voltando para a direção de onde tinham vindo. Zaf ficou sozinho, confuso, cautelosamente esperançoso e morto de saudade.

Ele olhou para Dani. Dani olhou pra ele. Uma centena de metros separava os dois, mas Zaf era incapaz de mover os pés. Tampouco conseguia se impedir de devorá-la com os olhos. O cabelo de Dani estava vermelho, como no dia em que os dois haviam se conhecido — quando ela tirara os olhos do celular e seu sorriso o atingira como uma marreta. Talvez Zaf tivesse sido condenado naquele momento.

Ou talvez *condenado* não fosse a palavra certa.

Dani estava usando um vestido de verão preto com luazinhas estampadas e sandálias pretas com um salto quadrado que não devia ser muito confortável ali, em meio à lama e à grama. Ela estava perfeita, claro. Sempre estava, mesmo quando retorcia as mãos, como fazia naquele momento.

“Zaf”, ela o chamou à distância. “Você... você vai vir aqui?”

Ele engoliu em seco. Avaliou sua mente à toda e seus pés congelados. Então respondeu com sinceridade, um pouco rouco. “Não consigo.”

Ela hesitou. "Tá."

Houve outra pausa enquanto os dois se avaliavam. Talvez ele fosse um tolo, de olhar para ela e sentir tanta esperança. Mas talvez tivesse lido romances o suficiente para suspeitar que as coisas pareciam promissoras.

Ele ousava achar que as coisas pareciam promissoras?

"Desculpa", ela disse afinal, com a voz clara e firme. "Por ter magoado você. Por ter resistido tanto ao amor que quase nem percebi tudo o que sinto por você."

Zaf teve dificuldade de respirar. Então se forçou a encher os pulmões e deu um passo à frente.

"Eu te amo", Dani disse. Seu tom de voz subiu no fim da frase, como se fizesse uma oferta cautelosa. Como se ele pudesse rejeitá-la.

Zaf não achava que fosse fisicamente capaz. As palavras pareceram acariciá-lo, entrar em seu corpo, cercá-lo com uma felicidade cintilante que ele nunca havia sentido.

Ela o amava, ela o amava, ela o amava, e ele sentia que poderia voar.

"Sei que não demonstrei isso", Dani prosseguiu. "Estava com medo, e usei isso de desculpa para te magoar. Eu achei que tinha tudo muito claro, só que não tinha. Confio em você, é um fato. Acredito em você, quando diz que me ama. E também te amo. Estou meio assustada, mas claramente não o bastante, porque não consigo parar." Dani estava nervosa. Zaf sabia daquilo por sua risada leve e autodepreciativa, pelo sorriso torto em seu rosto. Ela continuava retorcendo as mãos, passando o peso do corpo de uma

perna para outra, e de repente tudo em que Zaf conseguia pensar era...

Por que minhas mãos ainda não estão nela?

Ele deu um passo adiante, depois outro, e de repente estava correndo.

“Hã...” Os olhos de Dani estavam arregalados. “Espero que você não vá me derrubar nem nada do tipo.” Mas seu sorriso era largo e suas palavras eram uma azáfama, com uma esperança cautelosa. Dani não se moveu. Ficou bem ali, até que Zaf a alcançasse, a pegasse no colo e a girasse, como se fosse o melhor presente que já havia recebido. Ele a ouviu exalar em um suspiro demorado e feliz, sentiu-a nos braços, macia e adorável, seu cheiro de vela e sua pele quente, e quis se afogar naquilo. Quis se afogar nela.

“Desculpa”, Dani continuou dizendo, as palavras abafadas pelo ombro dele, os dedos agarrando a camiseta dele. “Desculpa, Zaf. Desculpa.”

Ele a botou no chão, pegou seu rosto nas mãos, estudou seus lindos olhos, o vinco em seu lábio inferior e a pequena cicatriz em seu nariz. “Fala de novo.”

“Desculpa. Eu...”

“Danika.” Zaf baixou a cabeça e roçou os lábios nos dela, fazendo com que uma perfeição elétrica despertasse todos os nervos em seu corpo. Ele sentia um friozinho no estômago como se estivesse em uma montanha-russa, e um sorriso bobo surgiu em seu rosto. As mãos dela envolveram os pulsos dele, como se para impedi-lo de soltá-la. Como se Zaf fosse soltar... Ele sentiu os lábios dela se curvando contra os seus, sorrindo em resposta. “Que você me ama”, Zaf a corrigiu, com delicadeza. “Fala de novo que você me ama.”

“Eu te amo”, Dani disse, e ele inalou as palavras e exalou alegria enquanto ela prosseguia. “Te amo tanto que chega a ser ridículo, e não posso prometer que não vou pirar ou estragar tudo...”

“Linda, não preciso desse tipo de promessa. Só preciso saber que você vai tentar.”

“Eu vou, Zaf. Eu vou...”

“E sou *eu* que tenho que te pedir desculpas.”

“Você?” Dani olhou para ele como se não estivesse fazendo sentido, então riu. “Claro que você acha que tem que pedir desculpa. Porque você é um fofo.”

“Você me pediu para dar um passo de cada vez”, Zaf disse, revelando seu arrependimento. “Eu sabia que você não estava pronta para tudo o que eu queria, mas me deixei levar. Não fico surpreso que tenha entrado em pânico.”

“Tudo bem”, ela disse, baixo. “Não tem problema. Agora cala a boca, porque estou tentando me declarar e você está me fazendo perder o controle.” Ela o beijou, muito levemente, assim como Zaf a tinha beijado. Mas o beijo o atingiu com tudo.

“Ah”, ele soltou. “Tá. Beleza. Se declara aí.” *Rápido, antes que eu morra de alegria.*

Dani sorria, mas sua expressão ficou séria quando pegou o rosto dele nas mãos. “Passei muito tempo tentando não me machucar, Zaf, mas, até você, nunca tinha pensado nos motivos. Sou uma pessoa confiante. De verdade. E provavelmente foi por isso que levei tanto tempo para perceber que também sou insegura. Quando se trata do meu próprio valor... nesse contexto, nas coisas de que sou capaz. Socialmente.” Ela pigarreou. “Romanticamente.” Sua voz era

rígida, e Zaf concluiu que Dani devia ficar constrangida só de mencionar aquilo.

Ele só a abraçou, e torceu para que Dani compreendesse o que aquilo significava. Estava falando a língua dela, aquela que sempre se preocupava que poderia estar apenas em sua própria cabeça, aquela composta de toques e olhares. *Tudo bem. Está sempre tudo bem, quando se trata de nós dois.*

Dani abriu um sorrisinho lento e trêmulo como se o tivesse ouvido bem. "Agora que me dei conta disso, pretendo... você sabe, trabalhar nisso. Aprender um pouco com você e me conhecer melhor. Porque eu mereço, mas também por sua causa, Zaf. Não quero magoar você tentando me proteger. Quero ser corajosa."

"Você já é", Zaf disse a ela. "De verdade."

"E você vale todo o esforço." Dani o beijou de novo, mais devagar, mais profundamente, e ele deixou que tudo o que sentia por ela extravasasse, porque, de repente, não conseguia expressar em palavras. Provar seu lábio inferior se tornou *Senti saudade*, abrir sua boca significava *Adoro você*, e o toque de sua língua na dela dizia *Você é minha*.

Então Zaf recuou e disse, abertamente: "Senti saudade. Adoro você. Você é minha". Ele hesitou um pouco. "Mas não sei o que você quer, o que está de fato pedindo. E prometi a mim mesmo que sempre deixaria isso claro. Dan..."

"Quero você. De todas as maneiras possíveis. E me entrego a você também", ela disse, baixo.

Ele se sentia um pouco tonto. "Mesmo eu tento despejado o lance do amor em cima de você como se fosse uma tonelada de tijolos?"

“Sim, apesar disso.” Dani riu, e Zaf sentiu nos lábios o ar que escapava dela, porque os dois ainda não tinham se distanciado. Não podiam se distanciar. Só que ele já estava ficando com torcicolo de tanto se abaixar na direção dela, então teve que soltá-la, ainda que só para pegá-la no colo de novo. Fora como naquela primeira vez: como se Dani fosse uma princesa. Afinal, ela era a princesa dele.

“Zaf”, ela disse. “Já falamos sobre isso.

“É melhor estar sempre pronta pra isso. Me beija de novo.”

Dani não hesitou.

Quando Dani orquestrara a cena, suas expectativas eram modestas. Em seus sonhos mais desvairados, imaginara Zaf se dignando a ouvi-la, depois voltando para sua mesa e permitindo que ela o presenteasse com café e chocolate até que finalmente estivesse convencido.

Só que tudo o que Dani fizera fora se declarar, e ele já a beijava com uma alegria sem reservas e parecia sem fôlego de tanto tesão. Ela precisava se lembrar daquilo: *Zafir gostava de declarações verbais de amor.*

Nos últimos dias, tinha decidido estudar tudo o que Zaf gostava e fazer o seu melhor para oferecer a ele.

Depois de um beijo demorado, Zaf se afastou ligeiramente e perguntou: “Qual é a das flores?”.

O coração de Dani quase escapava pela boca, o que tornava difícil se concentrar em explicações complicadas, mas ela tentou mesmo assim. “Cravos brancos e vermelhos representam o amor. Fiz algo romântico. Como nos livros.”

Zaf abriu um sorriso enorme. “Nos livros?”

“Eu... posso ter lido alguns romances para pesquisar maneiras de reconquistar você.”

“Você fez *o quê?*”, ele perguntou, depois o choque se dissolveu em risadas. “Ah, claro que fez. Você é a porra da Danika Brown.”

Zaf fazia o nome dela soar como uma bênção.

Então, de repente, ele ficou muito sério, franzindo a testa enquanto avaliava o rosto dela.

“O que foi?”, Dani perguntou, tentando não entrar em pânico. Zaf não jogaria na cara dela se tivesse feito algo de errado, agora ela sabia. Ele nunca tinha feito nada do tipo, e aquilo não ia mudar só porque Dani havia decidido assumir que os dois estavam em um relacionamento romântico, e não de conveniência. Por isso, Dani tentou fazer com que seu coração desacelerasse... e conseguiu.

“Eu só... não é que eu não curta grandes gestos”, ele disse. “Pode acreditar em mim, Dan, eu curto.”

Ela soltou um suspiro aliviado. “Ainda bem.”

“Mas sei que você não gosta dessas coisas. E espero que não tenha sentido que precisava fazer algo que não era... que não era a sua praia. Porque eu estava falando sério aquele dia, mesmo que tenha falado na hora errada. Não quero que você mude, Danika. Só quero que seja minha.”

Dani já estava começando a perceber os benefícios daquela coisa de romance, porque, com aquelas palavras, seu coraçãozinho conservador tirou os sapatos e começou a dançar. “Bem”, ela disse, reprimindo um sorriso, “é ótimo ouvir isso. Na verdade, sinta-se livre para repetir sempre que quiser.”

Zaf roçou o nariz no dela. “Posso repetir quantas vezes você quiser”, ele disse, baixo, e a promessa a inundou como água quente.

“Mas não”, Dani prosseguiu, “as flores não dispararam uma crise existencial em mim nem nada do tipo, se é isso que te preocupa. Na verdade, decidi que pode até ser bom. Talvez eu tenha um pouco de dificuldade de descrever o que sinto por você... mas se posso *demonstrar* fazendo alguma coisa desse tipo, então... Por mim tudo bem.” Na verdade, ela tinha adorado. Adorado o fato de que o tinha feito sorrir, adorado a alegria que ainda irradiava dele. Zaf era como o sol, mas duas vezes mais vital para a existência dela. Dani estava certa daquilo.

“Então tá”, Zaf disse, baixo. “Então tá.” Ele pisou na poça de pétalas no chão e Dani se ajeitou em seu colo, abraçando-o com força, como se Zaf pudesse desaparecer.

Ela rezava para que ele nunca desaparecesse.

Uma brisa leve movimentou a saia de Danika, e o polegar calejado dele acariciou seu antebraço exposto, daquele jeito devagar e lento de que ela havia sentido falta pra caralho. “Sei que não vai ser fácil”, Dani sussurrou. “Mas quero tentar. Quero tentar com você, e dessa vez não vou desistir.”

“Ótimo”, Zaf disse. Seus olhos se fincaram nos dela, como se fosse possível imprimir as palavras na mente de Dani, em seu coração. “Prefiro tentar e tropeçar com você do que fazer qualquer outra coisa, e estou falando sério, *qualquer outra coisa*, com qualquer outra pessoa.”

Dani engoliu em seco a adoração que subia por sua garganta e tentou parecer relaxada, em vez de vergonhosamente emotiva. “Mesmo que eu não mude de ideia quanto a minha posição um tanto controversa em relação a aniversários de namoro?”

“Foda-se”, ele disse no mesmo instante. “Como uma mulher muito inteligente me disse uma vez, é para isso que serve o Dia dos Namorados.”

A risada de Dani evoluiu para lágrimas em cerca de dois segundos. Ela jogou os braços em volta dele com tanta força que outra pessoa teria caído — mas não Zaf. Ele aguentou o golpe e a segurou com firmeza contra o peito. Dani ouviu o coração acelerado dele, ou talvez fosse o dela própria, ou talvez os dois batessem juntos agora — ela não tinha certeza de como aquele negócio de relacionamento funcionava. Mas era o que queria, independentemente dos riscos.

“Essa coisa de amor não faz o menor sentido”, Dani disse, instável.

“Eu sei”, Zaf respondeu. “Não é maravilhoso?”

Epílogo

Um ano depois

Zaf fechou a porta e pendurou o casaco, suado depois de uma noite de treino com a equipe de rúgbi amadora local e animado com a certeza de que Danika estava armando alguma coisa.

Os dois tinham uma rotina em noites como aquela. Assim que Zaf chegava em casa, ela o atacava e perguntava sobre seu dia. Aparentemente, Dani gostava de suor. Também gostava de saber sobre suas reuniões e oficinas enquanto se divertia com seu pau, e ria quando Zaf se atrapalhava.

Mas, naquele dia, embora os sapatos de Dani estivessem no corredor, ela não apareceu para recebê-lo.

“Ei”, Zaf chamou, enquanto levava as sacolas do mercado para a cozinha. “Cadê você?”

Houve uma pausa antes que ela gritasse do quarto: “Em lugar nenhum”.

Da última vez que Dani fizera aquilo, fora porque tinha comprado na internet, sem querer, uma samambaia quase tão grande quanto Zaf — *ainda que* ele a tivesse proibido de comprar mais plantas, porque já não conseguiam nem enxergar a TV.

Ela estava levando muito a sério aquela coisa de equilíbrio entre a vida pessoal e o trabalho, com os muitos hobbies que vinham junto.

Zaf balançou a cabeça, suspirou e seguiu a voz dela. Já estava imaginando que sua mesinha de cabeceira havia sido substituída por um bambu gigante. “Dan. Linda. Você sabe que não temos mais espaço para...”

“Não entra!” A voz dela chegava abafada, por causa da porta fechada. “Estou no quarto. Mas não entra! E não se preocupa, não comprei outra planta.”

“Não acredito em você.”

“Não comprei *mesmo*! Bom, a não ser que você vá contar aquele cacto minúsculo que...”

“Danika!”

“É só um bebê, Zaf, tenha piedade. E não entra no quarto.” Ela ria, mas sua voz saía ligeiramente mais aguda, quase como se... estivesse nervosa.

Hum...

No ano que havia se passado desde que tinham decidido ficar juntos — juntos *de verdade* —, Dani tratara a proximidade com suas emoções assim como tratava todo o resto: como um objetivo a ser atingido com tanta vontade e precisão que acabara partindo o alvo ao meio. Mas, quando se tratava de sentimentos, mudanças de comportamento e mágoas passadas, não bastava ler alguns livros e se esforçar imensamente para melhorar. Era impossível. Portanto, um pouco antes, os dois haviam feito um acordo bem simples.

Quando Zaf ficava preocupado com Dani, ele a pressionava um pouco. E, se ela sentia que era demais, dizia aquilo a ele.

“Você está bem?”, Zaf perguntou a ela.

“Maravilhosa. Incrível. Voando sem asas.”

“Tá”, ele disse, seco. “Olha, vou tomar um banho e depois vou fazer a comida. Você me conta o que está te incomodando no jantar.”

“Sim, senhor, sargento dos sentimentos!”

Ele bufou e mostrou o dedo do meio.

“Você está mostrando o dedo do meio para a porta fechada, Zafir?”

“Você me conhece tão bem”, ele disse, com carinho, e a deixou ali.

Uma hora depois, Zaf estava de banho tomado e a cozinha cheirava a comida chinesa feita em casa (com uma cara ótima, em sua opinião), e sua namorada continuava trancada no quarto.

Ele bateu na porta.

“Oi?”, ela respondeu, toda inocente.

“A comida está quase pronta.”

“Merda.”

“Como?”

“Eu disse: *eba*.”

Zaf suspirou. “Estou começando a me preocupar com a possibilidade de ter um cadáver aí dentro.”

“Não seja bobo, lindo. Esse é meu cômodo preferido da casa, eu nunca o macularia com assassinato e sangue. Se eu tivesse um cadáver, deixaria na banheira. Seria muito mais fácil de limpar.”

“Bom saber. Tô entrando.”

Ele conseguiu ouvir o suspiro que Dani soltou mesmo do outro lado da porta. Então ela disse: “Ah, pelo amor de Deus. Vai ter que

servir”.

Hum... *o que* ia ter que servir? Zaf abriu a porta e encontrou Danika sentada no chão, com pedaços de papel na mão e uma pilha de livros ao lado. O que não era exatamente incomum, a não ser pela expressão no rosto dela.

“Linda”, ele disse, se abaixando ao lado dela. “O que aconteceu?”

“Nada”, ela disse, franzindo. Mas a trepidação em seus lindos olhos castanhos e o modo como fincava os dentes no lábio inferior volumoso indicavam o contrário.

Zaf a puxou para o colo dele. “Mentirosa.”

Dani riu, passou as mãos pelo cabelo dele e o puxou para mais perto. Ela o beijou de maneira rápida, suave e quase tímida, como se mal se conhecessem. Dani tinha gosto de chá, mel e conforto. Quando ela se afastou, ele já estava tonto, como sempre, sorrindo e inebriado dela. Parecia que nunca ia se acostumar.

Então, do nada, Dani perguntou: “O que você fez pro jantar?”

“Nada de especial”, ele disse. “Só... arroz frito com ovo. E outras coisas.”

Ela abriu um sorriso lento e doce. “Ah. Boa.”

“Bem, é...”

“Nosso aniversário de namoro, né?”

Zaf congelou. “Não era isso que eu ia dizer.”

“Mas é isso.” Ela não parecia chateada. Na verdade, parecia *satisfeita*.

Sua satisfação o contaminou, como uma luz forte demais para ser contida. “Minha namorada não acredita em aniversários de namoro”, ele disse, tentando reprimir um sorriso, “e eu não gosto de botar pressão. Não quando ela se saiu tão bem no Dia dos Namorados.”

Dani fez como se jogasse o cabelo por cima do ombro, parecendo muito fofa e feliz consigo mesma.

“Fora que só faz seis meses que estamos morando juntos”, Zaf prosseguiu. “Ainda estou tentando garantir que ela não fuja no meio da noite.”

“Você sabe que não vou fazer isso, Zafir.” Ela revirou os olhos, mas não estava brincando quando falou de novo. “Não posso. Te amo. E você é meu.”

“Eu sei”, Zaf disse, baixo. E ele sabia mesmo. Nunca soubera de nada como sabia daquilo, porque Danika fazia questão de provar de mil maneiras diferentes, que eram a cara dela, todos os dias.

“Enfim”, ela voltou a falar, “você dorme meio que em cima de mim e é superpesado, então eu não conseguiria fugir nem se tentasse.”

Ele gargalhou.

Ela saiu do colo dele e voltou para sua pilha de livros — de romances, Zaf se deu conta. Romances que ele conhecia. Zaf franziu a testa para as lombadas dos livros, fazendo com que Dani dissesse, de maneira afetada: “Já que você mencionou nosso aniversário de namoro...”.

“Ah, sim. Já que *eu* mencionei...”

“Cala a boca. Toma.” Ela pegou o primeiro livro da pilha e passou a ele.

Zaf piscou ao olhar para a capa e se perguntou se Dani tinha se esquecido de que ele já tinha aquele livro. Era um de seus preferidos, e fazia um tempo que não o achava. Devia tê-lo perdido ou coisa do tipo.

Então Zaf notou um arranhão no canto do livro e constatou que era *o mesmo* exemplar.

“Hã... obrigado, linda”, ele disse. E estava falando sério. Era fofo que Dani tivesse decidido contrariar suas estranhas teorias sobre *marcadores temporais serem uma fonte desnecessária de validação externa num relacionamento*, ou sei lá o que, mesmo que tivesse feito aquilo... presenteando Zaf com um livro que já era dele.

“Eu estava tentando escrever uma carta pra você”, Dani disse, mexendo em seus papéis. “Fiquei horas fazendo isso. Achei que conseguiria terminar antes que você chegasse, mas aí você estragou *tudo* chegando mais cedo...”

“Não cheguei mais cedo.”

“Não discuta, meu amor. A questão é: não é o meu melhor trabalho, mas vai ter que servir.” Ela lhe entregou uma folha, fazendo careta. Ele olhou para as poucas linhas que Dani havia escrito e se perguntou se era possível desmaiar com tanta fofura. Então Zaf leu as palavras e decidiu que, se fosse mesmo possível, ele corria um sério risco.

Querido Zaf,

Acho que você estava certo quanto a essa bobagem de aniversário de namoro. Por um lado, parece bizarro comemorar o prolongamento de uma ligação embrionária com outro ser humano que, em última análise, também é falível. Por outro lado, gosto de ter desculpas para deixar você feliz. E é bem bom ter você há um ano inteiro. Te amo. Também estive roubando, vandalizando e escondendo sistematicamente alguns de seus livros preferidos quase esse tempo todo. Espero que não tenha problema.

Danika

Zaf leu a última parte com a testa franzida, e, ao final, ergueu o rosto. “Também te amo. De verdade. Muito. Mas não sei se entendi isso que você falou dos livros.”

Dani franziu os lábios e passou as mãos pelas coxas. Nervosa. Ainda estava nervosa, mesmo depois de ter dado a carta a ele. “Pensei em comprar exemplares novos para autografar, mas pareceu bobo. Aí você teria mais de uma cópia do mesmo livro, e mal temos espaço agora, então...”

“Autografar?”, Zaf a interrompeu. Ele pegou o livro de novo e o abriu. Ali estava, bem na página de rosto.

Para Zaf.

Depois vinha a assinatura. De uma de suas autoras preferidas.

Ele ficou só olhando por um momento, sem conseguir acreditar. Então pegou outro livro, e depois outro, abrindo cada um e encontrando...

“Quando você fez *isso?*”, ele perguntou, verificando todos. “*Como* você fez isso?”

“Comecei faz uns oito meses, com uma pesquisa para identificar quais dos autores de que você mais gostava poderiam topa participar de um gesto romântico”, Dani explicou. “Para minha surpresa, a maioria topou. Fui com Eve a algumas convenções e...”

“Você me disse que ela estava te forçando a ir junto!”

“Rá! Aposto que ela preferiria ir com as amigas do clube do livro, mas eu tinha uma missão. Além dos autores que conheci pessoalmente, me correspondi com alguns por um tempo, e usei os muitos conhecidos de Gigi para convencer o restante.” Ela fez uma pausa em seu discurso muito prático e lhe lançou um olhar incerto, que envolvia seu coração e apertava. “Não quero presentes, você

sabe.” Ele acreditava em Dani, que parecia levemente horrorizada com a mera ideia. “Fico muito feliz com o jantar, e estou muito feliz com você. E talvez role sexo anal, já que estamos comemorando”, ela acrescentou, pensativa.

“Entendido”, Zaf murmurou, ainda um pouco tonto.

“Mas o que eu realmente queria era, hã... acho que era fazer algo que deixasse você...” Dani parou de falar. Abriu um sorriso lento e apontou para o rosto dele. “Isso. Eu queria fazer algo pra te deixar com essa cara de emocionado. Então, missão cumprida.” Ela bateu palmas e sorriu, claramente impressionada consigo mesma.

“Dan”, Zaf disse, devagar. “Você não... não precisava ter feito isso.”

“Eu sei.” Ela ficou de joelhos na frente dele e levou as mãos aos seus ombros. Quando seus olhares se encontraram, Zaf viu o amor feroz e ardente que refletia tudo o que tinha dentro de si. Quando Dani falou, ele ouviu aquilo em sua voz. “Eu sei que não precisava ter feito isso, Zaf. Nunca *tenho* que fazer nada pra você. Mas você me faz querer fazer. Você faz com que eu me sinta eu mesma, faz com que me sinta o bastante, e até faz com que eu sinta que ficaria bem sem você. Mas o lance é que *não quero* ficar sem você, por isso nunca faço planos nesse sentido. Vamos ter muitos outros aniversários de namoro, e você vai continuar me fazendo o jantar, e eu vou continuar te fazendo sorrir, e acho que é isso que chamam de...”

Zaf arqueou uma sobrancelha. “Felizes para sempre?”

Ela confirmou com a cabeça. “Parece que sim.”

Agradecimentos

Este livro tem dentes e me sugou até o fim. Eu me orgulho de ter ficado engraçado, mas, para ter uma ideia do processo, me imagine chorando e sangrando a cada tirada sarcástica. Eu não poderia ter escrito isto aqui sem todo o apoio que recebi das pessoas incríveis na minha vida.

Meu primeiro e mais importante obrigada vai para minha família, por me manter viva nos meses que Dani e Zaf passaram tentando me matar. Mãe, Sam, Tru, não sei como vocês me aguentaram, mas o fato é que aguentaram. Parabéns. Devo uma coca a cada um.

Agradeço, claro, a minha querida agente, Courtney MillerCallihan, e a minha editora, Nicole Fischer, que me convenceu a desistir de muitos suicídios autorais e me deu exatamente o que eu precisava, quando eu precisava. Se não fosse por vocês duas, eu provavelmente teria reescrito este livro dez vezes, e não três.

Obrigada à equipe incrível da HarperCollins por todo o apoio, e a Georgina Kamsika e Aimal Farooq, por me ajudar a representar uma cultura que não é a minha. Espero ter feito justiça aos Ansari.

Por fim, agradeço a Kenya Goree-Bell, Layla Abdullah-Poulos, Mina Waheed, Therese Beharrie, Ali Williams, Yusra, Yasmin, Chiara, Umber e Laila pelos conselhos e encorajamento inestimáveis.

Muito obrigada também a Bree Runway por "2ON", a música motivacional do século.



ED CHAPPELL UK

TALIA HIBBERT é autora best-seller do *USA Today*. Ela escreve romances cheios de paixão, sarcasmo, amor e diversidade porque acredita que pessoas de identidades marginalizadas precisam de representações honestas e positivas. Saiba mais em taliahibbert.com.

Copyright © 2020 by Talia Hibbert

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Take a Hint, Dani Brown

CAPA E ILUSTRAÇÃO DE CAPA Ashley Caswell

PREPARAÇÃO Júlia Ribeiro

REVISÃO Tatiana Custódio e Natália Mori Marques

VERSÃO DIGITAL Rafael Alt

ISBN 978-65-5782-483-2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br